

PARA ALÉM DA PRAÇA

A BATALHA DO VALE E A
EDUCAÇÃO DAS JUVENTUDES
NA CIDADE PAULISTA
DE PRESIDENTE PRUDENTE

BRUNO FANTIN SALVI

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora

Para além da praça: a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP)

Bruno Fantin Salvi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SALVI, B. F. *Para além da praça: a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP)* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. 237 p. ISBN: 978-65-5954-446-2. <https://doi.org/10.7476/9786559544462>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento.

*Conselho Editorial Acadêmico da
Fundação Editora da Unesp*

Luís Antônio Francisco de Souza
Marcelo dos Santos Pereira
Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen
Paulo Celso Moura
Ricardo D'Elia Matheus
Sandra Aparecida Ferreira
Tatiana Noronha de Souza
Trajano Sardenberg
Valéria dos Santos Guimarães

*Conselho do Programa de Pós-Graduação
responsável por esta publicação*

Arthur Magon Whitacker
Eda Maria Góes
Everaldo Santos Melazzo
Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim
Rosangela Aparecida de Medeiros Hespagnol

BRUNO FANTIN SALVI

PARA ALÉM DA PRAÇA

A BATALHA DO VALE E A
EDUCAÇÃO DAS JUVENTUDES
NA CIDADE PAULISTA DE
PRESIDENTE PRUDENTE

**CULTURA
ACADÊMICA** 
Editora

© 2024 Editora Unesp

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

S184p Salvi, Bruno Fantin

Para além da praça : a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP) / Bruno Fantin Salvi. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2024.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5954-446-2 (eBook)

1. Educação. 2. Geografia cultural. 3. Culturas juvenis. 4. Educação informal. I. Título.

2024-1262

CDD 370

CDU 37

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação 370

2. Educação 37

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

[...]

*Mano, vou te falar hein, ô lugar que eu odiava
Eu não entendia porra nenhuma do que a
professora me falava
Ela explicava, explicava, querendo que eu
Criasse um interesse num mundo que não tinha
nada a ver com o meu*

*Não sei se a escola aliena mais do que informa
Te revolta ou te conforma com as merdas que o
mundo tá
Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar
Depende da história contada e também de quem
vai contar*

*Pra mim contaram que o preto não tem vez
E o que que o hip-hop fez? Veio e me disse o
contrário
A escola sempre reforçou que eu era feio
O hip-hop veio e disse: “Tu é bonito pra caralho”*

*O hip-hop me falou de autonomia
Autonomia que a escola nunca me deu
A escola me ensinou a escolher caminhos
Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu
[...]*

“Pedagoginga”, Thiago Elniño (2017)

SUMÁRIO

Introdução 9

- 1 Como foi feito: as estratégias metodológicas da pesquisa 17
- 2 Hip hop: da cultura ao movimento da cultura 43
- 3 Nos tempos de hoje: o hip hop e as trajetórias juvenis 69
- 4 A Batalha do Vale 91
- 5 A Batalha do Vale e a cidade de Presidente Prudente 105
- 6 Para além da praça: o conhecimento por trás do rolê 165

Apontamentos finais 229

Referências 237

INTRODUÇÃO

Este não é um conto de aventuras nem tampouco alguma espécie de “relato cínico”; pelo menos, não foi escrito para ser assim. É apenas um pedaço de duas vidas que correram paralelas por algum tempo, com aspirações em comum e com sonhos parecidos.

Ernesto Che Guevara,
De moto pela América do Sul – Diário de viagem

O livro que aqui se inicia traz um registro de pesquisa construído em perspectiva horizontal, em constante diálogo e troca de experiências com os membros da Batalha do Vale (BDV), uma batalha de MCs¹ que acontece na cidade de Presidente Prudente. A partir da reconstituição de suas trajetórias de vida, investigamos como a formação intelectual, social e política das juventudes negras e periféricas acontece em espaços da cidade, onde ocorrem manifestações de cultura e lazer ligadas ao movimento hip hop.

Partimos do pressuposto de que a cidade e os lugares em que ocorrem tais manifestações são espaços educativos nos quais são

1 MC é a abreviação de mestre de cerimônias, a pessoa que traz uma mensagem com a voz. Atualmente o/a MC é a pessoa com a habilidade de cantar rap.

acionados processos de troca de conhecimentos que, mesmo não estando diretamente associados às instituições de ensino, como escolas e universidades, instigam os jovens a refletir e a interpretar seu contexto de vida nas dinâmicas da sociedade e da cidade em que se localizam.

O objetivo central deste livro é analisar os processos educativos acionados em meio às vivências de jovens moradores de periferias empobrecidas da cidade de Presidente Prudente que estão, de alguma forma, envolvidos com a cultura hip hop, especificamente nas ações do Coletivo Batalhado Vale. Ao mesmo tempo, tivemos como objetivo realizar a pesquisa com uma proposta militante e em colaboração, na qual os membros da Batalha do Vale também participaram da maioria das etapas de construção da investigação, implementando demandas do Coletivo nas atividades de pesquisa que se desenrolavam, fazendo com que não só os resultados das análises fossem uma contribuição para a Batalha do Vale, como também todo o processo de desenvolvimento da pesquisa.

O Coletivo Batalha do Vale, Batalha do Vale ou BDV é um movimento cultural independente, estruturado a partir das diretrizes da cultura hip hop, agitado por jovens negros e moradores das periferias da cidade de Presidente Prudente. Desde 2015, a Batalha do Vale promove eventos culturais em espaços públicos, tendo a Praça do Vale como principal território de atuação, levando até a comunidade periférica, em sua maioria jovens, alternativas de cultura e de lazer de forma gratuita e de qualidade. Ao mesmo tempo, de forma às vezes deliberada, às vezes não intencional, as ações do Coletivo também educam, seja na praça, seja em intervenções em escolas públicas da cidade.

O nosso envolvimento com o hip hop enquanto movimento parte também de nossa relação com a Batalha do Vale, sendo que a opção por realizar esse trabalho junto desse Coletivo foi feita de dentro para fora. O Coletivo Batalha do Vale, em certo momento de sua trajetória, passou a realizar intervenções culturais em escolas, buscando atingir os jovens estudantes por meio do hip hop. A partir de nossa amizade com membros do Coletivo em outros espaços

(como quadras de basquete e jogatinas de vídeo game), passamos a ser consultados a respeito das dinâmicas das atividades, dando opinião e também criando um interesse nessa vertente do movimento.

A partir da troca de ideias com os membros do Coletivo e também com nosso orientador, surgiu a proposta de pesquisa de monografia (Salvi, 2019), que foi bem aceita pela organização da BDV, que passou a nos convidar a participar das atividades em escolas, contribuindo com o debate a respeito da relação entre o hip hop e a educação, justamente a base dos objetivos que traçamos para a pesquisa. Portanto, o início de nosso envolvimento com a temática de pesquisa também é o início de nosso envolvimento com coletivos de hip hop da cidade. Sem que pudéssemos perceber, a Batalha do Vale abordou nossos objetivos de pesquisa em suas atividades, a fim de afirmar e legitimar ainda mais suas ações como educativas e relevantes para a formação dos jovens locais.

A partir daí foi uma troca mútua. Ao final da pesquisa de monografia, já dialogamos com os membros da Batalha do Vale sobre o início de uma investigação, agora no mestrado, que continuaria a analisar a relação entre o movimento hip hop, agitado pela BDV, e a educação da juventude periférica da cidade. Um ciclo se encerrou e outro se iniciou, englobando as atividades do Coletivo e de pesquisa ao redor de um mesmo objetivo: expor para a sociedade que a Batalha do Vale educa, num movimento que vai muito além das batalhas de MCs na praça. Nossa pesquisa então não nasceu de uma ideia acadêmica, na qual fomos até um grupo e aplicamos uma metodologia, e sim foi construída a partir das demandas do movimento: fomos convidados a participar e a utilizar as ideias acadêmicas para teorizar e estruturar as ações da Batalha do Vale que necessitassem disso.

Esta pesquisa, diretamente para mim, o pesquisador, crescido em uma cidade bem pequena do interior, representou um avanço na desconstrução de algumas concepções construídas socialmente em nossas vidas a respeito do racismo e de meus privilégios enquanto jovem branco e universitário. É notável que, ao trabalhar diariamente com os jovens negros pela Batalha do Vale, emergiram muitas situações que mostraram como eu estar realizando uma pesquisa era

um privilégio que, historicamente, foi facilitado para as pessoas da minha condição social e dificultado para pessoas negras. Com isso, conversando com meus amigos do Coletivo, fui entendendo meu lugar na luta, meu lugar no movimento, vendo que a posição que me cabia na BDV não era proporcionar o debate racial ou social (isso já estava sendo feito), mas contribuir, inclusive por meio dos privilégios de ser pesquisador e professor, diretamente com as ações que levariam os jovens negros a refletir e protagonizar os debates raciais, incentivando, quem sabe, novos e novas pesquisadores e pesquisadoras que terão propriedade para se aprofundar nessa questão.

Por isso, leitores e leitoras do trabalho talvez possam notar que não foram especificamente debatidas as correntes teóricas e práticas que abordam movimentos especialmente de pessoas negras ou que as análises não se aprofundaram na questão do racismo que estrutura a sociedade brasileira, mesmo que tenham sido levadas em consideração ao longo de toda a pesquisa.

Esse ponto de vista também foi discutido com o Coletivo Batalha do Vale, tendo a compreensão de todos os colaboradores que, de fato, a Batalha do Vale, assim como todo o hip hop, é uma cultura negra, um movimento negro que exerce seu maior poder (resgate de autoestima, empoderamento, contextualização social e espacial) nas juventudes negras, e justamente por isso, não cabe a um branco apontar o quanto essa cultura toca a vida de uma pessoa negra. Fica entendido então que o foco desta pesquisa não foi propriamente associar a questão histórica e racial mais ampla com a trajetória da Batalha do Vale e sim relacionar a formação política, intelectual e socioespacial com as ações das juventudes negras e periféricas na cidade, direcionada para outros jovens que compartilham a mesma condição.

Portanto, entendemos que ao estudar jovens negros, moradores de periferias empobrecidas de Presidente Prudente e que estão envolvidos de alguma forma com o hip hop, especialmente com a Batalha do Vale, não estamos estudando o “outro” como um pesquisador branco que adentra um grupo de jovens negros para coletar dados. Dentro da relação que construímos entre a pesquisa e a realidade investigada (vivência coletiva da BDV), consideramos

que tomamos parte daquilo que seria considerado nosso “campo” para estudar junto com companheiros de luta, amigos e pessoas que compartilham de mesmas referências culturais. Assim nos distanciamos dos pesquisadores que “vão” até a realidade delimitada como problemática da pesquisa para estudá-la e responder questões previamente estabelecidas, tentando nos constituir como pesquisadores que “são” também aquela realidade estudada. Dessa forma, estávamos todos (eu e o Coletivo Batalha do Vale) em trabalho de campo.

Inicialmente desenvolvemos um plano de pesquisa que contava com uma grande participação nas atividades que a Batalha do Vale desenvolvia em escolas, e a partir de nossa vivência estudaríamos a relação entre a BDV e a educação. Com o início do contexto pandêmico nos primeiros meses de 2020, quando toda a sociedade viveu uma crise sanitária devido ao novo coronavírus, as escolas fecharam as portas para atividades externas, fazendo o Coletivo mudar completamente sua dinâmica de atuação e, consequentemente, impactando o desenho inicial da pesquisa.

Portanto, nossos trabalhos de campo foram limitados às reuniões do Coletivo Batalha do Vale que inicialmente aconteciam on-line, mas aos poucos foram sendo marcados em espaços públicos ou na residência de algum membro e também nos eventos on-line que a BDV organizava. Participando do cotidiano da organização da BDV, fomos realizando um trabalho etnográfico, registrando as vivências em diário de campo.

As entrevistas que utilizamos na elaboração do nosso argumento foram realizadas presencialmente, com o apoio de membros do Coletivo, sendo filmadas em vídeo para a construção de um documentário a respeito da trajetória da BDV. As pessoas que colaboraram com a pesquisa também estiveram de acordo em participar tanto deste trabalho quanto do documentário, em conversa com os membros do Coletivo. O documentário, por sua vez, não pôde ser finalizado ao mesmo tempo que a pesquisa, pois para converter e editar os vídeos, captar as imagens e, de fato, produzir o filme, é necessária a colaboração de diversas pessoas de fora do Coletivo, sendo um processo mais demorado que ainda se encontra em andamento.

O texto que segue foi organizado em seis capítulos. No primeiro, trouxemos para as pessoas leitoras toda a trajetória metodológica da pesquisa, como foi construída a proposta de pesquisar militando e atuando na realidade estudada. Nessa seção discutimos detalhes a respeito da organização e sistematização dos dados produzidos em campo, bem como a própria concepção de trabalho de campo adotada, expondo melhor as estratégias utilizadas para a realização da investigação desde o seu início e apresentando os impactos da pandemia na reorientação da trajetória inicial.

No capítulo dois, contamos um pouco a respeito da formação da cultura e do movimento hip hop. Voltamos às festas pacificadoras do bairro do Bronx, na década de 1970, em Nova Iorque para apontarmos como surgiu o hip hop que agrega os elementos artísticos que conhecemos hoje em dia. Em seguida, mostramos como essa cultura foi se territorializando no Brasil por meio dos bailes blacks e rodas de samba, afirmando-se rapidamente como popular e significativa para as pessoas moradoras das periferias urbanas brasileiras. Além disso, contamos um pouco, a partir das poucas referências que temos, da espacialização do hip hop em Presidente Prudente, tentando traçar a trajetória dessa cultura até chegar à Batalha do Vale. Por último, agregamos ao debate um pouco sobre as batalhas de MCs, modalidade praticada dentro das artes do hip hop que é carro forte da Batalha do Vale, sendo muito popularizada nos últimos anos.

O terceiro capítulo expõe a trajetória de vida de nossos colaboradores, destacando o momento em que conheceram e aderiram à cultura hip hop e quais foram as mudanças espaciais, sociais e intelectuais que desencadearam a partir daí. Já nessa seção do texto é possível identificar transformações nas vidas dos sujeitos entrevistados que percorrem as suas formações escolares e universitárias, porém nos concentramos em analisar e registrar o impacto da cultura hip hop como um todo nas trajetórias de vida desses jovens periféricos.

O capítulo quatro é dedicado a uma breve tentativa de mostrar a trajetória da Batalha do Vale enquanto um movimento cultural de rua. É contado um pouco a respeito dos primeiros anos de atuação da BDV, bem como a resistência e permanência desse movimento

na Praça do Vale. Além disso, esse capítulo é aberto por uma crônica feita por um escritor da família Batalha do Vale, redigida especialmente para nossa pesquisa em busca de aproximar quem lê nosso trabalho da dimensão individual da Batalha do Vale.

Já no capítulo cinco colocamos à mostra a teoria que deu sentido geográfico aos dados produzidos e às situações vividas juntos a Batalha do Vale. Em seguida, debatemos as dinâmicas de crescimento e produção do espaço urbano em Presidente Prudente, em especial o Parque do Povo e a Praça do Vale para contextualizar a Batalha do Vale nesse processo. Expomos as dinâmicas internas de organização da BDV, registradas a partir de nossa participação no Coletivo, bem como a instituição de territórios do hip hop por ações da Batalha do Vale.

No sexto e último capítulo dedicamo-nos a analisar, por meio das entrevistas com membros da Batalha do Vale, a trajetória escolar e educacional desses sujeitos. A partir da experiência escolar que nos foi contada, mostramos a importância da Batalha do Vale e do hip hop na formação intelectual das juventudes negras e periféricas, superando por meio dessa cultura, em todos os casos que analisamos, as frustrações e falhas educacionais que foram vividas dentro do ambiente escolar. Nessa capítulo também tentamos trazer aos leitores e leitoras um pouco a respeito das ações da Batalha do Vale em escolas, considerando que poucas foram as oportunidades que tivemos de que acessar essas atividades.

Como já prevíamos nos objetivos iniciais de pesquisa, todo o processo de construção e realização da investigação buscou contribuir para a Batalha do Vale. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o Coletivo Batalha do Vale se fortaleceu no quesito de legitimidade, ganhou forças para afirmar que está agitando um movimento educacional. As entrevistas do trabalho, que foram filmadas, estão sendo trabalhadas em um projeto coletivo da BDV para compor um filme documentário que, além de divulgar os resultados, faça parte de todo o desenvolvimento da pesquisa. Também foi desenvolvido com o Coletivo um fanzine que resume alguns dos resultados de pesquisa que o Coletivo destacou em um livreto de produção independente, para circular nos eventos da Batalha do Vale de mão em mão. Por

isso, acreditamos que nossos resultados de pesquisa vão além do papel e do relatório, constituindo-se numa contribuição nossa, a partir da nossa condição e do nosso trabalho de pesquisa, para a estruturação da Batalha do Vale, para a afirmação dos territórios instituídos pelo Coletivo e também para os membros do Coletivo que colaboraram e contribuíram com todas as etapas do trabalho.

Em nossos apontamentos finais, mas não só lá, destacamos que ao aderirem ao hip hop e também à Batalha do Vale, as juventudes envolvidas passam a ter acesso a um debate que parece ter, na maioria das vezes, ficado de fora dos conteúdos escolares. É por meio do hip hop que esses jovens demonstraram ter conhecido outras culturas, ter tido acesso a informações que os fizeram refletir, resgatar a autoestima e reconhecer o contexto social e espacial em que estavam inseridos. A partir daí, do envolvimento com o hip hop e com a Batalha do Vale, esses jovens traçam retomadas, imaginam-se dando a volta por cima e terminando os estudos, ingressando na universidade e exercendo profissões impactantes na sociedade, como educadores, por exemplo, além de produzir um enclave periférico no centro da cidade, que dá visibilidade à cultura juvenil e aos jovens locais. É notável em nossa interpretação que por parte dos jovens estudados a escola não recebeu nenhuma atribuição na sua realização pessoal e, em alguns casos, ela foi lembrada como locus de frustração e desânimo.

De acordo com nossa trajetória de pesquisa, é mais seguro dizer que surgiram maiores inquietações do que explicações ao longo do trabalho. Esperamos continuar contribuindo com o movimento hip hop, em especial com toda a estrutura da Batalha do Vale, por meio de novas pesquisas colaborativas e, inclusive, a partir de questionamentos que surgiram ao encerrarmos esse ciclo de trabalhos. Por isso, enfatizamos que tudo o que segue não é uma tentativa de encerrar o assunto e dissertar sobre a única perspectiva possível a respeito do hip hop e da Batalha do Vale, mas sim uma versão, um registro realizado em um período que vidas caminharam juntas para fazer acontecer o que vocês lerão e verão a seguir.

1

COMO FOI FEITO: AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A construção de um objetivo de pesquisa

E aí Brunão, e aquela pesquisa lá da Batalha do Vale e educação? Morreu as ideias? Vai rolar uma reunião com o Secretário da Cultura sexta-feira pela primeira vez, vamos propor pra ele fazer tipo um festival on-line, um evento on-line de quatro edições, uma voltada para cada elemento do hip hop. Por que você não encosta lá? Já começa desenvolver sua pesquisa, é importante ter alguém para falar disso lá, que a Batalha do Vale é uma ferramenta educacional e pá, encosta, desentoca pô, você tá precisando, às vezes é uma boa para o seu corre pessoal, para sua pesquisa, e também é importante pra gente enquanto um coletivo de resistência...

Igor Afrorudeboy, em visita surpresa à minha casa durante a pandemia

Para explicarmos a dimensão metodológica deste livro é necessário contextualizar para os leitores e as leitoras como foi a construção e reconstrução constante de um objetivo de pesquisa e também dos

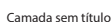
percursos investigativos. Assim como em todas as pesquisas, nós estabelecemos os limites do estudo por meio do projeto de pesquisa, e a primeira atividade foi o diálogo com os membros do Coletivo Batalha do Vale a respeito da nossa proposta. Nossa ideia inicial, que serviu como alicerce até o fim do trabalho, era investigar a relação da Batalha do Vale, enquanto um coletivo juvenil ativo na cidade, com a educação, indagação que surgiu em pesquisa de iniciação científica, que deu origem a uma monografia de conclusão de curso (Salvi, 2019).

A proposta de estudar essa relação foi bem-aceita e entendida pelo Coletivo, e para isso comporíamos e participaríamos, principalmente, das atividades da Batalha do Vale em escolas. Porém, de repente, o Coletivo Batalha do Vale deu uma desestabilizada: membros que poderiam mudar de cidade e outros problemas deixaram o futuro do Coletivo incerto. Seria complicado, nos aspectos formais de pesquisa, que o grupo que estivesse sendo estudado deixasse de ser ativo durante o andamento do trabalho, por isso alteramos nossos objetivos, propondo construir um mapa interativo das batalhas de MCs que ocorrem na região de Presidente Prudente. Além disso, por essa nova ideia realizaríamos uma pesquisa etnográfica com alguns coletivos de batalhas de MCs identificados durante o mapeamento, podendo ser um deles a Batalha do Vale.

Essa proposta também foi dialogada com os membros do Coletivo; eles concordaram e contribuiriam com informações a respeito das batalhas da região. Essa ideia foi sendo desenvolvida por algumas semanas e os dados produzidos, e a localização das batalhas, algumas fotos e outras informações foram sendo incorporados ao mapa (Figura 1). Nesse momento teve início oficialmente a pandemia da covid-19 no Brasil e devido às circunstâncias as reuniões com o Coletivo ou qualquer atividade de pesquisa que não fosse feita em casa deixaram de acontecer completamente. De certa forma essa situação pandêmica fortaleceu o Coletivo, pois fez com que os membros da BDV repensassem e às vezes adiassem seus projetos de vida fora de Presidente Prudente, o que agitou os debates do Coletivo pelas redes sociais, e novas propostas de ações culturais surgiram mesmo em um contexto de isolamento.

Figura 1 – Rascunho do primeiro mapa das batalhas de MCs

Batalhas de Mc's na região administrativa de Presidente Prudente – SP



- 📍 Batalha do Vale
- 📍 Batalha da Mônica
- 📍 3M – Santo Utero
- 📍 Batalha do Fundão
- 📍 Batalha da Estação 018
- 📍 Batalha da Matriz 018
- 📍 Batalha do Pontilhão 018
- 📍 Batalha da Orla 018
- 📍 Batalha do Bosque PV
- 📍 Oficina de Rimas
- 📍 Batalha da Praça

do Coletivo por ter uma pesquisa sendo realizada no grupo, voltamos mais uma vez a refletir a respeito dos caminhos da pesquisa, dos nossos objetivos e metodologias.

A partir dessa reunião com a Secretaria da Cultura percebemos que o Coletivo Batalha do Vale pretendia continuar as suas atividades em Presidente Prudente, mesmo durante a pandemia, e que parecia importante para o grupo um trabalho que tratasse da BDV como uma ferramenta educacional, visto que, aparentemente, o secretário de cultura ficou muito surpreso ao conhecer a amplitude de atividades culturais e educacionais que a BDV promove.

Com isso deparamos com uma demanda do Coletivo Batalha do Vale apresentada à pesquisa: a BDV não é apenas uma aglomeração em uma praça, é um movimento cultural e educativo que contribui para a formação da juventude periférica, e é necessário mais material sobre isso para informar a população. Percebemos então que essa demanda do Coletivo estava muito próxima da proposta inicial de pesquisa, já dialogada com os membros no início do trabalho. Isso nos pareceu uma oportunidade de desenvolver a proposta de pesquisa participativa (Rappaport, 2007) por meio da etnografia em constante colaboração com o coletivo estudado. Essa forma de construir a pesquisa pareceu possível justamente quando os objetivos de nossa investigação se alinharam com os objetivos do Coletivo Batalha do Vale.

A partir daí, pelas reuniões de orientação, debates no grupo de pesquisa e também conversas com os membros do Coletivo, reformulamos o projeto de pesquisa com a intenção de finalizá-lo de uma vez, sem que fossem necessários recomeços. Entendemos esta reformulação como a transformação deste trabalho de “uma pesquisa sobre” para uma “pesquisa com/da/para” a Batalha do Vale, visto que uma das demandas do Coletivo era justamente a busca pelo reconhecimento institucional, como um movimento que também é educativo.

Portanto, ficaram definidos, ao longo do desenvolvimento da própria pesquisa, os limites de nossos objetivos. Propusemos então estudar os jovens moradores de periferias empobrecidas e as culturas juvenis, especialmente o hip hop, por meio do Coletivo Batalha do

Vale, identificando e analisando os processos educativos que são acionados com as experiências dos jovens ao se envolverem com o hip hop. Esse recorte foi acordado com o Coletivo estudado, e o livro seria um material para o avanço no reconhecimento da Batalha do Vale enquanto movimento de formação para a juventude. Além disso, os dados de pesquisa, como entrevistas e depoimentos, seriam filmados para a possível construção de um documentário, pelo qual também se divulgariam os resultados de pesquisa de uma forma mais ampla e acessível.

Desenvolvendo a investigação

Para realizarmos uma pesquisa a respeito dos coletivos juvenis que ocupam a cidade de Presidente Prudente e os processos educativos envolvidos nas vidas dos jovens que compõem tais coletivos, foi necessário definir um coletivo a ser estudado. A escolha do Coletivo Batalha do Vale parte das minhas relações com pessoas da organização, relações essas que foram construídas fora do círculo da pesquisa, por meio de vivências pela cidade, incluindo na Batalha do Vale e quadras de basquete, o que deixaria mais acessível o universo da pesquisa.

Essa vivência e amizade com as pessoas da BDV já havia motivado pesquisa anterior de iniciação científica, em que confirmamos que o coletivo cultural da Batalha do Vale educa os jovens envolvidos (Salvi, 2019). Entrevistando organizadores, MCs e o público em geral identificamos o quanto os jovens empobrecidos reconhecem a Batalha do Vale como um importante local de troca de ideias, construção de representatividade e de circulação de saberes que lhes permitiu se reposicionar no mundo enquanto jovens periféricos, fazendo uma leitura crítica da sua condição socioespacial. Assim, a pesquisa de mestrado tem continuidade com a pesquisa anterior, mas agora com propósito de que aconteça desde o início, desde a proposição da problemática e dos objetivos em diálogo com o Coletivo BDV. Esse posicionamento conduziu toda a construção metodológica da pesquisa, como veremos a seguir.

Como mencionado, a primeira atividade de pesquisa foi o diálogo com o Coletivo Batalha do Vale a respeito de nossa proposta. Isso ocorre em função da tentativa de conduzir uma pesquisa em colaboração baseada nas ideias de Joanne Rappaport (2007, p.202-3), que nos traz a possibilidade de pesquisar com/para o grupo estudado e não sobre o grupo, e isso é realizado por meio da própria prática de pesquisa e do constante diálogo com os sujeitos que estudamos. A autora nos sugere que as etapas da investigação e os recortes teóricos e metodológicos podem ser desenvolvidos com o grupo, de maneira que a pesquisa comece a ganhar sentido para ambas as partes. Assim, ficamos instigados com questões que Rappaport (ibidem, p.203) traz: “Como o grupo estudado pensa em ser teorizado? Como o grupo quer ser estudado?”.

Anteriormente, trouxemos um resumo do diálogo com o Coletivo Batalha do Vale a respeito dessas questões e percebemos que o grupo e os jovens que o compõem entendem a pesquisa como algo que deva ser da Batalha do Vale, como um trabalho do Coletivo que resultará em um material que o fortaleça enquanto um movimento legítimo e que tem objetivos educacionais. Essa busca por legitimidade do Coletivo Batalha do Vale estava na ordem do dia; no momento em que esta pesquisa começou, essa era a demanda que, apesar de ser possível de outra forma, poderia ser respondida por uma pesquisa científica que poderia produzir um material interessante para a comunidade que acompanha ou poderá querer saber mais sobre a Batalha do Vale.

Portanto, o diálogo com o Coletivo foi constante desde o início da pesquisa, antes mesmo do ingresso formal no curso de pós-graduação, a fim de construir uma pesquisa em colaboração e que tivesse a participação do grupo estudado em todo o processo de pesquisa e não apenas nos resultados, posição que se fortaleceu no contexto da pandemia.

Porém, a minha entrada no grupo como um membro de fato só aconteceu após a reunião com a equipe da Secretaria Municipal de Cultura, como comentamos anteriormente, na qual fui “convocado” pelos membros do Coletivo a participar. A partir dessa reunião,

ficou evidente para mim e também para os membros do coletivo o quanto uma pesquisa científica tinha a contribuir para os objetivos da Batalha do Vale naquele momento. Dali em diante foi oficial a minha entrada para o Coletivo, assumindo a função de elaborar o texto dos projetos² que selariam a parceria entre a Batalha do Vale e a Secretaria Municipal de Cultura.

Com a entrada no Coletivo fui adicionado ao grupo do WhatsApp e passei a participar das reuniões semanais, que aconteceram inicialmente em formato digital, por meio do Google Meet ou WhatsApp, e algumas atividades eram realizadas de forma presencial, como a organização dos espaços em que aconteceriam as *lives* e o transporte de materiais até o local. Com o tempo, as reuniões passaram a ser presenciais, em espaços públicos ou na casa de algum membro. Com isso, conheci as pessoas que participavam da cena e colaboravam de alguma forma para as ações da Batalha do Vale, as pessoas que tiravam as fotos, as que mais se manifestavam, as pessoas que já tinham participado mais ativamente do Coletivo no passado e que estavam ali apenas para contribuir quando possível, e assim fui me familiarizando com a dinâmica do grupo.

A metodologia que nos acompanhou nesse processo de construção de nosso estudo foi a observação participante, na qual queríamos atingir uma trama etnográfica a respeito do grupo investigado. Como prevê Machado Pais (1993, p.90), “a melhor maneira de se fazer a etnografia é fazendo-a” – portanto, eu não sabia exatamente o rumo que aquela prática de pesquisa tomaria nem o conteúdo e a dimensão dos dados que eu estava produzindo. Porém, segui me envolvendo e acompanhando a Batalha do Vale e as ações de seus membros para com o Coletivo.

Todo o processo, desde o início das atividades, foi acompanhado pelo registro no diário de campo, o que de certa forma me dava tranquilidade e animação para pesquisar, pois a partir da experiência de pesquisa de monografia ficou evidente que seria nas práticas mais simples

2 Aqui tratamos como projeto cultural a formalização de uma ideia/proposta para realizar um evento artístico ou cultural.

que surgiriam as razões mais complexas para o fazer acontecer necessário, tanto para o hip hop quanto para esta pesquisa. Yves Wilkins (1998) já sugere que o registro no diário de campo seja detalhado e constante, para que nas vivências em pesquisa sejam identificadas as aproximações teóricas e práticas de nossos objetivos de pesquisa. O autor afirma que além da legitimidade dos dados que produzimos em situações informais e cotidianas, o diário de campo também acolhe o pesquisador, sendo um depósito de dúvidas, incertezas e angústias, que ao mesmo tempo nos ajuda a desatar nós e encontrar soluções teóricas e metodológicas para atingir os objetivos de pesquisa.

Um exemplo disso são os registros que realizamos no diário de campo a respeito de não estar conseguindo chegar a um recorte definitivo no projeto, devido à situação detalhada anteriormente, e que nos ajudaram a prosseguir metodologicamente, a encontrar estratégias para realizar a pesquisa mesmo em uma situação de isolamento e inconstâncias. Para expor um pouco do uso do diário de campo, mostramos um trecho de uma anotação que não tem relação direta com as análises e discussões finais deste trabalho, porém diz muito sobre a prática e a construção da pesquisa e sobre a maneira como ela foi desenvolvida.

Anotação n.4 – 8 abr. 2020 – notas sobre o recorte teórico e metodológico

Com as leituras que foram feitas agora no último mês, comecei a recortar diferente a pesquisa... o debate teórico cultural/geográfico ainda estou construindo, mas sobre o hip hop sim tive vários avanços. Meio que a pesquisa pode abordar o hip hop colocando os jovens na direção dos estudos e aí começa por si só a formar o 5º elemento (conhecimento). Desta forma, a cultura hip hop é uma coisa anterior, que se consume, e o movimento começa a se configurar com o quinto elemento ativo, o conhecimento, os estudos, a busca por evoluir nesse mundo de tretas, só que longe das tretas.

Então o recorte está partindo do debate cultural agora, o mapeamento das batalhas de mc's é uma maneira de conexão entre os diferentes coletivos de hip hop pelo Pontal do Paranapanema. Na verdade, entre as batalhas de mc's, pois não sei se essas batalhas têm coletivos formados... o hip hop está configurando uma cultura em todo o oeste paulista, isso é um fato, mas e aí? e o movimento? Se vou separar o movimento da cultura, em que momento o hip hop passa de cultura para o movimento? E nessas cidades que têm coletivo de hip hop ativo, é cultura ou é movimento? Separar isso no projeto de pesquisa?

** o mapeamento das batalhas de mcs pelo Pontal vai contribuir com a formulação de um mapa digital que pode ser acessado pela internet e fomentado pelos próprios participantes dos coletivos -> perguntar para o P* se é possível.*

Não sei, ainda falta alguma coisa nesse projeto, preciso procurar isso que está faltando, mas não consigo enxergar com clareza esse vazio que sei que tem na pesquisa. Os textos de batalhas de mcs são importantes, e também os da geografia do hip hop que eu tenho separados e fichados também (UFF e UFCE), os textos sobre o hip hop vão ajudar, textos sobre as batalhas de mcs também, assistir o hip hop evolution (série) também.

O recorte então está transitando entre: 1ª etapa -> mapeamento das batalhas de mcs do oeste paulista, levantamento, e organização dos dados, isso teoricamente pode ter justificativas técnicas, mas aqui entra a importância para o movimento hip hop e para a geografia desse mapeamento -> este mapeamento pode mostrar que o hip hop é uma cultura que permeia todo o interior de SP (provavelmente em todos os lugares conectados com outros lugares); 2ª etapa -> trabalho a respeito do movimento hip hop e a educação, também o movimento hip hop e a vida dos jovens. Focar em um estudo etnográfico, em uma ou mais batalhas de mcs, buscando identificar e fomentar processos educativos que contribuam para que a trajetória de vida dos jovens voltem-se para os estudos. Para isso, com a BDV podemos participar de eventos nas escolas, que em alguma escola seja feita uma atividade direta com os alunos, que eles tenham uma devolutiva para nós... ou em outra escola, ou na mesma, realizar um evento que conte com bboys, dj e grafiteiros, buscando passar o conhecimento para os alunos através do hip hop.

Esquematizei o debate teórico da pesquisa novamente em meu caderno -> olhar novamente na escrita do projeto

Percebemos então que as anotações no diário acompanharam todo o processo em que a pesquisa foi desenvolvida, antes mesmo de sabermos exatamente quais dados produziríamos e analisaríamos, ajudando-nos na formulação dos próprios recortes teóricos e empíricos.

Em relação à observação participante, podemos destacar que essa metodologia também não foi adotada por acaso. Turra Neto (2011) afirma que esse método investigativo é árduo, porém eficiente em estudos relacionados à juventude. Digo árduo pois não se trata apenas, no caso desta pesquisa, de descobrir se existe relação entre a Batalha do Vale e a educação dos jovens de Presidente Prudente – afinal a BDV já tinha intenções educativas antes mesmo do início desta pesquisa –, mas sim de registrar a realidade desses jovens a partir

de uma perspectiva científica. Portanto, não tivemos a intenção de adotar uma metodologia que enquadrasse o Coletivo Batalha do Vale nas minhas concepções pessoais, mas sim de experimentar e expor cientificamente as ações dos sujeitos jovens que movimentam a cena do hip hop por meio da Batalha do Vale e o papel educativo da cultura, do movimento e do próprio coletivo na cidade de Presidente Prudente, entre jovens das periferias empobrecidas.

Assim, a observação participante surge como uma oportunidade de observar as atividades da Batalha do Vale e também de participar dessas atividades, com os membros do coletivo estudado, e produzir informações por meio do diário de campo. Turra Neto (2008, p.42), em sua pesquisa de doutoramento, traz uma definição interessante a respeito da observação participante:

[...] uma metodologia, na qual o pesquisador se coloca no campo como uma antena de rádio, captando de forma sensível os elementos que interessam para sua proposta, interagindo com o grupo, vivendo com ele e influenciando e sendo influenciado. Uma relação humana, na qual a empatia é importante, mas o confronto, quando exigido, também o é, já que se torna o pressuposto para relações baseadas na autenticidade pessoal e não na representação de papéis.

Foi dessa forma que nos lançamos a campo no início desta pesquisa, em busca de realizar não só uma pesquisa qualitativa, mas sim um registro etnográfico da realidade que queríamos compreender e que, ao mesmo tempo, permitisse evidenciar e divulgar os objetivos e planos de ações do coletivo estudado. E assim, ao longo dos primeiros meses da pesquisa, participamos de atividades da pós-graduação de maneira remota e das atividades da Batalha do Vale de maneira remota e também presencial.

Acreditamos ser importante destacar que ocorreu um divisor de águas na pesquisa quando conhecemos o trabalho do pesquisador Timo Bartholl (2018), geógrafo alemão que vive, pesquisa e trabalha em comunidades do Rio de Janeiro, onde está comprometido com movimentos sociais. Tomamos conhecimento de seu livro *Por uma*

geografia em movimento por meio de um encontro com meu orientador, justamente na praça onde ocorre a Batalha do Vale, que devido ao momento de forte isolamento por conta do novo coronavírus, foi bem rápido e cauteloso, mas que mudou os rumos epistemológicos e consequentemente práticos desta pesquisa.

Nessa obra, Timo Bartholl (idibem) apresenta uma perspectiva diferente de pesquisa que se fundamenta na própria prática, que fez muito sentido pois contemplou o que eu estava vivendo com a Batalha do Vale. Também me fez entender melhor o que eu estava fazendo, pois como eu disse antes, não sabia exatamente, apenas estava seguindo à minha maneira as técnicas provenientes da observação participante, mas com a inspiração da ideia de pesquisa em colaboração de Joanne Rappaport (2007). A ideia que esse livro me trouxe foi a “pesquisa/investigação militante” (Bartholl, 2018, p.75), na qual o autor deixa claro que não se dispõe de uma técnica específica. A investigação militante lida com a relação entre as ciências sociais, em nosso caso a Geografia, e a realidade que está sendo estudada por meio do próprio pesquisador, na qual essa mesma relação entre a academia e o objeto de estudo – movimentos sociais – também faz parte do debate, ou seja, a pesquisa militante acontece a partir das ações do pesquisador na realidade em que estuda, sendo essas ações os próprios processos investigativos, sem deixar de lado o posicionamento de pesquisador (ibidem, p.77).

O livro de Bartholl me mostrou que a ideia de fazer pesquisa com uma relação direta com a realidade estudada era uma prática de luta e que existia uma carga teórica a respeito, sendo realmente uma metodologia de pesquisa e ao mesmo tempo de militância política. Diversas vezes, ao longo da pós-graduação, fui questionado sobre se essa metodologia seria mesmo científica por “aproximar-se demais” da realidade estudada, visto que ainda a pesquisa militante não tem muita difusão na Geografia, embora a prática de militar pela e na pesquisa não seja propriamente algo estranho na nossa disciplina, ainda que não com essa denominação. Timo Bartholl (ibidem, p.82) narra que, possivelmente, a prática de pesquisa militante surgiu na Itália, a partir de 1950, com os trabalhadores das fábricas, por

meio do movimento operaísta, e era conhecida como *conricerca*. Essa prática de pesquisa buscava o rompimento das barreiras física e social entre as ciências humanas e a luta dos trabalhadores, utilizando a pesquisa para fortalecer o movimento por meio de inovações metodológicas.

Além da *conricerca*, Bartholl nos mostra uma sequência de práticas metodológicas elaboradas em diferentes contextos, mas que estavam vinculadas à ideia de fazer pesquisa junto de movimentos sociais. Bartholl (ibidem) conta que na Alemanha, por exemplo, Heinz Moses desenvolveu, por volta de 1997, uma metodologia chamada de *Aktionsforschung*, que consiste em um ciclo de pesquisa bem fundamentado em teoria e prática, com a intenção de intervir na realidade. Nos Estados Unidos o geógrafo William Bunge (apud Bartholl) escreve a respeito de realizar as pesquisas por meio de “expedições longas”, uma proposta na qual os geógrafos vão viver nas áreas que estudam, passando a pertencer ao contexto pesquisado para impactar a comunidade. Essa prática de pesquisa foi chamada por William Bunge de *action oriented social research*. Na América Latina, Bartholl fala da experiência de *investigación acción participativa* (IAP) elaborada por Orlando Borda, em 2009, que consiste na produção de saberes emancipatórios com os movimentos populares colombianos. As IAPs objetivam capacitar as classes exploradas para aumentar a efetividade e a participação nos processos transformadores que lhes correspondem.

Portanto, a partir de Timo Bartholl entendemos a investigação militante como uma prática de pesquisa inspirada nas experiências de estudos desse cunho, como as *conricercas* e os breves exemplos citados. Segundo esse autor, diversos coletivos e grupos estão utilizando esta prática como ferramenta de luta, a exemplo do Coletivo Situaciones, da Argentina, com diversas publicações a respeito (ibidem, p.107). Esse é um debate necessário para entendermos como foi feita esta pesquisa, pois a partir do conhecimento desse modo de pesquisar, ao adotar a investigação militante como proposta de estudo, minha relação com o Coletivo Batalha do Vale mudou e pude pesquisar com e para o grupo de forma mais fundamentada.

Apesar de eu já ter sido envolvido no Coletivo anteriormente como pesquisador, quando entendi melhor a respeito da investigação militante passei a atuar no Coletivo, a militar, e não só realizar atividades que me eram atribuídas e registrar no diário de campo. Foi um entendimento de que influenciar, participar e contribuir para as ações da BDV também eram objetivos da pesquisa. A intenção da investigação militante é intervir e colaborar com a intervenção, encurtando as distâncias entre o movimento das ruas e o movimento dos livros. Passei a deixar de lado a ideia de influenciar o mínimo possível a realidade estudada, como muitas vezes aprendemos na universidade, e passei a contribuir com os objetivos do Coletivo, por meio de minhas ideias e do conhecimento que adquiri na Geografia.

Isso aconteceu naturalmente após definir bem o tipo de pesquisa a ser desenvolvida. Antes, as minhas participações no Coletivo eram pontuais, eu buscava observar os detalhes das vivências por meio das participações. Com o tempo, e principalmente após o conhecimento da investigação militante, passei a buscar participar mais e observar metodologicamente os dados produzidos a partir das participações. A título de exemplo, antes eu esperava um convite para realizar alguma tarefa em atividades da Batalha do Vale, e a partir da teoria de Bartholl eu passei a convidar pessoas para colaborar com algumas funções, passei a participar da formulação das ideias das atividades, em vez de apenas redigir o texto do projeto cultural.

Essa participação mais ativa significou que além de ter entrado no Coletivo Batalha do Vale para fazer pesquisa, tornei-me um membro e organizador do Coletivo, passando a atuar e ao mesmo tempo experimentar as mesmas situações, agradáveis ou não, que experimentavam jovens que organizam coletivos ligados ao hip hop. Isso tornou a pesquisa cada vez mais aceita pelos outros membros, sendo várias vezes pauta das reuniões também alguns assuntos da pesquisa, como os nomes para as entrevistas e a maneira como a Batalha do Vale pode educar a juventude, entre outros diversos assuntos relacionados com este trabalho. Assim a pesquisa foi ganhando cada vez mais a conotação de uma construção coletiva.

Por isso é importante também destacar que ocorreram transformações teóricas, metodológicas e práticas ao longo da pesquisa. Nesse sentido entendemos que avançamos a respeito da compreensão da observação participante para além de um conjunto de técnicas para a construção etnográfica, mas na relação com o grupo estudado. As observações eram compartilhadas, na qualidade de um balanço das ações e das práticas, de modo que sua interpretação era também compartilhada. Para Bartholl (*ibidem*, p.80), na observação participante

[...] o pesquisador participa de um processo ou contexto social para obter melhor e/ou outro acesso a informações e dados sobre o seu “objeto de pesquisa”, e uma “participação observadora/investigadora”, onde quem participa de processos de trabalho de base/luta social torna-se um observador no sentido de focar e refletir em questões específicas que surgem das práticas em que também está envolvido, questões que uma vez (re)formuladas (quanto mais coletivamente articuladas, melhor) orientam ciclos de uma investigação militante. [...] Este [o pesquisador] não está meramente inserido nos grupos e processos como pesquisador-cientista, muito mais os reflete e contribui com eles como tal ao mesmo tempo que exerce funções parecidas a de outros militantes. Pesquisa enquanto milita, tal como cada sujeito em movimento reflete e contribui com os processos coletivos conforme suas experiências e ferramentas de compreensão e análise.

Dessa maneira, consideramos nossa experiência metodológica de pesquisa junto da Batalha do Vale como uma “participação observadora” (*ibidem*, p.80-1), guiada pela relação de colaboração e atuação, inspirada na investigação militante. Essa posição metodológica, como descrevemos, foi um processo de construção e aprendizado que se deu ao longo do processo de pesquisa e que teve um significado para ambas as partes. Por isso, tratamos essa etapa teórica e metodológica da pesquisa como um divisor de águas, pois desencadeou uma participação ativa e observadora, transformando

a maneira como esta pesquisa foi sendo desenvolvida, consequentemente transformando também os dados produzidos, as análises, as reflexões e os resultados. Nesse momento entendemos que poderíamos superar a perspectiva de estarmos construindo um “objeto de estudo”, passando a considerar nossos recortes teóricos e empíricos e também nossas ações a partir de objetivos de pesquisa.

Em relação aos trabalhos de campo, podemos dizer que aconteceram o tempo todo em que eu estava realizando alguma atividade relacionada com a pesquisa/militância, incluindo desde os momentos de organização da Batalha do Vale até debates em grupo de pesquisa e disciplinas da pós-graduação. De acordo com Perla Zusman (2011), na Geografia, especialmente em pesquisas etnográficas, o campo não deve ser reduzido apenas ao momento em que o investigador está em contato com o grupo que estuda, pois já a formulação de um problema de pesquisa e a participação em atividades na universidade contribuem e influenciam a construção da pesquisa e consequentemente as análises e resultados. Por isso, consideramos que os trabalhos de campo foram as aulas da pós-graduação, as reuniões e debates do grupo de pesquisa, o convívio, mesmo que limitado e muitas vezes remoto, com colegas pesquisadores e professores que contribuem com a formulação epistemológica da pesquisa e também o campo realizado nas ruas, nas reuniões da Batalha do Vale, na organização de eventos culturais e nos encontros casuais e de lazer com membros do Coletivo que resultaram em fortes contribuições para a formulação da investigação. Todas essas experiências são consideradas como parte da constituição do que posso chamar de meu campo por comporem a “trama etnográfica” (idem, 2014, p.144) que forma o todo desta pesquisa, trama esta que conecta as trajetórias dos jovens estudados e dos movimentos que fazem na cidade com aquelas da vida acadêmica, dos textos e debates realizados.

De acordo com Machado Pais (1993, p.87), a investigação que se inclina à construção de uma etnografia, especialmente trabalhando com culturas juvenis, tende a acontecer em dois conjuntos de situações que formam uma eficiente base de produção dados ao longo do processo de pesquisa: são as atividades “formais” e as

“etnográficas”, ou seja, de certa forma informais. Segundo o autor, as práticas formais de pesquisa são as atividades realizadas em gabinete, na universidade, como a construção do projeto de pesquisa, os debates com outros pesquisadores, as horas na biblioteca e também as entrevistas, que por ser gravadas, têm de ser mais formais, com um local adequado e um horário preestabelecido. Já as atividades mais informais, nomeadas por Pais como “incursões etnográficas” (ibidem, p.88), são as que acontecerem em espaços de diversão e lazer, que ocorrem nos ambientes e situações cotidianas que colocam o pesquisador em uma relação de troca e pertencimento com os sujeitos pesquisados e também em que surgem, muitas vezes, os sujeitos que serão entrevistados ou os contatos necessários para acessar pessoas importantes para a pesquisa.

Portanto, vemos que as atividades formais e informais (etnográficas) de pesquisa se complementam, como sugere Machado Pais, e compõem o campo da pesquisa (Zusman, 2011), produzindo os dados necessários para nossa interpretação. A respeito dessa junção entre as atividades formalizadas e as desenvolvidas informalmente, Timo Bartholl (2018) também acrescenta que faz parte da investigação militante essa dualidade de atividades, dizendo ser um misto de ações que ora estão acontecendo na rua, com os movimentos sociais, ora estão acontecendo na universidade ou com os livros, e não se dissociam, embora tendam a se situar em tempos e espaços distintos.

Segundo essas concepções, fui realizando a pesquisa de acordo com as limitações da pandemia do novo coronavírus, realizando atividades com o Coletivo Batalha do Vale, participando do cotidiano da organização dos eventos culturais e também das atividades da pós-graduação, como aulas e reuniões. A partir da vivência com o Coletivo e sendo construída uma relação com os membros, começamos destacar as pessoas que poderiam ser entrevistadas, tanto para a pesquisa quanto para o documentário, já que as entrevistas seriam filmadas além de gravadas, com o intuito de construir um vídeo ao final da pesquisa.

Todo o processo de entrevistas foi acompanhado por outros membros do grupo, especificamente por Igor, que também é um de

nossos colaboradores e entrevistados. Na realidade, Igor participou de todas as etapas desta pesquisa, desde os recortes teóricos até algumas etapas do texto. Segundo Foote-Whyte (1975, p.80), ele poderia ser considerado um “informante-chave”, no sentido de transmitir informações sobre o universo do movimento hip hop para mim, o pesquisador, que não tinha experiência de fazer o hip hop acontecer. Igor realmente foi um informante, mas também foi um pesquisador, e de fato esta pesquisa não seria possível sem ele, portanto, passamos a considerá-lo um amigo e parceiro de trabalho.

Mas especialmente no processo de realizar entrevistas, talvez não tivesse sido possível o acesso às pessoas sem a presença dos membros do Coletivo Batalha do Vale. Com a pandemia do novo coronavírus e o isolamento social, poucas pessoas estavam dispostas a se arriscar para conceder uma entrevista a uma pesquisa científica, mesmo que fosse em formato digital, porém, algumas estavam dispostas a se arriscarem para conceder uma entrevista para um documentário sobre o hip hop. Por isso, todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, com distanciamento, prevenções e em espaços abertos, nas garagens das casas ou em pracinhas dos bairros, pois ninguém queria aparecer no documentário por meio gravações on-line. Todos os entrevistados também eram informados sobre a pesquisa e perguntávamos se nos autorizavam a utilizar suas falas no livro e por qual nome gostariam de ser tratados (todos autorizaram o uso de seus nomes originais). Porém, percebi que o real interesse dos entrevistados era a participação no documentário que a Batalha do Vale estava elaborando.

Os nomes para as entrevistas foram escolhidos junto com os membros da Batalha do Vale e seguiram o envolvimento da pessoa com a história do Vale. Algumas pessoas que seriam importantes por terem feito muito pelo movimento alguns anos atrás já não estão mais acessíveis hoje, e isso também foi levado em consideração na escolha: a dificuldade de acesso ao entrevistado devido à pandemia da covid-19. Assim, definimos duas pessoas que pudessem nos contar a respeito da formação da cultura hip hop em Presidente Prudente. Essas pessoas foram escolhidas por fazerem parte da cena

do hip hop em Prudente nos anos 1990 e também por serem conhecidas e próximas da organização da BDV. Em relação à Batalha do Vale dividimos as pessoas a ser entrevistadas em três graus de envolvimento: organização, MCs e público.

Para as pessoas que são da organização da Batalha do Vale decidimos entrevistar os dois organizadores que atuavam naquele momento, um deles o próprio Igor, organizador desde o início da BDV. Com eles realizamos entrevistas focalizadas (Britto Júnior; Feres Júnior, 2011) que se aproximam de depoimentos, mas seguindo um roteiro preestabelecido pelo pesquisador e também pelos membros da BDV. Como sugerem Britto Júnior e Feres Júnior, nesse formato de entrevista, os assuntos acabam por ser amplos, com menos rigidez, e isso aconteceu muito entrevistando os organizadores, o que de certa forma contribuiu para os entrevistados se sentirem à vontade, mas também em alguns momentos a conversa se dispersou e dificultou posteriormente a transcrição, e algumas respostas acabaram sendo imprecisas.

Foram realizadas duas entrevistas com MCs que estão presentes nas atividades da Batalha do Vale desde o início. Esses MCs, além de ter uma trajetória no rap e na Batalha do Vale, também tiveram acesso à universidade, e isso foi considerado importante para os objetivos da pesquisa, justamente buscando a relação entre o envolvimento com a Batalha do Vale e a educação dos jovens. Muitos MCs gostariam de participar e muitos também da organização da BDV gostariam que tivessem participado, porém, devido às condições sanitárias do momento em que a pandemia se encontrava durante o processo de entrevistas, alguns MCs estavam em outras cidades ou trabalhando muito, encontrando-se inacessíveis.

Com o público das atividades da Batalha do Vale prevíamos no projeto de pesquisa aplicar enquetes durante os eventos semanais em praça pública, mas como mencionado, logo ao início de nossa investigação foi determinada a quarentena e o isolamento social. Devido a isso, as atividades da Batalha do Vale em espaços públicos foram suspensas. Assim, nosso envolvimento na organização dos eventos possibilitou que em algumas atividades on-line,

as *lives* da Batalha do Vale, fossem disponibilizadas enquetes para as pessoas que estivessem acompanhando o evento de casa. Essas enquetes foram aplicadas nos dias 29 e 30 de abril de 2021, durante a execução do projeto cultural Festival Batalha do Vale: Seis Anos de Resistência, por meio do YouTube, contando com apresentações de artistas da região e batalha de MCs. Somados os dois dias de aplicação, vinte pessoas responderam à enquete, resultando na organização dos dados em gráficos que serão analisados no Capítulo 6. Por meio disso procuramos traçar um perfil do público das *lives* da Batalha do Vale, a fim de saber quem são as pessoas que estavam acompanhando esse conteúdo digital durante a pandemia.

No projeto de pesquisa estava previsto que participaríamos das atividades da Batalha do Vale, principalmente aquelas que aconteciam em escolas, a fim de investigar a relação dos saberes acionados na Batalha do Vale com a educação formal e escolar. Mas com a pandemia as escolas fecharam e isso dificultou nosso acesso tanto aos estudantes quanto à gestão escolar das escolas em que já aconteceram atividades da Batalha do Vale. Como uma tentativa de dialogar com o espaço escolar, conseguimos entrevistar uma jovem aluna que convidou a Batalha do Vale para ir até a sua escola algumas vezes, por meio do grêmio estudantil, antes da pandemia. As entrevistas realizadas, em todos os níveis de envolvimento com a Batalha do Vale, foram gravadas, filmadas e transcritas, e posteriormente armazenadas nas nuvens.

De acordo com Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazi (2006), a organização dos dados produzidos com as entrevistas pode ser feita por meio da definição de categorias analíticas que surgem no próprio conteúdo da entrevista. Assim, a partir dos depoimentos de nossos colaboradores, organizamos categorias que, de acordo com o roteiro da entrevista, estão relacionadas com nossos objetivos de pesquisa. Os autores sugerem que em pesquisas qualitativas, que geralmente contêm um grande banco de dados, a análise de conteúdo feita por meio das categorias pode ser relacionada com as falas dos sujeitos entrevistados por meio de quadros analíticos.

Em relação aos quadros, consideramos o trabalho de Félix, Batista e Salvi (2019) que dizem que as duas grandes categorias dos quadros podem ser unidades de contexto, que são definidas pelo pesquisador e emergem dos dados observados. Esses dados podem ser organizados em unidades de registro, que são os trechos, o conteúdo da entrevista que deu origem à emergência da primeira categoria. Nesse método colocam-se em um único quadro todos os assuntos interessantes para a análise científica (unidades de registro) e o conteúdo das entrevistas (unidade de contexto), que são as falas dos sujeitos a serem analisadas.

Tendo em vista essas orientações, os quadros foram desenvolvidos a partir da leitura da transcrição das entrevistas e da criação e organização das unidades de análise (Quadro 1). Na construção dos quadros, foram feitas adaptações e adequações a partir de exemplos como o de Ana Carolina Marques (2021, p. 51-2), que sugere em sua dissertação que o próprio quadro contenha uma explicação sobre as categorias e uma contextualização das falas dos entrevistados. Dessa forma, a análise teórica do conteúdo dos depoimentos tem maior proximidade com o que ocorreu no campo e no momento da gravação da entrevista.

Quadro 1 – Quadro analítico utilizado

Unidade de Contexto: Mudança na vida dos sujeitos após aderirem a Cultura Hip Hop.		
Falas que mostram como o Hip Hop contribuiu para a formação social e intelectual, através da reflexão, o que traz uma assimilação entre as letras de rap, o conteúdo das artes do H2, com a sua vivência, com a sua realidade, os trechos a seguir mostram os entrevistados percebendo que fazem parte de um todo (sociedade e suas difíceis desigualdades)		
Explicação do contexto da fala da entrevista, já apontando alguns destaques na fala, podendo trazer elementos da memória do que aconteceu em campo.	Unidade de Registro: Trecho destacado que tem relação com as Unidades de Contexto.	Nome do Entrevistado

Fonte: elaborado pelo autor.

O trabalho de campo nas ruas, participando das ações do Coletivo Batalha do Vale, aconteceu entre fevereiro de 2020, quando se deu o primeiro registro no diário de campo, e julho de 2021, quando começamos a abrir mão de responsabilidades do Coletivo para organizar os dados e desenvolver as análises da pesquisa, isso também registrado em diário de campo, momento de certa individualização no trabalho. Posteriormente, realizamos registros no diário de campo pontuais, como quando a Batalha do Vale aconteceu novamente em praça pública em outubro de 2021 e em alguns eventos e vivências que aconteceram em 2022.

O fim das “investidas etnográficas” (Pais, 1993) aconteceu a partir das próprias experiências. Ao mesmo tempo em que as atividades da Batalha do Vale começaram a exigir maior atenção da parte dos organizadores, sentimos a necessidade de organizar os dados produzidos, e a participação na organização da BDV fazia com que não tivesse fim o aumento de informações. Dessa forma, renunciei às responsabilidades do Coletivo para me dedicar a escrita, à reflexão e à reconstrução da experiência etnográfica vivida por meio do texto etnográfico. Essa pausa na organização das atividades do Coletivo não foi tão simples, pois apesar de consumir tempo e energia, a diversão e os resultados são gratificantes e preenchem uma parte das vidas envolvidas. Isso fazia e ainda faz sempre com que eu esteja participando das atividades, inclusive em escolas que não foram acessíveis durante o período de investigação e produção de dados, ainda que agora não assumindo o protagonismo.

Portanto, foi o próprio campo que mostrou o seu fim, enquanto o Coletivo Batalha do Vale necessitava da participação de pessoas na organização, a pesquisa necessitava de tempo e atenção, o que fez com que o campo, as investidas etnográficas diminuíssem até cessar. Porém, também essa etapa foi dialogada com o Coletivo estudado: não consideramos que adentramos o grupo, coletamos informações que comprovem nossas concepções de pesquisa e nos retiramos. Ainda mantemos as intenções de investigação militante, que apesar de a escrita do trabalho não ter sido feita com grande participação do pesquisador nas ações do Coletivo, todo o processo de pesquisa

foi uma contribuição para o grupo estudado: esta pesquisa em si é considerada uma militância pela Batalha do Vale e seus resultados acadêmicos serão primeiro debatidos lá, antes de passarem pelo crivo da banca de avaliação.

De toda forma, o movimento continua, surgiram novas pessoas para colaborar com o hip hop, ao passo que a pesquisa precisa ter um fim para se materializar em resultados também acadêmicos, igualmente relevante para a BDV, visto que um dos frutos deste método participativo de pesquisa é o contato e a colaboração pessoal do pesquisador com o grupo, e mesmo após o fim dos trabalhos de campo, membros da Batalha do Vale continuam a debater sobre a pesquisa e a considerar o pesquisador um membro do coletivo.

Além das investidas etnográficas, participação na organização e atuação em atividades culturais do Coletivo Batalha do Vale, também acompanhou nosso processo de pesquisa o método da netnografia. Essa metodologia não estava prevista em nosso projeto e surgiu da necessidade de avançar na pesquisa durante a pandemia. Segundo Mercado (2012), a etnografia virtual busca compreender as relações sociais em que os sujeitos estão inseridos por meio da internet, aprofundando-se no significado dessas relações para os sujeitos por meio de uma técnica descritiva que exige constante presença do pesquisador no contexto virtual. Em nosso caso, não tivemos essas intenções ao empregar a metodologia, visto que buscamos analisar as relações dos jovens com o hip hop que aconteciam nos espaços da cidade.

Porém, como mencionamos anteriormente, no contexto da pandemia, o Coletivo Batalha do Vale iniciou uma série de batalhas de MCs *on-line* em um período em que ainda não participávamos da organização das atividades. Assim, passamos a acompanhar as batalhas que eram realizadas virtualmente como público, seguindo algumas indicações da observação participante, registrando a participação no diário de campo. Esse período foi importante para que buscássemos referências bibliográficas a respeito dessa metodologia, o que contribuiu para entendermos melhor, a partir das vivências em campo, a relação dos espaços da cidade que são produzidos pelo hip

hop com a internet. Para Simões (2008), a internet tem forte vínculo com a divulgação de artistas vinculados à cultura hip hop, seja por meio de grandes produtoras ou artistas *underground* (ibidem, p.7), mas além disso, é também um portal de redes de comunicação que carregam elementos dos espaços urbanos ocupados pelo hip hop:

Apesar de o meio de divulgação dos eventos, obras e respectivos protagonistas ser “desterritorializado”, as referências territoriais podiam ser facilmente detectadas em diversos posts encontrados em fotologs de graffiti, nas mensagens trocadas num mesmo fórum entre adeptos de música rap ou nas informações divulgadas em sites dedicados a (ou mantidos por) vários rappers (e aspirantes a tal). (ibidem, p.3)

Dessa forma, ao longo da pesquisa, buscamos atentar para a forte relação da Batalha do Vale com as suas redes sociais, entendendo essa relação como uma estratégia de aumentar o alcance espacial das atividades do coletivo, principalmente no contexto de pandemia e distanciamento social. Assim, a netnografia surgiu como uma metodologia que complementava as atividades de campo participativo da pesquisa, não sendo nossa intenção analisar a atuação e interação dos jovens nas redes sociais, mas sim compreender a espacialização da Batalha do Vale. Ainda segundo Simões (ibidem, p.8), o hip hop é uma cultura de rua que transpõe os elementos dos espaços urbanos para a internet, articulando o espaço vivido também por essa via.

A escrita do texto da pesquisa que, de acordo com Rappaport (2007), é uma parcela decisiva do processo etnográfico foi também dialogada com os membros do coletivo estudado. O texto que divulga as considerações a respeito de toda a pesquisa também é considerado pelo Coletivo como um material de disseminação das intenções e objetivos da Batalha do Vale. Portanto, consideramos no momento de escrita deste trabalho possíveis leitores que não estão inseridos nos espaços acadêmicos e de pesquisa, exercitando e ousando outro uso da linguagem. Essa tentativa já é destacada por Perla Zusman (2014) em relação à formulação de uma narrativa

etnográfica que insere o pesquisador e a comunidade/grupo pesquisado em todos os processos investigativos, incluindo a leitura e o entendimento dos resultados expressos no texto final.

Porém, a escrita não foi feita em um momento de forte militância e participação, como esperávamos inicialmente. A metodologia da investigação militante pressupõe que todos os processos de pesquisa sejam construídos juntos dos sujeitos de pesquisa, como tentamos nos manter ao longo deste trabalho, pretendendo realizar uma escrita que fosse debatida semanalmente com os membros da Batalha do Vale, tendo a participação deles no formato e no desenvolvimento dos capítulos e, conseqüentemente, das interpretações, ou seja, a escrita também aconteceria em trabalho de campo, na rua. No entanto, como já mencionado, a forte participação nas atividades do Coletivo e também o momento em que a Batalha do Vale se encontrava fizeram com que fossem necessárias a diminuição nas participações e uma individualização da escrita. Isso não quer dizer que os membros do coletivo não participaram nada desse processo, pelo contrário, constantemente se dialogou com os membros a respeito de possíveis capítulos e considerações da pesquisa. Mas, de fato, a escrita não foi uma pauta semanal do Coletivo como as outras etapas da pesquisa.

Para registrar e interpretar a atuação da Batalha do Vale na cidade de Presidente Prudente cartograficamente desenvolvemos, a partir dos dados produzidos, três mapas de localização, com representações nominais, presentes nos capítulos 5 e 6. Para essa representação, utilizamos os dados produzidos em pesquisa com o coletivo estudado, além de dados estatísticos dos setores censitários (IBGE, 2012), que foram tratados em planilhas do Excel para a composição das representações. Os mapas foram desenvolvidos por meio dos *softwares* de geoprocessamento QGIS e também Google Earth Pro. Tentamos elaborar cartograficamente o alcance das atividades da Batalha do Vale, antes e durante o período de pandemia, destacando as atividades em escolas, pois são relacionadas a nossos objetivos. Com isso, conseguimos analisar os impactos da pandemia no alcance espacial dessas atividades culturais e educacionais, mas

também evidenciar o quão participativa na cidade a Batalha do Vale pode ser, principalmente nos espaços com menor acesso às atividades culturais.

Como proposta de divulgação dos resultados da pesquisa, consequentemente das ações culturais e educativas da Batalha do Vale, além deste livro, sugerimos com o Coletivo também desenvolver um fanzine e um pequeno vídeo documentário. O fanzine é uma pequena revista confeccionada artesanalmente, por meio de dobragens e colagens, que tem o tema livre e pode ser copiada inúmeras vezes (Franco, 2014, p.39) – assim, o conteúdo de nosso fanzine é elaborado segundo os resultados da pesquisa. Essa experiência de divulgação já foi desenvolvida junto com a Batalha do Vale em pesquisa de monografia (Salvi, 2019) e tem capacidade de levar as informações discutidas até as pessoas que frequentam os eventos da Batalha do Vale, devido ao caráter de panfletagem presente na prática dos fanzines, distribuídos de mão em mão, alcançando inclusive diferentes públicos, por meio de uma pequena leitura (Andraus, 2008). Essa prática faz com que a pesquisa seja divulgada e também debatida pela comunidade que acompanha a Batalha do Vale, visto que as pessoas podem se interessar e vir a buscar o livro, levando até outros espaços de discussão as ações da Batalha do Vale.

A proposta do documentário acompanhou todo o processo de pesquisa, sendo discutida em diversas reuniões do Coletivo a sua produção. O conteúdo principal do documentário são as entrevistas da pesquisa que foram filmadas com a permissão dos colaboradores, além de imagens coletadas em diferentes ambientes e contextos. O objetivo principal do documentário é contextualizar a Batalha do Vale em Presidente Prudente, evidenciando a sua intencionalidade educativa, expondo as diferentes dimensões das atividades do Coletivo, o que é justamente alinhado aos objetivos da pesquisa. Porém, esse trabalho exige a habilidade e a técnica de edições de som e imagem e conta com uma participação maior dos demais colaboradores externos e membros da Batalha do Vale.

2

HIP HOP: DA CULTURA AO MOVIMENTO DA CULTURA

A consolidação de um estilo de vida

Existem diversos estudos a respeito da formação dessa cultura, com um grande crescimento nos trabalhos publicados na década de 2000, principalmente nas pesquisas brasileiras, estadunidenses e francesas (Teperman, 2011), sendo um consenso que a consolidação do hip hop, com as características que conhecemos hoje em dia, aconteceu a partir de ações culturais de jovens negros e imigrantes latinos, no bairro do Bronx, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, na década de 1970. A realidade do Bronx nessa época era de abandono e fragilidade social, com grandes obras públicas inacabadas, moradias abandonadas e prédios incendiados: uma paisagem de guerra civil, como nos mostra Marshall Berman (2009), morador do bairro na época. Diante dessas condições, muitos jovens optaram por se organizar em gangues de rua para obter uma fonte de renda por meio do tráfico de drogas e pequenos furtos, portanto, a situação da juventude negra e latina encontrava-se distante do caminho da cultura e do conhecimento (Rose, 1997).

O hip hop surge então como uma alternativa de união por meio das festas e da diversão que foi negada para os moradores do bairro.

Essas festas, conhecidas também como *jams*,¹ eram promovidas pelos DJs,² primeiro elemento artístico do hip hop. As *jams* promoviam um ambiente na qual membros de gangues rivais conviviam pacificamente e as pessoas podiam circular pelo bairro para ir às festas, sem que fossem impedidas pelas disputas de território, o que fez crescer um sentimento de união entre os moradores (Pimentel, 1997). Junto do DJ surge o MC, que animava as festas com frases de improviso ao microfone, estimulando o público a dançar e a fazer barulho. Por vezes, o DJ e o MC eram a mesma pessoa, e ao longo dos rolês, os MCs começaram a trazer para as *jams* versos escritos e rimados, formando o que conhecemos como o rap (*rhythm and poetry*),³ que é a harmonia entre a batida, a poesia e o *flow*⁴ do MC.

Nas *jams* simultaneamente também começam a se desenvolver grupos de dança que realizavam competições de coreografias e passos improvisados, surgindo outro elemento artístico da cultura hip hop, o breakdance.⁵ A arte visual que ganhou expressão não só nas festas, mas também nas ruas, e que foi incorporada à cultura hip hop é o grafite,⁶ que era usado para demarcação de território de gangues (Queiroz, 2015) e que com o desenvolvimento do hip hop passou a

1 As *jams* são festas de origem jamaicana, realizadas nas ruas e pela técnica do *soundsystem*, na qual um equipamento de som é acoplado a um automóvel, tendo chegado até o Bronx por meio da imigração de negros latino-americanos. Ver Carmo (2000) e Leal (2007, p.24).

2 O DJ (*disk jockey*) refere-se a uma prática que tem origem jamaicana, sendo DJ aquele que domina a técnica de som para promover a discotecagem. Alguns que se destacaram por reinventarem as técnicas no hip hop são os DJs Kool Herc, Grand Master Flash e Afrikaa Baambaataa (Pimentel, 1997, p.7)

3 O rap é a arte em que o MC canta e rima em cima de uma batida de música promovida pelo DJ. Tem a sua origem no *toasting* (prática de falar mensagens em cima de batidas) e nos *griots* africanos (contação de histórias) (Pimentel, 1997).

4 O *flow* é a capacidade que o MC tem de harmonizar o ritmo de sua rima cantada com o ritmo da batida que soa ao fundo.

5 O breakdance é o estilo de dança incorporado ao hip hop. Existem diversas ramificações desse estilo, sendo uma forma de expressão por meio de gestos corporais. Para saber mais, ver Cazé e Oliveira (2008).

6 O grafite é arte plástica incorporada ao hip hop, que consiste em desenhos coloridos e expressivos feitos em muros e paredes nas ruas da cidade. Ver Queiroz (2015).

ser uma competição visual, de quem fazia a arte mais elegante e nos lugares de mais difícil acesso da cidade.

Percebemos que foi por meio dos bailes e festas nas ruas que a juventude negra e latina moradora do Bronx encontrou um espaço de união: em meio a uma situação social bem conturbada, seria possível a competição artística entre iguais em vez de confrontos violentos entre gangues rivais, como colocam as autoras Patrícia Lima e Ana Mércia Silva (2004, p.67) a respeito da dança:

[...] através do break os jovens negros norte-americanos contestavam a situação dos jovens soldados que iam para a Guerra do Vietnã e voltavam mutilados de guerras. Outra função outorgada ao break, tentar diminuir as brigas “sangrentas” entre as gangues de rua, transformando esta forma de violência urbana em um ritual de desafio através da performance corporal.

Portanto, é por meio da própria história que a cultura hip hop se mostra como um importante instrumento de luta e de reivindicação da juventude negra, pobre e latina diante das dificuldades dos guetos urbanos. Segundo Jorge Hilton Miranda (2006), percebendo o potencial da cultura hip hop de levantar demandas e organizar os jovens, o DJ Afrikaa Bambaataa, em 1973, funda oficialmente a Organização Zulu Nation, batizando o termo hip-hop⁷ como referência à união dos quatro elementos artísticos: DJ, MC, grafite e breakdance. Além disso, foi incorporado um quinto elemento à cultura hip hop: o conhecimento, que corresponde ao seu comprometimento político e pedagógico. O fundamento da prática dos elementos artísticos do hip hop passa a ser promover a paz, o amor, a união e a diversão. Esse momento, segundo Jorge Miranda (ibidem, p.4-5), consolida a cultura hip hop também enquanto um movimento social:

7 O termo “hip hop” é uma gíria utilizada pelos jovens do Bronx para referir-se às festas e rolês e originalmente queria dizer “mexer os quadris”, ou seja, dançar e se divertir (Carmo, 2000; Miranda, 2006).

Retornando às origens do hip-hop, até então o que se consolidava era a cultura hip-hop na forma de possibilitar uma diversão acessível aos jovens de baixa renda. Aquelas quatro artes se desenvolveram no mesmo espaço e o surgimento de cada uma delas teve o mesmo impulso: em meio à pobreza, a necessidade de um lazer alternativo. Porém, a cultura que se formava trazia um grande potencial mobilizador fazendo alguns jovens perceberem que se tratava de uma grande força transformadora. A cultura hip-hop passou a se constituir em um Movimento com a herança deixada pelo Movimento dos Black Panthers (panteras negras) – partido político que lutou sob enorme repressão pelos direitos civis dos negros norte-americanos – influenciando a forma de se organizar desses jovens. Assim, o DJ África Bambaataa juntamente com outros amigos que assimilavam essa influência política fundaram em 1973 a Organização Zulu Nation definindo princípios universais para o Movimento que se estabelecia (hip-hop). Os quatro elementos passaram a ser estimulados como forma de combate a violência entre gangues. Palestras foram organizadas, eventos diversos foram promovidos e os princípios ideológicos do Movimento foram sendo espalhados pelo mundo acompanhando a ascensão da cultura hip-hop. Atualmente a Organização Zulu Nation tem representações em mais de 50 países, sendo o Brasil um deles. Quem escreve este texto é representante da Organização na Bahia.

Portanto, o hip hop se desenvolveu nas festas de rua como uma diversão que conscientiza, que resgata na juventude negra e latina a autoestima para fazer acontecer algo diferente. Enquanto as práticas artísticas e cotidianas foram configurando o hip hop enquanto cultura, a organização política e os trabalhos de conscientização o formaram enquanto movimento que passa o conhecimento adiante para as próximas gerações e para a comunidade. Por meio da junção do comprometimento político e das habilidades artísticas das juventudes que vivenciavam os guetos estadunidenses, o hip hop se disseminou pelo país rapidamente, principalmente o rap, que ganhou forte expressão nas rádios e gravadoras nos anos de 1980 e 1990 (Miranda, 2006).

Devido à fácil identificação das juventudes urbanas com o conteúdo artístico do hip hop, rapidamente essa cultura atingiu diversos países do mundo por meio das rádios, revistas e alguns programas de televisão, formando cenas e reunindo a juventude para dançar break e cantar rap nas ruas da França (Hammou, 2016), de Portugal (Simões, 2019), de Moçambique (Sitoe, 2019), Cuba (Nunes Alves, 2021) e diversos outros países, inclusive o Brasil, como veremos adiante. Os trabalhos a respeito da cultura hip hop nos países mencionados nos indicam que em cada país o hip hop se ramificou e se desenvolveu de uma maneira, segundo os meios de comunicação e as condições de acesso a esses meios. Porém, a disseminação dessa cultura tem em comum ter acontecido principalmente pelo rádio, ou seja, por meio da música rap. Também todos os trabalhos nos indicam que o primeiro elemento artístico do hip hop a ser praticado nesses países foi o break, a dança. Isso acontece pelo fato de as condições para dançar serem mais simples: é necessário apenas o rádio e o próprio corpo, sendo acessível para os jovens que aderiram à cultura hip hop.

Veremos agora como essa cultura formada por jovens negros e latinos nas ruas do Bronx chega até o Brasil e atinge as periferias das cidades brasileiras.

O hip hop nas ruas brasileiras

Para tratarmos da formação do movimento hip hop no Brasil, precisamos mencionar as práticas de lazer da juventude negra e periférica nas décadas de 1960 e 1970. Nesse período, os bailes black nas grandes cidades brasileiras reuniram muitos jovens em torno da diversão e do lazer, mas havia também a conscientização e a afirmação da cultura preta por meio das letras das músicas e de imagens projetadas em telões durante os bailes. As festas black, em que tocavam músicas funk, soul e samba-rock, atingiram grandes públicos: “na mesma época em que GrandMaster Flash realizava suas primeiras festas no Bronx para 3 ou 4 mil pessoas de Nova York,

no Rio de Janeiro havia festas soul para até 15 mil pagantes” (Pimentel, 1997, p.14). Isso nos mostra que já havia ascendido na juventude negra e periférica do Brasil uma manifestação que promovia espaços de união e afirmação de identidade por meio da música e da diversão.

Nos anos de 1980, os bailes black ganharam ainda mais visibilidade, sendo promovidos com grande frequência nas grandes cidades brasileiras. É nessas festas que surgem grupos de dança também chamados de *crews*⁸ ou *posses*, na qual realizavam coreografias e passos improvisados enquanto rolava a música black. Emerge então, segundo Sérgio Leal (2007), o primeiro elemento artístico da cultura hip hop praticado no Brasil, o breakdance, na qual *b-boys* e *b-girls*, reunidos em *crews*, competiam por quem realizava a melhor coreografia. Mesmo que fosse de maneira desconexa com o movimento político iniciado no Bronx, a dança break começa a ganhar popularidade na juventude negra e periférica brasileira, saindo dos bailes e começando a ser praticada nas ruas das cidades.

Os treinos e as competições entre as *crews* de break eram realizados no cruzamento da Rua 24 de Maio com a Rua Dom José de Barros, na cidade de São Paulo, onde o hip hop começou a ganhar maior expressão e visibilidade. Esse local é considerado o marco zero do hip hop do Brasil (Motta; Balbino, 2006), tendo como destaque o *b-boy* Nelson Triunfo, figura importante do hip hop nacional. O encontro na 24 de Maio ficou expressivo e reunia muitos jovens adeptos da cultura hip hop que se consolidava no Brasil, e isso chamava a atenção das pessoas que não conheciam a cultura, fazendo com que cada vez mais jovens se fizessem presentes nos encontros em torno da música black e do break para se manifestar. Com o fomento dos encontros, alguns jovens começam a escrever letras e fazer rimas em cima dos instrumentais das músicas, fazendo surgir a prática do rap e do MC, que geralmente, no Brasil, eram também os *b-boys*. Segundo

8 Alguns termos que tem origem na língua inglesa como *crew* (tripulação em inglês) fazem parte da linguagem cotidiana do hip hop, e não destacamos várias palavras em itálico por não serem estranhas às pessoas adeptas à cultura e se referirem a situações vividas no Brasil.

Carmo (2000), foi devido a essa união entre os elementos do hip hop em um espaço público de visibilidade nacional que se deu a disseminação da cultura hip hop e o surgimento de coletivos preocupados em promover mais eventos de hip hop.

É evidente e consideramos aqui que os bailes black e consecutivamente os encontros de hip hop aconteciam também em diferentes regiões do Brasil, como em Salvador, Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre entre outras capitais e também em algumas cidades do interior dos estados. Em Salvador, por exemplo, existia um forte movimento do samba e da capoeira que atuava há décadas frente às injustiças e ao racismo sofrido pela população negra por meio de trabalhos de conscientização, o que está muito próximo das ideias centrais e da proposta do hip hop, fazendo com que o movimento hip hop da Bahia seja o mais articulado politicamente do Brasil (Miranda, 2006). No sertão nordestino era muito forte a prática do repente, uma rima improvisada em cima de uma batida de samba bem rápida, do qual o próprio Nelson Triunfo era praticante.

Portanto, percebemos que a consolidação da cultura e do movimento hip hop no Brasil ocorreu em um campo fértil de luta e de conscientização construído pela juventude negra e periférica por meio de suas práticas de lazer. Isso fez com que o hip hop no Brasil, assim como em diferentes países do mundo, chegasse como uma união entre manifestações artísticas que servem como estratégia de reivindicação, sendo instrumento de uma luta iniciada por parte da juventude negra há muito tempo e que encontra no hip hop a força e a autoestima para a continuidade.

Ao final dos anos 1980 a cultura hip hop já tinha uma cena ativa, e são lançados os primeiros discos de rap do Brasil, com Thaíde & DJ Huum e DMN, músicas com batidas clássicas do rap, bem próximas das batidas usadas para dançar break – afinal os MCs, na sua maioria, também eram *b-boys*. Nos anos 1990, a música rap ganha em suas letras forte conteúdo de denúncia e protesto, diante das injustiças vividas pelas pessoas das periferias urbanas brasileiras, com grupos como Racionais MC's, Sistema Negro, RZO, Ndee Naldinho, entre diversos outros. Isso fez com que o rap ficasse marcado

como um símbolo de resistência negra e de identidade periférica, sendo marginalizado pelos meios de comunicação por denunciarem as atrocidades praticadas pela polícia militar nos bairros pobres das cidades e por expressar a indignação diante do descaso do governo com a população socialmente vulnerável (Guimarães, 1998). Ao longo dos anos 2000, o rap populariza-se seguindo os mesmos princípios de resistência e denúncia, surgindo diversos grupos de MCs, indicando que, mesmo a passos lentos, a cultura hip hop vai se profissionalizando no Brasil, com maior número de shows e gravações de discos.

Atualmente, os estúdios de gravação dão bastante atenção para a música rap, sendo ele o estilo musical que mais cresce em produção no país (Ferreira Gomes, 2019). Tendo sido abrangido pela indústria cultural, as letras de rap hoje em dia não necessariamente são de conteúdo de protesto e resistência, sendo muitas a respeito de festas e por vezes contraditórias. Mas isso não significa que não sejam produzidos raps de protesto nem que as músicas que tratam de festas não sejam rap, visto que a oportunidade de viver do rap, sendo um ou uma rapper, muitas vezes exige que os jovens e as jovens se enquadrem nos padrões da produção da indústria cultural, sendo muitas vezes uma alternativa financeira para a juventude periférica.

Vimos então que a cultura hip hop no Brasil começa com a prática da dança, do break, por meio dos *b-boys* e *b-girls* nos bailes blacks. É notável a formação do hip hop enquanto movimento a partir da organização de eventos que estimulam a conscientização da juventude negra e periférica a respeito do racismo e das desigualdades sociais. Outro fato a ser destacado é que o elemento artístico que mais ganhou visibilidade e reconhecimento, como comentamos, foi o rap, que conquistou níveis midiáticos e profissionais significativos, sendo que o próprio DJ, atualmente, não é tão valorizado diante das produtoras musicais, que criam beats⁹ sem necessariamente ter um profissional que domina a técnica dos toca-discos. Percebemos o mesmo com os *b-boys* e *b-girls*, que iniciaram a prática dessa cultura

9 Batidas musicais que na maioria das vezes são instrumentais.

no país, mas o breakdance é pouco expressivo nos canais de comunicação ligados à dança. O grafite, no Brasil, aos poucos avança no campo profissional, mas é majoritariamente praticado como uma arte ilegal,¹⁰ interpretado como vandalismo e depredação de patrimônios públicos e privados.

Porém, é necessário destacar que mesmo se praticados separadamente, cada um desses elementos artísticos do hip hop seguiu uma trajetória de resgate da cultura afro-descendente, sempre dialogando com a história do hip hop iniciada no Bronx por jovens negros e latinos, fazendo com que essa cultura se encaixasse no movimento de luta por melhoria dos jovens negros e pobres brasileiros, promovendo a união por meio das mesmas práticas de lazer e diversão iniciadas pelos jovens estadunidenses.

O hip hop nas quebradas de Presidente Prudente

A respeito da cultura hip hop em Presidente Prudente, encontramos poucas obras na literatura que tratam de sua formação e consolidação enquanto um movimento sólido. A única obra que traz um pouco dessa história foi encontrada por acaso, nos confins da biblioteca da FCT Unesp, intitulada *Do outro lado do mundo, do outro lado da escola*, escrita por Afife Fazzano (2001). O intuito da autora foi trazer os resultados de sua pesquisa a respeito da superação da marginalização por parte dos jovens em situação de rua por meio da cultura hip hop. Para isso, Afife Fazzano nos conta um pouco das origens no hip hop prudentino, no início nos anos de 1990, e por ser a única bibliografia encontrada que retrata esse período, é nela que nos baseamos para resgatar e traçar a formação do hip hop em Presidente Prudente, dialogando com as entrevistas realizadas com pessoas que participaram dessa formação e também com experiências ocorridas em pesquisa de campo.

10 Os grafiteiros, muitas vezes, realizam sua arte na madrugada ou discretamente, devido ao preconceito e à marginalização da prática da grafiteagem.

Segundo Fazzano (ibidem), o hip hop em Prudente não teve grande expressão antes de 1992, quando aconteceu um show do grupo Racionais MC's na cidade. A partir desse show, muitos jovens começam a se sentir estimulados e incentivados a formar grupos de rap e escrever letras para se expressar, dançar e rabiscar os muros e paredes. Outra manifestação da cultura hip hop significativa para a juventude envolvida foi o show da dupla Thaíde & DJ Huum, cuja data Fazzano não indica, mas ela afirma que após esse show alguns jovens se reuniram formando o primeiro grupo de rap de Presidente Prudente: R.M.R. (Rap Movimento Radical) (ibidem, p.22). A autora também conta que esse grupo tinha diversos participantes, e que após enfrentarem dificuldades para se apresentarem (pouca verba, dificuldade de locomoção), os integrantes resolveram dissolver o grupo em outros grupos menores, como Ciclones Breakers e Esquadrão das Ruas, que chegaram a se apresentar em Prudente e outras cidades da região.

Além da formação dos primeiros grupos de rap e dos primeiros shows que representaram o início do hip hop na região, Fazzano dá destaque para uma discoteca conhecida como Cockpit. Segundo a autora, e também Alexandre Catanoze e DJ Mapa, nossos entrevistados, a Cockpit foi o embrião do hip hop de Presidente Prudente por ser o local em que os jovens que praticavam a cultura hip hop dispersos na cidade se encontravam para dançar break, cantar rap e apreciar as músicas e as festas que aconteciam.

A Cockpit era uma discoteca localizada em um galpão no bairro Jardim Everest, na zona oeste de Presidente Prudente (Figura 2), área popularmente conhecida como Cohab. Ali ocorriam diferentes festas ligadas a diferentes estilos artísticos, e os eventos eram administrados por um ex-sargento da polícia militar chamado Guerra, em parceria com os jovens que frequentavam e utilizavam o local (ibidem). Os bailes aconteciam em diferentes dias da semana, sendo alguns dias dedicados à música black e ao rap, contando com apresentações de alguns grupos locais, o que atraía a juventude periférica da cidade, promovendo encontros das pessoas que dançava break, pintava um grafite ou escrevia uma letra, ou seja, a Cockpit era um

Figura 2 – Galpão no qual foi a danceteria Cockpit no Jardim Everest, zona oeste de Presidente Prudente



Fonte: acervo pessoal do autor.

espaço de encontro de jovens ligados ao hip hop no qual podiam compartilhar e interagir, conhecer-se e trocar informações a respeito da arte e da cultura hip hop:

Estivemos participando de uma dessas noites na Comunidade [Cockpit] (dia 22 de outubro de 1995), quando pudemos observar a estrutura do ambiente e os comportamentos dos jovens que a frequentam. As paredes todas grafitadas no estilo característico dos rappers. Cores fortes, frases permeando as pinturas, mensagens de incentivo à vida sadia, prevenção às drogas, etc. Por exemplo: “Aqui reúne-se uma comunidade pobre que com muita dignidade faz um baile sem drogas e violência”. A música segue pela noite. Os frequentadores, jovens de todas as idades, se misturam pelo salão enlevados pelo ritmo, dançam descontraídos sem se importar se executam os passos da dança corretamente ou não. (ibidem, p.24-5)

As palavras da autora, relatando sua experiência na Cockpit em 1995, mostram que a atmosfera era de *jam*, de festa, e que o hip hop estava acontecendo com seus elementos artísticos presentes, em que os jovens desfrutavam, aparentemente, da liberdade e do direito de se divertir. A seguir apresentamos trechos de entrevistas que nos dão uma noção maior a respeito do significado do espaço da Cockpit para a juventude periférica ligada ao hip hop na época:

[*Alexandre*] Mano, a Cockpit é a casa, é o núcleo materno que gerou a criança do hip hop aqui de Prudente. Foi não só uma discoteca que tocava a música, mas lugar de pessoas que estavam ali envolvidas, conscientes do hip hop, pessoas que tanto aderiram à cultura hip hop como viveram e vivem até hoje a cultura hip hop. Foi dali, ninguém sabia o que era o hip hop: “Aí o grafite, aí o break, o pá, quatro elementos”. Então foi a Cockpit que teve essa importância de conscientizar. O Guerra, né, mano, o pai, [...] o Guerra era sargento, né, cara... eu acho legal romper com isso, o cara sargento da PM é o cara que gostava e que gosta da cultura hip hop, da música, do rap... e aí na Cockpit foi na onde foi se propagando. Dos mais antigos todos beberam da fonte da Cockpit...

[*DJ Mapa*] Sim, sim...a Cockpit foi não só um berço, mas foi um braço, foi um tentáculo para ser o que é hoje o hip hop de Presidente Prudente, entendeu? Eu vivi lá, eu vim de lá, eu sou fruto de lá...

Percebemos então que a discoteca Cockpit foi o espaço de encontro que reuniu os elementos da cultura hip hop que eram praticados nas periferias de Presidente Prudente ao redor da diversão, assim como as festas de rua no Bronx em 1970 ou os encontros na Rua 24 de Maio em São Paulo. A juventude ligada a essa cultura praticava e desenvolvia as artes (grafite, break, rap) diariamente, como um estilo de vida, e nos bailes reuniam-se para dançar e mostrar os passos ensaiados durante a semana, mostrar as poesias e letras de rap escritas. O espaço promovido pela Cockpit foi fundamental para a consolidação da cultura hip hop enquanto movimento em

Presidente Prudente, ou seja, uma prática e um estilo de vida que orbita em torno da união e da evolução da comunidade. Por isso, segundo os relatos registrados em entrevistas e também pelo citado trabalho de Fazzano, definimos aqui a Cockpit como um importante e fundamental ponto de encontro do hip hop prudentino, visto que essa cultura depende da união e da presença da juventude para acontecer, promovendo um espaço em que os jovens artistas poderiam se sentir valorizados e encontravam outras pessoas que partilhavam da “mesma loucura” que era o hip hop para a época:

[Alexandre] Se não tivesse sido a Cockpit, e todas as pessoas que estavam envolvidas, provavelmente o hip hop teria chegado aqui de outra forma, não sei se haveria... mas a Cockpit foi o local que iniciou o fenômeno, né, cara, do hip hop, break e pá, talvez se não tivesse a Cockpit aqui, o hip hop talvez tivesse surgido depois... porque ali era o ambiente que você entrava e tinha um grafite mano, tinha um rap tocando, era ambiente do hip hop, tava escrito hip hop na parede [silêncio]... tinha o clima do rap, do hip hop e do break, a danceteria fez um ambiente desse. Foi da hora...

A Cockpit se manteve ativa entre 1991 e 2001, ganhando grande visibilidade entre a comunidade periférica de Presidente Prudente. Entre 1994 e 1996, o hip hop da cidade ganhou forte expressão regional, conquistando um programa semanal dedicado ao rap na rádio comunitária 102,9 FM, na qual grupos se apresentavam ao vivo e divulgavam suas músicas. O programa chegou a reunir as músicas mais tocadas de grupos de Presidente Prudente e também de cidades da região, incluindo até pequenas cidades do Mato Grosso do Sul, em uma pequena coletânea gravada em disco de vinil, o que significou grande avanço para os grupos locais e para a cena do rap na cidade (Fazzano, 2001).

Após o período de maior expressão do hip hop prudentino, ocorreu uma forte queda de rendimento do movimento. Novamente segundo Fazzano (2001), ao final dos anos 1990, os grupos que se formaram em Presidente Prudente começaram a se dissolver, alguns

por brigas internas, outros por necessidade de ganhar dinheiro, visto que a maioria dos jovens envolvidos viviam de trabalhos informais devido a novas responsabilidades ligadas à família e aos filhos. Ou seja, os motivos de jovens não conseguirem seguir carreira artística no hip hop são os mesmos de hoje em dia: falta de incentivo e de profissionalização. Com a falta de empregos e o crescente ingresso dos jovens no mercado informal, os grupos de rap foram perdendo forças e os jovens acabaram por seguir seus caminhos fora do hip hop, mesmo que ainda continuassem a praticar as artes de maneira não profissional. Outro fator que desestabilizou a cena do hip hop em Presidente Prudente, de acordo com Fazanno (ibidem), foi a popularização dessa arte na indústria cultural, que fez com que fossem exigidos maiores padrões de qualidade e de profissionalização do rap e dos artistas envolvidos, o que no Oeste Paulista ainda não era possível pela falta de gravadoras e aparatos tecnológicos necessários para equiparar-se com produções que estavam sendo feitas na capital paulista, por exemplo.

Destacamos que dessa forma, em Presidente Prudente a cultura hip hop começou a ser praticada pela juventude por meio do break-dance. Percebemos isso por meio das falas dos entrevistados, que narram que começaram a dançar com os amigos e ao mesmo tempo praticavam a escrita e o desenho. No caso do DJ Mapa demorou um pouco mais para ele se tornar um DJ, devido à dificuldade em adquirir o equipamento necessário para a execução da técnica dos toca-discos:

[Alexandre] Eu conheci o break mano, eu conheci o break através cara... foi assim: o primeiro contato que eu tive com rap, com o hip hop, foi numa fita cara, que numa novela que chamava *O salvador da pátria*, e naquela novela tinha um rap do Mille Vanile, e aí a primeira vez que eu ouvi aquela batida, que eu ouvi o cara cantar, aconteceu aquela... aquela coisa mágica, né, cara...e aí eu... comecei a gostar daquilo, da dança, da música, mas sabia que aquilo chamava rap, nem hip hop nem nada... e foi aí que eu conheci o Quexim, né, mano, o cara dançava, conheci os cara do hip hop aqui. Já havia uma

cultura hip hop acontecendo aqui, isso no início da década de 90, não vou lembrar bem não. E aí nisso eu conheci o Quexim, né, mano, o Rogério, e aí ele me chamou pra treinar com ele, fi... e aí comecei a treinar lá, comecei a dançar o break, e aí já fui me envolvendo, né, fi... porque assim, a gente ia aprendendo a dançar break nas rodas, que a gente tinha a criatividade, já pegava o lápis, a caneta pra rabis-car e fazia um grafite e fazia uns rap...

[*DJ Mapa*] Bom, eu tinha um pouco de vinil, tinha bem pouquinho... tinha poucas lojas aqui em Prudente, tinha a ProDisk, a Vícios, Discos e Afins, e eu comprava uns vinil lá... o DJ Markinho abriu uma loja aqui também... mas eu comecei mesmo foi no break né mano, comecei na dança e depois conheci todo o aparato de DJ mesmo. Tinha os bailes que era da Cockpit, né, mano, do Guerra lá, o DJ Adriano, o DJ Eudiclei, vários caras que faziam um som bacana lá... e na Cockpit é onde todo mundo se encontrava, né, mano, tanto pra dançar break como pra curtir as músicas e o baile...

Entendemos então que foi por meio da rádio e de outros meios de comunicação que os jovens de Presidente Prudente tiveram contato com a cultura global que é o hip hop. Por meio das músicas a juventude se reunia para treinar os passos do estilo breakdance, formando as crews que tinham como objetivo mandar bem na dança nos bailes, processo bem parecido, porém, com menos pessoas e intensidade, com o que aconteceu em São Paulo, na Rua 24 de Maio, como já comentamos. É notável então que o hip hop não era praticado em Presidente Prudente pela juventude negra e periférica apenas na Cockpit, como nos mostra Alexandre Catanoze. Em diferentes bairros da cidade começaram a surgir grupos de break que chamavam a atenção uns dos outros, formando uma rede de comunicação entre eles:

[*Alexandre*] Pode crê, sim... o break, a prática de dançar o break, deu pros moleque que ali, mano, não tinha... não tinha nada, tava ali, mano... ai viu no break a possibilidade de praticar uma dança,

um esporte, uma cultura, uma arte. Aí a molecada foi chegando, né, mano... querendo fazer, virar salto, e pá. Aí começou, né: “ow surgiu uns moleque no Parque dos Pinheiros que também tão dançando break, voando assim”.... Aí nós ia pro racha, né, mano, e ficava sabendo: “tem os cara do Ana Jacinta, tem os moleque da Cohab”...

[*DJ Mapa*] A gente não só se encontrava na Cockpit, mas também o rolê na Lottus, na Zona Leste lá, a gente treinava na Praça 9 de Julho, a polícia queria barrar pelo pretexto do som alto, né, mano, a galera já aglomerava. A gente fazia também uns eventos de break já, então tinha umas caixas de som ali e pá... eu não era DJ ainda, mas a gente se reunia no centro ali. E aí sofria muito preconceito e repressão pelo som alto, pelo jeito de andar. O povo falava: “Alá os cara é maloqueiro, não sei o que... não mistura não”... muita gente falava, mas não tinha nada a ver. A gente andava colorido, largão, estilo Public Enemy, Run DMC...

Portanto, em cada bairro, em alguma quadrinha ou praça com um chão liso, foram surgindo grupos de jovens que dançavam break, formando então crews que se encontravam nos treinos, eventos de dança ou bailes para realizar o “racha”. Esse racha é uma disputa de dança, em que os grupos diferentes realizavam os melhores passos para superar os adversários, que, geralmente, eram de outro grupo e outro bairro, configurando uma competição, que segundo conversas paralelas com Alexandre Catanoze eram saudáveis, mas às vezes acontecia algum desentendimento devido às disputas acirradas. Além disso, destacamos que o breakdance surge para os jovens de Presidente Prudente como uma alternativa de vida, outra perspectiva em relação à realidade, como vimos na fala de Alexandre, mostrando-nos que assim como no Bronx, em Presidente Prudente, muitos jovens se apoiaram na arte promovida pela cultura hip hop diante das dificuldades que enfrentavam enquanto moradores de periferias empobrecidas.

Outro fato a ressaltar é que o hip hop, especificamente o break, era praticado pelos bairros periféricos da cidade, como a Cohab, o

Ana Jacinta e o Parque dos Pinheiros, citados por Alexandre. Também aconteciam reuniões dos grupos de break na praça central de Presidente Prudente, a Praça 9 de Julho, local de grande visibilidade até os dias de hoje por estar localizada no centro comercial da cidade, bem como em outras danceterias da cidade como diz DJ Mapa. Isso nos mostra que a juventude envolvida com o recém-nascido hip hop prudentino circulava pela cidade, em grupos, buscando a interação com outros grupos que também praticavam e eram adeptos ao hip hop, e encontravam em algum espaço da cidade a possibilidade de se reunir para fazer acontecer. Tudo indica que o principal espaço de promoção dessa união era a Cockpit, sendo o QG¹¹ da juventude do hip hop na época. Ao mesmo tempo, percebemos na fala do DJ Mapa um preconceito sofrido por esses jovens, tanto por parte da população que não conhecia a cultura hip hop quanto por parte das autoridades, que não reconhecem até hoje a manifestação do hip hop como uma cultura legítima e transformadora.

Após o período de formação da cena do hip hop de Presidente Prudente, ou seja, nos anos 1990, pouco sabemos dos fatos que se sucederam. Nos anos 2000, não encontramos nenhum movimento significativo do hip hop que tenha ganhado forte expressão e mobilizado a juventude em prol dessa cultura. É evidente que os artistas que praticavam o break, o rap, a discotecagem e o grafite continuaram a realizar seus trabalhos, assim como Alexandre e DJ Mapa, que seguem até hoje adeptos e praticantes, porém com uma configuração mais dispersa, e acontecem eventos esporádicos e sem muita conexão. Pelo menos não encontramos na literatura nem em conversas realizadas em pesquisa atividades do hip hop com forte expressão local e regional até o seu reaparecimento com grande visibilidade na Batalha do Vale.

Em uma atividade de pesquisa, em conversa informal com um MC que também fez parte da formação da cultura na cidade, mas não quis nos conceder uma entrevista, ele mencionou que era

11 Abreviação de quartel general, que significa um lugar que é “nosso” na linguagem das ruas. Ex.: “Aquela praça é o QG da rapaziada da Batalha do Vale”.

organizada, ao final dos anos 2000, uma batalha de rimas chamada de Rimando com os Tubarões (RTC), promovida por uma crew denominada 018 – no entanto, não temos registros nem relatos formais a respeito desses eventos, a não ser um breve comentário feito por um de nossos colaboradores, fora da entrevista gravada, em que menciona ter participado de uma das últimas edições dessa batalha. Em uma breve pesquisa no Facebook, encontramos um evento chamado Rimando com os Tubarões, que aconteceria na pista de skate do Parque do Povo, em março de 2013, contando com atrações de dança e de rap, mas nos comentários da página percebemos que o evento não aconteceu devido à forte chuva no dia. Em relação a outro evento no Facebook, marcado para outubro de 2013, percebemos pelos comentários da página que o rolê aconteceu, ocorrendo batalha de MCs com premiação e apresentação de artistas locais. Ainda mais um evento encontrado no Facebook relacionado ao RCT estava marcado para julho de 2016, com a descrição começando com as seguintes palavras: “Desde 2012 adormecida, esta batalha volta com força total...”. Esse evento de fato aconteceu, tanto que compareci mesmo sem saber exatamente que se tratava de uma batalha de MCs já antiga, e apreciei o rolê e as rimas. Resgatando minha memória, tenho a lembrança de esse evento ter sido anunciado na Batalha do Vale pelos organizadores, tendo MCs bons e apresentações de artistas importantes da região. Porém, não ocorreram mais edições nem eventos relacionados com a organização da RTC. O que essas aparições nos indicam é que mesmo sem frequência semanal ou uma agenda bem definida, Rimando com os Tubarões aconteceu e faz parte da história do hip hop prudentino, contando com pessoas que buscavam o fazer acontecer.

Depois de algum tempo, em 2014, alguns jovens passaram a organizar um evento chamado Duelo Independente, que promovia shows de artistas da região e também batalhas de MCs (Salvi, 2019). Surgem, então, diversos MCs com a intenção de batalhar no Duelo, fomentando a cena local. Porém, o Duelo Independente não mantinha uma agenda constante, acontecendo esporadicamente, por vezes mensalmente, por vezes bimestralmente, o que não permitia

uma continuidade do envolvimento dos jovens com o movimento hip hop.

Com a necessidade de acontecer com frequência uma atividade que reunisse os artistas ligados ao hip hop, principalmente ao rap, a disposição de alguns jovens fez surgir, em abril de 2015, a Batalha do Vale, que foi uma das primeiras batalhas de MCs que acontecem semanalmente no Oeste Paulista, juntamente com a Batalha do Velho Oeste (BVO) de Assis e a Batalha da Endurb (BDE),¹² realizada na cidade de Marília (ibidem, p.37-8). Ambas também se firmaram no primeiro semestre de 2015, mas entre as três (BDV, BVO e BDE), apenas a Batalha do Vale ainda está na ativa realizando eventos culturais de hip hop.

Segundo Amanda Ferreira Gomes (2019), nesse período ocorreu um forte aumento do número de batalhas de MCs ao longo do estado de São Paulo, motivadas principalmente pelas batalhas que aconteciam na capital paulista, que por meio das redes sociais como Facebook, Instagram e YouTube se conectam umas com as outras, sendo possível um MC acompanhar a trajetória de batalhas que acontecem em outra região do estado e também do Brasil. A Batalha do Vale surge nesse mesmo contexto, e a partir de seu início, o movimento hip hop de Presidente Prudente ganhou novamente grande motivação, conquistando um espaço físico de referência para a juventude adepta ao hip hop, a Praça do Vale.

Atualmente, a cidade de Presidente Prudente conta com diversas batalhas de MCs e coletivos culturais ligados ao hip hop. Podemos mencionar a Batalha da Mônica,¹³ que acontece no palco do Parque do Povo, cujo organizadores e MCs foram e são participantes das atividades da Batalha do Vale, tendo-a como referência em diversos aspectos. Também destacamos o Coletivo Santo Útero,¹⁴ organização de mulheres que promovem na Praça da Geni, no bairro Vila Geni, atividades culturais ligadas ao hip hop, como grafite e batalha

12 Disponível em: <https://www.facebook.com/batalha.daendurb>.

13 Disponível em: <https://www.instagram.com/batalhadamontica/>.

14 Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivosantoutero/>.

de MCs exclusiva para mulheres, entre outras importantes ações comunitárias. Em relação ao Coletivo Santo Útero, é importante ressaltarmos que, segundo Turra Neto e Celina Alves (2022), o coletivo foi criado a partir da necessidade das mulheres que frequentavam a Batalha do Vale de ter um espaço mais democrático e voltado para elas, alegando não se sentirem contempladas com a dinâmica das atividades da Batalha do Vale.

Também acontecem batalhas de MCs sem frequência semanal e sem a organização de um coletivo, como é o caso da Batalha do Cem, que ocorre na Praça do Centenário, no Parque do Povo. Também acontece a Batalha Clandestina, marcada por ocorrer após shows de rap na cidade, com caráter improvisado e na rua, em frente ao local que ocorreu o show. Além das batalhas de MCs, acontece o Slam Quilombo de Dandara,¹⁵ coletivo que promove na Praça da Apea, próxima ao centro de Presidente Prudente, uma batalha de poesia falada, além de recitais de poesias e outras atividades artísticas de grande relevância para a comunidade negra, pobre e periférica (ibidem).

Além dos coletivos destacados que são mais próximos do rap e da poesia, o hip hop de Presidente Prudente se manifesta de diferentes formas. Os grafites são presentes em diversas áreas da cidade, assim como o picho,¹⁶ que fazem parte da paisagem urbana e ressignificam muros e ambientes públicos (figuras 6 e 7), assim como os *b-boys* e *b-girls* que utilizam as quadras públicas e locais adequados para treinar seus movimentos de break. Destacamos que mostramos aqui a tentativa de uma pequena construção da história e da cena da cultura hip hop em Presidente Prudente, com foco nos espaços de encontro e coletivos juvenis ligados a essa cultura, mas o hip hop, por ser uma cultura e um estilo de vida, pode se manifestar de diferentes formas para diferentes grupos. Com isso, esta versão pode ser contestada, da mesma forma recontada e reformulada por futuras investigações, a fim de avançar em trazer a história da formação do hip hop em Presidente Prudente da maneira mais transparente e atualizada possível.

15 Disponível em: <https://www.instagram.com/quilombo.de.dandara/>.

16 Prática de deixar marcas (*tags*) de tinta nos mais diversos espaços da cidade.

Figura 3 – Grafite em muro no Parque do Povo em Presidente Prudente



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 4 – Grafite nas estruturas da pista de skate do Parque do Povo em Presidente Prudente



Fonte: acervo pessoal do autor.

Um pouco sobre as batalhas de MCs

O hip-hop é uma manifestação sociocultural que nasce dentro das contradições do mundo capitalista. Um dos principais “venenos” do capitalismo é o estímulo à competição. A sabedoria do hip-hop foi utilizar de uma forma positiva esse “veneno” que estava levando muitos jovens a morrerem em brigas violentas entre gangues. Assim a competição passou a ser entre as equipes de breaking e graffiti, disputando através de suas artes qual era a melhor equipe. Essas “batalhas” tornaram-se a essência do hip-hop no mundo. Foi o que permitiu o hip-hop se expandir a elevado nível de profissionalismo...

Miranda (2006, p.55)

As batalhas ou duelos de hip hop acontecem em todos os elementos artísticos dessa cultura, como duelos de breakdance, batalha de tag e grafite, competições de discotecagem entre DJs e também a batalha de rima ou de MCs. Por ter ganho maior popularidade, daremos aqui maior atenção para esta última. Nos bailes do Bronx, nos anos 1970, o DJ, que geralmente também era MC, proferia rimas improvisadas ou escritas se referindo a outro DJ ou outro MC, alegando que seu som, suas rimas ou suas festas eram melhores. Essa atitude é chamada de *diss*, uma provocação realizada em tom de brincadeira e competição. Assim como os outros elementos artísticos do hip hop, as *disses*, que existem até hoje,¹⁷ foram desenvolvidas pela juventude como uma alternativa pacífica de disputa de grupos diferentes diante dos conflitos violentos que ocorriam nas ruas dos bairros (Ferreira Gomes, 2019, p.844), promovendo uma disputa por meio da arte, do talento e da dedicação, em vez de guerras violentas entre gangues rivais. Com o passar dos bailes, as *disses* foram

17 Atualmente a *diss* é utilizada para se referir a uma música na qual um artista comenta, positiva ou negativamente, o trabalho de outro artista.

sendo melhor elaboradas, foram surgindo novos MCs e as disputas começaram a incorporar regras, difundindo e consolidando as batalhas de rap como uma modalidade competitiva da cultura.

As batalhas de MCs basicamente são compostas por um mestre de cerimônias¹⁸ (apresentador/a) que faz a mediação entre os MCs que realizam a disputa e o público. O mestre de cerimônias anuncia quem serão os participantes do duelo. Estes últimos se dirigem para o centro da roda de *freestyle*¹⁹ ou para o palco, em que cada MC tem o direito de desenvolver suas rimas em *freestyle* (improviso), numa espécie de “ataque e defesa”. Ao final de cada round, que são três, o público presente vota na rima que considerou melhor desenvolvida por meio da manifestação, ou seja, do barulho. Assim, o MC que receber o maior “barulho” vindo da plateia vence o round, e é necessário vencer dois rounds para ganhar a batalha.

Existem algumas variações no formato da batalha, como o bate e volta, na qual os MCs que batalham rimam várias vezes em um mesmo round. Também existe o estilo clássico, na qual cada MC tem quarenta segundos por round para desenvolver as suas rimas. No início do hip hop, o estilo de batalha que se desenvolveu foi a Batalha de Sangue, aquela em que os MCs “atacam” o outro MC com rimas improvisadas, rimando “um contra o outro”. Também se popularizou a Batalha de Conhecimento, em que o público presente elege uma temática para os MCs desenvolverem seus versos improvisados a cada round. Apesar dos formatos, cada organização de batalha de MCs formula suas próprias regras, tornando o desafio para os MCs ainda maior, visto que rimar em uma batalha pode ser diferente e/ou mais difícil do que em outra. Porém, uma das únicas

18 Apesar de MC ser a abreviação de mestre de cerimônias, como mencionamos, na batalha de MCs o mestre de cerimônias desempenha o papel de animar o evento e promover a interação entre os competidores e o público, de forma bem semelhante aos primeiros MCs no Bronx. Assim, o mestre de cerimônias não necessariamente precisa ser um rapper ou ter a habilidade de desenvolver rimas improvisadas.

19 As rodas de *freestyle*, ou só roda de *free*, acontece quando os rimadores e público se postam em círculo e começam a rimar em sequência. Nas batalhas de rima, os MCs que estão batalhando ficam ao centro da roda de *free*.

regras universais das batalhas é que qualquer duelo de rimas deve se limitar a ter três rounds, não sendo possível a realização de um quarto round mesmo que a critério de desempate.²⁰

No Brasil, não sabemos exatamente qual foi a primeira roda de *freestyle* na qual aconteceu uma batalha de MCs, porém, foi ao final dos anos 1990 e no decorrer dos anos 2000 que essa modalidade foi sendo popularizada entre os adeptos da cultura hip hop. Segundo Ricardo Teperman (2011), uma das primeiras batalhas de MCs de que temos registro foi a Batalha do Real, realizada na Lapa no Rio de Janeiro. Com as influências dos rappers norte-americanos, os MCs do Rio de Janeiro, como Marechal, Negrone, Aori e Funkeiro, entre outros, organizaram em um bar da Lapa uma batalha na qual se cobrava R\$ 1,00 para cada MC se inscrever, dando então o nome de Batalha do Real a esse evento. Ainda segundo Teperman, com a popularização desses eventos pela metrópole do Rio de Janeiro, os MCs começaram a organizar a Liga dos MCs, que consistia em uma grande batalha na qual o vencedor seria “o melhor” MC do Rio (*ibidem*, p.40-1). Em São Paulo, a batalha mais antiga e uma das mais conhecidas é a Batalha do Santa Cruz, realizada em frente à estação de metrô Santa Cruz. Diversos nomes de peso do rap nacional surgiram nela, como Emicida, Síntese, Drik Barbosa, Marcello Gugu e muitos e muitas mais. Outra batalha de grande expressão em São Paulo é a Rinha de MCs, realizada no Grajaú, extremo sul da cidade, inicialmente organizada por MC Criolo e DJ DanDan.

Segundo Amanda Ferreira Gomes (2019), que também é organizadora da Rinha de MCs, a partir de 2010, as batalhas de MCs se tornaram um forte elemento para a cultura hip hop que vinha em desarticulação em nível estadual e nacional. Acontece então uma conexão e comunicação entre as diferentes batalhas de MCs que ocorrem no Brasil por meio das redes sociais, sendo possível um MC disputar a seletiva regional, classificando-se para o estadual, e ainda disputar o Duelo Nacional, cuja etapa final é realizada em

20 Esta é uma observação apreendida em pesquisa de campo, através da participação na organização de batalhas de MCs: “Quarto round não existe”.

Belo Horizonte. No Estado de São Paulo, em 2017, o MC Mamuti idealiza e começa a coordenar o Circuito Paulista de Batalhas de MC (CPBMC), que integra mais de duzentas batalhas de todo o estado (a Batalha do Vale é uma delas), promovendo seletivas no interior do estado que classificam MCs para competirem nas finais estaduais que ocorrem em São Paulo (ibidem, 2019, p.847).

Atualmente, o cenário nacional da cultura hip hop conta com a expressiva visibilidade das batalhas de MCs. Podemos destacar diversas batalhas que acontecem semanalmente em diferentes regiões do estado de São Paulo apenas pesquisando “batalha” nas redes sociais. Podemos assistir batalhas à distância, como é o caso da Batalha da Aldeia, de Barueri, que realiza semanalmente batalhas on-line por meio da TwitchTV. Muitas batalhas de MCs mantêm seus canais no YouTube atualizados, sendo possível uma pessoa acompanhar a trajetória dos MCs de uma batalha sem estar necessariamente na cidade em que a batalha acontece. Portanto, vemos a cena das batalhas de MCs atrair bastante público para o hip hop, sendo uma prática conectada e muitas vezes organizada.

3

NOS TEMPOS DE HOJE: O HIP HOP E AS TRAJETÓRIAS JUVENIS

*Se não fossem os b-boys pra repassar
Seu aprendizado,
Tinhام uns mil a mais por mês
Na lista de procurados...
[...]
Mas se o moleque me ver cafungando
Vai cheirar,
Se ele me vê informado
Vai tentar se informar...*

Eduardo Taddeo, “Manicômio judiciário”

Este capítulo busca reconstruir as trajetórias de vida dos sujeitos desta pesquisa até o encontro com a cultura hip hop e as transformações que daí se desencadearam. Para isso, foram analisadas as entrevistas que realizamos com jovens que fazem parte da Batalha do Vale, tanto os MCs quanto os organizadores, identificando como conheceram o hip hop e as mudanças em suas vidas a partir desse encontro. Nossa intenção é conhecer a relação entre o encontro desses sujeitos com o hip hop e seu engajamento na busca pelo conhecimento e pela evolução social, intelectual e política.

Apesar de termos um roteiro que abarcava a trajetória de vida dos jovens entrevistados, nem sempre obtivemos respostas bem

definidas, pois as situações de entrevista compartilhada com o coletivo e os caminhos que os diálogos seguiram variaram a cada pessoa entrevistada. Alguns se sentiram mais à vontade para falar de suas trajetórias, outros acabaram por não se expor e não demonstrarem interesse em falar sobre isso, o que respeitamos. Mesmo assim é interessante a maneira como os jovens da Batalha do Vale contam suas histórias, sendo importante para este trabalho identificar o contexto social e espacial em que estão inseridos. São diferentes trajetórias e também diferentes formas como esses sujeitos conheceram e adotaram o hip hop como uma cultura e estilo de vida.

Em um primeiro momento, apresentamos as falas dos nossos colaboradores Jimmy e Igor. O primeiro é MC da Batalha do Vale desde a primeira edição, é considerado da família Batalha do Vale pelos membros e colaboradores do Coletivo, mesmo ficando períodos sem ir à praça rimar devido a outros compromissos. É morador do bairro Tabajara, na Zona Norte de Presidente Prudente. O segundo colaborador, Igor, é MC, organizador e ceo¹ da Batalha do Vale, é o membro mais antigo do Coletivo, atua como produtor cultural e também é o mestre de cerimônias da Batalha do Vale. Ambos já se conheciam antes da BDV por meio dos rolês nas ruas e do skate e percebemos aqui que os dois entrevistados destacaram em sua primeira fala da entrevista que tinham uma vivência *underground*, ou seja, voltada para a cultura de rua, esportes praticados nas ruas e atividades que são feitas majoritariamente fora de casa:

[Jimmy] Eu sou o Abmmael, entendeu? Vulgo Jimmy, vulgo Mantega, só esses dois... 25 anos e é isso aí, mano, entendeu? Venho aí de muita caminhada, nos estudos, tipo, eu nem sei por onde começar mas vou tentar explicar pra vocês... é... atualmente eu sou estudante de pedagogia, né, mano... tô cursando aí o último período da faculdade, né? Entrei na faculdade por influência, influência não,

1 A sigla é derivada de *chief executive officer*, que significa diretor executivo no ramo empresarial. É utilizado popularmente entre os coletivos culturais para indicar um líder, como no caso de Igor em relação à Batalha do Vale.

por assistência, né, de algumas pessoas... deu certo, estou aqui, me formo no próximo mês agora... e a pedagogia tem auxiliado muito com a minha vivência de rua, né? Que eu consegui assimilar, entre a educação e a vivência que eu tive, né? Que a vivência que eu tive foi a milhão, foi *underground*, não foi algo fácil não, é... sempre curti o rolê *underground*, quem me conhece sabe aí, que sempre curti o rolê mais *underground*, mais no meio do povo assim, né? Que eu me lembro assim lá no São Matheus, que a gente colava muito, que lá foi, pra mim, no meu ponto de vista, o ponto inicial de onde tudo começou, amizades, ideias de eventos, e a gente era tudo molecada, molecada no sentido... nós éramos muito jovens, né, mano? E as nossas ideias ainda eram muito novas, e com o tempo a gente foi conversando, eu, o Igão, a rapaziada, as ideias foram crescendo, amadurecendo, né? [...] Então... tive banda, várias bandas... tenho ainda, né? Sempre nesse estilo de *death metal*, eu curto muito esse estilo que é o *horrorcore*, né? [...] No ano, mano... de 2012... 2010... 2009... a banda acabou em 2013, mano, e em 2010 a gente já tava no corre de tocar, nesse pique de ir pras *gigs*,² conhecer outras galeras, galera de Araçatuba, galera de várias cidades, vários rolês várias culturas, por mais que fosse aqui na região era outro rolê, eram outras galeras... e a gente saía da nossa zona de conforto, né, mano... e partindo disso, mano, eu posso dizer que tudo agregou, o *death metal*, o punk, o *underground*, entendeu? [...] Eu toco guitarra, violão e um pouco de bateria. Quando eu morava lá no Humberto Salvador lá, que eu andava de skate também, né? Nessa história toda, andava de skate... 12 anos de skate, morava no Humberto lá, via a molecada lá partindo pros caminhos pás... e eu fiquei querendo fazer algo, né, mano, e aí que eu comecei a fazer o projeto lá de ensinar a molecadinha a andar de skate... e foi um projeto que deu um pouco certo, né, mano, não comigo, que eu tive meus compromissos, mas outras galeras continuaram, uma galera, teve vários...

2 Festas organizadas e frequentadas exclusivamente por pessoas ligadas ao movimento punk, com apresentação de bandas, oficinas e rodas de conversa (Coelho, 2019).

[Igor] Salve, salve, aqui na voz Igor Enrique Santos Silva, com o pseudônimo de O Rejeitado, na minha vertente no rap é Afro-Rudeboy... sou natural de Belo Horizonte, em Minas Gerais, tô com 25. Presidente Prudente, Oeste Paulista, conheci a cidade em 2002, 2003, acabei vindo pra cá por causa da transferência do meu pai, por causa do trabalho dele... ele trabalha numa empresa, trabalhava, aposentou agora... e por causa dessa empresa eu, meus irmãos, minha mãe e meu pai viemos parar aqui, na capital do Oeste Paulista. [...] E aqui foi onde eu cresci, conquistei amizades, criei laços, alguns passageiros e alguns até hoje, alguns surgiram com o tempo, na infância, juventude e começo da vida adulta... estudei aqui, o pré, ensino fundamental e ensino médio... também, tem o lado da Igreja assim, o lado cristão, participei da igreja católica em Prudente ativamente, sou crismado, batizado, primeira comunhão, fiz acampamento, trabalhei em acampamento, meti o pé do bagulho... [risada alta]. É... dizem que não tem racismo na Igreja, mas tem brincadeiras racistas... enquanto eu tava na igreja eu não estava enxergando isso, mano, aí eu comecei a saturar e falei: “Quer saber mano? Vou meter o pé disso aqui”... [silêncio longo] Não é minha vertente, tá ligado? Não é minha fita... Eu sempre gostei de estar na rua, tá com o pessoal *underground*, e depois que eu saí da igreja isso clareou mais ainda, mano, eu comecei a estar mais na rua, mas não só, eu passei a estar mais ativamente na rua...

Essas falas foram ditas após os entrevistados serem indagados sobre sua trajetória de vida. É interessante como ambos destacaram em sua primeira fala na entrevista que eles tiveram e ainda tem uma vivência *underground*, mostrando que é algo que fortalece suas identidades. Jimmy comenta ter participado toda sua adolescência de bandas punk e de *death metal*, indicando que pertencia a culturas juvenis que proporcionam experiências produtivas e formativas, como viajar pelas cidades do Oeste Paulista para tocar na banda e conhecer pessoas de outros lugares.

Além disso, Jimmy também destaca que começou um projeto social com crianças por meio do skate no bairro Humberto Salvador,

na Zona Norte de Presidente Prudente, mostrando que em sua trajetória, de alguma forma ele esteve relacionado a movimentos de rua que têm como pauta a melhoria e a conscientização das pessoas moradoras de periferias empobrecidas da cidade por meio do movimento punk e do skate, ambos muito relacionados politicamente entre si e também com o hip hop (Brandão; Machado, 2021).

Igor por sua vez se apresenta como um jovem que veio a Presidente Prudente mudando com sua família, destacando que teve uma passagem marcante e não tão curta pela igreja, participando de diferentes atividades que são planejadas e oferecidas para os jovens dentro do catolicismo. Percebemos que o destaque em sua relação com a igreja logo no início da entrevista também indica que fez parte da formação de sua identidade, porém isso se fortalece mais na ruptura com as atividades religiosas do que com o período em que participava ativamente, pois Igor comenta que após sair da igreja se sentiu mais à vontade e livre, frequentando mais os espaços de cultura de rua e estando com pessoas que, provavelmente, eram diferentes das pessoas com quem passava seu tempo na igreja.

Talvez essa ruptura seja importante para a trajetória desse jovem: posteriormente, Igor seria o principal organizador e idealizador de um projeto de cultura de rua como a Batalha do Vale, que possivelmente a vivência no hip hop fosse contrária a alguns dos valores praticados e aprendidos com as vivências que tivera até aquele momento. De qualquer forma, em sua trajetória de vida Igor destacou sua presença em espaços religiosos, diferentemente de Jimmy, que destacou a vivência dentro do punk rock e do skate: ambos estavam ligados a culturas *undergrounds*, mas cada um do seu jeito e a partir da realidade que vivia.

A seguir trataremos as respostas de outros dois colaboradores de nossa pesquisa sobre as suas trajetórias de vida: Denner Diego e Vinícius Oliveira. Denner é morador de Álvares Machado, cidade pequena próxima a Presidente Prudente, é MC da Batalha do Vale de longa data e esteve presente na maioria das edições da BDV batalhando e se apresentando. Vinícius de Oliveira, conhecido no Coletivo como Vinição, morador do Bairro Vila Marcondes, na Zona

Leste da cidade, é organizador da BDV e atua no setor de finanças do Coletivo, gerenciando os orçamentos de projetos e os gastos com eventos. Os dois colaboradores foram criados em cidades pequenas: Denner é morador até hoje e Vinícius se mudou para Presidente Prudente para trabalhar alguns anos atrás. Percebemos que nenhum deles exaltou ter tido uma vivência *underground* ou relacionada a movimentos culturais de rua:

[Denner] Tenho 27 anos pá, meu nome é Denner, Denner Diego Delfino de Souza, moro em Machado... a história do meu nome é muito doida, porque Denner foi jogador da Portuguesa, minha mãe achava esse nome muito bonito, tá ligado? Nem minha avó e nem meu pai conseguia falar Denner, aí minha mãe falou: “Não... o nome dele vai ser Denner”. E aí meu pai ele não gostava do Pelé, não gostava do Pelé. Aí ele pegou e falou: “Ah, coloca o nome dele de Diego, já colocou o nome dele de jogador de futebol, vamos colocar o que eu acho que é melhor que o Pelé...” E aí ele pegou e foi lá e colocou o nome de Diego por causa do Maradona, aí meu nome ficou Denner Diego, né? Aí já vem com o nome de craque de dentro, né, aí, já vem com o nome... Eu nasci em Prudente, né, sou prudentino, nasci no hospital Iamada e tal... só que eu nasci lá mas sempre fui criado aqui, então para mim eu falo, bato no peito que eu sou machadense. Sou daqui, tenho a mania daqui, eu sou vileiro de Machado mesmo, então tipo como? Gosto de tá no bar, jogando uma sinuquinha, tomando uma, tomando aquele rabo de galo da hora, tá ligado?

[Vinícius Oliveira] Meu nome é Vinícius Oliveira, hoje eu estou com 25 anos, eu nasci na cidade de Santa Bárbara D'Oeste, eu fui nascido e criado naquela região ali, com... uma parte da minha vida, dos 6 aos 10, eu fiquei em Ouro Verde, com 11 anos eu volto lá pra região de Sorocaba, e aí eu fiquei ali naquelas cidades ali, minha família mudou muito, isso é outra parada ruim... então eu morei ali numas quatro cidades da região: Tietê, Salto de Pirapora, Sorocaba e Boituva...[...] Aí eu volto pra Ouro Verde já com 18 anos, 17 pra 18 anos, terminei o terceiro colegial em Ouro Verde... e é isso...[...] Eu

tive... eu fui criado em uma família cristã tradicional, de quando eu nasci até os 13, 14 anos, fui criado com base nas regras da igreja tradicional, sem TV... sem nenhum contato com qualquer tipo de arte ou música que não fosse da igreja, era uma igreja pentecostal bem tradicional, minha família seguia bem ao pé da risca...

Denner destaca sua vivência em cidade pequena, dizendo fazerem parte de sua identidade as práticas cotidianas das pessoas que moram em cidades pequenas, como conhecer todos da vila e frequentar o boteco do bairro com suas amizades para jogar sinuca. Vinícius também destacou vivência em pequenas cidades, migrando entre algumas delas até se fixar em Ouro Verde, cidade no Oeste Paulista a aproximadamente cem quilômetros de Presidente Prudente. Além disso, Vinícius comenta a respeito de sua forte relação com a igreja pentecostal quando criança e pré-adolescente, dizendo não ter contato direto com nenhuma manifestação cultural que não fosse relacionada a sua religião.

Apesar de Igor ter mencionado um período em que frequentava a igreja, também deixa claro que buscava e gostava mais de estar em atividades que acontecem nas ruas, junto com pessoas que também estão nesse meio, diferentemente de Vinícius que diz não ter tido acesso às culturas de rua antes dos 14 anos. Talvez Igor e Jimmy tenham tido acesso às culturas juvenis que atuam na cidade justamente por estarem em uma cidade média em que acontecem mais manifestações culturais ligadas a movimentos de rua, oferecendo então a esses jovens uma maior possibilidade de conhecer e se envolver. Ao mesmo tempo, pensamos que Vinícius e Denner não mencionaram em um primeiro momento vivências nesse sentido por terem crescido em cidades pequenas, tendo um cotidiano mais pacato e voltado à igreja e aos amigos da cidade, com menos recursos culturais disponíveis. Isso não quer dizer que não existiam nem existem punks, skatistas e rappers em Álvares Machado e Ouro Verde, mas que provavelmente os jovens que praticam essas atividades culturais acabavam e acabam por se deslocar até Presidente Prudente

para reunir-se com grupos maiores de pessoas que compartilham dessa mesma cultura, assim como fazem nossos dois colaboradores:

[*Vinícius Oliveira*] Quando eu mudei ali pra Ouro Verde não tinha a cultura hip hop, ali não tem hip hop, então a minha cultura hip hop era minha vivência do meu dia. Eu falo isso, eu vivi o hip hop do jeito que eu adaptei ele pra mim, da minha maneira, da minha concepção do hip hop, pra cada pessoa vai ser uma, pro mano lá do skate vai ser outras ideias o hip hop...

Mesmo com trajetórias de vida distintas, todos os quatro entrevistados partilham o fato de ter conhecido de alguma forma a cultura hip hop e seguimos com trechos de suas falas que nos mostram de que maneira isso aconteceu. Os quatro entrevistados nos disseram ter conhecido a cultura hip hop por meio do contato com a música rap. Os MCs Denner e Jimmy contaram que conheciam o hip hop desde quando eram crianças, por meio de familiares mais velhos que ouviam rap no cotidiano ou em festas de família:

[*Denner*] E eu conheci o rap, o hip hop assim, né? Conheci o hip hop pelo meu irmão... acho que o primeiro relapso que eu tenho mesmo assim, só que eu nem sabia que aquilo ali era rap, tá ligado? O meu irmão comprou um DVD de batalha da Red Bull, mano, que o campeão foi o Lilu, tá ligado? O primeiro relapso memo que eu tenho assim, foi essa parada que eu falei: “porra mano...oia lá os cara fazendo várias piruetas, várias coisas doida, tá ligado?” Tipo... quando eu conheci essa parada do Red Bull, esse bagulho do Lilu pá, eu ouvia aquele bagulho e meu irmão falava: “Isso aí é black, é black black music isso aí...”, e tipo, a black music é muito grande, né, mano... aí se não falar sobre black music vem o R&B, vem o rap, *soul*, *blues*, *reggaeton*, tudo isso é black music, então tipo, eu não sabia que aquilo que os cara dançava era o rap...e aí, meu irmão, chegou um certo momento que meu irmão chegou com... começou a ouvir Racionais... meu irmão tem 11 anos de diferença de mim... aí ele começou ouvir Racionais, só que a gente não ouvia

muito Racionais em casa porque minha mãe não gostava tanto assim do linguajar... mas nós sempre dava um jeito de ouvir... aí quando meu irmão entrou na... quando ele entrou mesmo na adolescência, que ele embicou mesmo na adolescência ele comprou um DVD do Espaço Rap... aí aquele DVD a gente decorou mesmo, de cabo a rabo, ele começava com “Ao cubo” e terminava com “Rappin Hood”... [...] Mas eu ainda não sabia que aquilo ali era rap... ouvir aquilo ali era um bagulho muito louco... era black music e pá... só que eu já conhecia black music, já conhecia 50cent, ouvia Eminem, Dr. Dree, e sempre meu irmão falava que era black... até que um certo dia, eu... fui estudar no colégio agrícola, e lá eu conheci o Tinvi [Vitin], um mano que corre comigo até hoje, nois fez um grupo de rap também, “4 e 19” mais para frente... mas foi quando eu conheci o Tinvi, mano, que ele pegou e ele falou para mim: “Pô, cê faz poema pá e pum, cê já pensou em fazer um rap?” e eu falei pra ele: “Pô, mano, nem sei o que é rap..” aí tipo: “Cê nunca ouviu Sabotage, rap é compromisso?”, aí eu: “Mano... nunca ouvi falar mano...” Tã ligado, Salvi?... “Então amanhã eu vou trazer pra você...” Aí ele me trouxe, na época era mp3, aí ele baixou o CD do Sabotage, colocou o rap é compromisso e uma luz e nunca irá se apagar... Aí eu levei as pilha, na época os mp3 era de pilha... aí ele pegou e me mostrou, tá ligado? “Aí isso aqui é o rap, cê nunca ouviu Racionais?” Aí ele começou a mostrar várias músicas, aí eu falei: “Pô, mas isso aqui eu já ouvi mano...” Aí ele falou: “Ou truta, isso daqui é rap, como que você nunca ouviu?” Aí eu falei: “Então tá... então vai falar que o 50cent que eu escuto lá, que meu irmão falava que era black music, é rap também?” Ele: “É pô, é rap norte-americano...” Aí foi aonde o bagulho fez tipo... *pufffff*, estourou minha mente...

[Jimmy] A cultura hip hop já estava inserida desde pequeno, desde pequeno... é que eu não tinha noção, principalmente o rap, na minha família quando rolava festa... rolava Racionais, rolava os rap das antigas, então já estava no meu contexto mas eu não sabia o que era [...]. Eu sempre curti um rap, muito... igual todo moleque de quebrada, curtia meu Racionais, tinha meu hino, todo mundo tem seu

hino, curtia Sabotage, Rzo, tá ligado? MV Bill, nossa, mano, inúmeros... mas eu nunca fui tão...como eu posso dizer, tão ficcionado no rap, eu curtia mas eu nunca parava pra prestar atenção mesmo... eu curtia mesmo, eu sempre curti um metal, né, mano? Um *death metal*... e eu pensava: “Caramba mano eu curto um metal e curto um rap” e assimilei os dois, mano... e depois de um tempo eu passei, assim, um grupo que me influenciou bastante aí, os cara que me conhece aí sabe, foi o Facção Central, mano, as letras assim que... tá ligado? Me fizeram pensar, raciocinar, e a partir disso pra vocês verem o poder que a música tem, o poder que o cara que tá com o microfone tem de mudar a vida das pessoas, porque a partir disso eu comecei a estudar, eu comecei a estudar as letras, buscar o que eu estava ouvindo, o que tava falando... e tudo isso veio a questão de rimar, de cantar, eu lembro que comecei a cantar...

Apesar de terem acessado o rap desde bem jovens, ambos os MCs dizem que não entendiam nem assimilavam as letras que ouviam com a sua vivência e realidade. Denner nos conta que por meio das músicas de seu irmão ouvia rap desde criança, mas não sabia identificar aquela música como um elemento da cultura hip hop. Foi no encontro com um novo amigo que lhe foi apresentada a informação de que a música que ele sempre ouviu era o rap e que os poemas que ele escrevia eram similares à estrutura das letras de rap (Denner menciona discretamente que já escrevia nessa etapa de sua vida), o que ressignificou o sentido das músicas e dos poemas, provocando uma reflexão que transformou o modo de pensar de Denner como se uma luz se acendesse em seus pensamentos, entendendo que as músicas, as batalhas e as danças que assistia em DVD eram elementos de uma cultura que muito tinha que ver com sua vida.

O mesmo acontece com Jimmy, que nos revela que pertencia a outras culturas juvenis e preferia até ouvir gêneros musicais relacionados com outras culturas, não dedicando tanta atenção para as letras e mensagens dos raps. Jimmy já demonstra ter consciência social e política devido a seu contato com o punk, e depois de conhecer e acompanhar as músicas de um grupo de rap que tem forte

expressão crítica passou a buscar saber mais sobre as letras, desperdiçando a vontade de cantar, rimar, escrever e também estudar. Isso mostra, como Jimmy mesmo destaca, a importância do conteúdo das músicas que o rap expõe para a juventude, influenciando um jovem a ser MC, a ter voz ativa e, principalmente, a refletir sobre a sua vida.

Os organizadores da Batalha do Vale, Igor e Vinícius, por outro lado, não expõem em suas falas que tenham tido contato com o hip hop desde pequenos ou em casa por meio de familiares. Ambos mencionam ter conhecido o rap já na adolescência, o que podemos relacionar com as suas passagens pela igreja:

[Igor] Quando eu andava de skate eu comecei a ouvir rap: Criolo, Hashid, Emicida, saía de noite pra andar de skate e ouvia...[...] Mano eu não estava contente, satisfeito, satisfeito eu não tava, nem com a escola e nem com o trampo... aí eu comecei a procurar informação por outros meios que não fossem os meios da escola, que não fosse estar em uma sala de aula e abrir o livro e obter aquele conhecimento... comecei a ouvir muito rap mesmo, tá ligado? Aí foi a chave, a chave da vivência que foi ter conhecido esse livro aqui ó... [Igor mostra o livro *A guerra não declarada na visão de um favelado*]³ [...] Ele é um livro que me passou muito conhecimento quando eu parei de ir pra escola, quando eu parei de ir pra escola e aí eu comecei a ler e pensar em fazer uma faculdade, antes eu não queria fazer cursinho, não queria parar pra vestibular, mas agora (depois de ouvir rap e ler o livro) eu já pensava em fazer faculdade...

[Vinícius Oliveira] Com 14 anos em diante é meu contato com o rap, eu ouvia muito Racionais, eu ouvia uns rap da época que era muito pesado, coisas do Kaskão, Sabotage... e comecei a ouvir ali com 14 anos mais como revolta mesmo, revolta de jovem, revolta, revolta mesmo, umas letras pesadas... Com 14 anos eu conheço o rap, com

3 Livro lançado pelo rapper Carlos Eduardo Taddeo em 2012 que traz ensaios sobre a realidade da população brasileira mais vulnerável à exclusão e a injustiças.

15 anos eu conheço o teatro, me envolvi com teatro, dos 15 aos 17, quase dois anos... [...] e aí teve uma vez que a professora pediu pra gente levar algum tipo de dança que ela ia colocar na peça. Aí eu levei o hip hop, o breakdance, por causa do Criolo e pá, e aí foi... dali em diante, puf mano [silêncio]... Eu entendi, eu assimilei tudo, eu falei: “Putá que pariu, não vou ser mais o cusão na escola, mano, não é isso...” Eu entendi que eu era o jovem que era cantado na música, na minha realidade, tipo... não tinha futuro, Brunão, um cara sem futuro, sem perspectiva mano...

Igor comenta ter começado a ouvir rap em período de sua vida que andava de skate, o que segundo ele aumentou em frequência após ter deixado de comparecer à igreja. Ao mesmo tempo, conta que não estava satisfeito com os estudos nem com o trabalho, chegando a deixar de ir na escola. Porém, por meio do rap Igor recebeu informações positivas, que o instigaram a saber mais e começar a buscar por conhecimento por outros meios que não apenas a escola, mas também nas letras de raps e chegando a se debruçar sobre livros; ele destaca um por ter sido uma leitura que mudou a sua vida. Segundo sua fala, podemos dizer que Igor começou a gostar de estudar após ter abandonado a escola. Portanto, o despertar de sua curiosidade aconteceu pela sua vivência nas culturas de rua, como o skate, o rap e a literatura, direcionando sua trajetória de vida novamente para os estudos como discutiremos mais adiante.

Já nosso colaborador Vinícius nos conta que ao conhecer o rap tinha um gosto por letras pesadas, citando alguns artistas que cantam músicas com temáticas relacionadas a desigualdade, criminalidade e violência, mas que para ele não serviam de incentivo para ações positivas e sim para alimentar a revolta perante as próprias injustiças sofridas. Segundo Vinícius, ter começado a frequentar aulas de teatro proporcionou-lhe conhecer a cultura hip hop de outra maneira, provocando uma reflexão a respeito de suas atitudes na escola, passando a correlacionar as letras das músicas com sua realidade de uma forma positiva, resgatando sua autoestima e criando perspectiva de vida e de futuro.

Ambos reconheceram no rap algo que falava sobre o que estavam sentindo e vivendo naquele momento de suas vidas e que não estava sendo traduzido pelos saberes escolares; por isso, a identificação foi imediata. Ao mesmo tempo o rap falava-lhes da sua condição, viam-se representados nas letras, e o rap poderia ser também acionado para eles próprios expressarem sua rebeldia, suas rupturas com os universos culturais em que haviam sido socializados até então, com as tensões daí decorrentes. Para eles, a escola foi importante espaço de descoberta do rap, não tanto nas aulas, mas nos espaços e tempos extras, nas quadras, na peça de teatro, entre amigos, nas práticas de sociabilidade, o que evidencia quantos processos educativos estão acontecendo no universo escolar, para além daqueles formais da sala de aula. Ao mesmo tempo, Denner e Jimmy indicam que a socialização na cultura hip hop vem de uma trajetória que começa na infância, seguindo num caminho já trilhado por membros mais velhos da família, de modo que a adesão à cultura não se deu como ruptura, mas sim como continuidade.

Segundo os trechos das entrevistas que destacamos até agora podemos notar que as trajetórias de vida dos sujeitos são distintas e múltiplas, em diferentes lugares e com diferentes experiências. Porém, algumas semelhanças evidenciam-se: além do fato de os quatro serem negros e a cultura hip hop ser historicamente direcionada a eles, percebemos que todos os entrevistados, ao responderem como conheceram o hip hop, já relacionam diretamente esse encontro com alguma mudança positiva em sua vida. Denner e Vinícius usaram a mesma expressão, “puff”, para mencionar a transformação que ocorreu repentinamente em suas mentes quando associaram o hip hop com suas vidas. É como se algo comesse a fazer sentido e a partir de então as coisas foram diferentes. Jimmy e Igor falam de o encontro com o movimento hip hop estar diretamente relacionado com o interesse pelos estudos. Isso nos indica o quanto foi importante para esses sujeitos ter conhecido o hip hop, mudando não só a forma como pensam e se relacionam, mas também alterando as suas trajetórias de vida.

Assim percebemos que esses jovens passam a ter referências do hip hop primeiramente culturais/musicais, pelo rap especificamente, mas não necessariamente assimilaram a mensagem do som com suas vidas. Posteriormente, passam a ter as referências ideológicas do hip hop e inicia-se um processo de reflexão e consequentemente de posicionamento diante da realidade social e espacial em que estão inseridos.

Ao refletirem a respeito de suas vidas, esses jovens passam a entender o contexto em que vivem de uma perspectiva positiva e mutável, visto que jovens negros e moradores de periferias empobrecidas são, na maioria das vezes, associados a fenômenos negativos da sociedade como sofrimento, criminalidade, ilegalidade e trabalhos informais, entre outras associações que acabam por deixar os próprios jovens desmotivados e acreditando nessa narrativa, diminuindo a autoestima e a expectativa de tramar projetos ambiciosos de futuro (Abramo, 1997; D'Andrea, 2013). Por meio do hip hop, ser negro e morador de bairro periférico passa a ser uma referência identitária na vida dos jovens, sendo o próprio cotidiano temática de músicas que utilizam a mesma linguagem falada nos bairros, com diversas narrativas positivas e mensagens que contribuem não só para a reflexão, mas também para ações desses jovens diante da realidade.

Também perguntamos aos nossos colaboradores especificamente sobre as mudanças que aconteceram em suas vidas após aderirem ao hip hop. As respostas dão continuidade ao que nos disseram a respeito do encontro de suas trajetórias com a cultura, e percebemos que as falas afirmam a formação de sujeitos periféricos (D'Andrea, 2013) conscientes de seu contexto socioespacial. Percebemos então que, de fato, o encontro desses jovens com o hip hop acarretou mudanças significativas em suas trajetórias de vida pela assimilação da proposta do hip hop enquanto movimento político direcionado historicamente a jovens e pessoas em condições semelhantes às suas:

[Jimmy] Cara, olha... uma mudança assim que o hip hop causou, o rap em si falando, foi a mudança do pensamento... quando eu

comecei a prestar atenção nas letras, principalmente nas letras do Sabotage, Rzo, aquela música lá: “é eu sei...”, tá ligado? Pensava muito naquela letra, por que as histórias que os caras contavam no rap era muito parecida com a nossa história, com história de luta, de sofrimento, que a gente tem que batalhar pra chegar onde quer... e a gente se identificava e queria trocar ideia com alguém e não tinha ninguém pra dar um conselho, e quem dava o conselho? O rap mano... as músicas... sozinho de fone, as músicas que tocava no fone voltando sozinho pra casa da pista de skate, colocava um rap e ouvia as mensagens... foi a partir disso que eu acredito que o amadurecimento mental foi evoluindo e eu não parei mais, não parei mais... foi nesse ponto, dentro de tudo isso, que eu falei: “Não! Vou englobar, vou englobar tudo isso... (englobar a vivência no skate, no rock e no rap com os estudos)”.

[Igor] Meio que eu já falei, mas tem uma parada dessa época (em que começou a andar de skate e ouvir rap) que eu curtia ficar debatendo, eu colava na pistinha de skate do São Matheus, e tava eu, o Mantega (Jimmy), e colo uma mina lá com uma ideia de coxinha,⁴ e o Mantega punk já lançou as paradas do capitalismo, tá ligado, mano? Falando sobre o universo. O Mantega debatendo e eu entrando nos debate, mas eu não tinha muito embasamento, mano, não tinha argumento pra essas conversas, aí eu me baseava tudo nos rap, mano, o rap que falou pra mim tipo: “Mano, você tem que estudar”. Eu comecei a tomar enquadro e não sabia o que falar pros caras, mano. Eu queria tomar enquadro e não ficar chamando ninguém de senhor. [silêncio] Eu queria estudar, mano, eu percebi que pra bater de frente com essas pessoas tinha que estudar, tinha que fazer meu corre, obter conhecimento, ler livros... voltei e continuei o supletivo... as pessoas fazem o supletivo rapidão, e eu demorei pra fazer meu supletivo, fiz na calma.... fiz meu vestibular, eu pensava em fazer Filosofia, mas em Prudente não tem Filosofia. Aí eu tinha meus parceiros da Geografia e perguntava: “E aí, a Geografia é como, pá, pá, pá?”. E aí

4 Pessoa com ideologia inclinada para o conservadorismo.

os caras falavam que tinha matemática em qual memo? Estatística? [...] Eu não vou fazer conta, mano, pensei... Aí eu falei: “Viiiish não vou fazer, não quero saber de Estatística...”. Fui fazer História... Fiz História um ano e meio, movido pelo hip hop mano.

A identificação de Jimmy com as letras, às quais começou a prestar mais atenção, fez com que o rap passasse a significar um diálogo consigo mesmo, um tipo de conselho que não conseguiu ser transmitido de nenhuma outra forma, que culmina no “amadurecimento mental” como ele mesmo diz. Esse amadurecimento é fruto da reflexão de Jimmy a respeito de sua realidade, e o hip hop, além de provocar essa reflexão, também contribui para os jovens encontrarem estratégias para canalizar a sua “revolta” por meio dos estudos, da busca pelo conhecimento a respeito de como tudo funciona e como é possível melhorar de vida no meio disso tudo. Podemos relacionar a mesma coisa com as mudanças na vida de Igor, que após se atentar ao rap, começou a entender e a participar mais dos debates que aconteciam na pista de skate, a buscar informações mais profundas a respeito das dinâmicas da sociedade, a refletir a respeito das abordagens policiais que sofria, encontrando na volta para os estudos uma maneira de superação, acessando a universidade e transformando a trajetória de vida de um jovem negro, morador de periferia que abandonou a escola na de um jovem universitário, consciente da dinâmica social que torna o seu caminho até os estudos mais árduo do que o de outras pessoas e faz disso uma motivação.

É notável que um dos pontos principais das reflexões provocadas pelo hip hop é a respeito do racismo. Para os jovens que entrevistamos essa é uma questão muito superior que vem antes de tudo, em todos os processos de mudança de trajetórias de vida que trouxemos até agora está enraizada, mas nas falas que destacamos de Denner e Vinícius essa reflexão fica mais evidente:

[Denner] Eu acho que eu, primeiramente, como negro retinto, né, mano, acho que fez eu perceber, primeiramente assim, me fez perceber o meu lugar como civil, tá ligado? O rap me fez sentir um

civil, real assim, tipo... o rap me fez sentir, de fato assim, tem aquele artigo primeiro,⁵ não tem? Que todo mundo tem o direito de ir e vir? Então... o rap me faz me sentir nesse direito aí, tá ligado? Eu acho que depois que eu conheci o rap... eu não me sentia assim, não só de conhecer o rap, mas de entender o hip hop em si, acho que quando eu conheci o hip hop que eu entendi essa parada do artigo número 1... que até então eu achava que eu entendia, mas aí tinha aquela parada que nós fica brincando sobre a síndrome do Carlton Banks,⁶ tá ligado? Porque eu achava que eu era pá, falando: “Não! Mas eu sou preto, não! Mas eu sou preto...”. Mas nessa achando o Roberto Carlos melhor que o Tim Maia, tá ligado?... Nunca, mano, nunca vai ser... não por questão pá, mas a gente é condicionado a pensar dessa forma, a gente é condicionado desde cedo a se perguntar: o que que tem de errado com você? Sendo que a única coisa que você tem diferente das outras pessoas, e que o sistema quer que seja demonstrado que seja diferente é que você tem a cor diferente da outra pessoa, mano? [silêncio] E de certa forma você se sente mais pra baixo... e aí o hip hop me mostrou mesmo, mano, me mostrou a cultura tá ligado? Uma cultura afrodescendente muito forte falando: “pô, mano, cê tem o direito de ir e vir também carai, cê é um pretão da hora...”.

[Vinícius Oliveira] Eu entrei no teatro, e no teatro eu tive contato com o hip hop e pensei tipo, mano: “não, mano, eu não quero ser esse cara véi...” e daí em diante, Brunão, eu virei o cara que era amigo de tudo as professora, tá ligado? Virei o cara que aprende a aprender, essa foi uma fase da minha vida muito importante, eu falo isso pros caras, o rap, o hip hop me ensinou a aprender, tá ligado? A assimilar as paradas. A assimilar uma letra, uma informação com a minha vivência, mas assimilar de uma maneira boa, tá ligado? Tipo pô, se o cara tá cantando de alguma dificuldade que eu tô passando

5 Denner se refere ao artigo 1º da Constituição Federal de 1988.

6 Carlton Banks é um personagem fictício do seriado *Um maluco no pedaço* que é negro, mas por ser rico e privilegiado não acredita que exista racismo.

ali no rap, então ele também tá cantando sobre a superação, sobre a perseverança de lutar na dificuldade, e foi aí que eu entrei de cabeça no rap mesmo [...]. Então eu conheci ali, né, mano? Eu conhecia a cultura hip hop mas eu não falo que eu sou um cara que... tipo, o hip hop é uma cultura de rua, né, mano, mas eu nunca fui um cara muito rua, eu ficava muito em casa e quando eu saía, eu saía pra caçar confusão e tal... Eu era um cara que não tinha amizades, eu só tinha amigo que queria fazer a mesma parada que eu: sair e caçar confusão. Depooooois... depois que eu conheci e aderi ao hip hop, que conheci e entendi o fundamento, tá ligado? O fundamento dele, isso se difunde na minha vida e eu começo a me relacionar com as pessoas de outra maneira, tá ligado? Mudou meu relacionamento com outras pessoas... então eu falo que não só educa intelectualmente, mas também educa socialmente mano. Eu particularmente acho que o hip hop me educou mais socialmente do que intelectualmente, tá ligado? O hip hop me ensinou muito disso, de lidar com as pessoas, de ser um cara mais flexível, de aprender a criar amizades, eu era o cara que não andava de skate mas eu tava todo dia lá na pista, tava lá na pista vendo os caras dar um rolê de *board*, tinha amizade com os cara do *board*.

Dali em diante foi isso, essa minha parte mais jovem da vida foi muito pautada em rap, então eu ouvia muito rap de letra pesada e trazia para a minha vivência [...]. Pra mim foi tipo uma vivencia que me educou socialmente, como pessoa, e com isso me fez tipo buscar conhecimento mano... por causa do hip hop eu fui fazer História, tá ligado? Eu sempre fui o cara que por causa do rap eu aprendi a defender a causa negra, eu fui me interessar o que era a causa negra, o que era o racismo, o que a História impactou na nossa vida. Eu lembro que eu me perguntava: “Por que que o negro sempre cantava música triste?”, tá ligado? Por que você pegava uns rap muito triste e pensava isso... Na época não tinha os preto cantando que a favela venceu, bolso com dinheiro, não tinha, isso aí tem agora... então eu via e pensava que os cara tava cantando só sofrimento e revolta, e coloquei isso dentro de mim: sofrimento e revolta, tá ligado? Quando eu entendi que na verdade os caras tava cantando

a realidade deles, e aí eu fui procurar entender, fui procurar estudar História. E essa educação social me fez ter uma vivência com professores fora do horário de aula, tá ligado? Eu sempre fui aquele aluno que acabava a aula, sentava pra trocar ideia com o professor de História, alguns me falavam: “Ó, tem muita coisa que tá no livro que não é assim, tem que pesquisar...”. Eu tive essa sorte, de ter professores que abriram meu olho por eu ser uma pessoa comunicativa, aquele cara que tava sempre tentando debater. O debate, mano, o hip hop me trouxe muito debate. Debater ideia, debater... eu fui um cara que gostava de confronto de ideias, gosto de debater, e eu criei muito isso por causa do hip hop, por que o rap que eu ouvia era muito afrontoso. Então eu sempre pensei que minha afronta ia ser intelectual, tá ligado? Minha afronta vai ser intelectual com esses caras, eu criei isso na minha cabeça.

Em sua fala, Denner nos mostra uma mudança expressiva em sua vida, fazendo parte disso entender mais sobre as culturas afro-descendentes com as quais ele já tinha algum contato, suas raízes, ou seja, sua identidade cultural, que veio sendo resgatada com sentido político a partir da reflexão proporcionada pelo hip hop. Para Denner, o hip hop flexibilizou as barreiras sociais e também físicas que aparentavam ser bem sólidas, como “o direito de ir e vir” previsto pela Constituição brasileira que parecia não ser aplicado para ele antes de se situar na cultura hip hop: Denner só reconheceu esse direito como seu, ou melhor, obteve acesso a esse direito, a partir do empoderamento e do resgate de sua identidade cultural.

Vinícius, por meio das letras de rap, passou a se informar sobre a causa negra. Em um primeiro momento, isso lhe causou um sentimento de revolta devido às injustiças que eram denunciadas, mas também o instigou a estudar História, e ele passou a se reconhecer na História que estudava. A partir dessa contextualização, as letras de rap começaram ter outros significados, passando de uma denúncia revoltante a um relato de experiência que dialoga com as lutas contra as injustiças. Todo esse processo, que fez um “puff” na mente de Vinícius, trouxe reflexão a respeito de suas atitudes, que

devido a sua revolta e baixa autoestima eclodia em “sair para caçar confusão”, fazendo com que ele mudasse sua maneira de pensar e de se relacionar com as pessoas, refletindo inclusive em sua vida escolar. Em sua entrevista, Vinícius nos conta que depois de entender a ideologia do hip hop ele decidiu que não queria mais ser uma pessoa que “dava trabalho” na escola, passando a ser mais comunicativo, procurando debater ideias e ser mais acessível a conversas com professores, fazendo com que se interessasse pelo aprendizado. Além disso, Vinícius também deixa claro que sua afronta à dinâmica injusta da sociedade seria intelectual, buscando nos estudos uma estratégia de superação que resultou no seu acesso ao ensino superior cursando História.

A partir das falas dos jovens que entrevistamos, entendemos que o hip hop chega à juventude envolvida com a Batalha do Vale em outra etapa de suas vidas, antes da BDV, por meio do rap que foi apresentado a esses sujeitos de diferentes maneiras e em diferentes contextos. Todos os entrevistados comentam que, em um primeiro momento, não assimilavam as letras de rap com toda a ideologia do movimento hip hop, mas a partir de situações de suas vidas que, junto com a música, os fizeram refletir a respeito do conteúdo das letras e entender que ele se aproximava de suas vivências, passando a ser uma fonte de informação. Logo de início, todos os entrevistados associaram, alguns até mesmo já em sua apresentação, sua aderência à cultura e ao movimento hip hop como algo que trouxe mudanças positivas em suas vidas. Nenhum deles relacionou sua vivência com o hip hop a fatos desagradáveis de suas vidas, o que nos indica que, de fato, essa cultura tem caráter de formação social, política e intelectual.

Para nos contar a respeito dessas mudanças em suas vidas, todos os entrevistados se expressam diversas vezes usando frases como estas: “aí eu pensei: não quero ser esse tipo de pessoa...”, “aí eu falei: vou assimilar tudo isso...”, “o rap me disse que eu tinha que estudar...”, “aí minha mente fez puff”. Entendemos essas expressões como um “parar para pensar”, acontecendo reflexões que antes não faziam sentido ou não ocorriam, mostrando-nos que a partir do hip

hop, esses jovens passaram a discernir entre o que ser e o que não ser. Melhor dizendo, os jovens passaram a escolher um caminho a ser trilhado, a ter uma perspectiva de vida e de futuro de acordo com a qual valia a pena seguir adiante, ou seja, o hip hop ressignificou suas vidas e ampliou o campo de possibilidades de projetos de futuro.

Percebemos que essa mudança na perspectiva do jovem diante da sua realidade muito tem que ver com a sua condição socioespacial, na qual os elementos que provocam a identificação sociocultural, racial e ideológica sempre fazem referência ao espaço. A partir do hip hop esses jovens passaram a se situar no espaço, entender o que significa morar em seu bairro que é afastado, precário e é diferente de certos bairros mais “chiques” da cidade. A cidade passa a fazer sentido, conseqüentemente. Ao tomar consciência desse contexto, os jovens negros e moradores de bairros empobrecidos passam a ser também sujeitos periféricos e a atuar como protagonistas na cidade.

A formação de sujeitos periféricos segundo Pablo D’Andrea (2013), é um processo acionado a partir da identidade, do resgate cultural das pessoas que moram e da contextualização do indivíduo na sociedade/cidade. Segundo esse autor, ser um sujeito periférico é “ter consciência de sua posição de mundo e buscar atuar politicamente neste mundo como protagonista de sua vida” (ibidem, p.178). Assim, entendemos que o hip hop também promove um exercício de estabelecer relações entre as informações recebidas pelos jovens e a sua realidade, pois pelas falas dos entrevistados percebemos que se formam sujeitos periféricos a partir da assimilação da relação entre os conteúdos artísticos (especialmente as letras de músicas rap) e as vivências empíricas que são projetadas em seus bairros.

Destacamos que os jovens passam a “enxergar” claramente as possibilidades e conseguem ampliar a perspectiva de ação diante da sua realidade a partir da assimilação da cultura hip hop. Vimos a partir de nossos entrevistados que o hip hop “mostra” para os jovens que eles têm o direito de ir e vir, o direito de estudar e acessar formações acadêmicas, o direito de se manifestar e, principalmente, o direito de lutar e transformar sua realidade, agindo em cada um dos jovens e alterando suas trajetórias vida, direcionando-os a um

caminho de evolução intelectual e política, consequentemente os afastando das práticas mais associadas aos jovens negros como a criminalidade, por exemplo. Podemos dizer então que o hip hop se torna um importante meio de disputa dos jovens periféricos em favor do direito de viver a juventude, ter sonhos e projetos de vida, por meio da arte, cultura e conhecimento.

Também podemos destacar, mais uma vez, que o hip hop tem forte ligação com a formação intelectual dos jovens. Desenvolveremos a relação entre o hip hop (especificamente a Batalha do Vale) e a trajetória escolar e acadêmica da juventude no Capítulo 6, porém, ressaltamos mais uma vez que todos os entrevistados relacionam a sua vida após o hip hop com os estudos, com a formação do pensamento crítico, sendo uma alternativa que buscaram para a superação, ascensão social e também para lutar por melhorias – afinal, apenas nesta pesquisa encontramos quatro jovens negros, moradores de bairros pobres e periféricos que acessaram a universidade e atribuem essa conquista a sua vivência no hip hop, o que é considerado uma conquista, um ato de resistência perante a “ordem” social que os manteve longe desses espaços por séculos.

4

A BATALHA DO VALE

Brunão, Batalha do Vale mano... é a reunião da galera que resiste, tá ligado? Resiste a vários tipos de situações, resistem à segregação bairrista, onde muitos dos jovens que moram em bairros distantes não têm, atualmente, os cinco conto do busão pra colar no rolê, pra se divertir, tem que ficar no seu bairro, tá ligado? É.. a Batalha do Vale consegue juntar um jovem de cada bairro distante e dar a oportunidade pra essas pessoas de ter lazer e cultura, e essa galera resiste, tá ligado? O Vale é resistência da galera preta, que é zuada a semana inteira na escola, no trampo, no curso por que tem o cabelo black, mas quando chega lá na praça no sabadão, essa galera são os mais destacados, os mais bonitos, o Vale é essa galera aí que resiste. Da mesma forma para a galera que é homossexual, pras minas, pra todo o pessoal que tá envolvido de alguma forma e resiste. A Batalha do Vale é resistência pra mim, tá ligado? Fez eu resistir a várias, a não sucumbir a várias, entendeu? É resistência até pra você, mano, que está fazendo um estudo do bagulho e está resistindo a várias por isso, mano, tá ligado? Tem como ser muito mais que isso, mas a essência principal da Batalha é

a forma de resistência do bang, todo mundo que cola acho que tem em comum, o principal é estar resistindo a alguma parada, tá ligado? Marginalização, preconceitos, falta de lazer onde você mora, na sua quebrada, é isso aí, mano. Pelo fato de o Vale ser isso aí, ser resistência, se transformou em todas as outras questões, se transformou em todas as outras construções. A essência é a resistência porque no início o objetivo era ter uma Batalha do Vale, uma edição, e através da resistência o bagulho tem até hoje, mano, semanal. Então eu acredito que o que é a Batalha do Vale, a melhor definição é a BDV, é resistência, mano, resistência não de brincadeira, a parada é séria, resistência forte mesmo, de vida. A BDV salvou vidas, salva vida, modificou e modifica vidas... a Batalha do Vale é foda...

Igor Afrorudeboy

É o Vale! (por Welynton Ferreira)

É o Vale!

Aquele dia estava insuportável, pesado, triste, me sentia carregado, como se houvesse uma âncora sobre minha carcaça curvada, o calor deixava meu corpo mole e a cabeça a ponto de ferver. Em frente das casas, sentados em suas calçadas, moradores tomam tereré para enganar a temperatura... o sol do pontal [do Paranapanema] realmente não é pra qualquer um. Eu caminhava pelas ruas sem destino certo, aéreo. Vagava pensativo sobre como resolver meus problemas de gente pobre – fui mandado embora do trabalho dois dias antes e peguei uma mixaria, mal dava para dois, três meses. A boca seca pelo andar me fez entrar em um mercado qualquer pelo caminho, onde fui seguido por um homem de roupas pretas enquanto me dirigia à geladeira de bebidas. Comprei um latão de cerveja com as moedas que tinha no bolso do shorts e sai de lá apático à situação corriqueira.

A tarde foi como um tiro a esmo, quando me dei conta já estava andando pela pista de concreto para caminhadas do Parque [do Povo]... estava longe de casa. Parei, respirei fundo em sequência... fechava os olhos ao inspirar e os abria ao máximo soltando o ar – oxigenando o cérebro. Então comecei a reparar no verde, no vento que começara a bater e nas pessoas que tomavam conta dos gramados e bancos espalhados. Pensei, “já que estou aqui, vou até o outro lado final do parque e depois volto, mesmo que de noite”. Estava impossível ficar em casa, as duas crianças, a vó, minha mãe e o tio Zé, o calor forte, tudo aquilo me deixava incapaz de raciocinar. Porém via a situação como um jogo de xadrez: eu era o jogador, precisava pensar à frente, me movimentar de forma inteligente para sair da situação de xeque.

No meio do objetivo em chegar ao outro lado do parque, comecei a repensar sobre ir até lá; entretanto, por remoer e me culpar pouco antes, por não acabar nada que me proponho a fazer, achei que essa deveria ser a primeira mudança. Um passo após o outro, pés em correias de um chinelo branco encardido, gasto, tronco ereto, vento no rosto, baforando a brisa de estar disposto a mudar os fatos, farto de tantas contradições e descaso. Então conclui que o acaso, as ações, funcionam como saída de emergência para novas vias, pois algumas delas como veias já estão obstruídas. E foi com essas ideias em mente que cheguei à outra extremidade do parque, às arquibancadas do palquinho, o teatro de arena – e ali em um momento mais solto ou atordoado, me perguntei: “seria esse espaço os pés ou a cabeça do parque?”. Fiquei olhando o céu, mas estava tão cansado que mal encostei e dormi, ali mesmo.

Quando acordei, já era noite, mas ainda havia um pequeno risco laranja com vermelho de sol no horizonte em sentido ao movimento rotacional da terra. Um jovem de asas compridas e reluzentes ria e falava alto na arena. Eu, da arquibancada, notei seu ar descontraído, suas tranças raiz e seu tênis amarelo de basquete. Ele conversava com o outro rapaz que, parado ao chão, também rindo e de chapéu de maquinista, retirou enormes equipamentos de tocar discos de dentro de uma pequena maleta marrom. Senti meu coração se

conectar às batidas graves das caixas de som presentes e no mesmo ritmo... bum, bum, clap... bum bum, bum bum, clap... Já estava em pé ao lado de mais seres de notáveis habilidades. A transformação do espaço junto com a noite foi me deixando em êxtase. Meninas com pele de diamante em passos tonteantes, meninos com movimentos de helicópteros giravam em um tapete com detector de mentiras, aquele que não fosse verdadeiro em sua passagem, por uma força maior era retirado.

Em meio ao maquinista e sua fúria riscando os loucos da pista, a dança que exigia resistência e criatividade, a troca de conhecimento estabelecida pelo vernáculo jovem e coloquial das ruas, surge um magro mago negro na arquibancada. De sobretudo preto e com leveza, ele deslizou até a arena com microfones Shure. Retirou seus óculos escuros e os passou cuidadosamente ao marginal alado que os conectou à Maria fumaça sonora. Aquela festa – encontro, comunhão, reunião, ou seja lá o nome que possa se encaixar a tal momento de felicidade e união em meio às trevas rotineiras da vida vazia e doente – me fez refletir sobre a alegria de ter minha família ao meu lado mesmo com as dificuldades... que meu cabelo black não deveria ser motivo de piadas... que a faculdade que eu tanto sonho pode se projetar no real... não me sentia mais estranho, nem burro, nem bandido.

Nesse momento as asas do jovem se abriram na arena e sua voz rasgou os céus, dando início à batalha dos mestres de cerimônia, os MCs. Todos os presentes se achegaram à arquibancada e o respondiam “hop” quando ele gritava repetidas vezes a mesma frase. “Se tu ama essa cultura, como eu amo essa cultura, grita: hip!”. “Hop” (coro). “Hip-hop” – repetiam todos com o fundo do âmago.

Eu olhava em volta contemplando a beleza multicultural instalada no ambiente e o respeito mútuo entre os combatentes sedentos por sangue inimigo. Um grupo formado por experientes rimadores avaliavam os melhores até a final. Rimas ásperas, cortantes e afiadas foram ouvidas pelo parque. Duelos únicos de três rounds e cabeças arrancadas. Métricas lancinantes e *flows* jamais criados tiravam gritos e risos da plateia... até a coroação do vitorioso e melhor MC da

noite, que então ganhava o direito de fazer sua apresentação solo de *freestyle*, antes de a multidão voltar a tomar conta de todo o espaço do teatro de rua festejando a noite.

Não queria ir embora, mas estava longe, já era tarde, meu pessoal ficaria preocupado comigo. Sai de dia e nem avisei pra onde ia. Fora que ir sozinho de madrugada pra casa é como andar com um alvo pintado em meu corpo. Não quero aparecer nos jornais com matérias se referindo a mim como o “desempregado” que trocou tiros, e em fuga foi alvejado pelas costas e veio a óbito. Era hora de sair fora... senti uma melancolia descomunal na hora. Porém dois garotos que passavam caminhando na minha frente conversavam dizendo sobre como os dois já estavam ansiosos pra batalha da próxima semana. Então uma faísca reacendeu minha alegria e eu sabia que podia ir para casa, mas que daí por diante retornaria e não perderia mais nenhuma sexta-feira de Batalha do Vale.

Na volta, caminhei estrategicamente por caminhos que já conhecia bem, sempre atento a qualquer surpresa que a madrugada pudesse oferecer. Tentei fazer rimas a partir das coisas que aconteceram desde a hora que saí pra rua – não achei fácil, falei mais asneiras sem sentido do que tudo, mas praticaria, assim como a dança *breacking*. Perguntaria na próxima semana sobre as aulas e como começar. Então foi quando percebi que não havia mais tristeza em meu coração, pelo menos naquele momento... me sentia renascido. Foi uma das melhores experiências e momentos da minha vida.

Em um muro grafitado com diversos desenhos, já perto de casa, li a frase cereja do bolo em que nunca havia reparado e que ficava em cima de uma árvore baobá de diversas cores, feita pelas latas *sprays*. “Sem sua raiz, serás infeliz, não se encontrarás”. E sabia que havia me encontrado. Assim como os lírios e orquídeas do gueto que me proporcionaram a mágica essência H₂, tão primordial como o H₂O para a manutenção do corpo e da mente.

Escrito por Welynton Ferreira (Biju)¹

1 Escritor, poeta, MC, bibliotecário e da família Batalha do Vale. Redes sociais: [instagram.com/wlytn.bjj](https://www.instagram.com/wlytn.bjj) e [facebook.com/Welynton.Ferreira](https://www.facebook.com/Welynton.Ferreira).

Algo sobre a trajetória da Batalha do Vale

A história de como começou a Batalha do Vale, sua primeira edição e as primeiras semanas de atividades já me foi contada diversas vezes, por várias pessoas diferentes e em momentos distintos ao longo dos anos: em rolês pela Praça do Vale de sextas à noite depois da aula da faculdade, em quadras de basquete e pistas de skate, nas conversas informais e entrevistas que aconteceram no decorrer de pesquisa de monografia (Salvi, 2019) e novamente na troca de ideias com pessoas que participaram deste trabalho de pós-graduação. Há quem diga: “Pô, não aguento mais te contar essa história, vou contar não, essa aí você já sabe...”. Cada pessoa que estava lá e conta a história das raízes da Batalha do Vale imprime sua versão de acordo com aquilo que viveu – por isso, acredito ser difícil trazer definitivamente como foi o começo da territorialização desse movimento cultural em Presidente Prudente, sendo possível a história que é contada aqui ser contestada e, quem sabe, detalhada e superada em futuros trabalhos. Porém, a versão trazida aqui é pautada em todas essas conversas que tive, principalmente em situações informais, de troca de ideias cotidianas.

A Batalha do Vale é um coletivo/movimento cultural independente, que realiza gratuitamente em praça pública atividades culturais ligadas ao movimento hip hop desde 2015. Ao longo dos anos, a Batalha do Vale promoveu eventos semanalmente, às sextas-feiras à noite, sendo que desde 2019 as atividades vêm acontecendo aos sábados, às 20 horas. O local é a Praça Oscar Figueiredo Filho ou Praça do Vale, como é conhecida pela juventude da cidade, onde acontece a tradicional batalha de MCs. A Batalha do Vale começou como uma alternativa de lazer e entretenimento para as juventudes periféricas de sextas-feiras à noite. Porém, com o passar dos anos foi se tornando um coletivo cultural que constitui territórios e espacialidades, milita e promove a cultura hip hop, a fim de levar o conhecimento para a comunidade adepta, expandindo suas atividades para escolas e fundações Casa da região de Presidente Prudente.

Tudo indica, segundo os relatos e conversas informais realizados em pesquisa desde a iniciação científica (ibidem), que a Batalha do Vale surge em abril de 2015, em uma sexta-feira. Segundo Amanda Ferreira Gomes (2019), nesse contexto, as batalhas de MCs estavam ganhando grande popularidade em todo o Brasil, fomentadas pelo uso das redes sociais como o YouTube, que possibilitou a exposição de diversas batalhas que aconteciam em diferentes cidades. Em Presidente Prudente ainda não havia um ponto de encontro, um evento contínuo ligado ao hip hop, e a partir dessa carência cultural alguns MCs da cidade se comunicaram e resolveram realizar uma batalha de MCs, sexta-feira na Praça do Vale.

Segundo as pessoas da organização que foram entrevistadas, o dia e o local foram escolhidos com a intenção de ganhar visibilidade e atrair as pessoas para a batalha, visto que na Praça do Vale, em 2015, acontecia um “fluxo” que, como mostra Barreto Neto (2016), é a reunião de jovens de periferias em locais públicos com o objetivo de ouvir música e se divertir. Barreto Neto traz em seu trabalho que não apenas a Praça do Vale, mas também as redondezas da Praça como o Parque do Povo atraíam um grande número de jovens periféricos nas sextas à noite, o que consequentemente serviu para que a Batalha do Vale atingisse visibilidade desde a sua primeira edição. Isso nos mostra que naquela região do parque do povo/Prudenshopping já acontecia a territorialização da juventude periférica ligada ao funk e aos “rolezinhos” (ibidem; Ramos, 2017). Utilizando essa centralidade como estratégia de visibilidade, a juventude do rap instituiu novas territorialidades nesse espaço, com novas demandas e disputas, em negociação com as demandas do fluxo.

Na primeira edição da Batalha do Vale percebemos, a partir das conversas que realizamos em pesquisa, que para a surpresa de todos foi um evento com muita gente e de muito sucesso. Apesar de as pessoas envolvidas não estarem tendo fé que realmente aconteceria uma batalha em Presidente Prudente, a primeira edição da BDV reuniu 24 MCs e contou com um grande público. Ali mesmo foi eleito de improviso um mestre de cerimônias para apresentar as batalhas e ao final do evento os participantes combinaram de realizar novamente

a batalha na próxima semana, batizando aquele rolê, oficialmente, de Batalha do Vale. A partir daí, semanalmente aconteceu a BDV, salvo alguma sexta-feira de muita chuva quando não foi possível permanecer na praça, pois mesmo em dias de chuva a galera já se reuniu embaixo das árvores da praça para finalizarem a batalha da noite.

Nesse momento a praça passa a ser ressignificada a partir da relação desse espaço público com a juventude do hip hop, surgem elementos culturais das periferias nas estruturas da praça, como grafites e pixações, são colados cartazes e folhetos nos muros e paredes. Além disso, a presença de diversos jovens semanalmente na praça foi criando uma identidade periférica ali, e instituídas políticas para que a Batalha do Vale acontecesse. Aos poucos a espacialidade da juventude periférica de Presidente Prudente foi configurando um território do hip hop em uma área central de lazer, fazendo do uso da praça a própria identidade do coletivo. É evidente que a constituição de um território colocou esses jovens diante de disputas, principalmente espaciais, com outros grupos que utilizam o parque do povo, mas também com o poder público.

Nos primeiros meses de Batalha do Vale, ainda em 2015, o público dos eventos era grande e as pessoas estavam cada vez mais sendo atraídas para a Praça do Vale em dias de evento. Havia muitos MCs comparecendo para rimar e também muitas pessoas para prestigiar as batalhas. No inverno desse ano, em meados de junho, aconteceu a primeira investida repressiva da polícia militar (PM) em cima dos jovens que ocupavam a praça. Segundo a organização da BDV, cerca de sessenta jovens foram abordados e revistados naquela noite, logo após seis viaturas cercarem a praça enquanto acontecia a Batalha do Vale. Esse “primeiro grande enquadro” marcou a trajetória da batalha, e depois disso o público deixou de marcar presença, muitos MCs se sentiam inseguros de ir até a praça para rimar, diminuindo o número de participantes, até membros da organização não estavam mais entusiasmados para continuar com o movimento, com receio de nova opressão.

Esse foi um período em que a Batalha do Vale aconteceu “em baixa”, com poucas pessoas e sem muita visibilidade. Porém,

mesmo com um número pequeno de participantes, a BDV foi acontecendo semanalmente, evento após evento, em que ocorreram novas abordagens policiais. Porém, segundo organizadores, por meio do diálogo e da resistência por parte da juventude que ocupa a praça, os policiais passaram a reconhecer a reunião de jovens como uma atividade cultural e demonstraram um pouco mais de respeito, deixando de invadir a praça e expulsar todos para casa e passando a “apenas” cercar a praça com viaturas paradas. Esse episódio foi destacado, pois representa uma barreira que foi superada pela Batalha do Vale e as pessoas que a compõem – um acontecimento que marcou a história da Batalha do Vale negativamente também serviu para fortalecer o próprio movimento, para que a BDV se firmasse enquanto movimento de resistência, fazendo com que os jovens organizadores e MCs se autoafirmassem como promotores de cultura, como militantes que estão dialogando, mas não ainda de forma pacífica, com o poder público por meio das autoridades. Isso foi concretizando identidades dos jovens da Batalha do Vale naquela praça, de forma que em poucos meses muitas pessoas da cidade já sabiam que existia uma batalha de MCs naquela região do Parque do Povo.

Ao longo desse mesmo ano, a Batalha do Vale foi se estabelecendo cada vez mais na Praça Oscar Figueiredo Filho, com as pessoas voltando a frequentá-la aos poucos e os MCs ganhando motivação para rimar. Ao longo das semanas, a Batalha foi ganhando sua cara, sendo estabelecidas suas próprias regras e peculiaridades, firmando maior identidade. A partir de 2016, a Batalha do Vale ganha visibilidade regional, passando a participar de eventos promovidos pela Batalha do Velho Oeste (BVO), na cidade de Assis, levando MCs para batalhar e grupos de rap para se apresentarem nos eventos. Com a participação nesses encontros, a Batalha do Vale passou a ganhar maior motivação para promover o lazer e a cultura hip hop, pois começou a ter relações com outras organizações de batalhas de MCs, sendo que a BDV se mostrou como a primeira batalha de MCs que acontecia semanalmente na região.

Ainda em 2016, a Batalha do Vale conseguiu, pela primeira vez, uma parceria com a Coordenadoria da Juventude de Presidente

Prudente, promovendo o 1º Circuito Batalha do Vale. Esse projeto foi realizado ao longo do ano, entre junho e novembro, acontecendo em seis etapas, cada uma em um bairro periférico da cidade e contando com batalha de MCs e apresentações de artistas locais, sendo a etapa final, na Praça do Vale, no dia 27 de novembro de 2016, com premiação em dinheiro e alguns brindes para o campeão da batalha.

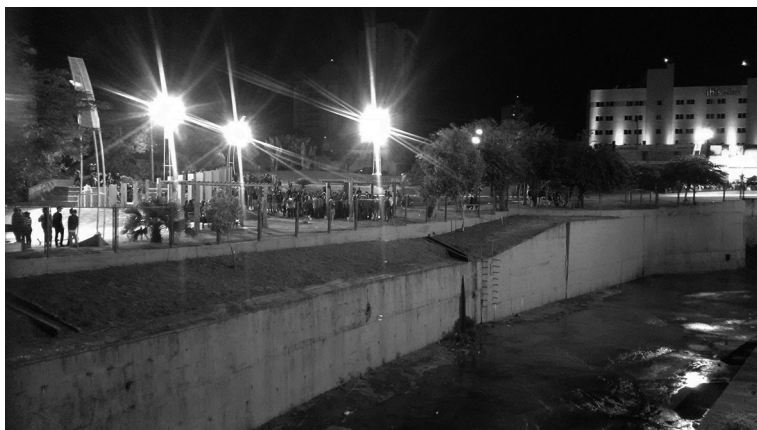
Esse projeto representa um avanço na trajetória da Batalha do Vale em direção à construção de um coletivo consolidado, pois com a parceria com órgãos municipais de direcionamento de recursos foi possível circular pelas periferias da cidade, levando a cultura e o lazer para a comunidade de forma gratuita, mas também divulgando os objetivos e as intenções do movimento promovido por esses jovens para os moradores dos bairros afastados de Presidente Prudente, o que fortaleceu a imagem e a credibilidade das ações da BDV entre a comunidade periférica.

No seu próximo ano de atuação, em 2017, a Batalha do Vale começou a participar do Circuito Paulista de Batalhas de MCs (CPBMC), ganhando notoriedade em nível estadual. Como já comentamos, esse circuito integra as batalhas da capital paulista com as que acontecem no interior. Para participar do circuito os organizadores das batalhas devem inscrevê-la em edital lançado on-line. A comissão organizadora do CPBMC avalia as batalhas de acordo com o seu engajamento nas redes sociais como o Facebook e Instagram, bem como se as batalhas são gravadas e postadas no YouTube, se as batalhas realmente têm frequência semanal e também a quantidade de pessoas que se reúnem nos espaços em que as batalhas ocorrem. Assim, a Batalha do Vale estando avançada nesses quesitos começou a fazer parte do CPBMC, participando das seletivas regionais e estaduais, difundindo a existência de uma batalha de MCs relevante em Presidente Prudente, no Oeste Paulista, para todo o estado.

No ano de 2018, a Batalha do Vale já contava com a formação de um Coletivo que organizou, vale destacar, um evento gratuito para mais de duas mil pessoas na Praça do Vale. O Coletivo Batalha do

Vale desafiou a Batalha da Aldeia² que ocorre em Barueri, na região metropolitana de São Paulo, trazendo alguns dos melhores MCs do país para rimar na Praça do Vale. Esse evento mobilizou uma parcela significativa da juventude periférica de Presidente Prudente para participar de um evento de hip hop, sendo um dos eventos mais expressivos promovidos pela BDV, e também mostrou ao Brasil que os MCs que são cria da Batalha do Vale, no fundão do Estado, poderiam rimar de igual para igual com qualquer MC de outras cidades e batalhas de maior expressão. Por isso, esse desafio foi o evento que deu maior credibilidade à existência e às ações da Batalha do Vale em âmbito nacional.

Figura 5 – Evento Batalha do Vale na Praça do Vale, em 2018



Fonte: acervo pessoal do autor.

A partir dos eventos em 2018 que destacamos, a Batalha do Vale já se preocupava em contribuir de uma maneira mais ampla com o movimento hip hop, organizando palestras, rodas de conversa e oficinas em escolas e fundações Casa. Dessa maneira, o Coletivo Batalha do Vale caminhava na aproximação entre a cultura de rua, o hip hop e a transmissão do conhecimento, levando até

2 Disponível em: <https://www.instagram.com/batalhadaaldeia>.

espaços institucionalizados o quanto um movimento cultural de rua e independente pode influenciar a vida política, social e cultural dos jovens. As propostas de atividades educativas partiram do envolvimento de pessoas da organização em espaços pedagógicos, por meio do hip hop ou da universidade, e foram construídas a partir de leituras, debates e reflexões.

Figura 6 – Batalha do Vale em Escola Estadual de Presidente Prudente em 2019



Fonte: Igor Enrique Santos Silva (Facebook da Batalha do Vale)

Em 2019, segundo membros da organização que entrevistamos, o movimento que a Batalha do Vale proporciona “deu uma caída”, o Coletivo perdeu um pouco o gás. Isso, segundo nossas pesquisas (Salvi, 2019), ocorreu devido a problemas pessoais enfrentados por cada um e pela dificuldade em manter a continuidade de um movimento tão expressivo sem apoio (financeiro ou moral) dos órgãos públicos, apesar de a Batalha continuar acontecendo, na praça e também nas escolas, levando a cultura de rua para as juventudes.

No início de 2020, o Coletivo Batalha do Vale continuava organizando atividades culturais em escolas e outros locais da cidade, além da semanal batalha de MCs na Praça do Vale, o que durou poucos meses devido ao início da pandemia da covid-19.

Com a situação sanitária do país cada vez mais caótica, a Batalha do Vale, assim como todos os outros coletivos, viu-se impossibilitada de realizar atividades em espaços públicos, e as escolas fecharam, os espaços culturais formais cessaram suas atividades, em geral a cidade parou e isso fez com que o Coletivo BDV se visse sem um espaço para colocar as ideias de seus membros em prática e promover a cultura hip hop. Como alternativa e seguindo a onda de atividades on-line iniciadas com a pandemia, a Batalha do Vale passou a organizar e executar atividades digitais, iniciando um programa de entrevistas nas redes sociais como YouTube e Instagram. Esse programa teve o nome Bate e Volta (expressão que representa uma modalidade de batalha de MCs), e semanalmente convidava pessoas vinculadas ao ramo artístico e cultural como empreendedores, MCs e artistas. Era apresentado e mediado por membros do Coletivo.

Também no início da pandemia foi realizada uma sequência de batalhas de MCs, promovidas pela Batalha do Vale, em formato digital. As batalhas aconteciam por um aplicativo de comunicação em tempo real chamado Discord, mas também eram transmitidas para o público pelo YouTube, em que era possível interagir e participar da votação das batalhas pelos comentários. Em seguida, ainda em 2021, o Coletivo Batalha do Vale buscou uma aproximação com a Secretaria Municipal de Cultura, a fim de conseguir apoio para promover *lives* e outras atividades on-line, diante da necessidade de ter atividades ligadas ao hip hop durante a pandemia, visto que a maioria das atividades realizadas pelos agentes promotores de cultura estavam relacionadas com outras áreas. A parceria aconteceu, resultando na 1ª Mostra de Hip Hop On-line de Presidente Prudente, projeto que realizou atividades voltadas aos elementos da cultura hip hop em quatro edições, contando com batalhas de MCs, duelos de breakdance e batalha de *tag* (pichação/grafite), além de entrevistas com convidados.

A partir dessa aproximação, o Coletivo Batalha do Vale, ao longo do período de pandemia, realizou outros projetos com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura (Secult), como o projeto Batalha do Vale: Tamo de Volta! Além disso, o Coletivo buscou participar de editais municipais que visam distribuir a verba destinada à cultura, executando projetos culturais ligados ao hip hop, levando o acesso à informação de maneira gratuita, porém sem a presença na praça ou em espaços públicos da cidade, acontecendo em formato digital. Ao longo do período de pandemia da covid-19, foi por meio das ações digitais que a Batalha do Vale aconteceu, sendo possível promover a cultura e o movimento hip hop pelas redes sociais. Além dos projetos vinculados à Secult, o Coletivo Batalha do Vale organizou edições de um podcast chamado “Para além da praça”, transmitido no YouTube e que contou com convidados que são personagens da cena cultural de Presidente Prudente.

5

A BATALHA DO VALE E A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE

Trajectoria bibliográfica: encontrando nos livros o que já existia nas ruas

Todas as etapas deste trabalho foram desenvolvidas a partir de uma proposta de pesquisa em colaboração e militante (Rappaport, 2007; Bartholl, 2018) na qual a organização das referências bibliográficas não foi apenas uma maneira de enquadrar a realidade em alguma teoria, mas resultado dos diálogos com o Coletivo Batalha do Vale. Desse modo, o referencial sofreu diversas alterações no decurso da pesquisa em relação àquilo que foi estabelecido no projeto, quando trouxemos uma concepção do que, naquele momento, achávamos que era o hip hop e a Batalha do Vale. Entendemos isso de maneira positiva, pois a proposta de pesquisa em colaboração (Rappaport, 2007) tende a buscar, por meio da prática de pesquisa participativa, uma melhor forma de abordar uma teoria que dê sentido científico às ações dos sujeitos estudados, no caso, às ações dos jovens envolvidos com a Batalha do Vale.

Nossa pesquisa parte da ideia de que a cidade é um espaço onde, por meio de uma diversidade de tramas, acontecem manifestações juvenis de cunho cultural, político e intelectual, muitas das quais ligadas ao lazer e à sociabilidade, e que os jovens envolvidos com

as então chamadas culturas juvenis (Pais, 1993) estão em constante relação de aprendizagem, devido aos conflitos e outras vivências proporcionadas por essa participação.

De acordo com Carles Feixa (1999), as culturas juvenis encontram na cidade condições para acontecer, e por diversas vezes as próprias culturas são automaticamente apresentadas como “culturas urbanas” nos meios de comunicação, como o hip hop, o skate e o punk, por exemplo, que, na maioria das vezes, são culturas relacionadas com grandes centros urbanos.

Acreditamos, então, que as juventudes, ao formar agrupamentos culturais materializadas no espaço urbano, estão também produzindo esse espaço a partir de suas práticas de sociabilidade e lazer. Em relação à produção da cidade, Roberto Lobato Correa (2004, p.11) afirma que o espaço urbano é “um produto da sociedade, resultante de ações acumuladas através do tempo e que são engendradas por agentes que produzem e também consomem o espaço urbano”, sendo que os agentes sociais podem ser proprietários fundiários e dos meios de produção, promotores do mercado imobiliário, grupos sociais excluídos e o Estado. Segundo o autor, este último agente tem também função mediadora entre os que agem no loteamento e construção de bairros residenciais (pobres ou ricos) e comerciais, ruas, praças, rodoviárias e terminais, entre muitos outros elementos que caracterizam o espaço urbano.

Para Corrêa, os agentes produtores do espaço urbano projetam suas ações de acordo com a lógica de expansão do capital financeiro, imobiliário e de produção, circulação e troca de mercadorias. Logo, a cidade que é resultado de tais ações é produzida sob uma lógica desigual marcada por constantes transformações espaciais e sociais relacionadas à dinâmica da produção capitalista:

A complexidade das ações dos sujeitos sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, re colocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não,

do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade. É preciso considerar, entretanto que, a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as suas formas espaciais tenham mudado. (ibidem, p.11)

Portanto, o espaço urbano vai sendo produzido segundo as demandas dos agentes econômicos e políticos. Contudo, o autor também faz menção aos sujeitos sociais, que organizam e reorganizam os espaços e suas funções para que a dinâmica social baseada na acumulação de capital tenha fluidez por meio da articulação entre os lugares. Consideramos então que os bairros, especialmente aqueles em que moram pessoas empobrecidas, são alocados na malha urbana segundo uma lógica que não considera a participação dessas pessoas nas dinâmicas da cidade, a não ser ocupar postos de trabalhos socialmente desvalorizados, resultando em moradias distantes e com pouco acesso ao que a cidade oferece no âmbito do consumo, cultura e lazer.

Vemos então uma cidade que é produzida de maneira desigual, o que reforça a segregação socioespacial a partir da organização dos espaços urbanos, onde pessoas de maior poder aquisitivo podem se autossegregar em condomínios fechados, enquanto outras pessoas ocupam as periferias pobres da cidade (Sposito; Goes, 2013). A materialização da desigualdade no espaço urbano, na forma de bairros espacialmente segregados, resulta em diferentes práticas espaciais na cidade a partir da insegurança, em que os ricos tendem a cada vez mais fechar-se atrás de muros e espaços privados, frequentados apenas por pessoas de sua classe social, enquanto os cidadãos empobrecidos, em decorrência mesmo desse processo de produção do espaço urbano, inclusive os jovens, são limitados por barreiras físicas e sociais a circular e viver em espaços da cidade com menos infraestrutura urbana de consumo, lazer, diversão, cultura e educação.

Acreditamos que no contexto desigual das cidades, as juventudes imprimem novas espacialidades pelo espaço urbano e, conseqüentemente, criam novos espaços ligados à luta, ao debate e à

participação política. Em relação a isso, entendemos que o espaço não é produzido apenas pelas formas materializadas, mas também pelo movimento agitado pelas ações da sociedade. Segundo Milton Santos (2002, p.21-2), o espaço não pode ser entendido apenas como o resultado da interação entre a sociedade e a natureza, mas como um conjunto indissociável composto pela organização dos objetos geográficos naturais e construídos e também pelo enredo de ações que dão conteúdo e vida a esse conjunto. Portanto, o espaço geográfico é criado por ações que estão em constantes relações com os espaços que criam a partir de diferentes técnicas e a partir de diferentes conteúdos imateriais ou lógicas (Ramos, 2017, p.95).

Assim, por um lado, o espaço é produzido por agentes que o organizam segundo a lógica de reprodução do capital, especialmente nas cidades (Corrêa, 2004); por outro lado, as ações de sujeitos que estão inseridos nas dinâmicas sociais também estão constituindo espacialidades e produzindo espaços que não necessariamente estão “obedecendo” à lógica imposta pelos agentes hegemônicos (Ramos, 2017).

Nesse sentido, Doreen Massey (2004) traz uma perspectiva que dialoga com a de Milton Santos (2002) a respeito do espaço. Segundo a autora, o espaço geográfico pode ser entendido a partir de três perspectivas: como produto de inter-relações, constituído por meio de interações que acontecem em diversas escalas, globais e locais; como meio de possibilidade da existência da multiplicidade, no qual diferentes trajetórias coexistem; como um processo que está em constante movimento e construção, nunca acabado e fechado, sempre em devir (Massey, 2004, p.8-9). Portanto, na maioria das situações, o espaço é produzido por ações de agentes sociais que afirmam a estrutura desigual da sociedade capitalista em diferentes escalas e, por isso, expressa na materialidade a trajetória do processo de reprodução do capital. Apesar disso, também é possível que coexistam no espaço trajetórias de sujeitos que, por vezes, por meio de sua espacialidade, buscam tensionar as estruturas sociais. Acreditamos, então, que as trajetórias espaciais de pessoas jovens e periféricas dão continuidade à produção do espaço urbano e que, a partir da atuação em espaços da cidade, essas juventudes instituem espacialidades

próprias que confrontam a dinâmica desigual da composição espacial. São, portanto, também agentes da produção da cidade.

Na perspectiva de que o espaço está sempre em movimento (ibidem), percebemos que esses jovens, ao aderir às culturas juvenis, especialmente o hip hop, passam a instituir novas espacialidades na cidade (Marques, 2021), compondo o espaço urbano e agregando demandas, valores e políticas por meio da apropriação de espaços públicos (principalmente) e/ou privados que são ressignificados, como é o caso da Batalha do Vale.¹ Esse vínculo que a juventude estabelece com certas áreas da cidade a fim de se manifestar vai imprimindo nesses locais elementos da cultura juvenil praticada ali: não só elementos visíveis, como símbolos pichados ou grafitados, por exemplo, mas também regras e políticas que estão em constante negociação com diferentes agentes que também se espacializaram naquele local. Afinal, esse espaço está sendo produzido de forma múltipla e sobreposta, sendo que algumas das ações juvenis são também ações territoriais (Turra Neto, 2015).

O território é um conceito caro à ciência geográfica por estar diretamente relacionado com questões espaciais já antigas, contemplando um amplo debate a respeito da sua conceituação. Turra Neto (2008, p.466) registra que “há um consenso entre esses e outros autores que, no centro do conceito de território, está a dimensão do poder. Território é um conceito político por excelência e denota relações de poder que se dão no espaço, que se espacializam e que são mediadas pelo espaço”. Dessa maneira, acreditamos que utilizar o conceito de território na abordagem de juventudes é uma forma de analisar as ações desses sujeitos a partir das relações de poder que se estabelecem espacialmente e são elas próprias produtoras de espaço. Tais relações não mantêm demarcações definidas, mas sim limites e fronteiras maleáveis e itinerárias, por muitas vezes não sendo fisicamente visíveis.

Para Marcelo Lopes de Souza (2001, p.86), o território é “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de

1 Tratamos da relação da Batalha do Vale com o espaço público no Capítulo 5.

sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós’ (os grupos, os membros da coletividade) e os ‘outros’”. Abordamos então as juventudes, por meio das ações do Coletivo Batalha do Vale, a partir da perspectiva de que, ao se apropriar do espaço público para promover a cultura hip hop, esses jovens estão definindo uma alteridade em relação ao “território dos adultos” e também de outros jovens, constituindo então “territórios juvenis”, sendo que ambos estão em constante negociação, pacífica ou violenta, e que esses jovens vão atribuindo a esse território sentido de identidade e de afirmação, tensionando as relações sociais impostas a partir da presença e da ressignificação dos locais em que se territorializam.

O universo em que a BDV se opõe a partir do território é justamente o da lógica da produção da cidade que tratamos anteriormente, em que as periferias pobres estão distantes (física e socialmente) de espaços com concentração de oferta de lazer, e as juventudes periféricas, segundo as intencionalidades das ações de produção do espaço (Turra Neto, 2015), são guiadas a traçar espacialidades limitadas aos seus bairros de moradia, circulando pela cidade apenas para trabalhar e consumir serviços necessários, como bancos e comércios. Então, entendemos que o local apropriado pela Batalha do Vale para promover a cultura hip hop constitui-se em território onde o “nós” são as juventudes que participam (que em sua maioria são negras e periféricas), e o “eles” é o mundo que nega a esses jovens o direito à cidade, o direito de se divertir e ter acesso a equipamentos culturais, materializado a partir de ações de agentes que produzem o espaço segundo uma lógica que marginaliza esses jovens e também das ações daqueles sujeitos sociais que podem consumir e, portanto, confirmam as lógicas hegemônicas.

Toda essa experiência de cidade, de aderir a uma cultura juvenil, apropriar-se de espaços públicos para se manifestar e, com isso, constituir territórios urbanos está fazendo parte da formação dos jovens no sentido intelectual, político e social (Bernet, 1997; Cavalcanti, 2015; Carrano, 2001, 2003, 2011; Freire, 1996). Essa trama que envolve as trajetórias dos jovens que tratamos nesta pesquisa os

coloca diante de situações que exigem diálogos, debates, crises e alegrias que podem acionar processos educativos. Sobre tais processos, o educador Jean Bernet (1997, p.17-8) afirma: “toda cidade educa, muito ou pouco, por bem ou por mal todas as cidades educam”. Segundo o autor, isso acontece por a cidade conter, obviamente, escolas e universidades, que são espaços projetados para a educação, mas também porque a própria experiência de viver a cidade promove situações reflexivas e que remetem os cidadãos a apreenderem conhecimentos de maneira informal e não formal (cf. Carrano, 2003; Ghon, 2005; Messias, 2015).

A educação formal é apresentada pelo autor como aquela que segue um projeto didático e institucionalizado, como escolas e universidades, nas quais as pessoas aprendem a partir de um cronograma e conteúdo previsto (Bernet, 1997). No que diz respeito às ações de coletivos, ONGs e organizações que têm a intenção de promover atividades educacionais como rodas de conversa, palestras e cursos, concordando com as ideias de Bernet, Ghon (2005, p.100) caracteriza como educação não formal “ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais com a intenção de promover educação”), abrangendo reuniões em prol de manifestações artísticas, palestras e espaços de debate como associações de moradores, casas, aulas de música e dança.

A educação informal, por sua vez, é caracterizada por Ivan Messias (2015) como o conjunto de situações cotidianas vividas que culminam em aprendizados e/ou reflexões, e podem acontecer em maior ou menor intensidade de acordo com a experiência. Nesse caso, todas as pessoas que vivem na cidade estão incluídas, cada uma seguindo suas condições de experimentar a cidade. De acordo com Bernet (1997), esse nível de educação é essencial e pode ser acionado a partir de experiências boas ou ruins, mas que em geral implicam entendimentos a respeito da vida urbana.

No caso de nossa pesquisa, acreditamos que a juventude envolvida com a Batalha do Vale está em constante situação de aprendizagens informais, visto que se envolver em culturas juvenis implica experiências de conflito, tensão e diversão, que é também formativa.

Além disso, entendemos que a Batalha do Vale, por meio de ações independentes ou em parceria com o poder público, promove atividades com intenções educativas, como rodas de conversa, palestras e oficinas em escolas de Presidente Prudente, configurando então um envolvimento com a educação não formal. Discutiremos essas atividades nos Capítulo 6.

Nessa perspectiva, Paulo Carrano (2003, p.16) assinala que romper com as barreiras entre a vivência escolar e a vivência na cidade é uma maneira de evoluir no entendimento da educação:

Assinalo a importância de se compreender as relações humanas na cidade como uma esfera educacional ampliada que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados. A realidade acentua o movimento de redes sociais que geram contextos e acontecimentos educativos, em simultaneidade com as ações de instâncias educativas tradicionais como as relacionadas com família e instituições escolares. [...] Em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens, vivemos quotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos.

Portanto, a educação não está acontecendo somente nas escolas e universidades, bem como os jovens não estão aprendendo ou “ficando inteligentes” somente quando engajados e bem enquadrados no sistema escolar. A educação está acontecendo simultaneamente em espaços formais e não formais/informais dos quais a juventude participa, sendo que, muitas vezes, os jovens tomam como referência as situações de aprendizagem que acontecem fora da escola não vendo sentido real nos conteúdos escolares. Consideramos então os espaços da cidade como educativos por serem meio, condição e produto dessas vivências educativas, visto que muitas das situações de aprendizagem fazem referência a questões espaciais na vida dos jovens.

Lana Cavalcanti (2015) explica que o conhecimento acionado e aprendido pelos jovens nas ruas da cidade é dotado de “conteúdos

geográficos” e que podem ser relacionados com os conteúdos escolares, como parte de uma estratégia pedagógica no ensino de Geografia:

Entre as motivações dos jovens está a de falar sobre sua vida, suas práticas rotineiras, suas percepções e valores, em torno dos quais eles produzem seu espaço vivido (inclusive nos territórios instituídos na própria escola), carregado de vivências gregárias, intersubjetivas e formadoras de territórios (a começar pelos seus corpos). O “conteúdo” desse espaço pode ser denominado como *cultura geográfica de jovens escolares*. Essa cultura pode ser objeto de estudo na escola. (ibidem, p.27)

Nesta pesquisa, não estudamos necessariamente a cultura geográfica dos jovens escolares citada pela autora, cujo debate está mais desenvolvido em seu texto. Em nosso recorte, abordamos jovens que se envolvem com a cultura hip hop e, a partir disso, passam a compor espaços educativos, cuja presença e participação geram experiências positivas que contribuem com a formação política, intelectual e social dessa juventude, inclusive (re)aproximando jovens da vida escolar, na qual não viam sentido antes do hip hop.

Com isso, entendemos que as culturas juvenis tendem a promover uma aproximação com o conhecido na vida dos jovens, como já estudado por Paulo Carrano (2011) em texto que mostra como a cultura do rock aproxima os jovens da língua inglesa, a partir de termos utilizados nas técnicas de instrumentos musicais e nas próprias músicas. Também como a cultura da capoeira é indissociável e, por isso, direciona os jovens envolvidos a conhecer a história do Brasil e da sociedade brasileira. No caso do hip hop, dentro da cultura é historicamente promovido o debate a respeito do racismo, da desigualdade social e do resgate da autoestima negra e periférica. Trabalhamos especificamente a respeito do que os jovens negros e periféricos que estudamos estão aprendendo junto a Batalha do Vale e qual é a relação desses conhecimentos com a instituição escolar no Capítulo 6.

Tomamos neste trabalho pessoas jovens como sujeitos sociais, que são protagonistas de suas ações, espacializando, territorializando e ressignificando espaços da cidade que compõem suas identidades enquanto periféricos. Porém, esta abordagem de juventude nem sempre foi utilizada em estudos que investigam jovens e suas relações sociais, sendo que grande parte das pesquisas sobre juventudes estão tratando essas pessoas a partir da desvirtuação, do “desvio do caminho certo”, em que o jovem deveria estar em outra trajetória, aceita pelos adultos (Abramo, 1997). Por isso, achamos necessário trazer um breve debate a respeito dos estudos no campo da juventude que acreditamos fazer sentido com nosso estudo junto da Batalha do Vale.

Em primeiro lugar, não há um declarado consenso teórico a respeito da juventude e dos jovens: o que temos são diferentes abordagens e concepções a respeito do que é ser jovem e qual a sua posição social. É notável que inicialmente e, aliás, por um bom tempo, as ciências que trabalharam com os estudos das juventudes foram a Antropologia e a Sociologia, nas quais uma série de pesquisas etnográficas e também quantitativas foram desenvolvidas e as abordagens, em grande maioria, orbitavam por temáticas problemáticas como formação de gangues, criminalidade, tráfico de drogas e desemprego, entre outras que, em geral, foram formulando no imaginário social e acadêmico um perfil de jovem a ser seguido, variando de geração para geração, e foram abordados marginalmente os jovens que não estavam enquadrados nesse perfil (Abramo, 1997; Feixa, 1999). O jovem pobre era, via de regra, visto como um problema e precisava ser salvo de si mesmo e das condições adversas em que vivia.

Segundo Helena Abramo (1997), os trabalhos acadêmicos, até pelo menos o final do século XX, não estavam de fato abordando trajetórias juvenis em que os jovens pobres eram protagonistas de suas ações, mas sim um desvio “de onde eles deveriam estar”. Para a autora, essa visibilidade de temáticas que dão luz às “falhas” é alimentada pela concepção socialmente normalizada de que a juventude é uma fase da vida que passa, e que ao passar o jovem deve estar preparado para ser um adulto; é uma fase de transição e também de

crise. Nessa perspectiva, Carrano e Dayrell (2014) mostram que o imaginário social trata os jovens, erroneamente, como algo que eles ainda não vieram a ser, ou seja, que não pode falar por si por ainda não ter idade para isso.

A mesma perspectiva é refletida nas leis que amparam as questões juvenis, sendo que o Estatuto da Juventude no Brasil² prevê que jovens são pessoas entre 15 e 29 anos, e mesmo a Organização Mundial da Saúde diz considerar adolescentes e jovens com idade entre 12 e 29 anos (Cassab, 2007), o que nos mostra que a juventude geralmente não é considerada a partir de condições socioeconômicas e espaciais que os sujeitos estão experimentando, e sim uma fase da vida na qual o jovem deve passar “longe” de problemas para adentrar o mundo adulto, garantindo o sucesso de seu processo de socialização.

Atualmente, neste campo dos estudos de juventude, outras perspectivas mais pluralistas superaram a visão funcionalista e reconhecem tanto a pluralidade das experiências de juventude e de trajetórias de transição para a vida adulta quanto a particularidade dessa fase de vida na constituição de culturas distintivas (Pais, 2003; Carrano, 2011), como são as culturas juvenis que estudamos – o hip hop como um exemplo delas. Em vista disso, entendemos que a juventude não se reduz a uma passagem e que os jovens não podem ser descredibilizados enquanto sujeitos sociais por não serem adultos, compreendendo a juventude como um momento em que a pessoa se forma enquanto sujeito social e que muitos valores e identidades estabelecidas o permearão para o resto da vida.

Assim, embora seja inegável que a juventude abrange uma dimensão natural (corporal, psíquica), também consideramos as condições culturais e sociais na quais as pessoas jovens estão inseridas, destacando que a juventude é vivida de acordo com os recursos disponíveis para essa experiência (Turra Neto, 2008), sendo variável de acordo com o contexto social e espacial dos jovens. Portanto, concordamos com Carrano e Dayrell (2014, p.112) quando afirmam que

2 Esse estatuto foi instituído a partir da Lei n.12.852/2013.

a juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nesse, o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, por exemplo) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude.

Assim, a experiência de juventude não é a mesma para todos os jovens, sendo que para os periféricos e empobrecidos, viver a juventude é uma trajetória dificultada pela necessidade de trabalhar, por não ter dinheiro para acessar espaços de lazer e cultura, por exemplo. Então, para viver sua juventude, em muitos casos, os jovens periféricos precisam exercer algum trabalho remunerado, deixando de se dedicar exclusivamente aos estudos e ao lazer, como é o caso de jovens ricos, que vivem plenamente sua juventude entre a escola e o tempo livre. Portanto, consideramos a sugestão de Dayrell (2007) de abordar os jovens a partir da “condição juvenil”, na qual leva em conta os diferentes contextos sociais e espaciais.

Quando tratamos de culturas juvenis, referimo-nos a uma manifestação em que jovens partilham elementos que os deixam em união (Pais, 2003) na qual podem ter referências das mais variadas linguagens. Para Turra Neto (2008), os jovens com trajetórias mais plurais, que não participam de nenhuma cultura juvenil de forma considerável, tendem a contar com maior participação de adultos em suas redes de relacionamento e referências. Já os jovens que se reúnem em grupos tendem a manter, pelo menos nos momentos em que estão reunidos, relações e vivências exclusivamente juvenis. Portanto, as culturas juvenis configuram um grupo de pessoas

jovens que manifestam interesses em comum. No caso do hip hop, as manifestações são mais de cunho artístico e educacional.

Notamos que as culturas juvenis, ao formar grupos e necessitar do encontro para se materializar, fazem o mesmo movimento de apropriação de espaços da cidade que destacamos anteriormente, cuja relação de identidade configura territórios a partir da dialética, da diferenciação entre o “nós” e o “eles” (Souza, 2001; Turra Neto, 2008). Ao partilhar de referências semelhantes e tendo a possibilidade de ocupar um lugar para o encontro, os jovens estabelecem políticas que se materializam no espaço, configurando seus próprios lugares e territórios na cidade, fazendo necessárias para a compreensão do fenômeno abordagens em perspectivas geográficas.

Quando pensamos na trajetória dos estudos sobre juventudes, percebemos que são recentes as abordagens espaciais nas manifestações de culturas juvenis, ao mesmo tempo que não há uma tradição entre os geógrafos de pensar o espaço a partir das “lentes” das juventudes. A partir dos trabalhos de Carrano (2003) e Dayrrel (2007), surgem novas abordagens a respeito das juventudes que dão ênfase a suas territorialidades (ainda que não conceituadas profundamente), aos estilos e às vivências dos jovens, agregando então uma perspectiva espacial para o acontecimento das juventudes e culturas juvenis. Apesar de a preocupação espacial desses autores ser imprecisa, muitas pesquisas a respeito das juventudes vêm reconhecendo abordagens espaciais como fundamentais (Turra Neto, 2015), e é por isso que aparece como necessária a participação de geógrafos no debate sobre as juventudes, para que o entendimento das práticas dos jovens na cidade seja ampla e precisa, visto que esses jovens constroem territórios e produzem a cidade.

Nesse sentido, a contribuição da Geografia também abarca a participação das juventudes na produção e organização da cidade, visto que, a partir do entendimento das espacialidades juvenis, aumentam a efetividade na criação de políticas públicas voltadas a esse público. Além disso, o conhecimento das práticas espaciais das juventudes pode contribuir diretamente para a aproximação entre a escola e a

vida dos alunos na cidade por meio das culturas juvenis, relação que nossa pesquisa também se propõe a analisar (Capítulo 6).

De acordo com Lana Cavalcanti (2015), os conhecimentos que circulam entre os jovens fora dos muros da escola têm “conteúdos” que dialogam com os previstos no currículo escolar, e a instituição poderia abordar nas estratégias didáticas uma aproximação entre as culturas juvenis que se manifestam na cidade e a vida escolar. Visto que a escola é o espaço de sociabilidade mais importante para os jovens, para alguns até o único (Dayrell, 2007), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê a articulação didática entre a vida dos estudantes em seus contextos e o universo da escola:

Além disso, BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. Essas decisões, que resultam de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade, referem-se, entre outras ações, a: contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas [...]. (Brasil, 2018, p.16)

Apesar de ser uma competência da instituição escolar atribuir aos jovens sujeitos perspectivas sociais e de análise que lhes permitam associar os conteúdos escolares com a sua realidade, na prática e segundo a realidade de uma escola isso se torna um trabalho mais difícil, principalmente para professores e gestores. Ao longo de nossa pesquisa, destacamos que as atribuições destacadas pelo documento da BNCC, no caso de nossos sujeitos de pesquisa, foram proporcionadas para os jovens a partir da participação em culturas

juvenis como a Batalha do Vale. Por isso, acreditamos que o hip hop pode ser uma ponte entre aprendizagens que acontecem nas ruas e que fazem sentido para os jovens e os saberes escolares que também são necessários para a formação do pensamento crítico.

A esse sistema educacional que assume o papel de “preparar” os alunos para a competição do mercado de trabalho e para as regras sociais da vida adulta, em que a comprovação de “méritos” e conquistas por meio de notas prevalece sobre a conscientização, Paulo Freire chama de educação “bancária”. Não cabe neste trabalho nem a nós professores criticarmos outros professores, pois a escola e o sistema educacional seguem as lógicas de construção da sociedade, assim como a cidade e seus espaços. Porém, mesmo perante um contexto desfavorável, é necessário pensarmos estratégias pedagógicas para fazer valer os conhecimentos produzidos em processos educativos mais amplos:

[...] em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitoado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” [...]. (Freire, 1996, p.25)

Apesar das dificuldades e das condições que não permitem, em muitos casos, que os professores e professoras do ensino básico desenvolvam projetos pedagógicos muito duradouros e complexos, muitos professores também encontram estratégias pedagógicas interessantes para a aproximação entre os conteúdos escolares e as vivências dos alunos, inclusive por meio do hip hop (Neves, 1999; Jovino, 1999; Callai, 2000).

O hip hop surge então como uma cultura que historicamente vem acumulando e transferindo saberes a respeito de temáticas como racismo, desigualdade, violência, segregação socioespacial, relação entre o centro e a periferia, entre outros assuntos que fazem parte da realidade de quem está inserido nessa cultura e

movimento. Na escola, esses assuntos também são ou deveriam ser debatidos em conteúdo das ciências humanas e, por muitas vezes, são professores de Geografia que ficam encarregados de introduzir esses debates para os jovens alunos (Callai, 2000). Por isso, acreditamos ser pertinente que a Geografia, não só a acadêmica mas também a escolar, indissociáveis, se preocupe com a abordagem das práticas juvenis na cidade, para que uma compreensão das juventudes plurais seja impulsionadora por parte de toda a sociedade, para que as juventudes sejam incentivadas cada vez mais a ser protagonistas de ações que produzem espaços e consequentemente atuar politicamente na cidade, e para que professores e professoras tenham maiores e mais amplos canais de comunicação com os/as jovens escolares.

A cidade que existe em volta da Praça...

Nesta seção do texto explicitamos, mesmo que de maneira pouco aprofundada, alguns elementos sobre a dinâmica urbana de Presidente Prudente, trazendo a formação histórica da cidade para que as pessoas que leem o trabalho, principalmente as que não conhecem Prudente, possam se contextualizar em relação a onde a pesquisa e a Batalha do Vale acontecem.

As terras em que se encontra a cidade de Presidente Prudente estão localizadas no extremo Oeste do estado de São Paulo, nomeado também Pontal do Paranapanema. Antes da chegada da sociedade capitalista, essas terras eram habitadas por diferentes grupos indígenas como os oti, os caiuíá-guarani, os caiapó e os caingangue (coroados), que era o grupo mais numeroso da região (Feliciano, 2019, p.6). Em meados do século XIX, posseiros foram atraídos para o Oeste Paulista visando a terras cultiváveis, já projetando a expansão da ferrovia Alta Sorocabana na região (Sposito, 1983). Segundo Jean Cabrera (2018), os indígenas defenderam suas terras confrontando os colonizadores, mas por fim foram derrotados e migraram para diferentes regiões do norte do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Ao ser colonizada a região teve as primeiras ocupações por desbravadores “grileiros de terras” (Feliciano, 2019, p.6-7) com interesse em escoar produtos pela linha férrea Alta Sorocabana, portanto, atraiu investimentos em agricultura e também o loteamento das terras que iam sendo ocupadas (Abreu, 2001). O município tem a sua fundação oficializada em 14 de setembro de 1917, e a estrada de ferro é inaugurada dois anos depois. As famílias de grileiros mais influentes e que articularam a colonização da região de Prudente eram os Goulart, que já possuíam as terras a oeste da ferrovia, e os Marcondes que já detinham as terras a leste. Foi partindo daí, da estação de trem e da influência dos coronéis fazendeiros/grileiros que surge a cidade de Presidente Prudente.³ O primeiro núcleo urbano era composto pelas Vilas Goulart (atual “centro”), a oeste da ferrovia, e a Vila Marcondes, a leste da Alta Sorocabana (ibidem; Sposito, 1983).

Segundo Oscar Sobarzo (2004), Presidente Prudente passou por transformações estruturais urbanas ampliando o limite territorial da cidade significativamente, principalmente no sentido oeste-norte, e Maria Encarnação Sposito (1983) enfatiza que, após a década de 1940, a cidade cresceu aceleradamente por pelo menos quatro décadas, configurando eixos de crescimento seguidos, relativamente, até os dias de hoje. Ainda seguindo as ideias de Oscar Sobarzo (ibidem), vemos que nesse período de expansão urbana ocorreu o aumento de conjuntos habitacionais destinados a pessoas de baixa renda, ao mesmo tempo em que, nas áreas centrais e com interesse imobiliário, foram elevados impostos territoriais, inviabilizando ou, pelo menos, dificultando a permanência das famílias pobres nessas áreas, repelindo-os para as periferias.

Esse processo de urbanização, guiado por uma lógica desigual de expansão capitalista desse seu projeto (Sposito, 1983), continuou e continua produzindo uma cidade desigual. Segundo Sobarzo (2004), a cidade pode ser, com o devido respeito às particularidades

3 Para compreender de forma mais ampla o processo de ocupação e grilagem das terras do Pontal do Paranapanema, ver Carlos Alberto Feliciano (2019).

empíricas da malha urbana, generalizada de forma que as zonas Norte, Leste e Oeste são as que guardam os bairros e imóveis de menor poder aquisitivo e também as mais precárias periferias da cidade, já a zona Sul abriga os empreendimentos imobiliários destinados a pessoas de maior poder aquisitivo, como condomínios de luxo. Destacamos que não podemos ignorar a existência de bairros empobrecidos na zona Sul, bem como espaços residenciais fechados na zona Oeste, por exemplo, mas utilizamos essas generalizações para oferecer para as pessoas leitoras do trabalho certas noções a respeito da organização espacial da cidade de Presidente Prudente.

Sob essa lógica de expansão começam na década de 1970 as obras que viriam a ser o Parque do Povo, espaço significativo para nossa pesquisa e também para Presidente Prudente. O Parque do Povo ou “Parcão”, como é chamado pela juventude periférica da cidade, é um importante espaço de lazer, cultura e ações políticas, sendo que muitas das manifestações da cultura hip hop acontecem em suas imediações, incluindo a Batalha do Vale.

Maria Lúcia da Hora Bernardelli (2001) narra que a área do Parque era considerada um fundo de vale, justamente por correr ali o Córrego do Veado e ser desvalorizada do ponto de vista econômico e imobiliário, dificultando a expansão da malha urbana no sentido leste-oeste, mas a partir de incentivos do Governo Federal (que representava o regime militar), no final da década de 1970 e início de 1980, a Prefeitura Municipal inicia o processo de canalização do Córrego e inaugura o Parque do Povo como um espaço público de lazer sob um trecho urbano de seu curso. O que a autora enfatiza é que o projeto de “desenvolvimento urbano”, que buscava resolver questões econômicas da cidade, acabou por deixar de lado questões sociais e ambientais que se agravaram a partir de sua execução.

O processo de canalização do Córrego do Veado e de implementação do Parque do Povo, segundo Maria José Calixto (2001), configurou uma reestruturação no espaço urbano de Presidente Prudente, alterando profundamente o padrão imobiliário e de pessoas que ocupavam o entorno daquela área. Esse processo contou com a desapropriação, por parte do poder público, de centenas de

propriedades em que viviam famílias com menor poder aquisitivo, trabalhadores e trabalhadoras, que não receberam de forma justa a indenização devida (ibidem, p.144), sendo induzidos ou até mesmo obrigados a se deslocarem para bairros distantes e periféricos (Zona Norte, Leste e Oeste majoritariamente). A autora ainda destaca que é notável um descompasso entre o preço das indenizações e a supervalorização do metro quadrado na área ao redor do Parque do Povo, o que evidencia que a dinâmica de expansão e reestruturação urbana foi guiada por uma lógica especulativa, facilitando interesses de segmentos privilegiados da sociedade:

A realidade vem reforçar a ideia de que o parque denominado do povo era mais do povo anteriormente do que após o término das obras, havendo, ainda, um evidente descompasso entre o preço da indenização recebida pela perda da propriedade e os novos preços que o metro quadrado atingiu na área. O que num primeiro momento apareceu como um benefício, acabou por se converter em um instrumento de expropriação, deixando claro que o poder de intervenção e reivindicação dos agentes envolvidos no processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano é diferenciado, cabendo ao poder público local mediar os conflitos de interesses. (ibidem, p.144-5)

A perspectiva levantada pela autora a respeito da produção do espaço urbano de Presidente Prudente, especificamente o Parque do Povo, reforça a ideia que trouxemos anteriormente de Roberto Lobato Corrêa (2004) sobre os agentes que articulam essa produção, em que o Estado, além de acionar a produção do espaço urbano, também faz mediações entre os interesses de outros agentes, como no caso do Parque, e favoreceu o mercado imobiliário que visava especular a área e direcionar investimentos após o término das obras públicas que removeram diversas famílias humildes.

Diante dessa lógica que guia os fatos apresentados a respeito de sua formação, perguntamo-nos: para quem é o Parque do Povo? Quem deveria/deve estar ali? É notável que ao expelir os pobres

da região no início de suas obras, o Estado e os agentes imobiliários não estariam produzindo um espaço urbano voltado para os futuros jovens e pessoas periféricas de Presidente Prudente. Ao entorno do Parque não encontramos tão explicitamente conjuntos de casas e estabelecimentos marcados pelo baixo poder aquisitivo dos habitantes ou consumidores. É uma área urbana consolidada e realmente “bonita” aos olhos das pessoas que a utilizam, tem frequente policiamento nas ruas e a prefeitura mantém o espaço sempre “bem cuidado”, em contraste com os espaços públicos das periferias empobrecidas da cidade que são marcados pelo abandono.

O Parque é frequentado, majoritariamente, por pessoas que têm condições de acessá-lo ou que moram perto ou que podem se locomover até ele com carro, moto ou ônibus. Por isso, geralmente, o Parque, que tem seu horário de pico ao final de tarde e início da noite em dias de semana, é majoritariamente nesses momentos utilizado por pessoas brancas, com condições financeiras favoráveis e que não são reprimidas por estarem ali. Já aos finais de semana, sobretudo à noite, acontecem diversas atividades com presença de pessoas periféricas em sua extensão, diversos jovens negros e periféricos circulam e se reúnem no Parque para exercer seu direito de lazer e sociabilidade, mas entendemos essa presença como uma conquista espacial e constante luta pelo acesso à cidade.

Percebemos que ao longo do tempo e também do processo de consolidação do Parque do Povo diversas manifestações das culturas juvenis negras e periféricas aconteceram ali, como destacamos nos capítulos 2 e 4 a respeito de eventos de hip hop organizados na pista de skate. Os próprios skatistas que frequentam a pista movimentando a cultura do skate, os nossos colaboradores DJ Mapa e o MC Alexandre Catanozi, que nos contaram histórias antigas do hip hop prudentino, mencionaram que frequentavam e se manifestavam nas imediações do Parcão. Nossos entrevistados da BDV também disseram que frequentavam o local para divertir-se.

Portanto, apesar de sua história obedecer à lógica de privilegiar os ricos e atrair pessoas com maior poder aquisitivo do ponto de vista do seu consumo, o Parque do Povo também é usado pelas pessoas

da periferia, que superam as barreiras sociais e urbanas para chegar e permanecer naquele espaço, como uma conquista de um direito, o direito de estar ali.

Dessa forma, consideramos que a presença da juventude periférica e suas culturas nos espaços públicos do Parque do Povo é uma tensão na lógica de segregação socioespacial implementada na produção da cidade, o que gera forte repressão por parte do poder público, por meio das ações da Polícia Militar. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Adolpho Barreto Neto (2016) que estudou o “fluxo”⁴ que acontecia no Parque semanalmente, reunindo centenas de jovens periféricos nos quiosques próximos à Avenida Manoel Goulart que, em sua maioria, tinham a cultura funk como referência. Os jovens que participavam do fluxo eram, frequentemente, sujeitados a revistas e averiguações da Polícia Militar, alguns relatados pelo autor, afirmando a ideia de que o lugar da cultura periférica e dos jovens e pessoas que a praticam não é ali.

Essa questão diz respeito diretamente a nossa proposta de pesquisa, que contextualiza a Batalha do Vale e suas ações dentro desse processo histórico e espacial da articulação e produção do espaço urbano de Presidente Prudente que deu origem às longínquas periferias e ao mesmo tempo a esse espaço público central e altamente luminoso do ponto de vista da sociabilidade juvenil. Para isso, é necessário destacar e evidenciar um canto específico do Parque do Povo, bem próximo de onde aconteciam os fluxos estudados por Barreto Neto (*ibidem*), conhecido como Praça do Vale, local onde o Coletivo Batalha do Vale territorializa, desde 2015, suas principais ações culturais.

4 O “fluxo” é a reunião de jovens moradores de periferias empobrecidas das cidades em espaços públicos para se divertir. Em sua maioria as juventudes que participam do fluxo compartilham referências culturais ligadas à música e ao estilo funk. Ver Adolpho Barreto Neto (2016) e Elvis Ramos (2017).

A praça do Vale!

Figura 7 – Praça do Vale

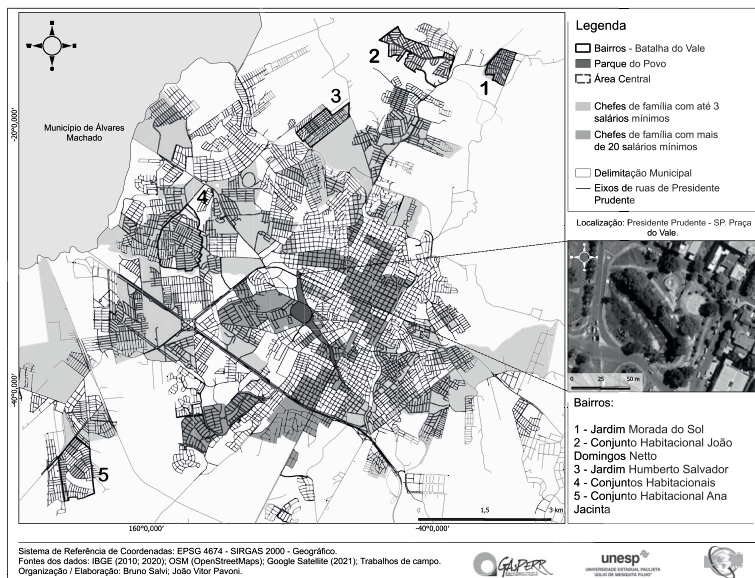


Fonte: acervo pessoal do autor.

O local onde a Batalha do Vale se territorializou pela primeira vez é uma praça pública que foi inaugurada com nome de Praça Oscar Figueiredo Filho, no dia 22 de dezembro de 2008, homenageando um influente empresário do ramo canavieiro da região de Presidente Prudente, segundo o website da prefeitura municipal. A praça está localizada na Avenida Manoel Goulart, ao final (ou começo) do Parque do Povo, ao lado do Prudenshopping, sendo uma área urbana consolidada que está próxima às áreas centrais de lazer e consumo. Apesar das formalidades, o local é conhecido pela juventude periférica como Praça do Vale, sendo que a própria Batalha recebeu o nome de Batalha do Vale por acontecer nessa praça, ou seja, a Praça do Vale foi apropriada pela BDV. Porém, são duas coisas diferentes: uma pessoa pode estar na Praça do Vale sem estar em uma BDV.

O espaço onde a praça se encontra, antes de sua construção, era um local sem uso definido, com vegetação alta e sem iluminação,

Mapa 1 – Presidente Prudente, São Paulo. Localização da Praça do Vale



segundo website da Prefeitura Municipal que, em reportagem, afirma que o local era considerado um fundo de vale. Após a construção da praça, o local passa a receber iluminação, estrutura para atividades culturais como palco e arquibancada, caminhos pavimentados, jardins, bancos e um grande chafariz. Apesar de todo esse investimento, o local quase não recebia eventos artísticos ou de outro segmento cultural, sendo utilizado apenas por moradores das proximidades.

Nove anos após a sua construção, em 2017, a Praça Oscar Figueiredo Filho, que na época já era Praça do Vale, foi reinaugurada pelo poder público com o centenário do município, recebendo algumas reformas e pintura nova. O próprio site da prefeitura, em reportagem a respeito da reinauguração, menciona que o local estava “inativo” desde 2008, devido a problemas e mau funcionamento do chafariz, que voltou a funcionar em 2017. Apesar de a prefeitura não reconhecer o uso constante da Praça do Vale, percebemos que a juventude da periferia já ocupava aquele local desde a construção da praça.

Figura 8 – Construção da Praça do Vale, em 2008



Fonte: acervo pessoal do autor.

Com base em conversas e entrevistas que realizamos durante esta pesquisa e também em trabalho anterior (Salvi, 2019), percebemos que desde que a praça foi inaugurada era utilizada por moradores do entorno que passeavam com os cachorros e outras atividades de lazer, mas também pelos skatistas que aproveitavam as estruturas para fazê-las de obstáculos e manobrar, marcando presença de pessoas e da cultura periférica naquele espaço, confrontando a lógica que induz as pessoas periféricas a se manterem afastadas das principais centralidades de lazer.

A presença dos skatistas já trazia elementos periféricos para a praça, como grafites, pichações e também adaptações para manobrar, ressignificando um espaço urbano consolidado pelo uso, da territorialidade da cultura juvenil praticada, inclusive alterando o nome da praça, pois percebemos que foram os skatistas que nomearam a praça que havia sido construída no fundo de vale de Praça do Vale. Trouxemos alguns trechos de entrevistas que, apesar de não ser o assunto principal da conversa, contam um pouco mais sobre o uso da praça por essas pessoas:

[Igor] [...] na outra semana começou a BDV, na próxima eu cheguei lá tinha uma pá de gente, mano. Eu ia direto no Vale pra andar de skate e não tinha ninguém, aí tava lotado, mano, teve vez de os PM em treinamento, os cabeça de barquinho, embaçar na nossa, na minha, na do Mantega. Da gente tá lá no Vale andando de skate, e agora o bang tava lotado. Então, a gente já frequentava o Vale e não existia nem a Batalha do Vale, nem o fluxo, só colava quem queria manobrar de skate mesmo, e uns noia na madrugada que vão até hoje...

[Jimmy] Vou puxar um gancho que teve uma vez q a gente tava andando de skate na Praça do Vale, não tava acontecendo batalha ainda, a gente tava numa boa, pulando, filmando, numa boa... aí chegou uma van de policial em treinamento, eu não sei por que eles vem pra Prudente, né? E aí a gente tava lá pulando os picos, filmando, não estávamos atrapalhando a vida de ninguém e eles foram lá e simplesmente mandaram a gente sair. [silêncio] A gente não entendeu, perguntamos e aí ele falou: “Vocês vão ter que sair, tão depredando e os vizinho chamaram a polícia”. Se pá era mentira, mano, a gente tava lá direto, o pessoal do prédio até conhecia a gente já, mano, por que era direto e reto lá no Vale lá, por que o ponto de encontro da regiãozinha ali era lá...

Portanto, a Praça do Vale surge como um pedaço da cidade em que já estavam sendo instituídas territorialidades de culturas juvenis periféricas. A partir da fala de Igor e Jimmy, percebemos que esses jovens, além de superar as barreiras socioespaciais que os mantinham distantes da praça, precisaram confrontar o poder público que, por meio da Polícia Militar, tentou expulsá-los sem que realmente existisse um motivo plausível. Na verdade, entendemos que o motivo é a presença, é o tensionamento na lógica que deveria manter os jovens negros e periféricos, que andam de skate e cantam rap, afastados do Parque do Povo e da Praça Oscar Figueiredo Filho. Discutiremos isso na perspectiva dos territórios mais adiante.

Assim, a Praça do Vale já representava uma referência periférica no Parque do Povo, sendo inclusive articulado no movimento de

especialização dos jovens que vieram a compor a Batalha do Vale na cidade, assim como a pistinha de skate do bairro São Matheus, na zona Norte da cidade. Especificamente a Batalha do Vale passa a se territorializar na Praça do Vale a partir de 2015, recebendo o nome em referência ao espaço que acontece semanalmente de lá para cá, fazendo com que seja inviável referir-se à BDV sem que se faça alguma menção à praça, mostrando a importância daquele pedaço da cidade para o movimento hip hop que está sendo feito. Trata-se de um movimento indissociável de constituição de identidades de sujeitos sociais e de certas áreas da cidade, entendidas como seus territórios, que ao mesmo tempo os contém, os delimita e pelo qual passam a ser reconhecidas. A Praça do Vale hoje não pode ser entendida sem os papéis que lhe foram atribuídos pelo coletivo BDV.

Figura 9 – Logo da Batalha do Vale



Fonte: Igor Enrique Santos Silva (Arquivo Batalha do Vale)

A partir de então a praça passa a ser ressignificada fortemente, aumentando significativamente as referências periféricas por meio de grafites, pichações, cartazes colados nas estruturas, além da presença aos finais de semana da juventude periférica que passou a frequentar a Batalha do Vale. Toda a atmosfera periférica constituída a partir da BDV faz com que aquele espaço público, que antes carecia de qualquer uso, comece a ser usado para a promoção da cultura de rua de diferentes vertentes. A movimentação que passou a acontecer ali atraiu, com o tempo, comerciantes informais e artistas, que aproveitam o público da Batalha para vender produtos culinários e/ou artesanais, movimentando não só a cultura hip hop mas toda uma cena *underground* ao redor da Praça do Vale – uma espacialização que constitui novas territorialidades que acabam por tensionar as lógicas hegemônicas, pelo menos temporariamente, que produziram aquele espaço anteriormente.

Ao longo do período em que nosso trabalho foi construído, entre 2020 e 2022, não presenciamos muitas Batalhas do Vale acontecendo

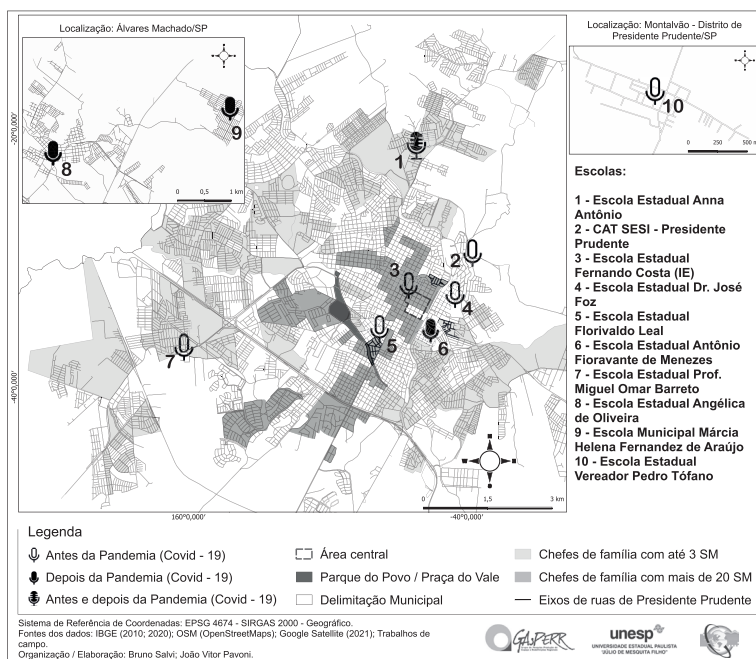
Figura 10 – Palco da praça enquanto a Batalha do Vale acontece



Fonte: Fernando Câmara (site da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente).

na Praça devido às medidas de restrições e distanciamento social impostas pela pandemia da covid-19. A própria BDV ficou sem realizar eventos na Praça do Vale desde o início de 2020 até as últimas semanas de 2021. Portanto, trazemos um mapa de uso da praça elaborado em pesquisa anterior (Salvi, 2019), no qual mapeamos em dias de Batalha do Vale a distribuição das pessoas por toda a praça, visto que muitas pessoas frequentam a atmosfera periférica proporcionada pelos eventos da Batalha mas nem sempre estão prestigiando as apresentações artísticas oferecidas.

Mapa 2 – Uso da Praça do Vale em dias de Batalha do Vale em 2019



Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar dos dados terem sido produzidos já há algum tempo, podemos afirmar, a partir dos últimos trabalhos de campo realizados na atual pesquisa, que a configuração do uso da praça em dias de Batalha do Vale continua semelhante. As pessoas que vão até a Praça

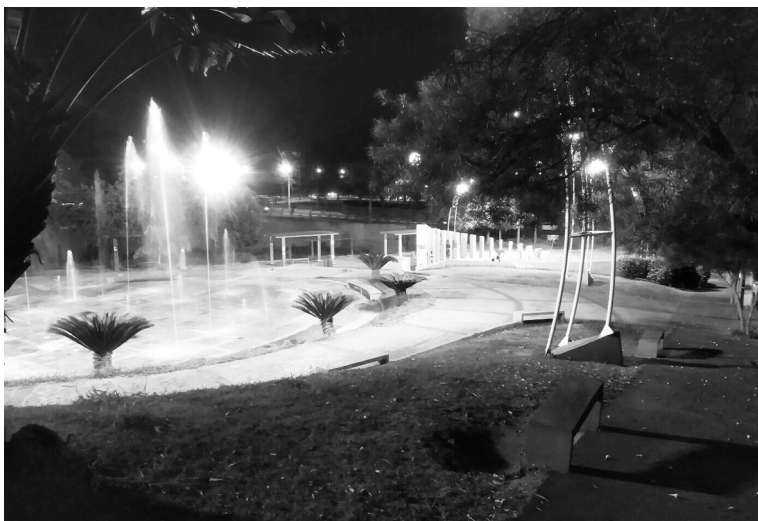
do Vale para participar da batalha de MCs ou de outras atividades da BDV costumam povoar o palquinho e as arquibancadas. Já o fluxo que destacamos no mapa não tem a mesma intensidade pelo fato de a BDV ter mudado o dia da semana em que acontece. Na época em que o mapa foi produzido, eram as sextas-feiras à noite, mesmo dia e horário em que os jovens do fluxo se reuniam. Desde 2020, os eventos da Batalha na praça acontecem aos sábados, justamente com o intuito de atrair para o local cada vez mais pessoas conectadas ao hip hop. A partir da flexibilização das medidas de distanciamento impostas pela covid-19, a BDV volta a realizar constantemente atividades na Praça, movimentando e mantendo ativo o sentido de espaço público no Vale.

Figura 11 – Praça do Vale em dia de Batalha



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 12 – Vista da Praça do Vale a partir da Avenida Rui Barbosa em uma quinta-feira



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 13 – Anexo da Praça do Vale, conhecido como Vale 2.0



Fonte: acervo pessoal do autor.

Vivência coletiva: a correria do Vale

Na presente seção do texto, discutiremos com base em nosso trabalho etnográfico o que é a Batalha do Vale de dentro para fora, tentando traduzir as ações necessárias para a sua territorialização semanal na cidade, na perspectiva de quem participa do Coletivo. O período em que a pesquisa caminhou lado a lado com a Batalha do Vale foi também o contexto de restrições e distanciamento que toda a sociedade viveu por conta da covid-19, portanto, parte dos dados que tivemos como base para afirmações foram produzidos ao longo da pandemia, e uma parte também significativa tem origem em conversas a respeito de anos anteriores de Batalha do Vale com membros do Coletivo e também com pessoas do público desde a pesquisa anterior (Salvi, 2019).

A Batalha do Vale, em sua essência, é um movimento cultural ligado ao hip hop, que atua de forma independente e é agitado por jovens negros e periféricos de Presidente Prudente. Tendo o hip hop como sua base, todas as ações da Batalha do Vale, enquanto um Coletivo que disponibiliza cultura gratuita para a comunidade, buscam, além de promover a diversão e o lazer, acionar a reflexão e a união por meio do conhecimento, diretrizes básicas dessa cultura e movimento. Portanto, a Batalha do Vale também se considera um movimento organizado, que articula não só ações, mas também ideias, selecionando e lapidando os discursos e informações que circulam em suas atividades.

Para que essas ações de fato aconteçam e se territorializem na cidade, a Batalha do Vale necessita de uma estrutura interna que, por vezes, pode parecer hierárquica para quem acaba de chegar ao movimento. Porém, a hierarquia do hip hop, pelo menos à qual que tivemos acesso pela Batalha do Vale, não é simplesmente estruturada pelo quanto de dinheiro a pessoa tem ou pelas roupas que está vestindo, e sim pelo nível de engajamento que a pessoa está disposta a aplicar às ações do movimento, bem como pelo tempo de estrada e de conhecimento na cultura.

Pelo que pudemos perceber durante a pesquisa, essa forma de pensar não é exclusiva da BDV e permeia outros coletivos de rap de Prudente. Apresentamos a seguir um trecho do diário de campo em que conversamos com um MC que atua na BDV, mas que também é organizador de outra batalha de MCs na cidade, em um evento on-line de breakdance organizado pela Batalha do Vale.

Anotação n.43 – 7 fev. 2021 – BATALHA DE BREAK BDV

[...] Depois que já tinha acabado a batalha de break e tudo, a gente já tinha desmontado quase toda a estrutura e limado a laje do Matarazzo, eu parei e fui ajudar o G. a tirar umas fitas do chão e acabamos trocando ideia e pá, ele tinha dançado na batalha e eu comentei que achei da hora pra caramba que ele sabia um break e etc...

O que foi legal foi que ele me perguntou na maior sinceridade o que eu tava fazendo com o Vale, porque direto o Igã falava que tinha uma pesquisa acontecendo, aí eu expliquei pra ele e ele pareceu entender a base do negócio. Mas ele me disse uma parada que fez muito sentido com tudo que eu vi no Coletivo até agora, e ele por ser organizador da [Batalha da] Mônica eu já percebi que ele adota uma postura semelhante ao Igor, inclusive comigo. Essa foi a primeira vez que ele reconheceu e teve interesse no corre que eu fazia pela BDV. Ele me disse que ficava feliz que eu tava colando, ajudando e contribuindo, mesmo não sendo MC nem nada, porque tinha uma pá de moleque que só queria colar, fazer o nome, gravar clipe, colocar nas redes sociais que é organizar e bater no peito até a hora que precisa realmente da pessoa pra acontecer alguma parada.

Eu só ouvi né, eu também tô chegando agora, mas o G. é conceituado no hip hop como um todo, o cara também leva uma batalha nas costas e pá, o que eu aprendi foi que ele, o Igã e provavelmente a galera que quer deixar o movimento mais sério tenta repelir a molecada que tá só passeando, que ainda não desvinculou só da diversão e não entende que aquilo também é trampo... [...]

Portanto, não se trata, necessariamente, de uma hierarquia que está excluindo uns para benefício de outros, mas uma maneira que nos pareceu estratégica para as pessoas que lideram as ações dos coletivos culturais gerenciarem o acesso dos indivíduos às decisões coletivas. Ao mesmo tempo isso pode ocorrer com outras culturas juvenis, como no caso dos punks mostrado no trabalho de Nécio Turra Neto (2008), em que ao acessarem a cultura punk e as redes de sociabilidade que a conecta, os mais jovens precisavam passar pelo crivo dos mais antigos, como se estes últimos soubessem “filtrar” os

novos membros que só queriam “aparecer” ou estavam “de brincadeira”. Utilizamos essa comparação para argumentar que os grupos juvenis, no caso dos de hip hop em Presidente Prudente, recebem as pessoas novas que estão chegando ao movimento ou à cultura com cautela, atribuindo confiança e funções nas ações culturais a partir das atitudes que a pessoa está apresentando em seu envolvimento.

Assim, a partir da relação que as pessoas estabelecem com a Batalha do Vale, vão sendo atribuídas funções que são fundamentais para a fluidez dos eventos e atividades. Por exemplo, se uma pessoa se apresenta para o Coletivo e diz ter uma câmera e tem interesse de tirar fotos dos eventos, certamente ela será convidada para isso, mas depende do nível de engajamento dela com o Coletivo ela vir um dia a participar ativamente das decisões que antecedem os eventos.

Para entendermos mais sobre como a Batalha do Vale se organiza e se empenha em fazer acontecer, vamos apresentar os níveis de envolvimento que pareceram ser os mais importantes para as ações culturais. O nível mais amplo de articulação da BDV é como os próprios membros se referem a ela: O Coletivo Batalha do Vale. O Coletivo é o grupo que engloba todas as pessoas que participam ou podem vir a participar, mesmo que esporadicamente, das ações da BDV em diversas frentes artísticas, como fotografia, edição de vídeo, arte digital, DJs, MCs, contribuintes em atividades nas escolas e pessoas que manuseiam o som. No geral são pessoas que podem estar dispersas em relação às ações diretas da Batalha do Vale, como a batalha semanal, mas que quando são acionadas dialogam e contribuem na medida do possível.

O Coletivo, no entanto, é flexível e em constante movimento. No período em que estivemos envolvidos, muitas pessoas passaram pelo Coletivo, entrando e saindo, aparecendo e sumindo: é realmente um grupo bem instável e que necessita de certa organização para que as funções sejam atribuídas e, principalmente, praticadas. Dentro do Coletivo, os responsáveis por essa centralização do diálogo é justamente quem atua na Organização da Batalha do Vale.

Geralmente, as pessoas que estão atuando na Organização estão comprometidas diretamente com todas as ações da Batalha do Vale;

são elas quem procura e distribui as funções entre as pessoas do Coletivo para um evento. Além disso, as pessoas da Organização, na maioria das vezes, participam do debate de ideias que dá início à formulação dos projetos e, conseqüentemente, às ações do Coletivo, fazendo parte da construção das atividades. Isso não quer dizer que membros do Coletivo que não se comprometem com a Organização também não possam dar opiniões, expor suas ideias e fazer críticas – isso acontece frequentemente, porém, os membros da Organização, por muitas vezes, são também as pessoas que mais dedicam tempo e energia para a articulação da Batalha do Vale e por isso participam mais ativamente das construções.

Segundo Igor, em entrevista, apenas no início da BDV, entre as primeiras edições em 2015, é que a Organização contou com um grande número de pessoas. Logo que a responsabilidade de fazer acontecer, de estar diariamente na correria do hip hop vinha à tona, as pessoas já se retiravam. Portanto, desde o início, o Coletivo BDV conta com várias colaborações, mas a Organização da BDV é uma esfera de envolvimento mais sólida e que exige dos jovens um compromisso além do “estar ali para quando precisa”. É necessário “estar ali fazendo o que precisa ser feito” para que o movimento aconteça.

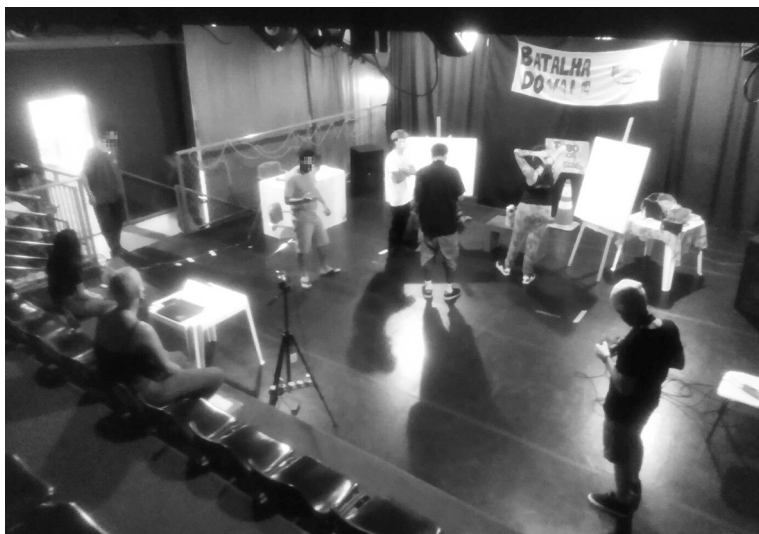
[Igor] [...] na primeira semana fizeram um grupão do WhatsApp, tinha vários MCs, gente que fazia rap, de tudo. Os caras que falava que era organizador era uns doze, uns doze organizador, mano, tinha eu e o A. no grupo. E aí a gente já começou a dar umas ideias e fazer umas paradas e teve uns caras que não curtiu muito o compromisso, mano. Eu tava dando a ideia de compromisso toda semana, de ser certeza...

De acordo com a vivência que tivemos na BDV, não podemos romantizar as funções da Organização: são as pessoas que estão nesse posto que recebem as maiores críticas negativas e destrutivas em relação ao movimento, principalmente vindas do poder público e da mídia. Além disso, a Organização também é um segmento da BDV em que as pessoas entram e saem constantemente, justamente

por exigir dedicação e disponibilidade, sendo normal essa rotatividade entre os membros do Coletivo. O único que nunca saiu da Organização desde que entrou para a Batalha é nosso colaborador Igor, que inclusive implementou a Organização como a conhecemos hoje. Em resumo, a Organização da Batalha do Vale são as pessoas que fazem tudo o que precisa ser feito para além dos eventos culturais e das batalhas de MCs aos finais de semana, é quem cuida do corre diário da Batalha do Vale.

Para além da Organização, ainda existe, ou pelo menos existiu, no período em que pesquisamos o Coletivo, outro segmento que reúne as pessoas que estão completamente comprometidas com a construção das atividades, que estão presentes em todas as reuniões que acontecem na semana e articulam dos primeiros aos últimos passos dos projetos. Encontramos e mostramos a seguir um registro do período em que fomos incluídos no Conselho, em uma conversa que tivemos com nosso colaborador Vinícius Oliveira (nas anotações, Vinição).

Figura 14 – Organização da Batalha do Vale nos bastidores de um evento on-line



Fonte: acervo pessoal do autor.

Figura 15 – Bastidores de um evento transmitido on-line pela Batalha do Vale



Fonte: acervo pessoal do autor.

Anotação n.31 – 24 out. 2020 – Batalha do Vale edição “Tamo de Volta” 1

[...] Eu e o Vinição acabamos falando nisso, o Igãõ há algumas semanas criou um grupo no Whats que chama Conselho BDV e só tem eu, ele e o Vinição. Este foi o primeiro evento depois disso e ajudou muito, limpou muito as funções. Cada um soube o que fazer. Foi menos cansativo. Caramba, até fiquei feliz de estar dando boas ideias para a parada, mano, considerado importante. Mas aí Vinição veio falar comigo enquanto a live tava rolando lá, começamos a conversar sobre a BDV já que a gente não aparecia mesmo, do potencial de fazer as coisas, que atinge uma galera... tinha gente feliz assistindo a live etc.. Aí ele comentou:

– Ô, mano, eu e o Igãõ criamos o Conselho da BDV porque a gente tá discutindo demais no grupo, tem gente que claramente não quer fazer parte da discussão e a gente fica forçando, querendo pedir opinião de todo mundo pra tudo e resolvi colocar só quem vai nas reuniões e quem quer discutir e pá e aí passa pra geral ver o que acha...

O que eu reparei é que a gente tá brigando bastante nesse grupo do Whats, várias divergências que só se resolvem na reunião de quinta-feira, o grupo serviu pra uma primeira treta ali e as ideias acabam por se alinhar depois. Os caras tão forte na zueira também, se ninguém responder o grupo até as nove da manhã é porque é vagabundo, essas coisas, mas tá dando certo. Hoje foi da hora...

O Conselho da Batalha do Vale, então, é o nível de envolvimento com a maior responsabilidade, que mais exige estar atento às demandas do Coletivo como um todo, mediando as ideias que surgem e as funções que são necessárias para concretizá-las. Em certo momento da pesquisa, eu, o pesquisador, precisei me retirar tanto do Conselho quanto da Organização. Nessa ocasião, conversei com Vinícius, informalmente, após a reunião, o que nos rendeu a anotação a seguir, que resume bem o que é esse envolvimento.

Anotação n.64 – 12 jul. 2021 Diálogo com coletivo e balanceamento dos últimos tempos [...]

Depois que saí do Igão ficamos conversando eu e o Vinição andando na rua e ele me disse que me entendia, que era assim mesmo e que eu tinha que fazer minhas coisas, era normal. Aí a gente começou a falar sobre essa parada do Conselho, de fazer reunião com um monte de gente várias vezes na semana e pá e fim de semana evento, que cansa, entra em contato com um monte de gente que não está se cuidando da covid e pá. [...] Mas aí acabou que ele deu umas ideias e eu complementei, e a gente chegou ao resumo de que estar no Conselho da BDV é o mais próximo que dá pra chegar do corre do Igão, que tá nessa diariamente tem anos, vive a parada 100%. [...]

Além de toda a estrutura de organização interna da Batalha do Vale que destacamos até agora, podemos incluir como essenciais à materialização da BDV os MCs, que fazem as rimas e são responsáveis pela principal atração da BDV. Eles mantêm uma relação um tanto curiosa e ampla com o Coletivo Batalha do Vale: notamos em nossa experiência que a maioria admira o corre do Vale, respeita, almeja conquistar espaços junto da BDV e, ao mesmo tempo, não concorda com algumas políticas impostas pela Organização, tanto em relação às rimas quanto ao uso da praça (ou outro espaço em que acontece o evento).

Assim, poucos MCs têm uma boa relação diretamente com a Organização da BDV. Geralmente, é uma relação meio conturbada, marcada por puxões de orelha e cobranças, mas, ao mesmo tempo nenhum MC interpreta as ações dos membros do Coletivo como um insulto, mantendo sempre uma boa convivência. No período em que estivemos ativos no Coletivo, nenhum MC esteve envolvido, porém,

a presença dos cantores é frequente e constante nos eventos da BDV, seja para rimar, apresentar-se ou apenas prestigiar de perto com a família. Destacamos isso pois é notável que vários MCs buscam se envolver em organizações de outras batalhas de MCs que acontecem pela cidade, mas na Batalha do Vale só vão para rimar ou assistir.

Anotação n.57 – 29 abr. 2021 – Festival Seis Anos

[...] Aí chegou uma rapaziadinha lá, só que eram mais molecada que a gente e, mano, passaram reto sem dar um salve, sem cumprimentar ninguém que estava trabalhando. Aí a galera já ficou meio irritada com eles, e nem falaram nada, foram pra lá pra um canto. E aí que que acontece, os cara iam cantar e chegaram mais cedo que a hora da apresentação deles, 2h mais cedo, e o combinado era 30min, por conta da covid. O Vinição ficou puto, mas eu que fui trocar ideia. Aí os cara levo as namorada, mano, o que não era pra levar. Ninguém levou a sua, só os cara. Mas aí eu também não tinha como mandar ir embora, acabou ficando. Mas eu tava tão cansado que não vou lembrar tudo que eles falaram, mas reclamaram de tudo, mano, de tudo, que não podia cantar putaria, que não podia isso e que não podia aquilo, os moleque quer a liberdade das ruas mesmo, kkkk. No geral a rapaziadinha acha que a BDV é dos tiozão do rap que enfia regra nas coisa e que só gosta de letra de conteúdo. Mas quando foram lá cantar, cantaram, a letra deles lá daquele jeitão, mas cantaram, fizeram o trampo que falaram que iam fazer [...].

Já as pessoas que vão aos eventos da Batalha do Vale para prestigiar, encontrar a turma e se divertir curtindo a cultura hip hop compõem o que chamamos de público da BDV. Essas pessoas podem, geralmente, ser atraídas para a Batalha do Vale pelas publicações de divulgação nas redes sociais ou também ser atraídas pela Praça do Vale para utilizar o espaço público para o lazer e aproveitar a atmosfera periférica promovida pela Batalha para isso. Apesar de o público não manter nenhum compromisso com o acontecimento da BDV, sendo inclusive um público bem itinerante, não é possível acontecer a Batalha do Vale sem essas pessoas. É o público que decide quem vence uma batalha de MCs. São as pessoas do público que imprimem identidade ao espaço e implementam elementos da periferia naquele lugar, pelo ajuntamento que dá visibilidade pública para a BDV.

O que podemos perceber, a partir dessas informações, é que a Batalha do Vale não acontece do nada. Existem condições

Figura 16 – Organização da Batalha do Vale nos bastidores de um evento on-line



Fonte: Batalha do Vale no Facebook.

estruturantes que englobam a vivência diária da vida de jovens que se envolvem, bem como ela depende da presença de pessoas de diferentes periferias se reunirem para compor o espaço em que se materializarão as ações previamente planejadas. O que nosso envolvimento nos mostrou é que para todas as ações da Batalha do Vale, sejam elas em escolas, na Praça ou on-line, existe um antes, um durante e um depois do evento, e que a Organização e o Conselho realizam por dias, semanas ou meses um debate e sistematização de ideias, que são formalizadas por meio de projetos culturais. A partir daí são atribuídas funções às pessoas do Coletivo de acordo com a disponibilidade e o nível de envolvimento.

Toda essa estrutura de organização que envolve jovens negros e periféricos e suas vidas, experiências e práticas são os elementos que constituem a Batalha do Vale. A BDV é a articulação de todas as frentes de trabalho que apresentamos. Tudo isso é feito de maneira independente, sem o menor incentivo do poder público e com muita

luta por parte da juventude, para que as ações culturais tenham um começo, um meio e um fim, fazendo sentido para a comunidade que recebe os eventos como público e também para os jovens que cumpram as funções dentro do Coletivo. Por isso, afirmamos, a partir de toda a nossa experiência de pesquisa, que a Batalha do Vale vai muito além da Praça do Vale, vai desde a motivação para se reunir em dias de semana e discutir ideias, até voltar para casa refletindo após ouvir muitas rimas boas em uma batalha.

“Sem botar as caras a gente não existe”: territórios, territorialidades e Batalha do Vale

A seguir, traremos um debate sobre a nossa abordagem dos territórios e das territorialidades que emergiram com nossa participação na Batalha do Vale, um debate que não estava previsto no projeto de pesquisa, mas que pareceu ser, a partir da Geografia, uma forma coerente de contextualizar as práticas juvenis que estudamos na sociedade e na cidade. Como já mencionamos, consideramos o território como um espaço onde é agitado um campo de forças a partir de relações sociais e de poder, criando uma diferenciação entre um “nós” e um eles”, sendo que o “nós” são os sujeitos que constroem e compõem o território (Souza, 2001; Haesbaert, 2004, 2007; Turra Neto, 2001, 2008, 2015).

Por sua vez, atribuímos as territorialidades aos “[...] modos e estados da ação territorial, enunciando diferenças com o outro, ou estabelecendo um campo de forças em conflito ou marcam distanciamentos e identificações com os locais” (Ramos, 2017 p.106). Portanto, as territorialidades configuram investidas de sujeitos sociais que, justamente, agitam os campos de força, fazendo emergir e destacando no espaço as relações de poder que configuram as diferenciações. São ações territoriais que podem vir a demarcar territórios e constituir fronteiras.

Vale destacar que a territorialidade não condiz sempre com o território no sentido de sua materialização. Os territórios

implicam relações de poder projetadas no espaço e isso requer as territorialidades (Haesbaert, 2004). Por exemplo, os jovens periféricos que em 2015 realizaram a primeira Batalha do Vale na praça implicaram territorialidades naquele local. Quando se reuniram ali e começaram a promover o hip hop, os moradores do entorno perceberam, o pessoal que frequentava e trabalhava no lanche da esquina também notou que algo estava diferente, a própria polícia militar se atentou para a presença periférica ali. Esse agito é causado pelo campo de forças, gerado a partir da ação territorial, sendo implicada uma diferenciação de um grupo em relação aos demais. Se na ocasião aqueles jovens tivessem se dispersado e não realizado mais nenhuma atividade na Praça do Vale, nas próximas semanas a territorialidade implicada na praça também seria superada, ficando apenas na memória de quem sentiu o campo de forças, sendo estabelecidas diferentes territorialidades ali sem que fossem necessariamente do hip hop.

Com tudo isto, estamos dizendo, também, que nem todas as ações são constituidoras de território, mas que para que este exista são necessárias certas condições. Assim, precisamos circunscrever, mais detalhadamente, que ações são estas que fundam território. Constituem território aquelas ações para as quais a formação de espaço abrange certa materialidade em que se deve marcar e demarcar a diferença em relação a outros, negociar e impor sua presença e visibilidade em meio a formações espaciais outras, ou em meio à formação espacial hegemônica, que tenderia a apagar ou invisibilizar sua presença em relação, num certo lugar, onde se realiza um encontro negociado. Ou seja, aquelas ações para as quais a materialidade do espaço é um recurso para afirmação social, política, para expressão e realização da alteridade, dos seus desejos, pulsões, encontros, em que a apropriação de uma área (de forma efêmera ou permanente) joga um papel crucial nas interações sociais com os outros e que permite ao grupo afirmar-se. Ações que constituem limites/ fronteiras comunicacionais, bem como jogos, mais ou menos cambiantes, entre dentro e fora, nós e outros. (Turra Neto, 2015, p.56)

Seguindo esse argumento, é possível dizer que foi com a constante presença da juventude da Batalha do Vale na praça, implicando semanalmente territorialidades periféricas que imprimem no espaço afirmações de identidade, que a Praça do Vale passou a ser uma referência identitária para os jovens que se espacializam ali. Essa presença constante fez cada vez mais a forte identidade com aquele espaço e caminhou para a implementação de regras, de horários, de políticas que fazem com que ao adentrar aquele espaço a pessoa se veja induzida a adotar e respeitar ou a se opor e iniciar uma disputa/tensão. São relações de poder que se estabelecem – o que pode e o que não pode fazer na Batalha do Vale – configurando aquela praça como um território juvenil que adota as diretrizes da cultura hip hop.

Historicamente, a cultura e o movimento hip hop se materializam por meio de territorialidades juvenis pela cidade, visto que em sua essência essa cultura afirma uma identidade cultural de um território urbano periférico marcado por desigualdades. Além disso, o conteúdo das artes do hip hop, muitas vezes, faz referência a territórios distintos, como a quebrada em oposição aos bairros ricos, fazendo com que a manifestação dessa cultura, assim como a maioria das culturas juvenis, necessite de um espaço concreto para os jovens estarem juntos e compartilharem referências. É notável que muitos coletivos de hip hop, em especial os de organização de batalhas de MCs, utilizam os territórios onde se materializam os eventos nos próprios nomes dos coletivos, por exemplo, Batalha do Vale (referência à Praça do Vale), Batalha da Matriz (referência à Praça da Igreja Matriz em Lucélia-SP), Batalha do Santa Cruz (referência à estação de metrô Santa Cruz em São Paulo-SP), entre diversos outros que utilizam essa referência espacial.

Carin Carrer Gomes (2008) já discute em seu trabalho que o hip hop adota como estratégia de articulação apropriar-se de espaços públicos e utilizá-los como territórios voltados para a comunicação, onde circulam saberes periféricos e informações a respeito dos movimentos de rua. Em Presidente Prudente é notável, pela fala de nossos colaboradores MC Alexandre Catanozi e DJ Mapa, que os jovens periféricos envolvidos com o início do hip hop já instituíam

territorialidades pela cidade por meio da cultura, circulando por bairros para dançar, frequentando a Praça Nove de Julho, localizada no centro comercial, para dançar, e isso causava um agito nas pessoas ao redor, instigava um campo de forças e causava uma diferenciação entre o “nós” e o “eles”.

No caso da Batalha do Vale, o território mais concreto, instituído a partir da territorialidade de jovens negros e periféricos que atuam na cultura hip hop ao longo dos anos, é a Praça do Vale. É evidente que em dias de semana, quando não está acontecendo a BDV, a praça é diferente, com poucas pessoas e uso limitado aos moradores do entorno. Porém, mesmo esses moradores já têm consciência de que, aos finais de semana, ali acontece um evento cultural periférico. A marca daquela praça é o uso que as juventudes fazem dela, com pichações que surgem e se atualizam constantemente. Os próprios avisos nos muros de próximos eventos explicitam que ali é um espaço onde já existem projetos a ser materializados, onde aconteceu um evento recentemente e acontecerá de novo em um futuro próximo. Por isso, os próprios moradores já sabem que não devem ir até a praça se não quiserem encontrar jovens periféricos aos sábados à noite, pois ali é um território, foi instituída uma política naquele espaço que sobrepõe a política de exclusão que enraíza a produção daquela materialidade, ao lado do principal shopping center da cidade.

Em relação ao acontecimento dos eventos, podemos dizer que é um território que, como aponta Rogério Haesbaert (2004), não apresenta uma fronteira visivelmente demarcada onde ao ultrapassá-la soa um alerta de invasão, mas sim fronteiras no plural, limites que podem ser materiais ou simbólicos. O limite material e mais visível dos eventos da Batalha do Vale é a presença das juventudes periféricas na praça, circulando ou sentadas em algum lugar: acreditamos ser uma fronteira/limite pois é o elemento visível a maior distância. Uma pessoa que passa de carro pela Avenida Manoel Goulart em dias de Batalha pode não enxergar e entender que ali está rolando um show de rap ou uma batalha, mas conseguirá perceber que ali acontece algum evento ligado à juventude periférica devido ao número

Figura 17 – Batalha do Vale no início da instituição de seu território em maio de 2015

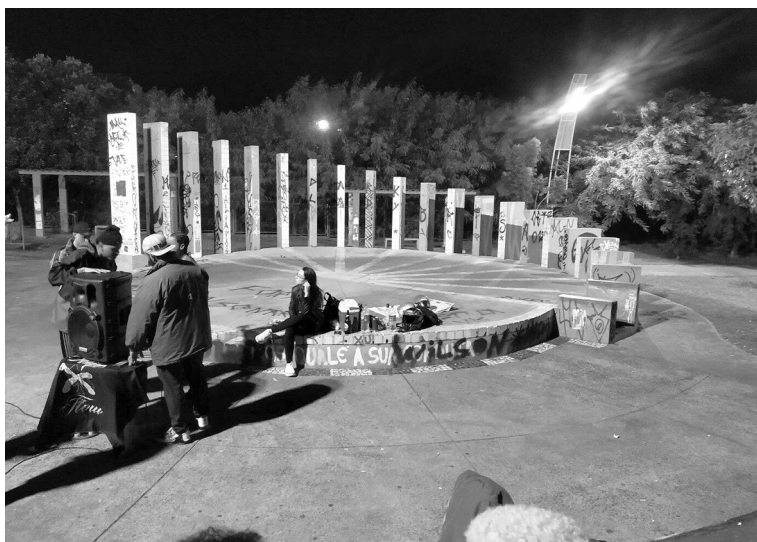


Fonte: Igor Enrique Santos Silva (Facebook da Batalha do Vale).

de pessoas jovens que estão circulando e a seus marcadores raciais e suas indumentárias.

Outra marca da territorialidade da Batalha do Vale, que acreditamos ser um limite territorial pois, basicamente, informa se está ou não está acontecendo a Batalha, é o som. Quando os organizadores da BDV chegam à Praça em dias de evento, após começar a tocar um som, seja na caixinha ou no amplificador, as pessoas começam a se reunir ao redor do palquinho e ali vira o centro do rolê. Ao adentrar o território da Batalha do Vale, é bem provável que as músicas e suas batidas estejam presentes no campo de forças que enuncia que aquele é um território de hip hop. Toda essa atmosfera, a praça cheia de pessoas andando e se divertindo com um som rolando ao fundo, faz parte da territorialidade que a Batalha do Vale institui em noites de evento na Praça do Vale. Estar em uma BDV é também estar em um território delimitado e marcado com esses elementos, no qual se organizam internamente os sujeitos sob certas normas

Figura 18 – Organização da Batalha do Vale montando o som na praça em início de evento em 2022



Fonte: acervo pessoal do autor.

de comportamento e afetação (sobre os quais a Organização detém maior poder), e se promove a visibilidade externamente, comunicando aos outros de quem é o pedaço.

As fronteiras e os limites que consideramos mais marcantes para identificar a territorialidade implementada pelas ações da Batalha do Vale foram, no entanto, fronteiras simbólicas. Esses limites são construídos a partir das “regras”, ou melhor, políticas que a organização da Batalha do Vale, aos poucos, foi implementando naquele espaço para o uso da praça e também as atitudes que são aceitas ali.

Por serem simbólicas, qualquer pessoa pode, de fato, desrespeitar uma orientação da organização da Batalha do Vale. Essas políticas materializam-se no território pelas próprias ações dos sujeitos que o compõem. Ou seja, apesar de as políticas de organização da Batalha do Vale, como não jogar lixo no chão e não brigar nas imediações da BDV, e das ações da pequena multidão que se aglutina em torno do evento não serem fiscalizadas ou passíveis de punições, existe um

campo de forças que implica que estar ali naquele território automaticamente significa “não” a caçar confusão ou badernar, mas sim o oposto. Assim as políticas negociadas pela BDV com o público dos eventos é uma oposição territorial às imagens hegemônicas que circulam na grande mídia do que significa a reunião de jovens periféricos em um espaço urbano consolidado como o Parque do Povo, associada com a depredação de patrimônio, violência e atividades ilegais, por exemplo.

Percebemos que essa relação de poder que se estabelece a partir da territorialidade da Batalha do Vale é fundamentada nas diretrizes do hip hop, cobrando a postura adequada das pessoas, orientando em relação ao bom uso do espaço público, estabelecendo entre as pessoas presentes uma política a ser seguida que resulta no território da BDV: um espaço pacífico, com uma atmosfera periférica de paz e união, onde todos os envolvidos entendem que não é uma bagunça e os jovens podem exercer sua liberdade e presenciar eventos culturais que promovem o debate e a reflexão a respeito das dinâmicas desiguais da sociedade.

Também é notável que, ao gerar um campo de forças, ao instituir território, a Batalha do Vale e os jovens que a compõe também se colocam em disputa e constante negociação com outras territorialidades em movimento na cidade, sejam elas internas ou externas à Praça do Vale. Quanto às disputas territoriais internas, podemos dizer que muitas pessoas que frequentam o território Batalha do Vale, por vezes até MCs e artistas, mesmo que para curtir apenas a praça, não concordam com as diretrizes “rígidas” das políticas emitidas pela BDV, tanto em relação ao comportamento quanto ao uso adequado da praça, acabando por “atravessar” alguma implicação, como colocar som alto e promover gritarias paralelamente aos artistas que estão no palco. Por meio de estratégias, como informar no microfone sem citar nomes diretamente, em tom de “salve” e de “toque”, a Batalha do Vale vai afirmando as políticas que busca construir, de maneira que as disputas internas até agora não prejudicaram a constituição do território proposto pela BDV, fazendo dele um verdadeiro território educativo.

Porém, as disputas e tensões territoriais que surgem externamente à Batalha do Vale nem sempre são pacíficas. Nos meses iniciais da BDV, em 2015, o movimento sofreu diversas repressões por parte do Estado, por abordagens violentas da polícia militar, como já dissemos. Identificamos pelas falas de Jimmy e Igor apresentadas em seção anterior que os jovens skatistas que exerciam territorialidades na Praça do Vale antes da BDV também eram oprimidos pela polícia sem um real motivo, apenas por utilizarem a praça, indicando-nos uma prática que não se inicia com a Batalha do Vale.

Ao longo dos anos, a Batalha do Vale resistiu a tais investidas da polícia, permanecendo na praça, enfrentando a abordagem sem se retirar e dialogando com os policiais a respeito do movimento. No trabalho anterior (Salvi, 2019), registramos que uma orientação que a organização da BDV repassava ao público era a seguinte: “quem está na Batalha não corre, quem está na Batalha fica aqui”. Segundo os organizadores, essa postura era necessária, pois os jovens periféricos, ao verem as “barcas” (viaturas da PM) adentrando as imediações da praça com brutalidade, costumavam sair correndo devido ao medo e à possibilidade de serem esculachados, mesmo sem motivo algum.

Com a resistência, os policiais começaram a realizar abordagens apenas no entorno da Batalha do Vale, nas ruas adjacentes à praça, e assim continuam fazendo até os dias de hoje, sem atacar diretamente o núcleo da BDV, a batalha de rimas e a presença das juventudes, mas investindo contra esses jovens quando não estão juntos, quando em vez de serem identificados como jovens da BDV são reconhecidos apenas como jovens negros e pobres da periferia que estão “rodeando” o Parque do Povo.

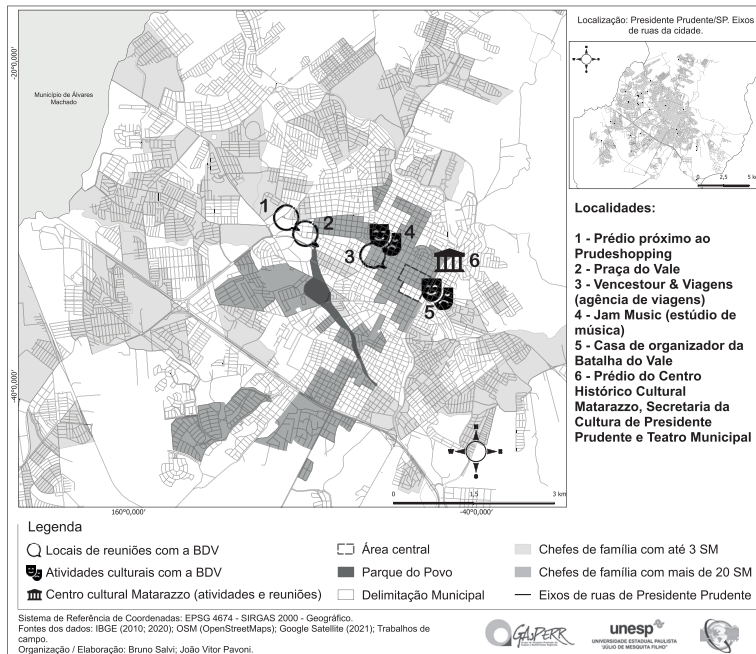
Isso nos mostra que, por meio da resistência e permanência naquele espaço, a Batalha do Vale instituiu em seu território certa “proteção” contra as investidas do poder público por meio da polícia, sendo que jovens que estão dentro do campo de forças da BDV têm menos risco de ser abordados e esculachados do que se estivessem em algum outro local do Parque do Povo.

Apesar de a Praça do Vale ser o território concreto da BDV e ali serem instituídas as principais territorialidades para que o

movimento permaneça ativo, existem outras investidas territoriais do Coletivo Batalha do Vale, desde os primeiros meses até os dias de hoje, que vão para além da praça. Registramos, por meio de conversas com os membros do Coletivo em reuniões, os locais em que a BDV realizou alguma atividade ao longo de sua história e percebemos que o Coletivo sempre buscou descentralizar suas ações, promovendo a Cultura hip hop também nos bairros periféricos de Presidente Prudente.

Destacamos no Mapa 3 os principais bairros, apontados pelos membros da organização do Coletivo Batalha do Vale durante a pesquisa, onde ele atuou por meio de alguma ação cultural. Além da Praça do Vale, que no Mapa 3 é destacada ao final do Parque do Povo, a BDV mostrou construir diferentes territorialidades ligadas às diretrizes do hip hop pela malha urbana, especialmente em bairros periféricos empobrecidos, visando disseminar e divulgar os objetivos

Mapa 3 – Atividades culturais do Coletivo Batalha do Vale até 2019



e os ideais do movimento BDV para essa população que, na maioria das vezes, não tem acesso a aparelhos de promoção de arte e cultura. Essas ações têm a intenção de atuar na cidade e construir territórios de informação e de luta mesmo perante uma lógica hegemônica de segregação espacial que mantém a comunidade periférica “afastada”.

Apesar de as territorialidades que a BDV institui pelas quebradas de Presidente Prudente serem itinerantes (destituindo-se após o final dos eventos) e não agitarem um campo de forças com o mesmo poder político que na Praça do Vale, percebemos que as ações em bairros estão sempre fortalecidas e também fortalecendo o território da BDV no Parque do Povo. A territorialidade em uma área urbana consolidada, como a Praça do Vale, deu legitimidade às territorialidades instituídas em ambientes periféricos. Como exemplo, é comum em atividades da BDV fora da praça os jovens e adultos que não estão ligados ao movimento reagirem à presença do Coletivo montando a estrutura do evento com a seguinte fala: “Ah, vocês são o pessoal que faz coisa na praça lá? Sei, se precisar de alguma coisa dá um toque...” ou “Ah, são vocês que fazem o agito na praça do shopping? Sei, sim, já passei lá e vi...”.

Já durante a nossa participação direta como membro da organização da Batalha do Vale, as ações para além da Praça do Vale foram limitadas por todo o contexto da pandemia do novo coronavírus. Sem a possibilidade de realizar eventos na Praça do Vale, a BDV de início se viu sem um território para se materializar, paralisando consequentemente todas as atividades do Coletivo, mas a partir de estratégias para promover a cultura hip hop por meio de transmissões on-line surgiram também novas territorialidades.

Destacamos no Mapa 4 os locais em que a Batalha do Vale, enquanto um Coletivo, se materializou para realizar atividades culturais, seja no planejamento ou na execução dos projetos. É notável que as ações do Coletivo ficaram limitadas às áreas urbanas consolidadas, não acontecendo investidas em bairros periféricos da cidade, sendo que as atividades culturais, transmitidas on-line com público parcial ou isoladas, aconteceram de início na casa de um organizador da BDV e, posteriormente, nas dependências do Centro Cultural

Mapa 4 – Atuação do Coletivo Batalha do Vale entre 2020 e 2021

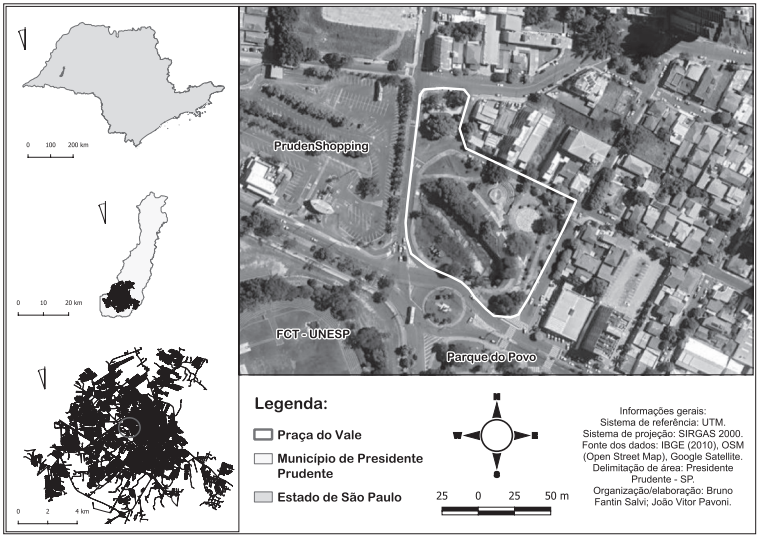


Figura 19 – Reunião da Batalha do Vale na praça durante a pandemia



Fonte: acervo pessoal do autor.

Matarazzo, nos espaços fornecidos pela Secretaria de Cultura, e também no estúdio Jam Music, por meio de contratação de serviços.

Mesmo durante a pandemia, as atividades do Coletivo Batalha do Vale não foram realizadas nem em seu território, que é a Praça do Vale, nem nas periferias empobrecidas da cidade. Acreditamos que as ações coletivas da BDV instituíram importantes territorialidades em espaços hegemônicos da cidade, como é o Centro Cultura Matarazzo. Esse local foi o principal espaço apropriado pela BDV para realização de eventos on-line, e representa uma conquista espacial para as juventudes negras e periféricas ligadas à Batalha do Vale, pois foi esse mesmo órgão que não reconheceu por anos a legitimidade do movimento que esses jovens faziam. Portanto, mesmo em um contexto de dificuldade e distanciamento vivido por toda a sociedade, os jovens da Batalha do Vale encontraram maneiras de existir, de se manifestar e agitar o movimento, de criar campos de força e de negociação pela cidade.

A territorialidade da Batalha do Vale, bem como a formação de territórios do hip hop pelo Coletivo, é uma articulação das juventudes periféricas que se apropriam de espaços da malha urbana para reivindicar, por meio da própria presença e das referências culturais, o direito de ter acesso ao que a cidade pode oferecer no âmbito cultural, de lazer, de consumo e de habitação. Esses jovens, ao constituir territorialidades e afirmar suas identidades enquanto grupo que se apropria do espaço urbano para implementar políticas contrárias às dinâmicas hegemônicas da sociedade, estão se colocando em disputa na escala da cidade, contrariando a produção dos espaços que afirmam a lógica segregacionista, como o Parque do Povo.

De acordo com Raul Zibechi (2015; 2022), as estratégias que mencionamos como adotadas pelas juventudes ligadas à Batalha do Vale, para disputar os espaços da cidade por meio dos territórios, representam outra lógica de organização diante da hegemonia afirmada pela produção dos espaços da cidade:

A estratégia territorial se desdobra de dentro para fora, numa relação de imanência, surgindo aqui e ali nos interstícios e nas

brechas da dominação do capital. Os territórios dos coletivos e setores populares urbanos são espaços da diferença, onde existem formas de vida heterogêneas com relação à cidade do capital, algo que é claramente visível através das distintas paisagens da cidade. Os pobres chegaram às periferias como náufragos do sistema, com fracas relações com o capital, sobreviveram em espaços hostis e, para fazê-lo, aprofundaram suas diferenças culturais, sociais, econômicas e também políticas. Em outras palavras, apoiaram-se em suas diferenças para sobreviver, ou seja, em laços comunitários, na reciprocidade e na solidariedade que caracterizam a forma de vida dos setores populares. (idem, 2015, p.155)

Segundo o autor, podemos afirmar que ao se organizar e instituir territórios de hip hop como estratégia de visibilidade e existência, os jovens envolvidos afirmam suas diferenças históricas que percorrem pelo racismo, o preconceito, a exclusão e a pobreza e criam uma dinâmica de organização e sobrevivência que se sobrepõe às lógicas hegemônicas ao mesmo tempo que se opõe a elas. Ao se ver excluídos do direito de acessar o lazer e a cultura com facilidade e qualidade, esses jovens estabelecem relações sociais horizontais que criam possibilidade de promover a cultura e o conhecimento em um espaço onde historicamente permeiam territorialidades brancas e não periféricas. Assim, a organização de territórios em movimento como o da Batalha do Vale, baseados em relações comunitárias e menos hierárquicas, pode estar caminhando para a configuração de territórios que representam emancipação – no caso da BDV, uma emancipação pelo menos cultural e intelectual, caracterizando para esses jovens uma outra lógica de circular, divertir-se e informar-se pela cidade, mas que está longe de resolver todos os problemas, incluindo os de ordem material, que atravessam as vidas desses sujeitos.

Raul Zibechi (2022, p.215), em obra mais recente, destaca as relações comunitárias que se opõem à lógica de exclusão e competição no estabelecimento de territórios de luta:

Os trabalhos coletivos são o sustento do âmbito comum e a verdadeira base material que produz e reproduz a existência de comunidades vivas, com relações de reciprocidade e ajuda mútua diferentes das relações hierárquicas e individualizadas próprias das instituições estatais. A comunidade se mantém viva não pela propriedade comum mas pelos trabalhos coletivos que são um fazer criativo, que recriam e afirmam a comunidade no dia a dia. Esses trabalhos coletivos são o modo como os e as integrantes fazem uma comunidade, uma forma de expressar relações sociais diferentes das hegemônicas.

Portanto, as práticas de organização que mencionamos que constroem as ações da Batalha do Vale são consideradas comunitárias e instituem nos campos de força dos territórios a diferenciação em que “eles” (a sociedade construída a partir da desigualdade e exclusão) estabelecem barreiras espaciais, sociais e simbólicas para manter a ordem hegemônica enquanto “nós” (jovens da Batalha do Vale) articulamos, a partir de valores comunitários e que não seguem a lógica estabelecida socialmente, territórios que resistem. Assim, a própria estrutura de gestão e organização da Batalha do Vale pode ser considerada um elemento de sua territorialidade, pois alimenta o campo de força que marca a diferenciação do grupo, projetando no espaço eventos e ações culturais que são pensados sob uma lógica que tensiona as estruturas e relações de poder que antes se estabeleceram e se especializaram.

Vale destacar que a presença das juventudes negras e periféricas por toda a extensão do Parque do Povo pode configurar outras territorialidades e também territórios. Especificamente em relação às territorialidades ligadas ao hip hop, é notável que diversos coletivos culturais passaram a se apropriar de espaços públicos do Parque para realizar suas manifestações, como é o caso da Batalha do Mônica e Oficina de FreeStyle. Muitos dos jovens que compõem esses coletivos são participativos na Batalha do Vale, como MCs ou público, ao mesmo tempo que as juventudes que marcam presença na BDV também fazem isso nos outros eventos que são organizados por outros coletivos. Isso nos indica que esses territórios compartilham

de referências culturais e artísticas semelhantes, podendo apresentar conexões em diferentes escalas.

De qualquer modo, muitas questões emergiram a partir de nossa breve reflexão a respeito das territorialidades das juventudes e dos territórios juvenis que se constituem pela cidade. A nossa tentativa aqui não foi bater o martelo no debate a respeito do território da Batalha do Vale, mas sim traduzir a partir da linguagem geográfica como as ações da Batalha do Vale instituem nos espaços apropriados políticas de organização que perpassam as relações de poder internas e externas.

Figura 20 – Preparativos para um evento híbrido da Batalha do Vale em 2020



Fonte: acervo pessoal do autor.

Por dentro da Batalha do Vale

Uma Sexta-Fire qualquer⁵

Anotação n.3 no Diário de Campo – 28 jun. 2019 – sexta-feira

Com a batalha acontecendo, a arquibancada está com a galera que curtia ficar sentada parada no rolê tomando seu gole e fumando seu cigarro. A parte de cima da praça, a parte da fonte, está tomada para a galera que não está focada na batalha. A galera fica ali trocando ideia em bonde, fumando, bebendo, seja lá o que for. Eles utilizam a praça para conversar e tirar um lazer, justo, porém compreendo que essa prática só se firmou mesmo por conta da Batalha do Vale.

O “Vale 2.0” é a praça em anexo ao Vale e desde quando a BDV começou, ela tem a missão de abrigar os casais de namoradinhos, ou até mesmo um bondezinho de menores de idade que estão ali para curtir um outro rolê, porém onde eles estavam para os pais ou responsáveis é a Batalha do Vale.

As laterais da praça, que ficam ali para cima na rua (Rui Barbosa) são ocupadas por pessoas que vão muitas vezes de carro ou moto, que param o veículo bem ali, levando cadeiras, gorós e às vezes caixas de som, enfim, opções de lazer que não são nem BDV nem o “fluxo”. Este espaço da praça vai até próximo ao trailer de lanches.

A área do trailer é meio que uma área de passagem, mas também é um local onde as pessoas vão para consumir os lanches e isso é respeitado pelo “fluxo” e também respeitado pela galera da BDV. Não vi ninguém sentado ali próximo do trailer fumando e bebendo de bonde, ou botando um som muito alto a ponto de incomodar a galera do lanche, meio que o trailer estava ali antes da BDV e isso é reconhecido, até por que o dono do trailer enfatiza que o lanche dele é de família na própria propaganda do lanche, mesmo que seja voltado principalmente para a malandragem, tanto pelo preço, pelo horário em que fica aberto ou pelo local.

Os quiosques que a BDV acontece próxima também são ocupados por uma galera. Toda semana tem alguém lá namorando, trocando ideia, fumando e bebendo. Em suma é um ambiente meio que paralelo à batalha, ninguém senta ali pra prestar atenção nas rimas.

A Batalha acontece na região do palquinho, mas não sendo atração total da noite. Na maioria das vezes, é feita em roda de freestyle e quem quer prestar atenção colabore e chega junto. Tradição da BDV é a final ser realizada no chão, fora do palco, em roda de freestyle e sem microfone, com alguém fazendo o beat.

(Salvi, 2019, p.51)

⁵ Trecho retirado de trabalho de pesquisa anterior (ver Salvi, 2019).

Praça... Oscar Figueiredo Filho?

Anotação n.60 – 5 jun. 2021 – Praça do Vale em pandemia

Hoje, sábado, dia que deveria estar acontecendo Batalha do Vale.

Hoje não fiz registro por horário, nem nada, resolvi vir aqui fazer um TC por que a polícia me tocou da pista de skate. Eu tava lá vendo o jogo do Santos do celular, e aí chegaram lá querendo enquadrar os skatistas e eu vazei quando deu o intervalo do jogo, fui pro Vale.

Mano, para começar que a praça, situação física, está feia. A praça é bonita, mas está pior do que deveria... está caindo, o rio realmente está lutando e pedindo de volta o que é dele, ele está derrubando a parede que segura o barranco, bem o barranco ao lado da pracinha, está interditado o local do desabamento, tinham uns moradores vivendo ali, não os vejo há um tempão, as primaveras (plantas) foram removidas, pelo menos as que não caíram no córrego, né. Os loucos da rua já grafitaram a placa que a prefeitura colocou pra interditar o desabamento, tá bem da hora, depois eu tiro foto, agora não dá porque tem uma rapaziada ali. A grama de toda a praça, hoje pelo menos, está aparada...

O lanche continua bombando ali perto da farmácia...

A arquibancada tá bem suja, tem restos de salgadinho e refri que a rapaziada compra no muffato ou carrefas e come aqui, isso sempre teve mas tá jogado demais pro mundo, na época da BDV ativa não era assim não...

As estruturas da praça ganharam algumas tags, surgiu o grafite de um galo dando um recado no palquinho...

Em relação ao uso é o seguinte: era pra tá cheio de gente se tivesse BDV, mas como não tem tá assim, no lado da rua que a galera cola de carro e moto e fica ali continua a mesma, alguns casais mais velhos assim colam ali e conversam e às vezes bebem, hoje só estão conversando. É errado devido à pandemia, mas perto das baladinha esse pessoal tá suave, ao ar livre aí nem aparentam estar próximos, cada casal num par de cadeiras. O vale mesmo onde acontece a batalha está vazio, só os lixos indicam a presença de pessoas aqui mais cedo, resto de batata chips e cigarros em maço jogados aí. Nos quiosques do namoro tá tudo vazio, é um clima meio sombrio ali sem ter batalha e ainda mais com a praça desmoronando ali, tá bom com um parceiro ou algo assim, os casalzinho memo acho que caíram fora de lá. Nos bancos da praça, na parte de cima, eu vejo as pessoas mexendo no celular, meio que individual, cada uma em um banco mas só isso, igual eu tô aqui, eles tão também mexendo no radinho.

No resto das estruturas, inclusive no lugar q eu sento pra escrever, a monografia tem registros que eu escrevi ali, tem uns jovens, de uns 16, 17 anos, dois casais, estão de máscara mas dá pra ver que tão namoricando, fazer o quê... Eles parecem ser meio otakus, cabelos pintados e camisa da akatsuki (referência de anime), da hora... me identifico.

Eles tão ali de opção de lazer, ao ar livre no céu das 23:15, eu estaria aqui com a rapa se não fosse a pandemia...

Mas eu de certa forma estou aqui...

O Vale 2.0 tá sem luz tem mais de anos, não tem ninguém lá, tá obscuro, ele é bem a passagem de carros e pessoas pelo fundo do vale, é o fundo do vale, o Vale 2.0. Então não sei, é até ali que você desce, depois tem q subir. Não sei, o Vale 2.0 tá escuro mesmo, tá com uma atmosfera de passagem, não de permanência, aqui no vale ainda permanece a atmosfera agradável.

A volta da Batalha do Vale na praça: edição Especial de Natal⁶

Anotação n.69 – 18 dez. 2021 – ESPECIAL DE NATAL DA BDV ESCRITO NA PRAÇA

Hoje é especial de Natal, dia 18/12.

Eu não estou na organização deste evento, realmente, e nem da BDV. Saí de casa sozinho coleei na praça era 19:30, achei que eu tava atrasado, mas chegando não tinha começado as batalhas ainda. Mas estava rolando um break já, a galera trouxe o tapete xadrez e estralou a dança. Foi da hora, foi bem arte mesmo, a galera prestando atenção foi muito legal. Logo vi o Vinição chegando e já veio trocando ideia comigo. A gente sentou junto e trocou ideia sobre a Batalha e as coisas da vida. Me disse que a prefeitura mandou banheiros químicos e nunca tinha acontecido isso e pá, uma conquista pra BDV. Quando voltamos pro palco já tava chegando uma galera a mais, aquele estilo diverso, cabelos grandes e raspados e às vezes os dois estilos na mesma cabeça, tanto de homem como de mina. Foi enchendo a praça, isso era umas 20:10.

Os caras tiveram a ideia de pintar um pilar do palquinho de branco pra fazer um mural do Vale, nessa arrancaram a placa de Praça Oscar Figueredo Filho e deixaram lá em branco pra fazer uma arte que diga Praça do Vale. Ele (Vinição) me disse o seguinte: “É muito mais significativo fazer um mural nosso do que a placa da prefeitura, que na verdade, nem ocupa essa praça com cultura. Quem faz isso é Vale, então é o Vale que as pessoas vão ler quando quiserem saber qual é essa praça, é a Praça do Vale”. Isso que ele me disse, falou das pixações sendo a marca da galera e eu falei pra ele de algumas ideias da monografia sobre isso e ele curtiu...

6 A Batalha do Vale voltou oficialmente a realizar atividades na praça no dia 23 out. 2021, porém uma tempestade impediu o evento de fluir, e consequentemente, nosso registro em diário de campo.

O Igão chegou e trocamos ideia, ele foi montar os bang pra batalha de tag, esticou um varal na esquerdinha do palco e o Vinição me apresentou pra família dele. Eu dei oi e pá, tava a mãe dele a irmã, cunhado e pá e fui ajudar o Igão. Não sei, né, mesmo sem estar na organização eu tive que ajudar porque é o que eu faria, esticamos o varal e pá.

E aí coleí pra arquibancada e sentei um pouco, fiquei olhando o rolê encher. Começou a chegar vários grupos juntos e separados e juntos ao mesmo tempo. Começou a colar bastante casais com crianças, nessa tinha pessoas adultas no rolê, isso dava uma atmosfera leve de família, e essa galera com criança foi ficando na esquerdinha da arquibancada, pra ficar com os carrinhos ali e pá. As crianças se interagem, ou seja, o lado esquerdo do Vale ficou meio família, e o lado direitão lá tava a galera fazendo bagunça. Trombei o J. que foi da organização junto comigo bastante tempo, depois desci pro degrau. E daqui, do mesmo lugar que escrevia no diário da monografia, tô aqui fazendo esse registro pelo celular. O Igão chamou num recital de poesia que foi pesado, várias poesias loucas hoje, e depois já começou a chamar os MCs pra organizar a batalha. A arquibancada tá muito diversa, a cantoneira das crianças, a meuca das famílias dos MCs, a direitinha da galera que tá com seu gole e zuando ali curtindo... a parte de cima a galera mais sossegada que fica só observando e indo e vindo entre as galeras. A parte de cima da praça está com os bancos ocupados, uma galera que tá no rolê mas tá fazendo outra coisa, conversando, bebendo mas meio paralelo à batalha no caso, não muito porque o rolê é o mesmo...

Na rua ao lado (Rui Barbosa) tem uma galera parada com isopor curtindo o rolê do jeito deles...

O lanche chegou tarde e agora, às 22h, ele tá lá, mas sem movimento, acabou de chegar.

Agora às 22:15 acabou a primeira fase da batalha de MCs e vai rolar a batalha de tag, tem sete pessoas e duas são minas do Santo Útero, da hora isso, curti mesmo.

A galera tá fomentada, geral na vibe do evento.

O Igão deu um salve pra galera não fumar cigarro suspeito na arquibancada e se for fumar ir para outros ambientes da praça, deu um salve do melhor do hip hop ser ficar na BDV em paz, e é era isso que os marmanjo tinha que passar pra quem tá chegando agora...

O Denner vai se apresentar e o Vinição me deu um salve pra passar os beats dele pra ele poder ir no banheiro e pá, eu fui...

A batalha de tag tá pesada da hora, demais mesmo a galera numa vibe diferenciada...

“Vou viver sendo MC, zero problemas com a lei”, o MC F. cantou isso em sua apresentação, achei louco...

A apresentação do Denner foi pesada demais, só letras da hora. F. chegou depois dele pra se apresentar, ele é um MC que tá desde a primeira edição na BDB, era um molequinho, agora tem sua caminhada, cresceu e é a primeira vez que ele se apresenta e é no Vale, o palco do Vale promovendo a apresentação artística de um jovem MC de graça na praça e pro povo.

O F. lançou vários funks pesados pique bailão mesmo, MC de funk também...

Agora, às 23:12, tá rolando o show da H., uma artista da região que canta um pop da hora. Ela manda bem na performance e geral ficou prestando atenção.

No momento a praça tá mais cheia, maior galera em todo o entorno da arquibancada, os bondes meio misturados já, a galera já se animou. Sempre no intervalo da batalha quando rola um show a galera aproveita pra abastecer o copo e dar uma andata e isso também aconteceu hoje, mas mesmo assim ficou uma galera boa na arquibancada...

A regiãozinha que tava as famílias com as crianças já meio se desconfigurou, não é mais assim... tudo já tá tomado pela galera, pela juventude mesmo, tem poucos adultos no rolê e os que tinham provável que tenham ido embora com as crianças pelo horário.

É 23:16 e ainda falta rolar a segunda fase da batalha de MCs e também da batalha de tag.

Logo menos, às 23:25, o Igão chamou a batalha de tag e foi bem da hora, a final o Vinição agitou pra ser direto da parede do palco ao invés de ser no papel, a I. ganhou, fiquei feliz, ela mandou bem.

A final da batalha foi pesada, eu subi no palquinho com os caras e o Negreen e o R. foram muito bem. Demorou um pouco pra acabar, era 00:30 e a batalha estava acabando, a praça cheia e todo mundo foi pra em volta do palco pra prestigiar o último round do ano... foi louco mesmo, round pesado.

Quando acabou, esse horário, eu fiquei lá falando um pouco com os caras...

A praça ficou um pouco mais dispersa e a organização da BDV começou a desmontar as estruturas de som e a tenda...

A galera não foi embora, muita gente continuou na arquibancada e também nos bancos da praça, realmente a praça estava tomada...

Quando deu 00:50 ainda estava assim, a galera pela praça e pela arquibancada fumando e bebendo.

À 1:10 o rolê tinha dispersado um pouco, uma galera já tinha se retirado, mas ainda assim a praça tinha bastante gente nos lugares que dava pra sentar e ficar trocando ideia.

Quando deu 1:30 eu me retirei, estava com fome e cansado... os caras da BDV já estavam com tudo guardado e partindo embora já. Ainda tinha gente na praça mas bastante gente já estava andando pelo parque afora ou ido embora.

O que me chamou a atenção foi que como não organizei o rolê eu me diverti muito, mesmo fazendo campo e ajudando em uma coisa e outra. Um momento eu vi o Vinição e o Igão discutindo no fundo da praça. Eles estavam discutindo algo mesmo, tentando resolver algo e eles estavam exaltados, isso mostra como pra acontecer um rolê desse é necessário que algumas pessoas se estressem.

No palco, o Igor tava muito alegre, mas atrás do palco precisava pensar e se desenrolar pra fazer acontecer... isso é o Vale.

Os MCs que batalham de terça colaram alguns, crias da oficina... chegar no Vale e colocar o nome da folha pra batalhar não é fácil não. Hoje a juventude existiu em Prudente. Muita gente passou e parou ou passou e observou por um tempo. Mas nós estávamos ali.

6

PARA ALÉM DA PRAÇA: O CONHECIMENTO POR TRÁS DO ROLÊ

As juventudes para além da praça: aprendendo fora da escola

Anteriormente, no Capítulo 3, trouxemos uma discussão a respeito da maneira como foi introduzida a cultura hip hop na vida dos jovens estudados e quais foram as mudanças em suas trajetórias de vida após esse encontro. No Capítulo 4 tratamos o hip hop enquanto cultura global que atinge os jovens pelos ouvidos e os faz pensar a respeito dos caminhos que suas vidas podem tomar. Neste capítulo abordamos o hip hop especificamente por meio da Batalha do Vale, já que a BDV é um movimento de jovens para jovens, afinal, como argumentou o Igor, “a cultura é o que a gente vive e o movimento é o que a gente faz”.

O que quero enfatizar é que o hip hop e a Batalha do Vale são a mesma cultura e o mesmo movimento, dando continuidade no sentido histórico e também espacial das ações dos jovens que se uniram por meio da arte e do conhecimento no Bronx na década de 1970. Mas separamos o momento em que nossos colaboradores conhecem o hip hop daquele em que se juntam para promover a BDV, justamente por ser evidente, tanto nas entrevistas quanto nas vivências de campo, que a Batalha do Vale surgiu na vida desses jovens em período

posterior ao que conheceram o hip hop, sendo que nenhum de nossos entrevistados disse que conheceu o rap e toda a cultura no Vale. Veremos a seguir como o movimento cultural Batalha do Vale contribuiu para a continuidade da formação intelectual, política e social da juventude periférica de Presidente Prudente, que se inicia ouvindo o rap, porta de entrada dos jovens entrevistados na cultura hip hop.

Em um primeiro momento demonstramos, pelas entrevistas, como os organizadores da Batalha do Vale conheceram o movimento, como se envolveram e como isso afetou sua vivência. Posteriormente, faremos a mesma análise a respeito dos MCs que entrevistamos. Por último, trabalhamos com o público da Batalha do Vale, ou seja, as pessoas que frequentam as atividades culturais do Coletivo para prestigiar e interagir, curtir o rolê. Tivemos dificuldades em produzir dados a respeito do público, pois nas condições de isolamento social impostas pela pandemia, a maioria dos eventos aconteceu on-line (*lives*), com o público interagindo por meio de mensagens. Mesmo assim, conseguimos aplicar enquetes a algumas atividades da BDV para traçar um perfil e entender melhor como as pessoas que frequentam o Vale recebem a proposta dos eventos. Além disso, utilizamos os dados produzidos em pesquisa anterior (Salvi, 2019), relacionando alguns elementos das enquetes aplicadas na Praça do Vale antes da pandemia com as respostas do público em eventos on-line.

Quem faz acontecer! (Organização do Vale)

Nesta parte, dedicamo-nos a entender mais a dinâmica da organização da Batalha do Vale, os atritos e as discordâncias que fazem acontecer as ações do Coletivo. No Capítulo 5 já debatemos esse envolvimento pelos registros no diário de campo, passagens que podemos considerar formadoras para os jovens que estão envolvidos na sua organização. A seguir, traremos trechos de entrevistas com os organizadores, tentando dialogar com as considerações desses jovens com os objetivos de nossa pesquisa.

Nossos colaboradores para esta etapa do trabalho serão apenas Igor Afrorudeboy e Vinícius de Oliveira: ambos participaram ativamente em todo o processo de pesquisa, contribuindo com a escrita e análises em diversos momentos. Ao ser entrevistados, perguntamos como conheceram a BDV: suas respostas mostram distintos acessos a esse movimento, sendo Igor uma pessoa que está presente na Praça do Vale desde a primeira edição, que aconteceu em 2015, acompanhando toda a construção do coletivo e do movimento BDV. Enquanto Igor rimava e se dedicava a promover batalhas de MCs na Praça do Vale, Vinícius vivia em cidades pequenas, tendo outra experiência de hip hop, e só foi conhecer a Batalha do Vale após ter acesso à rede de sociabilidade da cultura hip hop (Turra Neto, 2008), especificamente das batalhas de MCs, quando passou a morar em Presidente Prudente.

[Igor] Eu conheci a BDV no mesmo ano, na mesma semana da edição do surgimento, tá ligado? A primeira edição eu tava lá... não vou lembrar quem foi minha dupla, mas na primeira edição passô o C. e o J. na pista e falô: “Igão, vai ter uma batalha no parcão”. Aí eu pensei: “ah, batalha aqui em Prudente? Demorou, se pá eu colo”. Mas eu nem ia colar, mano, ia ficar pela pista que o Mantega ia leva o rolamento do skate pra mim. Aí ele me ligou e falô que tava no vale e que ia rolar uma batalha, aí eu coleí... Uma semana antes tinha acontecido uma batalha lá na federa, perto da rodoviária, antiga Federa [Federação Prudentina de Teatro, atual Galpão da Lua], aí os cara me inscreveu e eu levei uma batalha de conhecimento pro terceiro round, só que eu esqueci o tema e perdi a batalha. Aí tive mó aprendizado, que se quer batalhar, presta atenção no que o cara rimou, então aprendi... na outra semana começou a BDV, na segunda edição cheguei lá tinha uma pá de gente, mano, ia direto no vale pra anda de skate e não tinha ninguém, aí cheguei tava lotado, mano. Teve vez de os PMs em treinamento, os cabeça de barquinho embaçar na nossa, na minha, na do Mantega de tá lá no vale andando de skate, e agora o bang tava lotado. Então a gente já frequentava o vale e não existia nem

a BDV e nem o fluxo,¹ só colava quem queria manobrar de skate mesmo, e uns loucos na madrugada que vai até hoje... [silêncio]. Aí eu coleí [na primeira edição da BDV], ganhei a primeira batalha e acho que perdi a segunda... a batalha tinha 24 ou 25 MCs na primeira edição, os cara que estavam organizando não entenderam nada, pai... Eu cheguei como MC, não cheguei como organizador, tinha uma pá de cara que já “fragava” as batalha e eu nunca tinha visto batalha, só tinha vista o Emicida contra a Negra Re. Rimava no Mielão [escola] atrás da caixa d’água, levava pandeiro e pá, fazia uns pagodes. [...] Aí eu cheguei lá [na primeira edição da BDV] e não lembro quem era minha dupla... ganhei a primeira fase e perdi a segunda. Aí chegou na outra semana, o bang foi numa sexta que era fim de semana de feriado, então um cara falô lá que tava da hora e que era pra colar lá terça-feira que ele ia armar uma estrutura de som pra gente fazer uma batalha. E aí colamos cara, e tinha mesmo, o T. foi o mestre de cerimônia antes de mim. Nessa semana aí mesmo os cara ficava falando: “Igão, dá um salve altão pra todo mundo chegar...”, aí eu pegava e dava o salve, ficava chamando geral pra colar e acabei virando o mestre de cerimônias, embiquei nessa sem nem saber o que era mestre de cerimônias, sem saber das regras das batalhas, tudo isso no começo de 2015...[silêncio] e eu fui conhecendo a Batalha desse jeito, toda semana a BDV acontecendo, foi a primeira, depois a segunda, [...] e eu conheci a BDV mais batalhando do que organizando...

[*Vinicius Oliveira*] Aí eu vim pra Prudente, aí sempre fui desse jeito que te falei, sempre fui na pista de skate, sempre fiquei ali com os caras... pá um dia tô passando, 2ª edição da Batalha da Mântica lá na quadra, e os cara falô que ia ter toda quarta. Aí eu fiquei indo uns dois meses na Mântica sem saber que existia o Vale. Aí peguei amizade com um, mano, o Gr., e ele falou: “Pô, mano, de sexta-feira tem a Batalha do Vale” e eu falei “é nada”. Aí eu comecei... aí a primeira

1 Igor se refere ao fluxo que ocorria na Praça do Vale/Parque do Povo em 2015, quando a BDV começou, como mencionado.

vez que eu coleí no Vale eu lembro que eu tava trocando ideia com alguém e o Igão chegou e eu tava doido pra me envolver na organização, sempre deixei claro pros caras que queria ajudar, o que vocês precisar eu tô aqui e pá, quero ajudar... Ai nós trocando ideia, o Igão falou que fazia História e a gente tinha um professor em comum, dava aula pra ele e dava aula pra mim em História. Dali em diante eu virei frequentador fiel da Batalha do Vale, assim, piamente, tá ligado? De não perder uma, virou meu culto, minha religião, não perder uma. Isso que virou a Batalha do Vale pra mim. [...] É isso, o Vale virou minha religião. Era ir pra lá, levantar a mão, na época passava chapéu, se eu não levasse nada pra colocar no chapéu eu me sentia mal, “cuzão”, era minha contribuição ali. Me sentia mal, o dia que eu não tinha dinheiro eu pegava um cigarro e colocava lá mano. Porque era um bagulho que se eu não fizesse isso eu ficava triste. Eu tava ali braço pro alto gritando. Era minha religião. Eu tinha meu ritual, sexta-feira, passar no mercado pegar um drink, juntar a rapa de casa e ir pro Vale...

Vemos então que Vinícius e Igor conhecem a Batalha do Vale a partir de duas perspectivas diferentes, o primeiro como público que vai até a praça para prestigiar o evento, o segundo como MC, participando do duelo e batalhando. Igor nos conta que já participava de culturas juvenis que ocupavam espaços da cidade, andava de skate e tinha amizades que estavam também envolvidas com a cena *underground*, já estando conectado a uma rede de sociabilidade que fazia circular informações a respeito do rap da cidade, e enquanto andava de skate foi convidado a participar da primeira edição da Batalha do Vale.

Percebemos que Igor começa a frequentar a BDV como uma forma de entretenimento, para rimar e se divertir, não tendo nenhuma relação com a organização daquele acontecimento. Segundo ele, seu envolvimento com a organização foi acontecendo gradualmente no decorrer das semanas: ao mesmo tempo que batalhava também conversava com os envolvidos articulando as próximas edições da BDV, tanto que percebemos que a sua fala a respeito de como conheceu a Batalha se confunde com a própria história da

Batalha do Vale, mencionando as primeiras edições e a permanência semanal da juventude na praça. Junto a isso e por acaso, Igor se firmou como mestre de cerimônias da BDV, a pessoa que apresenta as batalhas de MCs, e isso já exige maior compromisso com o acontecimento dos eventos. Nosso entrevistado nos conta um pouco mais sobre como se tornou um organizador:

[Igor] Eu fui me envolvendo na organização da seguinte forma: na primeira semana fizeram um grupão do WhatsApp, tinha vários MCs, gente que fazia rap, de tudo. Os caras que falava que era organizador era uns doze, uns doze organizador, mano, tinha eu e o A. no grupo. E aí a gente já começou a dar umas ideias e fazer umas paradas e teve uns caras que não curtiu muito o compromisso, mano. Eu tava dando a ideia de compromisso toda semana, de ser certeza que ia rolar... Aí 7:30 da noite eu tava na praça, infalível e sem falta, pai, 7 e meia eu tava lá. Não tinha NINGUÉM na praça, ninguém, 7 e meia da noite, compromisso. Aí tinha um pessoal que tava na responsa e chegava enquanto a batalha tava rolando e pá, e eu fui entrando na organização por ter compromisso, de chegar tal hora e dar a ideia, vamos chegar organizar de tal horário a tal horário, fazer as inscrições. E eu tava lá de caderninho na mão, então eu acabei me tornando um organizador... por que na primeira edição tinha um monte de gente: “vamo lá fazer uma batalha?”; “vamo”. Todo mundo se organizou pra fazer a primeira edição, e não uma segunda, uma terceira... No próximo mês, num próximo semestre... e eu gosto de rap, na minha cidade não tinha nada, eu sempre reclamava, quando eu vi a Batalha do Vale eu falei: “mano é o rap, vamô se encontrar e fazer batalha de MCs, vamô? Vamô, vamô? Então vamô...”. E aí eu entrei pra organização, e foram várias vivências de organização, várias, várias, várias pessoas já passaram por ali, já. A gente se encontrava na casa do C., mano, ele era uma pessoa muito importante para a Batalha do Vale, a gente se encontrava na casa dele. “E aí, DJ Mapão, encosta aí, vamô falá sobre a Batalha do Vale...” toda sexta-feira pai, duas hora da tarde, meio dia, onze hora, nem sei que hora, acordava e já ia pra casa do

cara, acordava ele, fazia um rango, ficava ouvindo rap falando de batalha. Dava a noite era passar ali no barzinho, comprar um goró e ir pro Vale, bora...

Vemos que a Batalha do Vale foi sendo construída por jovens que estavam se divertindo: essa construção foi feita ao longo das primeiras semanas e meses e algumas pessoas foram se envolvendo e outras se afastando do compromisso de realizar toda semana uma batalha na Praça do Vale. Igor foi um dos jovens que se viu motivado pela importância de ter eventos de rap em Presidente Prudente, vendo na Batalha do Vale uma oportunidade de se movimentar, de fazer acontecer e fazer isso se divertindo. Em um primeiro momento, vemos que Igor chega à BDV como MC: para ele e para as pessoas que organizaram as primeiras edições o entretenimento e o lazer eram as principais motivações que os levavam até a praça, mas ao longo das semanas, as vivências de organização foram alimentando as responsabilidades e a necessidade de um maior compromisso coletivo para acontecer os eventos. Consideramos que isso fomenta o sentido político da BDV, visto que os jovens foram ressignificando o espaço da praça, atribuindo horários para chegar e começar a batalha, fazendo grafites e pichações nas estruturas físicas da praça, todas práticas que acabaram por aumentar o vínculo do grupo de MCs e organizadores com aquele espaço.

O organizador Vinícius, por sua vez, nos conta que conheceu a Batalha do Vale a partir da vontade de sair e “fazer alguma coisa” com as pessoas ligadas às culturas de rua, prática que ele nos disse ter adotado após assimilar a cultura hip hop com sua vida. Ao procurar diversão, Vinícius conheceu a Batalha da Mônica que acontece no Parque do Povo às quartas-feiras e lá entrou em contato com pessoas que compõem a cena do rap e hip hop na cidade, sendo informado que acontecia a Batalha do Vale. Ao começar a frequentar a BDV identifica-se com pessoas da organização e com a estrutura do evento, considerando aquele momento imperdível em sua semana, sendo público fiel da Batalha do Vale por algum tempo, passando a conhecer as pessoas que ali estavam, a entender a dinâmica, até

dispondo-se a ajudar com a organização eventualmente. Nosso colaborador também comenta como se tornou um organizador:

[*Vinícius Oliveira*] E depois de um tempo, de tanto eu ficar ali curtindo, quando surgiu a oportunidade de eu entrar na organização eu pulei de cabeça, tá ligado? Foi... no começo da pandemia. O Igão me deu um salve... o Igão me deu um salve não, eu dei um salve no Instagram da Batalha. Não queria aceitar que não ia ter mais, mano [batalhas na pandemia]. O Igão falando que não ia ter e eu falando que tinha que ter com redução de pessoas. Aí eu falei: “Vamo faze uma batalha on-line mano?”, e ele falou: “você dá conta?”. Eu falei: “dou”, e ele falou: “cola em casa pra trocar ideia então”. Aí eu fui lá e sentamos lá na pracinha da casa da mãe dele e falamos: “vamos fazer quarta-feira, lá na outra república que eu morava”. Improvisei tudo, tudo os PC das pessoa lá, demos um salve nos caras. Só que os moleques já estavam fazendo batalha (pelo Brasil a fora). Eu já estava atento nas batalhas que tava rolando na internet, já tinha pego a dinâmica., mano, nois improvisou em casa, o Igão apresentou com a cara dele aparecendo, bang da hora e feito em casa... Aí começou a rolar os “bate voltas”... aí, mano, quando eu entro no Vale [no Coletivo como organizador] ele dá uma mudada, pelo menos é o que eu percebi e o que o Igão fala. Ele cria essa parada de “vamos partir para o educacional”, que é ao mesmo tempo que você também começa a se envolver... ou você já tava antes? Bom, mas aí foi quando começa a surgir o Conselho, essas paradas que aconteceu um pouquinho depois que eu entrei, tá ligado?

Duas situações levaram Vinícius a adentrar a esfera de organização da Batalha do Vale. A primeira foi a pandemia que impediu todos os coletivos juvenis, entre outros grupos artísticos e políticos, de se manifestarem em espaços da cidade, formando um período em que realmente não acontecia nenhuma movimentação da cultura hip hop em Presidente Prudente. Essa situação gerou indignação em nosso entrevistado que era público da BDV, deixando-o intrigado para realizar algo voltado a essa cultura, fazendo com que ele

procurasse a organização da BDV para agitar alguma atividade. A outra situação favorável à sua participação no Coletivo foi seu conhecimento a respeito do uso da tecnologia e dos equipamentos necessários para promover transmissões ao vivo por meio na internet, na qual ele mesmo comenta que “dava conta” de fazer tudo em casa com o próprio computador.

Junto a isso a Batalha do Vale e toda a sociedade vivia um momento de tensões sanitárias, políticas e existenciais por conta da pandemia, sendo um fator determinante para o Coletivo BDV conseguir realizar manifestações artísticas de hip hop o domínio de um mínimo conhecimento a respeito das técnicas de transmissão on-line. Naquele momento era uma demanda do Coletivo uma pessoa que pudesse dar um norte ao novo modo de se manifestar artística, cultural e politicamente. Vinícius então surge preenchendo e somando aos “espaços vazios” do Coletivo e, posteriormente, torna-se um organizador importante na tomada de decisões.

É importante relacionarmos a entrada de Vinícius no Coletivo com a entrada do pesquisador. Já comentei como aconteceu meu acesso à organização do Coletivo no Capítulo 1 e percebemos que o mesmo que ocorreu comigo ocorreu também a nossos entrevistados. Minha entrada no Coletivo está ligada à necessidade da BDV de conceituar e teorizar as práticas e intenções educativas do Coletivo, produzindo um material que formalize a relação entre a BDV (hip hop) e a educação das juventudes, o que fortaleceria o Coletivo como sujeito político nas suas negociações com o poder público local e na participação em editais de cultura. Com Igor, como ele nos conta, aconteceu a mesma coisa, e a demanda da Batalha do Vale em 2015 era justamente organização, compromisso e liderança, visto que poucos queriam assumir a “resposta” de levar o movimento. Surge então o Igor e preenche a lacuna na BDV com sua capacidade organizativa de comprometer-se a estar na praça no horário estipulado, dando formalidade ao acontecimento, sendo sua participação um fator importante para a regularidade semanal da batalha de MCs na praça.

Assim, o que destacamos é que a Batalha do Vale chega até os jovens que se dedicam à organização em diferentes contextos.

Vinícius conheceu a Batalha do Vale aproximadamente cinco anos depois que Igor começou a marcar presença na praça, porém, a motivação mantém a essência de necessidade de movimentar a cena, de manter acontecendo um “rolê que não pode acabar”, como é característico do hip hop. Se não tivessem sido tramadas novas edições das *jams* do Bronx na década de 1970, não poderiam ser organizadas batalhas de MCs em Presidente Prudente. É um movimento que está acontecendo e os jovens da Batalha do Vale fazem parte dele, são motivados pela movimentação, como Vinícius, que se sentiu vazio quando não podia mais ter acesso ao movimento hip hop devido ao isolamento social e buscou fazer acontecer, e como Igor que sentia falta de eventos de rap em Presidente Prudente e se dedicou à Batalha do Vale com o mesmo fim.

Também buscamos saber como foi a mudança nas vidas dos jovens entrevistados após conhecerem e passarem a se dedicar como organizadores da Batalha do Vale. As falas dos nossos colaboradores apontam para uma mudança intelectual e política em suas vidas, passando a projetar as ações individuais e coletivas que complementam e de certa forma dão continuidade ao movimento em suas vidas ocasionado pelo envolvimento com a cultura hip hop relatado no Capítulo 3.

Em relação a nosso colaborador Igor, é difícil destacar dados a respeito da mudança em sua vida após a Batalha do Vale, pois ele está desde o início à frente do movimento e participou de todos seus diferentes momentos passados: Igor viveu todo o processo e as etapas de construção da BDV, o que também o construiu e o colocou em processo de evolução. Assim, percebemos que o próprio Igor Afrorudeboy é uma mudança proporcionada pela BDV ao mesmo tempo que ele é uma mudança na BDV:

[Igor] A Batalha me deu um norte, de falar: “eu sei o que eu quero fazer, eu sei o que eu quero fazer... Eu sei o que eu quero fazer, eu sei o que eu posso fazer e eu posso ficar muito bom nisso, sem querer ser o melhor mano”, tá ligado? É isso o que eu quero, é o que eu gosto, é o que eu posso ficar bom sem querer ser o melhor. Se não,

na hora que eu quiser ficar o bom da coisa, se eu me achar o melhor, eu vou parar e vou tá na situação confortável, e isso eu não quero. Eu quero ser bom no que eu faço, quero acordar e estudar e ser toda vez melhor, sem pisar em ninguém... Foi dia após dia mano... nos três primeiros anos da BDV, porra... nos seis primeiros meses ali eu tava lá toda sexta-feira, brow. Eu ia pro supletivo até quinta, sexta eu ia pro Vale. Tinha vez que eu ia no supletivo duas vezes no dia, véi... Eu passava no Bacarin (praça da cidade) a galera tava lá, um monte de moleque fumando e eu de apostila indo pro supletivo, tá ligado? Essa foi a época que minha coroa achava que eu saia de casa para traficar às vezes. E eu saia de casa todo dia às seis horas da noite, passava no Bacarin até umas seis e meia e ia pro supletivo. Na volta passava no Bacarin e voltava pra casa... Isso aí, mano, já é a Batalha do Vale agindo em mim, mano, já tava acontecendo o bagulho. A galera que me via, o meu círculo de amizades, a galera via eu e esperava alguma coisa de mim mano: “porra, cê tá organizando o bagulho, então cê tem que fazer alguma coisa...”. E eu não esperava nada de mim, mas as pessoas já esperavam alguma coisa de mim por conta da Batalha do Vale, mano...

É evidente que para Igor, ter se envolvido com a Batalha do Vale deu sentido à sua vida. Nós já comentamos que esse jovem não tinha uma boa relação com a escola, chegando a evadir para trabalhar. Porém, depois que conheceu a cultura hip hop retomou sua vida escolar por meio do supletivo. Agora, nosso colaborador comenta que enquanto cursava os últimos anos da escola, apesar de já ter uma noção ideológica do hip hop, ainda não acreditava em seu potencial e “não esperava nada” dele mesmo. Após perceber que as pessoas ao seu redor não estavam mais o subestimando, ao contrário, estavam acreditando que ele poderia “fazer alguma coisa” por ser organizador da Batalha do Vale, passando a ser valorizado como um militante político que representava algo bom para a rapaziada que ficava na pracinha do bairro. Isso estimulou Igor a se levantar da pracinha e ir até o supletivo, projetando um futuro diferente, pautado em conhecer e colocar conhecimentos

em prática, pois sem perspectiva de um futuro melhor Igor não teria buscado a conclusão dos estudos.

A Batalha do Vale então representou para Igor principalmente uma mudança de postura – “um norte”, como ele mesmo diz, um caminho a seguir. Discutiremos a relação do hip hop com a vida escolar desses jovens mais adiante, porém, é evidente que para Igor a BDV proporcionou uma visão diferente em relação à vida intelectual. Já para Vinícius, a Batalha do Vale proporcionou uma vivência que construiu e afirmou valores em sua vida:

[*Vinícius Oliveira*] Hoje em dia na organização do vale eu me sinto como o cara que fica na frente da Igreja, eu comparo muito o Vale com a igreja porque se você parar pra analisar o formato é a mesma coisa, mano. É uma celebração, tem um ritual de batalhas, tem a poesia, tem a hora que o cara fala ali. E se você olhar a igreja é assim, o pastor fala, ele para, outra pessoa lê, todo mundo canta e levanta a mão, tá ligado? E tipo, mano, o vale me trouxe a responsabilidade com o hip hop. Está sendo a minha chance de pagar para o hip hop o que ele fez por mim. Essa é a real minha com o Vale, tá ligado? É como se eu pudesse pagar uma dívida...

[*Bruno*] E se você pudesse resumir pra mim o que você aprendeu com o Vale?

[*Vinícius Oliveira*] A não me frustrar. Me ajudou muito com essa parada de não me frustrar. A entender que cada pessoa tem seu tempo. [...] É porque a gente às vezes espera algo de alguma pessoa, dela ter postura, dela não sei o quê, mas as pessoas falham, Brunão... as pessoas falham, e é isso, tá tudo bem, tá ligado? Vai lidar com isso, se afasta ou não, se vira, isso eu aprendi com o Vale. O Vale me ajudou muito a respeitar as pessoas e o tempo delas, de socializar mais. Trouxe muito a responsabilidade de o que eu faço na frente dos outros. Por exemplo, eu não posso estar lá na frente do Vale fumando e bebendo, chapando, não posso estar em praça fumando e bebendo. Fora a oportunidade que o Vale me deu de mexer com a prefeitura,

escrever um projeto, pô, isso é... é... se o meu eu de 17 anos falasse isso: “Mano, ó... quando você tiver 25 anos você vai ter feito essas paradas”, eu não acreditaria, tá ligado?

Percebemos como a Batalha do Vale ampliou o campo de possibilidades que estavam disponíveis para Vinícius. No Capítulo 4, trouxemos momentos de nossa conversa em que Vinícius nos diz que o hip hop em si já havia transformado a forma como ele se relacionava na escola e em sua casa. Desta vez notamos que a BDV reafirma esses valores já construídos por meio do hip hop como a compreensão, o respeito com a vida e decisões de outras pessoas e principalmente uma perspectiva diferente da sua própria realidade. O envolvimento da juventude com a organização de um coletivo como a Batalha do Vale proporciona também uma consciência política. Vemos isso quando Vinícius diz que não acreditaria ser o jovem adulto que se tornou ao se recordar do adolescente que era, afirmando que agora ele dialoga sobre projetos culturais diretamente com a prefeitura, sentando para conversar com pessoas que eram “distantes” antes de seu envolvimento com a BDV como o secretário da cultura e até mesmo o prefeito (tratamos desses detalhes no Capítulo 5), informando-se, opinando e participando da distribuição de verba estadual ou municipal destinadas à cultura.

Essa participação na dinâmica política da cidade está ligada com a promoção da cidadania (Alves, 2005), fazendo com que jovens das periferias se aproximem, mesmo que minimamente, das decisões sobre o direcionamento de políticas públicas, como é o caso da verba municipal destinada ao fomento da cultura. Isso é algo inédito na relação do poder público municipal com as culturas juvenis locais, pois a Batalha do Vale não teve acesso durante anos a esses canais de negociação, mesmo promovendo eventos culturais semanalmente de forma gratuita para as pessoas periféricas.

Outra colocação interessante de nosso colaborador Vinícius é a sua relação com as pessoas, na qual o seu envolvimento com a BDV o colocou em contato com pessoas diferentes, logo ideias

diferentes e que resultaram em um Vinícius diferente, com outra visão de mundo:

[*Vinícius Oliveira*] O Vale me proporcionou muitas coisas, muitas, muitas, muitas conexões, muitas conexões... colocou eu mais em contato com o público. Eu te falo, hoje em dia eu ter um amigo professor é muita satisfação pra mim, porque de onde eu vim o pessoal não queria terminar a escola, os moleque não queria, pra eles a gente ia assaltar banco, ia meter fita o tempo todo, ia ficar rico traficando. Então, quando eu me vejo lidando com pessoas como você, desse meio acadêmico, fornecer uma entrevista pra estudo científico, poder ir numa colação de grau, uma defesa de TCC, eu vou, mano, de peito cheio, tá ligado? Porque essa é minha conquista, não ter me impregnado na vida da criminalidade, da bandidagem nem nada, e hoje fazer parte de uma parada da hora que é o Vale e poder pagar o que o hip hop fez por mim...

Nosso entrevistado afirma que ao se envolver com a Batalha do Vale teve acesso a diferentes redes de sociabilidade que lhe proporcionaram encontros com pessoas com as quais ele não se relacionava anteriormente. Vinícius comenta que em sua adolescência ele e seus amigos não enxergavam nos estudos uma possibilidade de melhoria e sim na criminalidade, mas a partir de todo o movimento que aconteceu em sua vida, desde sua primeira experiência com o hip hop até a sua participação na Batalha do Vale, Vinícius considera uma conquista hoje em dia compor espaços de educação e almejar construir a sua vida oposta à vida do crime.

O movimento que acontece de um adolescente negro, periférico e revoltado para um produtor/organizador de um movimento cultural atuante é carregado dos princípios do hip hop, sendo um dos estímulos que levam os jovens negros ao resgate da autoestima e também à busca pela autonomia sobre suas escolhas (Miranda, 2006). Esses jovens, ao ser organizadores de um coletivo juvenil importante como a BDV, passam a ser valorizados a partir de suas ações, que tanto contribuem para a cidadania e ao acesso à cultura

quanto à formação política, intelectual e social de outros jovens (Carrano, 2011).

Podemos considerar, a partir das entrevistas que destacamos até aqui, que a participação dos jovens negros e periféricos em coletivos juvenis, especialmente na Batalha do Vale (hip hop), é uma experiência formativa. Para cada um de nossos entrevistados, a BDV e tudo o que viveram ali representa uma coisa diferente, porém, é notável que essa experiência é produtiva para ambos, sendo que Igor e Vinícius evidenciam que colhem frutos que cresceram a partir de seu envolvimento com a Batalha do Vale. Além disso, podemos afirmar que suas vidas mudaram.

Os jovens que entrevistamos nos mostram que ao aderir à cultura hip hop e firmar-se como organizadores da BDV, eles se tornam referência para outros jovens. Igor comenta que as pessoas ao seu redor já esperavam dele algo “diferenciado” por ele ser organizador; já Vinícius diz perceber que perdeu o sentido ficar bebendo e fumando pela praça depois que entrou para organização. Isso nos mostra que acompanhando toda a vivência positiva proporcionada por ser organizadores está a responsabilidade e a cobrança para ter atitudes compatíveis com os valores do hip hop.

Também fica evidente que a juventude envolvida com a organização da BDV passa a ter acesso a informações por meio de redes de sociabilidade às quais antes não tinham, conhecendo pessoas e criando novas conexões que serão impressas na realidade por meio de novas espacialidades. Se antes Vinícius estava compondo apenas espaços que o levavam a ter atitudes que lhe faziam mal, agora na Batalha do Vale ele se apresenta como alguém acessível e disposto a compreender. Se Igor antes da BDV era o jovem que não ia mais para a escola, agora é estudante e educador social, compondo espaços que levam conhecimento do hip hop adiante. Todo esse processo também induz os jovens envolvidos a se firmarem como cidadãos críticos e participativos na sociedade (Carrano, 2011), conscientes das dinâmicas que produzem a cidade e atuam nela a partir de seu contexto.

Isso implica maior participação na esfera política da cidade. Como vemos, os jovens da Batalha do Vale, por meio de ações

coletivas, buscam se informar para exigir do poder público o acesso aos recursos destinados à cultura que lhes é de direito. Isso nos mostra uma juventude comprometida e com consciência política, que se baseia na busca pelo conhecimento para promover ações culturais na cidade em que vivem. Portanto, esses jovens, ao tornar-se organizadores da Batalha do Vale, além de promoverem atividades educativas para eles e outros jovens, também passam a se inserir em um cenário de luta por direitos e produzem por meio do movimento hip hop espaços de lazer, cultura, política e educação que atingem as juventudes periféricas de Presidente Prudente e região, as mais restringidas no acesso a esses direitos.

Quem faz a rima (Os MCs e a Batalha do Vale)

Agora traremos (a partir de trechos de entrevistas) da relação e atuação de MCs da Batalha do Vale com e no movimento, como o conheceram e como ele afetou suas vidas. Nossos colaboradores são, evidentemente, MCs da família Batalha do Vale já apresentados em capítulo anterior: Denner, conhecido também pelo seu nome artístico Negreen The Creator, e MC Jimmy. Seguindo com a mesma perspectiva de interpretação, evidenciamos primeiro trechos que mostram como esses jovens conheceram e começaram a participar da Batalha do Vale, logo depois trechos que expõem movimentos nas vidas desses jovens causados pelo seu envolvimento.

Na entrevista com Jimmy não conseguimos extrair tão bem como foi o seu encontro com a Batalha do Vale, mas sabemos pela entrevista citada de Igor que Jimmy estava presente desde a primeira edição (foi ele quem ligou para Igor o convidando para ir até o Vale na primeira edição). Talvez Jimmy não tenha respondido como esperávamos a pergunta que fizemos a respeito de como conheceu a BDV por ele ser um dos formadores da ideia Batalha do Vale, por estar presente na praça na edição número um, quando ainda nem se chamava Batalha do Vale aquela batalha que acontecia no Vale, em abril de 2015. Logo no início de sua fala, Jimmy faz referência aos

rolês que dava na pista de skate do bairro São Matheus, local citado por ele e também por Igor, quando nos contaram sobre como começaram na cultura hip hop. Assim, acreditamos que Jimmy tenha sua primeira lembrança da Batalha do Vale anterior à primeira edição, de fato, de uma Batalha do Vale:

[Jimmy] É esse mesmo corre aí... pegava um violãozinho lá às vezes, na pista de skate do São Matheus, fazia um som e a gente ficava brincando lá fazendo umas rimas... Mas a Batalha do Vale, não sei se foi a primeira edição, creio que não, mas foi muito nas antigas, que os moleques puxaram uma gambiarra na caixa de energia que tem lá pra caixa de som, e naquela época tava o C., DJ I.. Que eu me lembro não era a primeira vez...[...] foi a segunda, mano, foi a segunda (edição da BDV). Eu lembro de muita coisa, eu lembro que teve uma mão que o nosso parça, o D., levou a caixa de som dele lá. Então era sempre assim, o microfone zuava aí: “alguém tem um microfone?”. Eu lembro que uma vez foi eu e o T. na minha casa, deu um problema no microfone e eu falei: “tem um lá em casa...”. Aí nós foi lá. Então, era sempre desse jeito, era improvisos ao vivo e partindo disso, é... de treinar esse *freestyle* eu fiquei com vontade, mano, eu achava muito massa esse desafio, de dois cara assim se atacando, não se xingando, hoje a galera se xinga muito, mas não vou colocar rótulo pra isso...

Percebemos que Jimmy não conhece a Batalha do Vale por nenhum amigo ou convite: ele fez a Batalha do Vale e assim como Igor, sua fala sobre como conheceu o Vale se confunde com a própria história da BDV. Ambos estavam em rolês que antecedem a primeira edição da Batalha mas que foram essenciais para acontecer o movimento que conhecemos hoje, como os encontros na pista de skate do São Matheus. Mas Jimmy, ao que tudo indica, não fez parte do início da organização e da formação de um coletivo, apesar de estar presente e contribuir com ideias e ações cotidianamente no corre do Vale. Sobre a sua vivência como MC, vimos anteriormente que Jimmy já cantava e tocava em bandas de punk rock, estando

envolvido em movimentos *underground* antes de aderir ao hip hop, mas foi após assimilar as letras de um grupo de rap com a sua realidade que sentiu uma maior vontade de cantar e escrever letras de rap. A respeito de suas primeiras experiências como MC atuando na Batalha do Vale, Jimmy comenta:

[Jimmy] Nossa, mano, era uma energia... era não, ainda é uma energia muito boa... Eu já levei convidados, mano: “Vamo lá na praça ver a Batalha do Vale”. E a galera elogiar, mano. A energia que a Batalha transmite lá pra nós lá é emocionante porque se a gente tá de plateia ou batalhando a gente sente aquela energia, o MC ganha, tá ligado? Mas assim, sem ambição, mano, não tem como explicar, mano, é só estando lá, sentindo, participando daquele rolê, conhecendo outras galeras. Que assim, não tem só a rima, tem muita galera que vai lá expor sua arte, expor suas coisas, tem microfone aberto. Eu achava muito massa a época que a galera se expressava, essa questão da poesia, que a poesia é sentimento, passa a real intenção da pessoa... É muito profundo a mina ou o mano pegar o mic e expor as ideias que ela tinha deixado na gaveta, e ela cola ali na Praça do Vale e expõe pra todo mundo, de se expressar, mano, e sempre foi assim. Os MC mandando uma poesia e um papo consciente. Nunca teve ideia torta... tiveram uns que chegaram com ideia torta, mas não floresceram, mano, não foi pra frente, colô e vazou, tá ligado?

Vemos que o ambiente da Batalha do Vale, a atmosfera que se constitui nos momentos em que o evento semanal está acontecendo é bem significativa para a juventude envolvida, como mostra Jimmy. Nosso colaborador conta que ali os jovens entram em contato com a arte, não só as atribuídas ao hip hop, mas também outras linguagens como o recital de poesia promovido pela BDV, que propõe um espaço para os artistas locais, jovens ou não, expressarem suas ideias que até então estavam guardadas apenas para si. Nessa fala de Jimmy notamos que a Batalha do Vale é um espaço que promove a arte e a cultura, bem como os artistas que levam seus trabalhos diversos para a praça em dias de evento, expondo desenhos, artesanatos e

peças de roupas estilizadas. Além disso, Jimmy diz ser satisfatório participar de um ambiente em que ele pode levar pessoas novas, que não conheciam, que elas sempre gostaram do rolê. Então, a sua experiência como MC já tinha início quando tocava em bandas punk; das andanças de skate ouvindo rap até chegar à roda de *free* da Batalha do Vale é uma caminhada feita ao longo de toda a sua vida.

Já o nosso colaborador Denner disse não ter participado do movimento inicial da Batalha do Vale, indo até a praça para rimar após seis meses em que já existia semanalmente a BDV. Denner nos conta que tinha amigos que rimavam e ele mesmo batalhava no Duelo Independente que acontecia esporadicamente, mas por convites desses amigos MCs que iam ao Vale, ele acabou por ir à praça e se tornou um MC participativo na trajetória da BDV:

[Denner] Conheci a BDV pelo T. O T. já rimava na época... o F. também andava com nós na época já também. Aí eu vi que tipo, era uma parada semanal, e eu tava sentindo aquele gostinho de quero mais, tá ligado? Que eu ficava sentindo com o Duelo Independente, tipo, aqui em Machado não tinha como a gente fazer uma parada semanalmente, e tava acontecendo em Prudente, que é aqui do lado e pá... E aí eu falei: “Pô, mano, por que não ir, né, mano? Por que não ir e fortalecer o corre, o movimento, se eu quero ser do movimento, tá ligado?”. Foi aí que eu comecei a ir, mano, e depois que eu comecei a ir, dá pra contar nos dedos quantas vezes eu não fui no Vale, tá ligado? Depois desses seis meses que eu demorei pra ir... eu lembro quando os cara fez um grupo e começou a falar: “Vamo fazê uma batalha ali e pá”. Eu pensei, era todo mundo muito jovem, mano, eu memo era novão de tudo mano e querendo ou não, tem um certo tipo de mística de quando a gente é jovem a gente deixa o ego alimentar pra caramba... E aí eu não ia no pião, fiquei seis meses sem ir no Vale, sem ir fortalecer o movimento por conta de ego juvenil, que eu mesmo tava alimentando na época... Mas cê é louco, ter conhecido o Vale... nossa pra mim ter conhecido o Vale foi muito foda... porque é aquela parada, mano, o bagulho tava mostrando pra nós que o bagulho *underground* tava acontecendo e tava sendo bem visceral tá

ligado? E pa nós aqui do interior, mais visceral que nós, pra querer viver de rap, de música aqui no interior não tem, mano.

O encontro de Denner com a Batalha do Vale acontece a partir de seu contato com pessoas que já frequentavam e batalhavam, e a partir de seu envolvimento, Denner diz ter visto a possibilidade de viver como MC e ser músico profissional de rap. Quando o entrevistado comenta ser visceral, acreditamos ser no sentido de ser feito com a vida, de dedicação para aquilo como algo importante e de extremo valor, e segundo ele, o Vale se mostrou com esse potencial, de possibilitar fazer do rap e do hip hop um estilo de vida, um caminho a ser seguido por esses jovens periféricos, aderindo à caminhada de ser MC.

Denner também comenta a respeito do crescimento das batalhas de MCs pelo estado de São Paulo e também pelo Brasil no período em que ele conheceu a BDV em 2015. Essas informações corroboram o texto de Amanda Ferreira Gomes (2019), que afirma que muitas batalhas surgiram nesse período, devido ao forte movimento iniciado pelos jovens envolvidos nas redes sociais, como canais de YouTube e páginas no Instagram e Facebook, todos bem fomentados e articulados. A Batalha do Vale também se inclui nesse movimento, sendo que desde o início da BDV foram criadas as páginas, filmadas batalhas e postadas para o público ter acesso pelas redes sociais ao movimento. Denner continua:

[Denner] Quando eu vi, quando eu cheguei o Vale já tava bem estruturado de certa forma, porque já tinha uma organização por trás, a galera já estava pensando além, a galera já tava vendo que o Vale podia ser um expoente muito forte pro Oeste paulista em questão de batalha, batalha de rima. E querendo ou não, o bagulho tava em uma ascensão enorme a batalha de rima, porque tava tendo várias, já existia a Batalha do Santa Cruz, mas estava explodindo, a Batalha da Aldeia, a Batalha do Tanque, batalha de não sei aonde, a batalha de MCs do viaduto que era o nacional, bagulho tava explodindo, e a BDV viu que, eu particularmente vi, que a organização que o

Vale tava mostrando potência e também a segurança, porque tipo, pra chegar na Batalha do Vale cê tinha que ser um cara bom mano e pá, tava pedindo mais qualidade de MCs e foi referência pra outras cidades começar a criar batalhas, né, mano? Foi aí que eu vi que a BDV era organizada, sempre foi organizada desde o começo, por mais que eu tava ausente nos primeiros meses, sempre foi organizada, a galera do Vale tava levando o bagulho com seriedade, os caras já tavam correndo, já tinha uma galera chamando a responsa falando: “Não ó, eu vou vestir a 7 do bagulho”... Fulano de tal já tava fazendo uns beat e pá, e que quando eu cheguei os cara já tava a ponto de organizar festival de um ano cara... os cara já tava à frente do tempo...

A respeito de sua trajetória como MC, já mencionamos que nosso entrevistado escrevia poesias, ouvia raps, mas não tinha consciência de que aquilo era o hip hop, e sua perspectiva de ser MC foi crescendo a partir da assimilação de toda a cultura. Percebemos que a Batalha do Vale vem dar continuidade a todo esse processo que acontece na vida de Denner promovido pelo hip hop, sendo que esse jovem encontrou na Batalha do Vale uma estrutura para ser MC, no sentido de a BDV promover a reunião dos MCs da cidade em um espaço para rimar, debater e trocar ideias, mas também no sentido de possibilitar aos jovens periféricos que gostavam de rimar e tinham habilidade de realmente ser MCs viver rimando, evoluir no rap e ganhar visibilidade regional e nacional por meio dos eventos da Batalha do Vale. Igor também comenta a respeito desse efeito no início de sua fala na já citada, quando nos diz que “a Batalha me deu um norte, de falar: “eu sei o que eu quero fazer, eu sei o que eu quero fazer... Eu sei o que eu quero fazer, eu sei o que eu posso fazer e eu posso ficar muito bom nisso”.

A partir disso, notamos que a Batalha do Vale proporcionou a esses jovens a possibilidade de sonhar, de acreditar que podem ser MCs e viver disso, evoluir nisso e ser reconhecidos por seu talento, visto que não foi garantido pelo poder público a esses jovens o direito de acreditar em um futuro. Além disso, Denner evidencia que foi

satisfatório saber que o movimento *underground* não circulava apenas na capital do estado, visto que Amanda Ferreira Gomes (2019) já mostra que, antes de 2014/2015, eram poucas as aparições de artistas do interior na cena do rap de São Paulo. Nesse movimento de crescimento das batalhas, a BDV aparece como uma das pioneiras no interior, a primeira do Oeste Paulista, e vira uma forte influência e referência nas cidades menores da região de Presidente Prudente.

A respeito de mudanças que ocorrem na vida desses jovens MCs após se envolverem com a Batalha do Vale, ambos comentam aspectos relacionados à educação e à vida acadêmica. Jimmy, ao ser indagado sobre como acredita que a BDV contribuiu para sua vida, evidencia a fundamentação de suas ideias, que dão sequência às reflexões acionadas a partir da época em que começou a prestar atenção às letras de rap, além de uma melhor percepção do contexto social em que estava inserido:

[Jimmy] Então... foi na questão de eu ter fundamentos nas minhas ideias. Fundamentação. Hoje eu posso dizer com propriedade sobre a educação de uma criança porque eu sei o que eu estou dizendo. Qual é o papel do rap? Não que minha palavra seja verdade, mas é trazer o conhecimento, e dentro da BDV eu pensei: “eu preciso de fundamento, ou melhor, nós precisamos saber o que estamos dizendo, concretizar, e não pegar ideias alheias, soltar no meio da roda e falar que é verdade”. E isso me influenciou nos estudos, me influenciou na faculdade...[...] Foi de ter fundamentação nas ideias, ideias mais concretizadas, e foi isso, mano, entendeu? E também a Batalha do Vale me mostrou algo assim que eu nunca pensei que eu ia enxergar, mano, essa parada de ser bolsista, de depender do transporte público. Cara, vou falar uma coisa pra vocês aqui, trabalhar e estudar, pegar busão e chegar meia noite, uma hora., mano, eu chegava até cedo, chegava meia noite, tem gente que chegava uma hora da manhã em casa depois da aula. Essa realidade não é fácil e essas ideias são as que a gente trocava na BDV. E eu me deparei com essa situação em diversos momentos. O Igão, a gente fazia a mesma universidade, a gente se trombava no ponto de busão e relembrava essas

ideias: “nossa mano lembra quando a gente falava lá no passado que ia estudar e hoje a gente tá vivendo isso?”.

Foi pela vivência proporcionada pela Batalha do Vale que Jimmy afirma ter buscado fundamentar melhor ideias que já vinham amadurecendo desde os tempos dos rolês de skate ouvindo música. Para Jimmy, a BDV promoveu a vontade de conhecer e buscar referências para as ideias em que ele acredita, isso contribuiu para que esse jovem se sentisse seguro para buscar conhecimento também na universidade. Percebemos como sua vida muda muito quando Jimmy diz que a BDV lhe mostrou algo que nunca imaginou ter enxergado: a realidade de um jovem negro, estudante e periférico. Assim, a Batalha do Vale fortalece na vida de Jimmy a ideia de que ele poderia estudar, fazer faculdade, ter uma profissão e ser educador, mesmo sendo um caminho difícil, superando e quebrando toda a imagem negativa construída socialmente a respeito de jovens negros e periféricos que são quase sempre relacionados com o crime e a violência, trabalhos informais e pobreza, quase nunca com trajetórias de vida pautadas em projetos que se realizaram (Abramo, 1998).

Nesse sentido, vemos que a Batalha do Vale contribuiu com Jimmy em sua vida política e social, que já vinha ativa desde seu envolvimento com o movimento punk e o skate, mas também com sua evolução intelectual, proporcionando para esse jovem uma possibilidade de ingressar no ensino superior. Porém, o espaço universitário não é representativo e acolhedor para jovens negros e periféricos (Gonçalves; Ambar, 2015), e a dificuldade em superar as barreiras sociais como morar longe da universidade e não ter um transporte público eficiente, ter que trabalhar, ser o único ou um dos únicos negros na sala de aula e não ter as mesmas condições financeiras que outros estudantes são elementos de uma realidade que levam esses jovens a desistir do curso. Em relação a essas dificuldades Jimmy também atribui forças à BDV:

[Jimmy] Mas isso não me pegou de surpresa, é aí que tá... quando a gente é pobre, periférico e se depara com um ambiente universitário

é um choque, mano, porque infelizmente a nossa educação não prepara o aluno para todo o processo da universidade... então tem muita gente que chega a desistir. Então, até a gente se adaptar, ver que aquilo é real, ela desiste. Mas assim, eu não desisti, mano, por que? Por que eu sou melhor? Por que pra mim foi diferente? Não, mano, por que a Batalha do Vale, de alguma forma, meio que preparou, tá ligado? Ela pegou toda aquela ideia que eu tinha, porque as vezes você tem as ideias, mas não sabe como estruturá-las, e eu tinha as ideias. E aí vendo tudo aquilo, participando, conhecendo outros MCs com mais caminhada, outros que passavam a visão, eu fui assimilando... então a BDV me preparou pra esse corre e eu hoje estou no último período da faculdade, não foi fácil, foi muito difícil, mas eu vou exercer a profissão de professor[...]. Então, pra acrescentar, foi tudo uma mistura, que não foi cada coisa pro seu lado, mas se firmou e se concretizou, entende? Se concretizou, isso não aconteceu só comigo, eu vi vários MCs da Batalha que estavam na universidade, então, não foi só comigo, mano, essa é a história de várias pessoas, de forma diferente, mas é história do mano ali, do mano ali. Tudo foi agregado e constituído pra hoje a gente ter propriedade no que a gente fala, pra não falar água e besteira, falar com sabedoria mano. Do que adianta, mano, a gente bater no peito, defender algo e não saber se expressar corretamente, não saber colocar as ideias?

É evidente então na fala de nosso sujeito de pesquisa que não foi a escola que o preparou para o ambiente e para o ensino universitário e, segundo suas palavras, foi a Batalha do Vale que o deixou seguro e preparado para enfrentar todas as dificuldades de uma formação universitária. A dificuldade não o pegou de surpresa: Jimmy já tinha assimilado seu contexto social e espacial de sujeito periférico anteriormente ao espaço da universidade, o que o fez ser um “guerreiro” em combate, lutando pelo seu diploma, batalhando diariamente contra o cansaço e a vida dura de estudante trabalhador, em prol de uma conquista social e também política que é ter uma profissão que ele mesmo escolheu, a conquista de ter um futuro protagonizado por ele mesmo.

A Batalha do Vale aparece como um agente promotor de cultura e educação na vida desses jovens (Carrano, 2001), fazendo com que despertassem em várias pessoas envolvidas com a BDV a necessidade e a possibilidade de formular projetos de vida, elaborar e fundamentar ideias e pensamentos a respeito da realidade, buscar no conhecimento uma forma de evoluir dentro da cultura hip hop e do rap, fazendo de toda essa vivência uma superação também para a vida profissional.

A fala de Denner sobre a Batalha do Vale ter contribuído para sua formação é diretamente voltada para a educação; ele não disse exatamente os efeitos de ser um MC da BDV em sua vida, mas prontamente mencionou o conhecimento que é percebido por ele no ambiente da Batalha:

[Denner] Em primeiro lugar, eu acho que a BDV educa... eu acho que a BDV educa. Ela educa daquela forma que a gente acha muito doido, que é aquela educação que só a rua proporciona, né, mano, aquele pedala Robinho² que você podia ter levado do seu irmão e não levou, tá ligado? Aquele puxão de orelha que você poderia ter levado do seu pai e não levou porque seu pai não é presente na sua vida, tá ligado? [...] Nessa questão da educação, eu acredito que o hip hop que ele veio pra ser a Igreja do século XXI, tá ligado? Porque se você vê a BDV ali, mano, é bem o que Jesus fazia. Faz um círculo, faz um círculo e depois fica dois MCs pra gladiar ali mano. Às vez, mano, a galera não vê que aquela gladiação ali, às vezes os cara tá se gastando, mas os caras estão transmitindo conhecimento na parada, porque se você não transmitir conhecimento na parada no Vale você perde, mano. Então, às vezes uma gastação que você tá vendo ali vai ser um tipo de conhecimento. Da mesma forma que eu, batalhando contra o R*, a gente começou a batalha falando de Platão, quando a gente vai vê no final tá falando de teoria das cordas, tá ligado? Eu acredito que a batalha de rimas ela consegue educar e de certa forma ela é

2 Pedala Robinho é uma brincadeira dos anos 2000, em que alguém que teve uma atitude desagradável toma um tapa na cabeça como advertência.

aquele aperitivo, né, mano? Eu falo que a educação ela não é do jeito que tá acontecendo ultimamente, que é aquele pseudointelectual que fica vendo manchete de matéria e acha que entende do assunto, tá ligado? Então, eu acho que a Batalha do Vale é aquele primeiro *insight* pra pessoa falar: “Opa, que bagulho é esse que ele falou? Que bagulho é esse de teoria das cordas?”. Aí ela chega em casa e vai pesquisar [silêncio]. Do mesmo jeito o mito da caverna, que já foi assunto de batalha também, certeza que a galera já chegou em casa e procurou o que é o “golpe do dedo ush” que o R* P* tanto fala nas batalhas dele, tá ligado?

Apesar de Denner não ter direcionado sua resposta para a sua formação escolar, a fala de nosso colaborador nos mostra que, de acordo com sua percepção, a Batalha do Vale é um evento educativo. Isso nos indica que para Denner, ir até a BDV para rimar ou apreciar o evento é um momento de adquirir saberes por meio do conteúdo das rimas e também das conversas que acontecem ao longo do rolê, e isso acrescenta muito em sua vida. Como já discutimos em capítulo anterior, a Batalha do Vale é um espaço em que existem cobranças, no sentido de exigir uma postura “aceitável” por parte dos organizadores e também do público e MCs que participam, e Denner menciona em sua fala que essa cobrança pode ser positiva na vida de algumas pessoas.

Vemos que existem atitudes que não são aprovadas na Batalha do Vale, como já identificamos em pesquisa anterior (Salvi, 2019), que falas e ações racistas, homofóbicas ou xenofóbicas, entre outras atitudes que faltem com o respeito, não são aceitas nas batalhas de MCs promovidas pela BDV, bem como os jovens que se envolvem com o movimento buscam se informar sobre essas questões para debatê-las e combatê-las. Além disso, surgem nas rimas temáticas que estimulam a curiosidade e a pesquisa dos MCs:

[Denner] Mano, teve uma vez que o R. falô umas fita e que era umas poesias de Pero Vaz de Caminha, ele falou numa batalha lá, que ninguém tava esperando que o R. ia falar aquilo, tá ligado? Aí ele falou o

nome da poesia, não foi “Os lusíadas”, mas ele falou o nome da poesia lá... Aí eu cheguei em casa e fui pesquisar e vi: “Caralho, o que ele quis falar sobre isso aqui, tá ligado?”. Eu achei isso muito louco, do mesmo jeito que eu fui pesquisar cores de gangues, por causa de uma batalha do D., ele é chapado em cultura de gangue norte americana, e eu também sou, aí querendo ou não cada cor simboliza uma gangue, e aí a gente começou a tirar uma brisa numa batalha falando disso, e quando a batalha acabou a gente continuou conversando disso e perguntando: “Mas aquela gangue é de cor tal, né?”. Aí eu não sabia, chegando em casa já fui pesquisar e foi um bagulho muito doido assim, foi bem foda...

As atividades do Coletivo Batalha do Vale, principalmente a batalha de MCs que acontecem todos os finais de semana na praça, configuram um ambiente no qual a juventude que vive o rap e o hip hop pode se encontrar, trocar informações e rimas, buscar a evolução intelectual e política por meio da cultura e da arte, mas também um espaço no qual é possível jovens negros, periféricos e do interior do estado transformarem sonhos em projetos, como é o caso de Jimmy e Denner e tantas outras pessoas envolvidas que não estão neste trabalho.

Podemos afirmar então que a Batalha do Vale, por meio do movimento hip hop, alterou a trajetória de vida de diversos jovens sujeitos, e essa mudança de trajetória leva pessoas jovens, negras e periféricas ao envolvimento com arte e cultura, mas também fez esses jovens serem protagonistas de seus projetos de vida e de seu cotidiano, evitando os caminhos que a estrutura social impõe para eles como a criminalidade, o trabalho informal e a evasão escolar, e traçando uma caminhada mais tranquila, de paz, cultura e movimento.

A galera que cola (o público da Batalha do Vale)

Quando falamos de público da Batalha do Vale nos referimos às pessoas que apreciam os eventos e atividades promovidas pelo Coletivo; essas pessoas não têm um compromisso firmado com a BDV

como os organizadores, ou os que rimam na frente de todo mundo como os MCs. O público da Batalha é itinerante, podendo ter pessoas completamente diferentes de uma semana para outra, porém, também existem aqueles e aquelas que colam em todas as Batalhas do Vale. Existem pessoas que têm uma passagem mais discreta pelos eventos, outras que interagem bastante com as batalhas e shows e já são conhecidas por todos que frequentam. Por isso, é importante destacar que o público da BDV pode também mudar de perfil em futuras pesquisas, assim como já ocorreu em diferentes contextos em que pesquisei junto à BDV.

No contexto em que esta pesquisa foi desenvolvida, tivemos dificuldades em acessar o público da Batalha do Vale que vai até a praça, pois não estavam acontecendo eventos presenciais, em razão da pandemia do coronavírus. Assim nossos dados foram produzidos por meio de enquetes aplicadas em *lives* da BDV, com o público que apreciava as atividades virtualmente. Para analisar o público da Batalha do Vale com maior amplitude, considerando também as pessoas que frequentam a praça, abordamos dados produzidos em pesquisa anterior (Salvi, 2019) em que realizamos trabalhos de campo, entrevistas e enquetes com o público da Batalha do Vale. Apesar de acreditarmos que alguns dados são úteis e que não devam apresentar muita discrepância com novas investigações, também destacamos que serão necessárias novas pesquisas para reconhecer o público da BDV que vai até a praça após a volta de eventos presenciais em espaços públicos, pois foi apenas após o término dos trabalhos de campo que fizemos algumas observações e participações em Batalhas do Vale presenciais (como mencionado no Capítulo 5).

A enquete foi aplicada no festival de comemoração de seis anos da Batalha do Vale, que aconteceu on-line nos dias 29 e 30 de abril de 2021 e as perguntas foram elaboradas em conjunto com membros do Coletivo, já que queríamos a mesma informação: conhecer o público. No primeiro dia de evento, dezessete pessoas responderam ao formulário que estava sendo disponibilizado no chat e na descrição da *live*, além de ser constantemente divulgado pelos apresentadores do festival. Já no segundo dia, apenas três pessoas

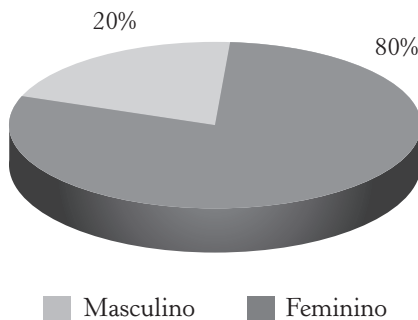
responderam à enquete, totalizando vinte respostas, o que consideramos um número baixo para analisarmos um público tão amplo, visto que o festival em questão atingiu 604 visualizações ao vivo.

Porém, após esse evento, a Batalha do Vale encerrou um ciclo de projetos e não voltou a realizar *lives* até o momento em que estivemos produzindo dados em campo. Mesmo sendo um recorte pequeno de um grande público, o resultado da enquete nos mostra as intenções do coletivo em transmitir conhecimento e também nos permite traçar um perfil das pessoas que acompanhavam essas *lives* da BDV e relacioná-lo com os dados produzidos na Praça do Vale, visto que apesar de ser uma enquete aplicada a apenas um evento, Esse festival foi o encerramento de uma sequência de eventos que aconteceram on-line, contando então com um público que vinha acompanhando as *lives* já há alguns meses.

Com relação ao gênero das pessoas que estavam acompanhando as *lives* da Batalha do Vale, percebemos que a maioria são homens, como nos mostra o Gráfico 1. Wivian Weller (2005) diz que apesar de as mulheres participarem da articulação de diversas culturas juvenis, elas não foram devidamente consideradas nos estudos sobre essas culturas, especialmente o hip hop, fazendo com que o protagonismo das ações que ficaram marcadas recaísse sobre os homens que participavam. Turra Neto (2008) também reconheceu em pesquisa com jovens da cultura punk e hip hop que são culturas predominantemente masculinas e, por vezes, machistas. Apesar de ser um dado do público de eventos on-line, não muda muito se compararmos com o público que frequenta a Praça do Vale. Destacamos em pesquisa anterior (Salvi, 2019) que a maioria dos jovens presentes eram homens e que a maioria das mulheres que responderam à enquete na ocasião estavam acompanhadas do namorado.

Isso não quer dizer que as mulheres que acompanham as *lives* e frequentam os eventos da Batalha do Vale na praça não estejam inseridas e engajadas na cultura hip hop, mas destacamos que historicamente o hip hop é uma cultura na qual os homens ganham maior visibilidade em todas as escalas (Marques, 2021). Ana Carolina Marques (ibidem), em sua pesquisa de mestrado, expõe que as

Gráfico 1 – Gênero das pessoas que responderam à enquete



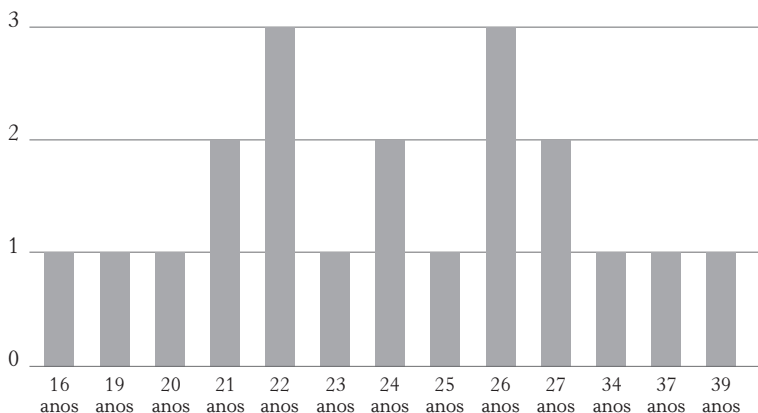
Fonte: elaborado pelo autor.

mulheres, com muita luta, estão cada vez mais conquistando espaços dentro do hip hop, organizando batalhas e criando coletivos de hip hop em que as mulheres protagonizam a cena.

As mulheres sentem-se desconfortáveis e têm dificuldade diante da barreira masculina das batalhas de MCs como um todo (ibidem). Em Presidente Prudente, mulheres que se conheceram na Batalha do Vale, mas não se sentiam representadas com as rimas e a estrutura dos eventos, passaram a compor outros coletivos de hip hop protagonizados por elas mesmas, como o Coletivo Santo Útero mencionado anteriormente. Porém, a Batalha do Vale não é um rolê exclusivo para homens, tendo muitas mulheres que frequentam a BDV e apreciam e participam muito e também fazem parte de outros coletivos feministas que promovem eventos que representam as mulheres. Não é um limite bem definido entre homens e mulheres, porém, é notável a partir dos trabalhos mencionados e também de nossa experiência de pesquisa que tanto a BDV quanto a maioria dos eventos de rap são espaços nos quais as mulheres têm uma visibilidade menor do que a os homens.

Já em relação à idade das pessoas, percebemos que os eventos on-line da Batalha do Vale atingem pessoas mais velhas em relação aos dados apresentados na praça. As idades são entre 16 e 39 anos na enquete aplicada on-line, como vemos no Gráfico 2, sendo a maioria das pessoas jovens entre 21 e 27 anos. Se compararmos com os

Gráfico 2 – Idade das pessoas que responderam à enquete



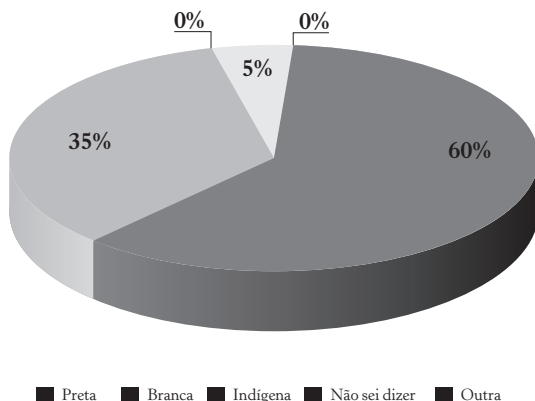
Fonte: elaborado pelo autor.

números obtidos nas enquetes feitas na Praça do Vale (Salvi, 2019), vemos que as *lives* da BDV atingiram um público com maior amplitude de idade, ainda que sejam jovens em sua maioria, já que na Praça do Vale, a pessoa mais velha que respondeu à enquete tinha 24 anos, e a maioria dos que responderam tinham entre 16 e 21 anos. Isso nos mostra uma diferença entre o público que assiste as *lives* da Batalha do Vale e o público que vai até a praça, podendo ser que na praça predominantemente as pessoas sejam jovens com menos de 25 anos.

Outro fator importante a ser destacado em relação ao público da Batalha do Vale é a autodeclaração racial. A maioria das pessoas que frequentam e acompanham eventos da BDV são negras: isso é um dado obtido em trabalho de campo e também expressado pelas enquetes, como mostra o Gráfico 3. Esse dado não sofre muita variação se compararmos com a pesquisa anterior (ibidem), em que constatamos que a grande maioria do público na Praça do Vale em dias de Batalha eram pessoas negras. Portanto, o público da Batalha do Vale é negro, assim como historicamente as pessoas que protagonizaram o hip hop.

Quando trabalhamos com o público na Praça do Vale, vimos que grande parte das pessoas que frequentavam a BDV morava

Gráfico 3 – Autodeclaração das pessoas que responderam à enquete

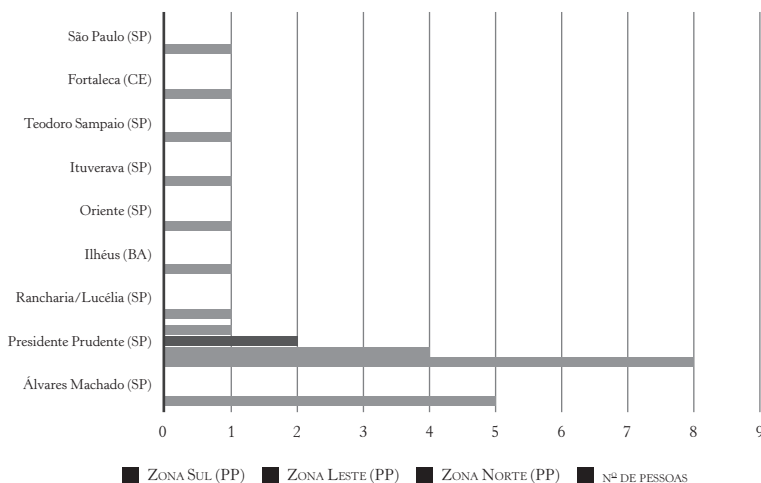


Fonte: elaborado pelo autor.

em bairros da Zona Norte de Presidente Prudente, completando a maioria com moradores de Álvares Machado. Na enquete aplicada em evento on-line, o cenário mostrou-se semelhante, sendo a maioria dos espectadores moradores de Presidente Prudente e Álvares Machado. Dentre os que eram de Prudente, a maioria habita a Zona Norte da cidade, como mostra o Gráfico 4. Além disso, vale destacar que aparecem na enquete pessoas de diferentes cidades do interior de São Paulo e também pessoas de cidades do Nordeste como Ilhéus (BA) e Fortaleza (CE), o que nos indica que as *lives* da Batalha do Vale tiveram um alcance regional, estadual e mesmo nacional.

Esse alcance é importante por divulgar o trabalho dos artistas locais que estavam se apresentando no festival transmitido, promovendo a visibilidade para trabalhos que circulavam no Oeste Paulista e agora podem alcançar o Brasil. O Gráfico 4 foi apresentado dessa forma por estarmos analisando uma pequena amostra do público em questão, sendo que essa transmissão atingiu 604 visualizações ao vivo, podendo então atingir ainda muitas outras regiões do país, por meio das pessoas que não responderam à enquete. Acreditamos, então, ser esse um ponto de vista positivo dos eventos on-line que organizamos junto com a Batalha do Vale,

Gráfico 4 – Cidade/bairro onde moram as pessoas que responderam à enquete



Fonte: elaborado pelo autor.

em um contexto de pandemia, no qual muitas pessoas estavam em casa consumindo cultura apenas virtualmente. Assim, a Batalha do Vale conseguiu ampliar o alcance de suas atividades a uma escala nacional, expondo shows de artistas e a tradicional batalha de MCs do Vale para além praça.

Também procuramos saber o que atrai essas pessoas, jovens ou não, às *lives* em atividades da BDV no geral, indicado pelo Gráfico 5. A maioria das pessoas responderam ter interesse na cultura hip hop; também responderam buscar amizades, diversão, lazer e informação, o que nos indica que as pessoas que frequentam as atividades da Batalha do Vale têm consciência dos valores básicos do hip hop e buscam se divertir e se informar por meio da cultura. Já nas atividades desenvolvidas na Praça do Vale, percebemos (ibidem) que a maioria tinha interesse em se encontrar com os amigos e nas rimas das batalhas. Percebemos que, de certa forma, os públicos da praça e das *lives* estão buscando o mesmo objetivo, visto que o hip hop historicamente transmite informação pela via da diversão, da cultura e da arte.

Gráfico 5 – O que atrai você às atividades da BDV?

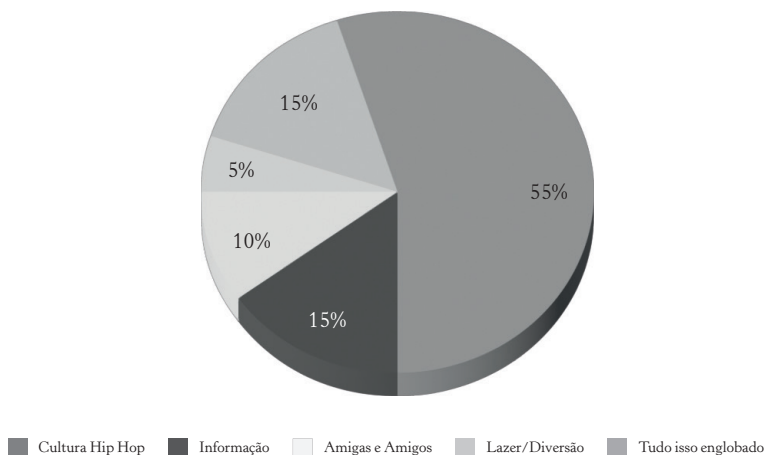
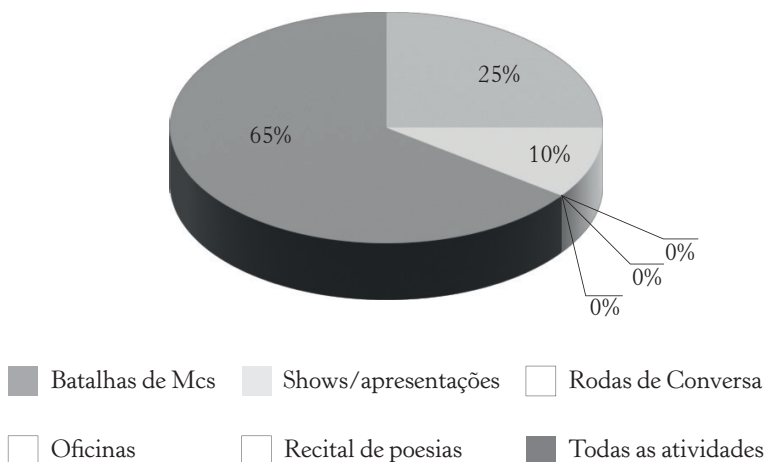


Gráfico 6 – Qual a atividade da BDV de que você mais gosta?

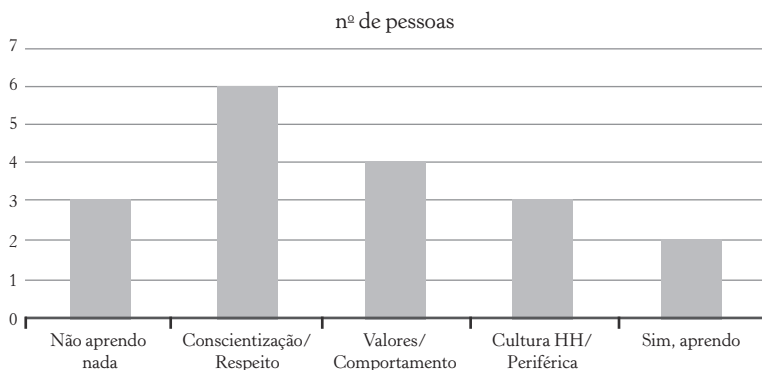


Com relação às atividades do Coletivo que o público mais aprecia, obtivemos resultados mostrando que grande parte das pessoas gostam da maioria das atividades oferecidas e a batalha de MCs continua sendo o carro forte da BDV. Apesar de as pessoas que

responderam gostar de todas as atividades mencionarem também as oficinas e rodas de conversa, acreditamos que ninguém respondeu preferir essas atividades por serem elas desenvolvidas em escolas, como veremos mais adiante, portanto, são voltadas para um público mais jovem e que, muitas vezes, não frequenta as atividades da Batalha, mesmo as desenvolvidas on-line.

Buscando entender melhor a perspectiva do público dos eventos sobre os conhecimentos que circulam na Batalha do Vale, perguntamos na enquete o que as pessoas acham que aprendem com as *lives* da BDV. Como a enquete dessa vez era aberta para o público digitar a resposta, agrupamos os resultados pelas temáticas centrais que surgiram nas falas dos questionados, como vemos no Gráfico 7, e apresentamos algumas palavras-chave que foram usadas nas respostas.

Gráfico 7 – O que você acha que aprende com as *lives* da Batalha do Vale?



Fonte: elaborado pelo autor.

- Público da BDV 1: Aprendo no resumo sobre a cultura local e como outras pessoas se relacionam com o hip hop.
- Público da BDV 2: Sem dúvidas, a Batalha do Vale traz um conteúdo muito avançado, aprendo de tudo um pouco!
- Público da BDV 3: Informações necessárias para viver na selva de pedra.

- Público da BDV 4: Eu aprendo o quanto a cultura de rua é necessária para o povo periférico.
- Público da BDV 5: As *lives* e as batalhas em si me ensinaram a ver o mundo de uma nova forma.
- Público da BDV 6: Pontos de vista, a questionar mais sobre as coisas e conhecer outras culturas.
- Público da BDV 7: a importância do hip hop.
- Público da BDV 8: Conscientização, informações de vários tipos.
- Público da BDV 9: Valorizar e respeitar cada vez mais os MCs que tão na luta diária.

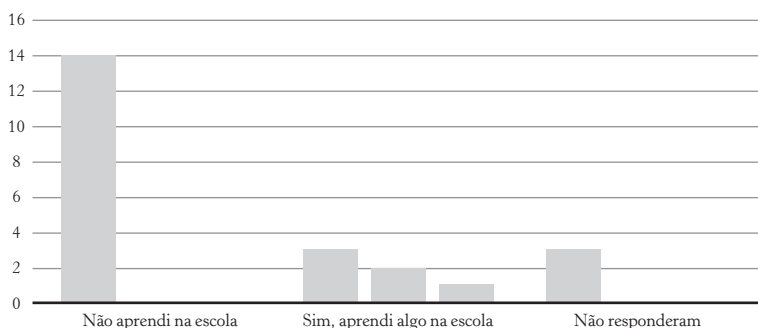
De acordo com as respostas da enquete, percebemos que a Batalha do Vale continua com a intencionalidade do hip hop de transmitir conhecimento, trazendo uma série de temáticas a partir de manifestações artísticas que provocam reflexões positivas nos jovens envolvidos. Assim, a BDV segue com seu caráter educativo nas três esferas de envolvimento que analisamos, tanto dos organizadores e MCs quanto do público, que demonstraram estar diante de um acontecimento que contribui para a formação política, social e intelectual ao se envolverem com as atividades do Coletivo Batalha do Vale.

Na pesquisa anterior, quando perguntamos à juventude que frequenta a Praça do Vale sobre o que aprendem com a BDV (*ibidem*), deparamos com dados semelhantes, sendo que a maioria dos jovens mencionou aprender conhecimentos ligados a princípios, valores, identidade e posicionamento político. Isso nos mostra mais uma vez a intencionalidade da BDV de ser formativa, transmitir conhecimentos que agreguem à autoestima e à trajetória de vida dos envolvidos.

A respeito dos saberes acionados com os eventos da Batalha do Vale, perguntamos na enquete se o público já havia entrado em contato com as temáticas debatidas em sua passagem pela escola. A maioria das pessoas que respondeu nos disseram que não aprenderam na escola os ensinamentos que vieram a adquirir pela cultura

hip hop, como destacado no Gráfico 8. Outras pessoas do público responderam que já tinham estudado temáticas sociais tocadas no Vale em aulas de História, Geografia e Artes, o que acreditamos ser fruto do esforço de professores que buscam aproximar a vivência dos estudantes a alguns conteúdos das ciências humanas por meio do rap e do hip hop (Jovino, 1999; Neves, 1999).

Gráfico 8 – Isso você aprende na BDV, você aprendeu na escola? Se que sim, em qual matéria?



Fonte: elaborado pelo autor.

A partir desses dados podemos reforçar a ideia de que o hip hop, especialmente a Batalha do Vale, promove para os jovens envolvidos uma aproximação com saberes que fazem parte da formação de cidadãos críticos, que se contextualizam na sociedade e agem a partir desse posicionamento, levantando demandas coletivas. Mas para isso é necessária a reflexão a respeito do preconceito, da discriminação, da dificuldade em se locomover pela cidade, do contexto socioespacial em que os sujeitos estão inseridos, e o hip hop consegue complementar a educação escolar que, quando bem-sucedida, deveria preparar os jovens para ser protagonistas de sua vida e posicionar-se diante da sua realidade.

Em suma, com base nos dados que tivemos ao nosso alcance, o público da Batalha do Vale se autodeclara negro e periférico, é majoritariamente composto por homens, com mais jovens adultos do que adolescentes e que apresentam ter consciência dos ideais de

conhecimento e evolução do hip hop, buscando na Batalha do Vale divertir-se, informar-se e, ao mesmo tempo, adquirir conhecimento a respeito da própria realidade por meio da cultura. Neste sentido, atribuímos à Batalha do Vale o sentido de JAM, as mesmas que ocorriam no Bronx na década de 1970, que deram origem ao movimento hip hop, pois a relação com o público segue a mesma essência de diversão, paz e união e conhecimento.

Buscando na base: Batalha do Vale e as escolas

Figura 21 – Batalha do Vale finalizando evento em escola estadual em 2019



Fonte: Batalha do Vale no Facebook.

Nesta seção discutimos a relação do Coletivo Batalha do Vale especificamente com as escolas, por meio dos depoimentos da juventude envolvida e de breves trabalhos de campo que aconteceram em atividades do Coletivo em ambiente escolar. Devido ao isolamento pela pandemia da covid-19, as escolas não podiam aceitar projetos externos, portanto não foi possível realizar muitos trabalhos nesses espaços, com exceção de algumas atividades que aconteceram

já na etapa final de pesquisa, mas que contribuíram para a produção de dados ao mesmo tempo que a prática de pesquisa colaborou para as atividades.

Assim analisamos a participação da Batalha do Vale na educação formal, nas escolas, a partir do depoimento dos nossos colaboradores do Coletivo sobre suas trajetórias escolares. Estamos analisando então a vida escolar de Jimmy, Vinícius e Igor, jovens negros e periféricos. Pelo que nos disseram, eles não tiveram uma passagem tranquila e enriquecedora pela escola a princípio, mas após o hip hop mantêm uma relação vital com a educação. Nosso colaborador Denner não nos contou em entrevista especificamente sobre a sua trajetória escolar, mesmo tendo sido entrevistado duas vezes, mas mencionou ter embasado sua formação no hip hop, como vimos nas seções anteriores.

Além disso contamos com a colaboração de Camily, poeta, escritora e aluna da E.E. Pedro Tófano, no distrito de Montalvão, extremo norte de Presidente Prudente, cuja participação nesta pesquisa foi a única forma de termos contato com atividades da Batalha do Vale em escola, visto que Camily foi quem convidou e organizou a ida da BDV à sua escola por algumas vezes em 2019. Com seu relato podemos dimensionar a importância e o impacto da presença da Batalha do Vale e seus membros no cotidiano escolar. Inicialmente trouxemos a análise a respeito da vida escolar dos MCs e organizadores da BDV; num segundo momento, por meio da colaboração de Camily e de poucas atividades ocorridas nas escolas discutimos especificamente as ações da Batalha do Vale no espaço escolar.

A verdadeira escola

Percebemos na trajetória escolar dos nossos colaboradores que foram jovens que não tiveram uma relação de harmonia com a escola, mas todos mencionaram ter acessado a universidade, concluindo ou não os cursos pelos quais optaram, e estar envolvidos com alguma atividade educacional direcionada a si mesmo ou a outras pessoas.

Então, como esses jovens chegaram até aqui? Como fazem/fizeram faculdade e são protagonistas de atividades educacionais justamente que complementam e dão sentido ao ensino escolar se não foram “bons alunos”? Qual foi o papel da escola na formação intelectual, política e social desses jovens?

A partir dessas inquietações expomos trechos já citados das entrevistas de nossos colaboradores que mencionam sua trajetória educacional e as mudanças positivas que o hip hop proporcionou nessa caminhada, mesmo sem serem questionados especificamente sobre isso. Aqui relatamos outro momento da conversa que tivemos com os MCs e organizadores em que tentamos dialogar mais diretamente sobre os tempos da escola para entender o papel da instituição que, segundo Juarez Dayrell (2001), está presente na vida social da maioria dos jovens e adolescentes.

Nossos colaboradores mencionam não ter mantido uma boa relação com o sistema escolar. Eles mesmos se colocam como “maus alunos” (ibidem), em oposição direta aos alunos que tiram boas notas, ficam em silêncio, pouco “enfrentam” as regras da escola:

[*Vinícius Oliveira*] Mano... até o primeiro colegial, até os 14 anos eu não gostava, eu era o cara que literalmente não gostava da escola. Eu tava comentando com o parceiro ali que a gente não gostava de ir pra escola porque na época o nosso cabelo era zuado, nossa roupa era zuada. Sou filho de pobre, minha classe social é pobre, não tem o que eu fazer, eu posso melhorar a condição mas na época não tinha o que eu fazer. Minha família me criou muito bem, tá ligado? Mas na época as condições eram essas. As pessoas eram bem mais preconceituosas. [silêncio] Fase de moleque é foda. Já tinha uma vida em casa de pura revolta, chegava na escola... [silêncio] igual uma vez que você me falou outro dia: “tiração com os alunos é essas escolas, tudo feio, mal pintado, pintura triste, sem vida, tudo de baixa qualidade, cadeira ruim, tinta pra baixo, banheiro zuado”, isso que é tiração com o aluno, parece que é uma ideia de Paulo Freire, né? Então... eu já vinha com aquela revolta de casa, tretado com o pai, chegava na escola ainda tinha essa condição de não ter uma roupa da hora,

não tinha um but da hora, na época a gente achava que nosso cabelo não era da hora, né? Tem toda essa questão. Aí já juntava isso com a revolta e eu queria brigar. Eu não queria fazer nada, literalmente. Então eu tive sorte na escola porque, Brunão, eu tenho facilidade em aprender, fraga? Então por mais que eu dei todo esse trabalho eu nunca repeti um ano, nunca nem fiquei de recuperação... [...] Mas eu dava muito trabalho na escola, tá ligado? E eu era muito revoltado, tá ligado? Tinha uma infância conturbada e moleque revoltado na escola é mano... eu não gostava de escola, não gostava, tá ligado? Daí eu comecei a dar muito problema, e aí eu fui lá, a direção, eles já estavam decididos que iam me tirar da escola, e aí a professora que te falei foi lá e falou: “Não. Então vamos dar uma chance pra ele, ele vai entrar no teatro lá comigo e ele vai ganhar uma nota por ir no teatro...” [...] Puts, irmão, foi demais... ali foi uma parada, foi uma parada divisora de águas na minha vida mesmo. Dali eu conheço Criolo, mano, e aí eu começo a entender o rap, tá ligado? Começo a entender o hip hop na verdade, tipo... mais como uma parada de dança, de arte, de tudo isso...

Percebemos que para Vinícius, por um bom tempo de sua vida a escola era um ambiente hostil, refletindo todo um contexto socioespacial desigual e racista vivido por ele, em que suas roupas e seu cabelo eram considerados “zuados”. Para ele a escola não parece ter transmitido uma perspectiva de resgate de autoestima para a formação de um cidadão crítico e participativo, mas sim um espaço de acumular revolta, de brigar e ampliar conflitos.

Nosso colaborador só menciona que, após os 14 anos, mesma idade em que se afastou da Igreja, passou a gostar da escola e de estudar. Durante a trajetória anterior, praticamente todo o seu ensino fundamental, a escola não parece fazer sentido para Vinícius, pois ele nem mesmo mencionou um episódio ou evento que tenha acontecido em sua vida escolar, mesmo enfatizando que tinha facilidade de aprender e que nunca tirou notas abaixo da média. O motivo dessa revolução a partir da aproximação com o conhecimento nasce do esforço de uma profissional da educação que a fim

de “resgatar” o adolescente que “já não tinha mais jeito” o indicou para o teatro, o que mudou toda a vida de Vinícius. Trazemos um trecho já citado no Capítulo 3, proferido em outro momento da entrevista com Vinícius, que complementa nosso debate a respeito da sua vida escolar:

[*Vinícius Oliveira*] Eu entrei no teatro, e no teatro eu tive contato com o hip hop e pensei tipo, mano: “não, mano, eu não quero ser esse cara véi...” e daí em diante, Brunão, eu virei o cara que era amigo de tudo as professora, tá ligado? Virei o cara que aprende a aprender, essa foi uma fase da minha vida muito importante, eu falo isso pros caras, o rap, o hip hop me ensinou a aprender, tá ligado? A assimilar as paradas. A assimilar uma letra, uma informação com a minha vivência, mas assimilar de uma maneira boa, tá ligado? Tipo pô, se o cara tá cantando de alguma dificuldade que eu tô passando ali no rap, então ele também tá cantando sobre a superação, sobre a perseverança de lutar na dificuldade, e foi aí que eu entrei de cabeça no rap mesmo [...].

Foi no teatro que ele conheceu a arte e a reflexão que culminaram em uma convivência pacífica, abrindo espaço em sua vida para enxergar a escola de outra forma. Com isso Vinícius conhece o sentido político do hip hop, por meio do rap e do break que eram utilizados nas aulas e peças de teatro. Todo esse universo de conhecimento fez com que ele se contextualizasse e levantasse demandas a ser cumpridas por si mesmo, como a mudança de postura na escola e o respeito com outras pessoas. Foi em um espaço informal de educação (Bernet, 1997; Ghon, 2005), fora da escola e em um ambiente artístico que esse jovem acessou um conhecimento que fez sentido para sua vida, voltando para a escola com outra proposta de vida, outra maneira de pensar e agir em seu contexto, reconhecendo na escola um espaço que poderia agregar sentido à sua vida.

Em relação à trajetória de Jimmy percebemos que ele pouco comentou especificamente sobre a escola, mencionando que, assim como Vinícius, era bom nos estudos, mas não foi na escola que

visionou realizar o seu sonho de ser atleta profissional de skate, deixando os estudos em segundo plano:

[Jimmy] Olha... [silêncio] vou ser bem franco, eu cheguei a repetir, entendeu? O primeiro colegial, por que? Eu até levava bem os estudos, mas eu tinha o sonho de ser profissional de skate, atleta profissional mesmo, e eu matava aula pra treinar. Eu faltava uma semana na escola e essa semana eu faltava pra treinar. Isso me prejudicou e me frustrou um pouco, porque eu não levei os estudos a sério, né? Eu abandonei, fiquei um tempo parado. E foi depois disso aí [de toda a vivência na rua no período em que não estudava] que eu coloquei na minha cabeça, eu falei: “preciso dar um jeito nisso”. Foi quando eu me matriculei no supletivo aqui em Prudente. Eu acabei, né, os professores foram muito atenciosos, eu achei que eu não iria dar conta, porque quando a gente abandona os estudos uma vez, é muito difícil colocar tudo na ordem, mas eu consegui, eu fiz o primeiro, o segundo e o terceiro, naquela época era o colegial. E a partir disso eu fiquei muito feliz, né... E aí eu conheci uma galera aí... eu já conhecia uma galera que falou: “Por que você não faz faculdade, né?”. E eu falei assim: “Faculdade, mano?”. Eu me dava bem com os estudos, eu gostava muito de ler, eu mesmo fora da escola, eu tinha, eu tenho, o meu primeiro livro, que me fez gostar de poesia, que é o autor Álvares de Azevedo, o nome do livro chama *Lira dos 20 anos*, pra quem conhece sabe que é um submundo inacreditável... e eu sempre lia. E as pessoas chegaram e falaram: “Por que você não faz uma faculdade?”. E eu lembro que eu citei lá na frente sobre o projeto social, eu não estava em faculdade, não tava na escola, eu comecei por conta própria, sem muito embasamento. Daí então eu prestei o vestibular e escolhi o curso de Pedagogia, por conta dessa questão do projeto social, né? [de skate para crianças no H. Salvador] Daí eu tô até hoje, eu até hoje aí lidando com as crianças, com esse mundo escolar que fez eu ter outra visão de mundo, fez eu ter outra visão sobre o desenvolvimento da criança. Então eu sou muito grato, por chegar onde eu cheguei, né? Eu me sinto grato pelo que a Pedagogia proporcionou, até agora...

Desde quando trouxemos algo sobre a trajetória de Jimmy, percebemos um jovem com intenções de ação, organizando projeto social de skate em quebradas, formando bandas de punk rock para tocar na região e compondo territórios do skate como a pistinha do bairro São Matheus e Parque do Povo. O que notamos a partir de sua fala mais recente é que a escola não acompanhou seus sonhos naquele momento, a escola não teve participação em nenhuma das realizações e envolvimento com culturas juvenis que Jimmy nos conta ter vivido e que considera importantes para sua identidade. O seu sonho de ser skatista não poderia ser realizado na escola, pois era nas ruas que treinava e encontrava o conhecimento necessário para manobrar e seguir esse sonho, culminando na evasão escolar que Jimmy atribui à frustração de não realizar seus projetos pessoais.

No momento em que volta a estudar no supletivo, Jimmy comenta ter uma reflexão a respeito de sua vida e querer melhorá-la. Atribuímos a esse momento o que já mencionamos que ele nos contou: que assimila as suas vivências cotidianas com as letras de rap que ouvia, contextualizando-se criticamente na sociedade e na cidade, passando a compor a Batalha do Vale e instituir outras territorialidades, agora como MC. Todo esse processo informativo fez com que Jimmy enxergasse nos estudos uma estratégia para “dar um jeito nisso” e ampliar a possibilidade de traçar e realizar projetos pessoais e coletivos, concluindo o ensino médio no supletivo.

A partir disso, obtendo o diploma e contando com o apoio de pessoas próximas, nosso colaborador comenta ter desbloqueado a possibilidade de estudar em uma universidade. É notável como essa percepção novamente não acontece na escola, a partir de aulas e atividades do cotidiano estudantil. Jimmy nos conta que desde voltar ao supletivo a cursar Pedagogia na faculdade foram ideias que surgiram pela rede de sociabilidade que se formava nas ruas, em espaços não formais de educação (Bernet, 1995, Ghon, 2005) e em territórios de diferentes culturas juvenis, o que entendemos que tem um peso muito maior que a instituição escolar em suas escolhas educacionais e formativas.

Já nosso colaborador Igor, mestre de cerimônias da Batalha do Vale, diz ter “quebrado tudo” na escola:

[Igor] Minha trajetória escolar sempre foi aqui em Prudente. Ééé... eu lembro que eu fiz... eu entrei no pré 3 e foi em uma creche de freira, aqui em Prudente já, depois o fundamental 2 eu fiz no Navio. E você que é de Prudente que está assistindo o documentário ou lendo a pesquisa sabe que o Navio é uma escola que... mano... que rango da hora, parça, kkkkk [risos] tem um rango nervoso a escola. E aí eu fui pro fundamental e pá, no ensino médio é como? No fundamental, no Navio, a gente chegava no intervalo era lindão, todo mundo solto, prato de vidro, garfo e faca normal... aí cê chega no ensino médio é como? Tranca parça, tranca pra tudo que é lado, copo de plástico, talher de plástico, prato de plástico, todo mundo mais velho, *bullying art* pesado. Isso aqui em Prudente, entrei no Hugo Miele, olha o bordão da escola: “Esse é o Mielão, entra burro e sai ladrão” kkkkkkk [risos]. O Brunão fica puto com isso. Mas mano, eu sempre fui o aluno, nunca fui o estudante, em toda minha trajetória de ensino médio nunca fui um estudante, sempre fui o aluno que não tinha interesse pelos estudos. Fazia pouca coisa, fazia pouca coisa, sempre dei trabalho, quebrava vidro da sala, tumultuava, queria saber de porra nenhuma. [silêncio] Você daquele naipe, pretão, pobrão e eu não tinha autoestima, tá ligado? Hoje em dia eu paro e penso que eu não tinha autoestima, que eu para suprir minha autoestima eu tinha que ficar reduzindo os outros, zuando os outros, zuando mesmo, gastando mesmo, e eu me arrependo... já debati com amigos próximos, e eu me arrependo pra caralho... Eu só fui estudar mesmo, na minha oitava série, que eu peguei e falei: “esse ano eu repito, mano, esse ano eu vou repetir”, aí eu comecei a estudar, eu estudava à tarde numa parte do ensino fundamental 2, aí eu passei a estudar de manhã na oitava. Aí era o pessoal com outra mentalidade, maloqueiragem tava ali, tá ligado mano? Pessoal mais velho, as mina bem mais cabulosa memo e puberdade querendo descobrir as fitas. Aí eu estudei pra passar de ano e passei de ano... Depois eu comecei a tumultuar de novo, primeiro, segundo e terceiro colegial.

Entre o primeiro e o segundo colegial eu comecei a trabalhar, e toda a minha trajetória vem com o basquete, em toda a minha vida eu jogava basquete, com 8 anos, junto com a escola eu estava jogando basquete, eu sonhava em ser jogador de basquete. Eu lembro que nas olimpíadas do Rio, quando eu era menor, eu falava: “em tal ano, nas olimpíadas do Rio eu vou ter tal idade e vou tá jogando basquete lá”. Mas aí eu me frustrei, no colegial eu já cheguei frustrado com o basquete, por causa de um comédia aí me frustrei no bagulho, aí desanimei, queria saber mais de trabalhar do que estudar, aí entrei na mesma empresa que meu pai trampa. Comecei a trabalhar, fiquei um ano trabalhando e fazendo um curso em uma instituição da hora que tirei pouco proveito, mano, tirei pouco proveito... todo mês eu ganhava e ia lá e comprava um boné, uma roupa, andava de skate, ia pra rua. Aí eu fui estudar pro I.E., mano, fui pro I.E., fui começar a estudar a noite, primeira vez que eu matei aula para andar de skate, mano, nossa... Tava descobrindo, comecei a ir pro parcão, nossa, a época que comecei a ir pro parcão, acabou que eu evadi a escola, voltei depois pro supletivo que eu já falei...

Segundo suas falas, vemos que Igor atribui importância para a escola em diferentes momentos de sua vida, seja para a alimentação e o bem-estar enquanto criança que come em bons pratos e utiliza bons talheres, seja para encontrar outros adolescentes e construir a sociabilidade, viver e ter relacionamentos. Em paralelo a isso é notável que ele praticava e sofria *bullying*, quebrava as estruturas da escola e se recusava a estudar para ser reconhecido, para tentar elevar a sua autoestima. São diferentes relações sociais que partiram dos tempos da escola sobre as quais Igor até hoje faz importantes reflexões, mas que não estão diretamente ligadas aos estudos. Ele destaca que as escolas tinham trancas nos corredores mas não evidencia nenhum evento ocorrido na escola que fosse significativo para sua formação intelectual e acadêmica ou que, ao menos, o tenham direcionado para o rap e o hip hop.

Assim como Jimmy, Igor enfatiza uma passagem de sua vida ligada ao sonho de ser atleta profissional, de basquete, que também

não está projetada na escola. Percebemos que para estes jovens o sonho de ser atleta e a escola são trajetórias paralelas. Igor, após perceber que não realizaria o projeto de jogar nas Olimpíadas, volta-se para o trabalho para adquirir artigos da moda que não poderia ter apenas estudando, deixando então a escola de lado e evadindo. Como vimos, Igor nos contou que no período em que evadiu a escola passou a frequentar mais os territórios do skate, escutar mais rap e realizar leituras de livros que achava interessantes cujos temas não estão sempre relacionados nos conteúdos escolares. Repetimos a seguir um trecho que contribui para a discussão:

[Igor] Quando eu andava de skate eu comecei a ouvir rap: Criolo, Hashid, Emicida, saía de noite pra andar de skate e ouvia...[...] Mano eu não estava contente, satisfeito, satisfeito eu não tava, nem com a escola e nem com o trampo... aí eu comecei a procurar informação por outros meios que não fossem os meios da escola, que não fosse estar em uma sala de aula e abrir o livro e obter aquele conhecimento... comecei a ouvir muito rap mesmo, tá ligado? Aí foi a chave, a chave da vivência que foi ter conhecido esse livro aqui ó... [Igor mostra o livro *A guerra não declarada na visão de um favelado*] [...] Ele é um livro que me passou muito conhecimento quando eu parei de ir pra escola, quando eu parei de ir pra escola e aí eu comecei a ler e pensar em fazer uma faculdade, antes eu não queria fazer cursinho, não queria parar pra vestibular, mas agora (depois de ouvir rap e ler o livro) eu já pensava em fazer faculdade...

Apesar de estar presente em sua vida, não foi no espaço escolar que certos processos educativos foram acionados e sim quando Igor se afasta da escola. Foi pelas vivências em culturas juvenis como o hip hop e o skate que ele se sentiu tentado a conhecer, a interpretar ideias de outras pessoas buscando referências na literatura e na arte, encontrando nos estudos uma estratégia para evoluir e participar da sociedade. Quando Igor voltou a estudar e acessou a universidade, já estava envolvido com a Batalha do Vale, sendo referência para outros jovens de menor idade, com uma mentalidade de cumprir objetivos,

como já mencionamos, buscando balancear a vivência da rua com os conhecimentos acadêmicos.

É interessante que as trajetórias de Igor e Jimmy se cruzam diversas vezes, mesmo que isso só apareça sutilmente em suas entrevistas: ambos são jovens negros, periféricos e universitários em Presidente Prudente que compartilham diversas referências espaciais e territoriais na construção de suas identidades. Eles nos disseram que os rolês nas pistas de skate ouvindo rap, que culminaram na organização da primeira Batalha do Vale, faziam mais sentido naquele momento do que a escola, concedendo ao rap e à literatura uma maior importância em suas formações intelectuais.

Além disso, gostaríamos de destacar que Igor e Jimmy dizem ter deixado de ir à escola em um contexto de frustração por não seguirem as carreiras de jogador de basquete e skatista profissional. Ambos afirmam ter corrido atrás desses sonhos o quanto puderam, mas isso não aconteceu na escola em comunhão com os estudos e sim em paralelo e isoladamente. Um dos fatores que podem contribuir para esse distanciamento entre os jovens e a escola é por ela não ter condições estruturais para promover diferentes esportes e com proporção profissional, em que os jovens conseguissem projetar uma carreira de atleta e isso fazer parte da formação escolar. No caso de nossos colaboradores, essa falta de perspectiva profissionalizante afastou-os completamente da escola, o que pode ter acarretado dois possíveis atletas a menos nas Olimpíadas e em outras competições importantes de basquete e skate.

Mesmo que Jimmy e Igor pratiquem o esporte que amam até hoje, fazendo parte também da construção de suas identidades e de seus estilos de vida, o sonho de viver disso deixou de existir e isso na época de adolescentes para eles pareceu frustrante, desanimando-os de elaborar novos projetos ousados. Foi no hip hop, por meio da Batalha do Vale, que eles reuniram suporte para conquistar o direito de concluir os estudos e acessar a universidade, bem distante da escola, em espaços da cidade que circulam outros saberes que têm mais relação com a vida desses jovens do que os conteúdos escolares. É semelhante ao que ocorre na trajetória de Vinícius: em seu caso a escola fez

parte de sua formação intelectual e passou a fazer sentido, mas não partiu do espaço escolar o interesse pelo conhecimento. O esforço de uma professora de teatro transformou a vida dele, colocando-o em contato com diferentes perspectivas e culturas, uma delas o hip hop, que contribuiu para a sua contextualização social e espacial refletindo no interesse pelos estudos e na convivência escolar.

A partir da trajetória de nossos entrevistados envolvidos com a Batalha do Vale, percebemos que a instituição escolar não atinge com sua proposta alguns jovens, no caso negros, periféricos, com diversos conflitos espaciais/sociais/raciais extraescolares e que não eram “bons alunos”. Se era na escola que esses jovens deveriam ter encontrado elementos para a construção de identidade, ter desenvolvido autoestima suficiente para elaborar projetos e se formarem cidadãos críticos e participativos na sociedade, então acreditamos que a escola não conseguiu fazê-lo. Foi acessando espaços informais e não formais de educação e construindo territorialidades pela cidade que essas pessoas vieram a enxergar esses direitos.

É um movimento que percebemos nas trajetórias que analisamos, mesmo em pesquisa anterior com a Batalha do Vale (Salvi, 2019), em que os jovens saem da escola e ao participar de culturas juvenis passam a pensar politicamente, voltando aos estudos, algumas vezes pela escola, outras pelo supletivo, com uma mentalidade diferente, buscando aproveitar a educação formal e os conteúdos escolares para levantar demandas e projetar ações coletivas e individuais. Também destacamos que muitas das vezes em que os jovens não se reconhecem na escola e se distanciam dos estudos podem não estar se envolvendo com culturas juvenis, mas sim compondo territorialidades consideradas criminosas ou se submetendo a explorações de trabalhos informalizados pela falta de dinheiro.

Por isso acreditamos que o hip hop preencheu a lacuna deixada na vida deles nos tempos da escola, salvando, pelo menos, suas vidas nas perspectivas intelectuais e políticas. Vale lembrar que não cabe a nós professores culparmos outros professores e gestores de escolas pelas trajetórias juvenis – estamos discutindo um problema institucional que se estende a toda a sociedade. Por um lado, em algumas

situações são os profissionais da educação que, a partir de seu entendimento pessoal e possibilidades, realizam ações que aproximem a vida dos adolescentes escolares com as culturais juvenis e as vivências que acontecem na cidade e no mundo, como é o caso de Vinícius.

Por outro lado, alguns gestores das escolas acabam por desmotivar e desconsiderar todo o contexto em que vivem as juventudes. Durante o processo de pesquisa nosso colaborador Vinícius solicitou, diversas vezes, que o trecho a seguir de sua entrevista estivesse contido no texto e nas análises, mesmo porque a passagem reflete um recorte da realidade educacional e contribui para nossa discussão:

[*Vinícius Oliveira*] Falaram muito isso pra mim [que ele não seria ninguém na vida]. Pra caralho, pra caralho mesmo... Nossa, cê é louco, cê tem que colocar isso no seu trampo, cê entendeu? Mano, tinha uma diretora que era da congregação e isso foi uma fita que abalou muito meu pai, abalou muito a religião dele, que a diretora da escola que queria me expulsar era da congregação cristã. E aí eu dava trabalho na escola e ela começou a arrastar lá na igreja, começou a dar fumo na minha mãe e no meu pai, chamar eles depois do culto pra falar de mim... começou a tirar uma comigo, falar que o que me faltava era igreja, que eu era mal criado [silêncio]. E isso abalou muito meu coroa, porque pra ele a minha criação era o projeto da vida dele, ele seguiu as regras de Deus e queria levar todo mundo pro céu, tá ligado? E aí, mano, essa diretora mesmo aí falava, chamava eu lá e falava mesmo: “O que você acha que vai fazer da vida?”. Tipo... não desmerecendo, mas hoje eu vejo que ela era muito escrota, ela falava: “Nem pra lixeiro você vai servir...”. Falava umas paradas assim, sem sentido, despreparada, pessoa velha, de igreja.

Não acreditamos que essa diretora tenha influência positiva na vida do Vinícius adolescente, mas sim que causou diversos conflitos familiares e contribuiu muito para ele não gostar da escola. Com isso evidenciamos que a maneira de abordar a juventude talvez esteja equivocada: a não participação de pessoas jovens na composição das políticas espaciais e sociais pode indicar a construção de uma escola

enquanto instituição essencial para a sociedade em que o contexto dos estudantes não é considerado em nenhuma escala estrutural.

Em contradição ao que geralmente é projetado numa sociedade construída a partir de desigualdades, a trajetória de vida de jovens negros e periféricos que não eram bons alunos e que por vezes abandonaram a escola não foi distante dos estudos e da educação. Jimmy, Igor e Vinícius hoje, após toda a vivência e assimilação do hip hop com sua realidade, depois de terem realizado projetos e firmado uma identidade cultural, voltam à escola para contribuir com o processo de aprendizagem, seja como professor, arte educador, palestrante, organizador de eventos culturais ou oficineiro, entre outras funções educativas que buscam suprir a falta de continuidade entre a escola e as ruas, justamente a falta que tiveram em seus tempos de escola.

Essa postura de retornar à escola para realizar atividades culturais ou ser professor é vista como resposta a toda uma estrutura escolar que abdicou dos sonhos desses jovens, que deu continuidade ao racismo e às desigualdades construídas na sociedade e que, se não fosse a juventude do Bronx na década de 1970 ter iniciado as *jams* de rua e o movimento hip hop, talvez eles não tivessem conseguido realizar nenhum outro sonho depois dos que morreram na escola. Por isso atribuímos, a partir das falas que expomos aqui, a mudança nas trajetórias espaciais e sociais dos nossos colaboradores às experiências que lhes foram proporcionadas em culturas juvenis, no hip hop, no rock e no skate, entre outras que proporcionaram diferentes perspectivas da sociedade.

Os processos educativos que fortaleceram a juventude da Batalha do Vale em relação ao empoderamento e ao acúmulo de referências artísticas e literárias não foram acionados na escola, mas sim em espaços de educação informal como é o caso do teatro e oficinas culturais, além de em espaços de educação não formal como as pistas de skate e o debate nas ruas com os amigos que compartilham de referências semelhantes.

É evidente que a educação formal, a escola, tem um peso significativo na vida desses jovens: eles aprenderam a ler e escrever com a educação institucional, assim como a se comunicar e, até

certo ponto, a conviver com outras pessoas. Porém aqui, a partir da perspectiva deles sobre sua vivência escolar, identificamos que os saberes que circulam nos territórios juvenis dão continuidade ao processo de aprendizagem, por vezes substituindo algumas funções da escola, e que essa instituição poderia encontrar estratégias para aproximar os jovens que “dão trabalho” por meio de seus projetos, sonhos e dificuldades, fazendo a formação escolar ser também a formação profissional, identitária, política e social.

“Fazendo o que não fizeram por mim”: a investida da BDV nas escolas

[*Organizador da BDV*] Eu estou tentando fazer aqui o que eu não tive quem fizesse por mim na escola, levando a rua para dentro dos muros, levando o que a gente realmente gosta para dentro da escola! (Salvi, 2019, p.79)

Figura 22 – Batalha do Vale realizando roda de conversa em escola estadual em 2019



Fonte: Batalha do Vale no Facebook.

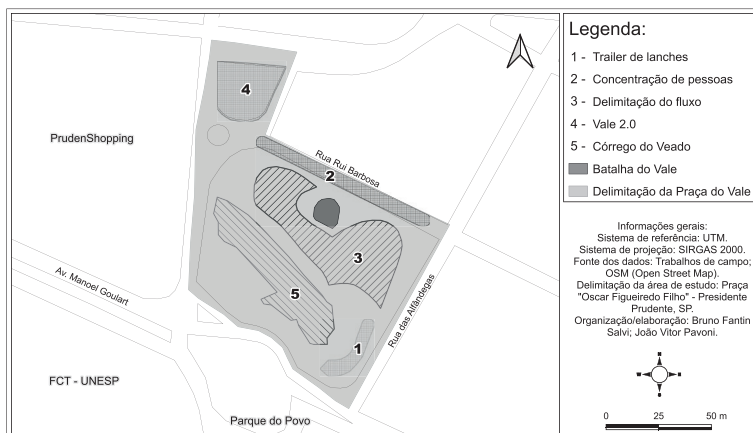
O fato de a Batalha do Vale realizar atividades em escolas não é, em nosso ponto de vista, isolado de todo o hip hop. Historicamente essa cultura circula nas redes de sociabilidade juvenis implementando informações produtivas por meio das artes e de reflexões sociais e espaciais que por fim contribuem para a formação intelectual dos jovens, direcionando-os para o conhecimento e para os estudos, refletindo muitas vezes em suas vidas escolares (Miranda, 2008; 2015). Assim é relativamente comum encontrarmos grafites nos muros das escolas, geralmente pintados com autorização e abrangendo alguma oficina, projeto ou atividade extra sala de aula. A escola aparece como um caminho estratégico do hip hop e dos jovens que o fazem para atingir a sociedade, também acontecendo o movimento inverso, em que professores procuram e convidam coletivos artísticos ligados ao hip hop para contribuir com seu trabalho em sala de aula.

O Coletivo Batalha do Vale, por sua vez, iniciou investidas em escolas de Presidente Prudente ao final do ano de 2018, realizando uma atividade na escola Sesi, contando com batalha de rimas e algumas falas dos MCs e organizadores. A partir de 2019, a BDV passa a adentrar as escolas com atividades direcionadas ao conhecimento, como rodas de conversas e palestras, sendo que em algumas delas contribuímos com o debate a respeito das ações educativas da Batalha do Vale, que na época era uma ideia em amadurecimento, e registramos em pesquisa de monografia (Salvi, 2019).

Antes de tudo, as ações em escolas partem da intenção dos membros da Batalha do Vale, em especial Igor Afrorudeboy, de aproximar-se da educação, transmitir o conhecimento acumulado pelo hip hop para as próximas gerações. O contato com as escolas, geralmente, parte do convite feito por algum professor que já frequentou ou frequenta os eventos da BDV, ou então gestores que conhecem pessoas envolvidas com movimentos culturais e, principalmente, de convite de alunos e grêmios estudantis que acompanham a BDV.

Ao longo do tempo a Batalha do Vale conseguiu parcerias com a Secretaria Municipal de Cultura e intencionalmente realizou eventos e oficinas em escolas. Nesses casos, a própria BDV seleciona as

Mapa 5 – Escolas em que a Batalha do Vale realizou ações culturais até 2021



escolas e dialoga com a direção. Em relação à estrutura das atividades, a Batalha do Vale oferece diferentes formatos de diálogo e aplica-as de acordo com o contexto da escola: podem ser palestras, rodas de conversa, oficinas e manifestações artísticas como apresentações de MCs e discotecagem com DJs.

A atividade clássica é a roda de conversa que tem uma estrutura simples e flexível, orbitando, geralmente, em torno de três momentos: no primeiro, Igor faz uma rima para adquirir a atenção dos estudantes e expõe toda a trajetória da cultura e do movimento hip hop, contextualizando a Batalha do Vale nessa história e explicando um pouco sobre a estrutura das batalhas de MCs; no segundo momento debate-se a relação entre a Batalha do Vale (hip hop) e a educação que acontece dentro e fora da escola, para a qual buscamos contribuir por se tratar, justamente, de nossa proposta de pesquisa; no terceiro momento a BDV promove a celebração da cultura por meio da arte, convidando MCs para rimar, skatistas para manobrar e DJs para tocar o que, em geral, é o momento pelo qual os adolescentes da escola mais se interessam. Com base nessa estrutura foram realizadas visitas a diversas escolas em Presidente Prudente e em cidades pequenas da região (Mapa 5). Já durante a pandemia, como

dissemos, não foram realizadas tais atividades. Para termos ideia de como a escola recebe a BDV apresentamos trechos de nossa conversa com Camily sobre atividades que ocorreram em 2019 em sua escola. De início dialogamos sobre atividades de hip hop com Camily, perguntando se já haviam acontecido em sua escola antes de ela ter convidado a Batalha do Vale:

[Camily] Olha quando tinha interclasse na escola, eu e os meus amigos, a gente mandavam no *freestyle* lá, com o pessoal tipo assim, os que tinham conhecimento, que gostava, que nem o R., que em 2019 a gente batalhou lá na no dia que a batalha do Vale foi. A gente sempre fazia um *freestyle* junto com o S., o S. ali do Morada do Sol, e trocavam *freestyle*, uma coisa da hora, fazia acontecer. Mas eles não sabiam muito que era, né, então quando a batalha do Vale veio, foi tipo um tsunami de ideias, um negócio muito louco, para eles entender foi importante demais. Mas na escola, da coordenação trazer, nunca tivemos em contato com hip hop, só aquela vez [atividade da BDV], que eu saiba, no decorrer dos anos que eu estou na escola...

A fala de nossa colaboradora mostra que, assim como na pesquisa anterior (Salvi, 2019), as escolas em que a BDV realiza ações culturais geralmente não contam com isso em suas agendas cotidianas, sendo a Batalha do Vale um evento que quebra a rotina escolar de debater conteúdos apenas de maneira sistematizada. Camily nos conta conhecer e praticar o rap dentro da escola, mas em atividades esportivas e pouco associadas ao hip hop em si; ela demonstra já buscar levar para o ambiente escolar suas identidades culturais. A seu convite, a Batalha do Vale realizou, duas vezes, rodas de conversa com a estrutura mencionada anteriormente voltada para toda a escola:

[Camily] Foi diferente, foi diferente porque o pessoal já conhecia um pouco pela internet, alguns iam para o rolezinho [fluxo que acontece na Praça do Vale] e passava lá e já tinha uma ideia do que era Batalha do Vale, que é um momento de batalha de rima e tal. É isso que eles têm o entendimento, eles sabem que é isso, alguns já conhecia os MCs, já

tinha uma ideia de quem era, e já foi interagindo melhor... Alguns eles não conheciam, aquilo era novo para eles, eles não conheciam nada mesmo. Mas a Batalha do Vale ajudou bastante para eles conhecer o que é o movimento do rap, o que é o hip hop, e ajudou muito eles nessa questão. Porque às vezes eles têm interesse, eles escutam as músicas mas não sabem da onde veio, não sabe que é hip hop, o que causou, que não causou, o que esses ferimentos causaram essas coisas assim, eles não sabiam e a Batalha do Vale levou para escola. Para eles entenderem mais sobre, aonde surgiu os primeiros *b-boys*, o pessoal em geral, foi muito importante para eles, eu tenho certeza disso.

A experiência da Batalha do Vale na escola, segundo Camily, contribuiu para um processo que identificamos também nas trajetórias de vida dos nossos outros colaboradores, que é a assimilação da cultura hip hop com elementos da experiência juvenil, como gostar de breakdance e ouvir músicas de rap. Acreditamos que o interesse dos adolescentes escolares é despertado pela proximidade da linguagem utilizada pela Batalha do Vale para dialogar com esses estudantes. Estes últimos, ao ver jovens como eles, vestidos de uma maneira autêntica, com referências identitárias ligadas a uma cultura de rua, que falam a “língua” que é falada nas praças dos bairros em que que moram e frequentam, acabam por se identificar e ouvir o que aquele Coletivo tem a dizer, tendo então a possibilidade de acessar um conhecimento que é transmitido por meio das artes.

É nesse sentido que a Batalha do Vale pode promover a reflexão em suas atividades em escolas, levando para dentro dos muros justamente o que os jovens são forçados a deixar para fora, sua cultura, sua experiência e seus saberes adquiridos em espaços informais e não formais. A partir desse contato com a informação, os jovens passam a identificar o hip hop nos muros, nas músicas e na sua vida, assimilando que aquela cultura tem um sentido político e de organização, de resgate de autoestima e autoafirmação periférica, é um contato com a cultura negra em que, às vezes sem saber explicar o porquê, os jovens se veem e se identificam com aquelas ideias trocadas na roda de conversa.

Figura 23 – Roda de *freestyle* em ação cultural da Batalha do Vale em escola estadual em 2019



Fonte: Igor Enrique Santos Silva (Facebook da Batalha do Vale)

Para adentrarmos com maior propriedade as atividades da Batalha do Vale em escolas trouxemos uma anotação feita em diário de campo, em uma visita da BDV à E. E. Professora Mirela Pesce Desidere, a convite de uma colega professora. Apesar de já não estarmos mais em período de realizar trabalhos de campo, participamos da ação como membro do Coletivo, contribuindo com a atividade e, consequentemente, realizamos a anotação que segue para agregar à nossa pesquisa:

Anotação n.72 – 26 abr. 2022 – BDV na Escola Mirela

O convite para ir até a escola foi feito pela professora C. através de mim, e foi bem-vindo e atendido de forma entusiasmada pelo Coletivo.

Chegando lá, o MC R. e o fotógrafo G. já estavam lá, o G. estava até em uma sala de aula com a C. conversando com os alunos. O Igor começou a conversar com os responsáveis pelo equipamento da escola e com a professora sobre o local da atividade. Ele alertou que do jeito que a escola estava planejando não ia dar muito certo, que era levar todos os alunos para o pátio, a escola inteira, para a atividade acontecer. O Igor insistiu em fazer uma atividade apenas com os alunos da C. e em um lugar limitado, menor e mais interativo, pois ele tinha planejado a atividade para esses moldes, já que o avisaram que seria para poucas pessoas.

Não deu certo o diálogo, foi no pátio mesmo e com todos os alunos. Igor argumentava que iam ficar apenas alguns alunos participando e o resto da galera ia ficar andando pela escola atrapalhando. Não deu outra, quando soltaram a galera pra ir pro pátio eles fizeram de tudo, menos se importar com a atividade da BDV, era aula livre na cabeça de muitos deles e delas.

Na verdade, vários alunos se interessaram, se aproximaram e ficaram em círculo ao redor da BD, mas eram minoria e basicamente apenas os alunos da C..

As caixas de som que a escola disponibilizou eram bem fracas para o tamanho da atividade, Igor argumentou sobre isso, mas não tinha o que ser feito. Junto ao barulho e circulação de alunos as caixinhas de som da escola não faziam efeito quase nenhum.

Porém a atividade começou desse jeito mesmo. Eu mesmo insisti para o Igor, conheço a escola e sei que melhorias não iam acontecer do nada, disse para ele “fazer do jeito que dava”.

O Igor começou a roda de conversa tentando vencer as galeras falando no microfone da caixinha de som, mas logo ele abandonou a ideia e começou a falar apenas na voz e em tom baixo, para os alunos que estavam próximos e realmente interessados. Surtiu muito efeito, logo que ele começou a falar sem o microfone ecoou um silêncio por todo o pátio, a maioria passou a respeitar mesmo que não estivessem prestando atenção, as pessoas que estavam próximas começaram a se interagir mais.

Eu percebi que, exceto toda a rapaziada que estava espalhada pela escola bem longe, muitos alunos, homens e mulheres, que estavam próximos se interessaram pela história do hip hop e da Batalha do Vale que Igor contava. Alguns realmente queriam interagir e faziam comentários, foi ficando bem legal.

Cada um dos membros do Coletivo fez uma fala, contribuindo para o debate e em geral os estudantes prestaram atenção, alguns eu senti que pareciam estar ouvindo a mensagem, olhando nos olhos mesmo...

Fiz uma fala sobre o hip hop e a educação e também relacionei alguns conteúdos escolares que a professora C. estava trabalhando com algumas turmas, e até ficou legal.

O Viníção fez uma contribuição muito boa sobre coletividade, sobre união e sobre fazer acontecer, tive a impressão de ter sido mais bem recebida pelos adolescentes que a minha fala.

E depois disso foi rimas, o Igor chamou GERAL pra se reunir e fazer uma roda de freestyle. Todo mundo, até quem estava distante no pátio ele apontou o dedo e chamou a atenção. Começou a tocar o beat na caixinha. O R. e Igor rimaram bastante, a galera ficou muito, mas muito animada mesmo, todos interagiam, gritavam e queriam ver, subindo nas estruturas da escola pra filmar. Foi o que mais chamou a atenção dos alunos...

Um rapaz, aluno, entrou na roda de free e batalhou com o R., o moleque mandou muito bem mesmo, eu achei uma coisa bem legal um aluno rimando com o lendário R..

Acabamos a atividade e os alunos foram se dispersando, era hora do almoço...

Quando acabou, um professor se aproximou e disse ficar feliz em ter professores envolvidos com atividades culturais, ele já era um senhor idoso, entendi que ele quis dizer que nunca foi comum ao longo de sua carreira professores que compactuavam com culturas de rua e ainda participavam, levando para dentro da escola esse tipo de arte e atividade. Ele ainda ressaltou que se dependesse dos colegas que ele conhecia no trabalho, os alunos não tinham nem saído da sala pra assistir, mas como foi um pedido da diretora eles foram obrigados a liberar.

A professora C. também comentou umas coisas interessantes só que agora pra todos da Batalha do Vale. Ela disse que a atividade superou as expectativas (eu entendo ela, ela achou que a BDV não ia dar conta de realizar uma atividade pra tanta gente que parecia desinteressada, eu, sinceramente, também achei) e que ela sentiu que eles realmente ficaram tocados e reflexivos, ela atribuiu isso dizendo o seguinte: “ Por que vai nós, eu, que sou velhota falar pra eles que eles tem que estudar, se informar, participar de movimentos que são importantes, que eles têm que viver, eles xingam, acham ruim, mas vocês, com a linguagem que vocês usam, com a estética de vocês, parece que eles acatam, escutam, eles parecem respeitar pessoas como vocês (e como eles, jovens) que têm ideias boas pra passar pra eles, mas os mais velhos não, é só conflito”.

Eu ainda ouvi ela conversando com o Viníção a respeito da pluralidade de nossos estilos, pois o Vinícius foi de uniforme de sua empresa, camisa social branquíssima e passada, com calça ajustada e sapato bico fino, eu fui igual vou dar aula calça larga e camiseta lisa e tênis, o Igor foi formal, camisa de botão, calça jeans preta e tênis, o R. foi à vontade de calça jeans e camiseta largo, o fotógrafo com uma calça estampada e uma camiseta básica.

Então o Vinícius falou pra professora C. que gostava de ir de uniforme pra todos verem que não precisa ser igual os MCs ou os envolvidos no rap pra gostar e ser uma pessoa adepta à cultura, que pode ser correria, empresário, o que for, o importante é compreender o hip hop.

Outra coisa que me chamou a atenção foi que, como sempre, alunos/as foram tirar foto com o Igor, mas depois que muitos se dispersaram o rapaz que rimou veio agradecer a oportunidade de poder rimar, que ele não costumava rimar na frente de todo mundo.

Pouco depois, quando todos já tinham saído, um outro menino veio e me abraçou, falando que a atividade tinha sido muito boa pra ele e que ele tinha que agradecer, que ele estava muito melhor e animado. Fiquei feliz.

Depois distribuí alguns fanzines do Vale pros professores e pra alguns alunos...

Quando a gente já estava conversando lá fora pra ir embora, veio um garoto com jeito de tímido e disse que tinha gostado demais da atividade e que queria aprender a rimar. A gente indicou pra ele ir até a Oficina de Freestyle, que acontece de terça-feira na pista de skate, lá o pessoal ensinava:

– Mas eles ensinam mesmo? Tipo, ensina, ensina? Escolinha?

A gente confirmou e ele ficou bem animado.

Depois disso eu me encaminhei rápido pois tinha que ir em outra escola como professor.

Depois de algumas horas a professora C. me mandou uma mensagem agradecendo de coração a atividade e a disponibilidade. Ela me mandou um print de uma aluna que postou um vídeo da atividade com a legenda: “Amei a escola hoje <3”.

Isso me mostrou que a Batalha do Vale estava bem alinhada com certa das ideias de princípios educativos, de que por mais simples que seja ir em uma escola e falar sobre temas que são normais entre os membros do Coletivo, essas juventudes escolares encontram referências e se identificam com os conhecimentos que a BDV propõe.

Figura 24 – Batalha do Vale realizando atividade em sala de aula de escola estadual em 2019



Fonte: Batalha do Vale no Facebook.

Percebemos por esse registro que a visita da Batalha do Vale a uma escola pode se tornar um megaevento para aqueles adolescentes. De início o desinteresse da maioria pareceu devido a ser uma atividade que aconteceria no ambiente escolar, logo não podendo ser interessante, sendo uma ótima oportunidade para ficar conversando em algum canto até bater o sinal. Os professores que estavam no pátio e eu, o pesquisador, incentivamos os outros membros do Coletivo a “fazer a atividade do jeito que dava”, lutando contra muitas vozes e atingindo apenas alguns poucos que estavam mais próximos – afinal é essa a realidade de muitas salas de aula. Porém, não é essa a metodologia que o hip hop aplica nas ruas, os saberes do movimento que a BDV agita não podem ser transmitidos de qualquer forma.

A perspectiva de educação que a Batalha do Vale leva até as escolas não é, em muitos aspectos, a mesma que o sistema escolar impõe aos estudantes cotidianamente. Por meio de nossa participação nas atividades percebemos que a atenção dos jovens alunos é essencial para a troca que a BDV propõe com as rodas de conversa e outras ações no espaço formal de educação; é um diálogo a respeito de um mundo que eles realmente vivem, estando ou não adeptos ao hip hop.

Com isso acreditamos que as investidas da Batalha do Vale direto na base, conversando com as próximas gerações, tem um impacto na vida de cada jovem aluno que a recebeu que não podemos mensurar com precisão, pois logo que a BDV se retira, a escola volta à sua rotina normal de aulas e trabalhos teóricos. Muitas vezes, assim como foi na Escola Mirela que destacamos no diário de campo, surgem estudantes com vontade e disposição para rimar, pessoas que desenham e fazem grafites nos cadernos e que passam a frequentar a Batalha do Vale aos finais de semana, mas o próprio Coletivo BDV acredita que o impacto nas trajetórias de vida daqueles jovens seja de longo prazo, como mostramos no caso de nossos entrevistados.

Em todo caso, passar a frequentar uma batalha de rimas e aderir a uma cultura juvenil pode implicar diferentes espacialidades e novas redes de sociabilidade. No caso de nossa colaboradora Camily, que é nosso único acesso direto a uma aluna que participou de atividades

da BDV, quando perguntamos sobre o impacto das atividades em sua vida, ela nos disse ter sido uma contribuição em diferentes perspectivas.

[Camily] Na parte da vergonha, da timidez. Em 2019 o Biju³ falou para mim, falou para mim não, falou para geral que tava lá, na parte do zine, ele tava contando sobre o zine dele, mostrando todos, e isso despertou em mim uma vontade de fazer um zine e eu consegui fazer, com poesias, graças à Batalha do Vale. Porque se ele não tivesse levado esse conhecimento, se não tivesse mostrado os fanzines dele, eu não saberia nunca o que era isso. Então isso me ajudou muito, com a vontade de fazer um, de vender, de mostrar para as pessoas o que eu fazia através do zine. E foi muito importante para mim nessa parte.

Agora no geral, despertou em mim uma vontade de rimar, tipo não abertamente ao público, mas que meus amigos em casa ou em algum momento assim do nada fazer uma rima, para gastar mesmo de vez em quando. Mas a Batalha do Vale me mostrou isso, despertou essa minha vontade, esse gosto por rima, pela poesia, e foi muito importante nessa parte musical, nessa parte da timidez me liberou também, eu consegui ter mais desenvoltura. Porque em 2019, quando eu fiz aquela apresentação junto com R. na atividade da Batalha foi muito importante para mim, tanto que eu mandei uns vídeos para minha mãe. Ela ficou: “Nossa filha, você conseguiu rimar no meio das pessoas, você deixou a vergonha de lado, você conseguiu falar no meio das pessoas sem ter vergonha”, e tipo foi uma coisa muito especial e importante para mim, porque com a Batalha do Vale eu pude despertar esses lados meus, que eu tinha medo de descobrir, que eu tinha vergonha de colocar para fora, graças à Batalha do Vale eu consegui.

3 Aqui Camily está se referindo a Welynton Ferreira, mencionado no Capítulo 4, convidado pela Batalha do Vale para contribuir com a atividade em uma das ocasiões em que a BDV foi à E. E. Pedro Tófono.

Para essa jovem, a atividade da Batalha em sua escola foi um marco de abertura de possibilidades em que ela teve acesso a redes de sociabilidade que circulavam obras literárias independentes, e ela mesma poderia colocar suas obras em circulação. Ou seja, a Batalha do Vale dialoga com esses jovens a partir da vida real, propondo o conhecimento como uma alternativa às demandas que eles têm fora da escola, aproximando-os da educação. Para Paulo Carrano (2011), a escola não apresenta a mesma eficiência quando se trata do processo inverso, e podemos utilizar de exemplo nossos colaboradores de pesquisa, que não atribuíram à escola sua vontade de aprender e evoluir intelectualmente.

Além disso, entendemos que as ações da Batalha do Vale em escolas carregam o mesmo sentido político que todas as outras atividades do coletivo. Ao lançar-se em diálogo com as instituições de ensino, o Coletivo Batalha do Vale está promovendo seu território, implicando territorialidades que têm a Praça do Vale como referência em diversas áreas da cidade, dialogando com jovens negros e periféricos das mais diversas vilas de Presidente Prudente, atraindo para a praça as juventudes que mais se identificarem com aquele movimento. Com isso acreditamos que as escolas, além de ser um espaço de diálogo, são também um espaço de atuação política e de luta por parte da Batalha do Vale, movimentando a cultura hip hop e levando referências das ruas para dentro das escolas que atingem esses jovens.

APONTAMENTOS FINAIS

Neste trabalho tivemos como proposta construir uma pesquisa de maneira horizontal e coletiva a respeito de coletivos juvenis, em especial da Batalha do Vale, compreendendo como o envolvimento dos jovens com esses grupos, partilhando as mesmas referências culturais e identitárias, influencia suas trajetórias de vida, contribuindo para a sua formação política, social e intelectual.

A relevância de nossa investigação encontra-se justamente na proposta metodológica de desenvolver todas as etapas da pesquisa junto com o Coletivo Batalha do Vale, e nossa colaboração com o grupo pesquisado/pesquisador fez-se ao longo de todo esse processo e continua para além dos limites deste texto e do período do mestrado.

Assim, entendemos que contribuímos para a Batalha do Vale permear os trabalhos acadêmicos, intuito que mantemos desde a monografia (Salvi, 2019), abrindo a possibilidade para futuras pessoas interessadas, pesquisadores, professores e estudiosos das ruas de conhecer o movimento territorial e cultural da BDV e continuar alimentando o debate. O mesmo podemos afirmar a respeito da cultura hip hop pelo Oeste Paulista, que carece de obras a respeito. Além disso, podemos dizer que a Batalha do Vale ganhou forças com o desenrolar da pesquisa, na perspectiva de melhor fundamentar suas ações para que fossem organizadas e pensadas com a intenção

deliberada de proporcionar a reflexão e o conhecimento aos jovens locais. Melhor fundamentada, a BDV ganhou legitimidade diante de espaços institucionais, como a Secretaria Municipal de Cultura e escolas públicas da cidade, ampliando, portanto, sua inserção na esfera pública local.

Em relação à nossa proposta metodológica de pesquisa em colaboração, destacamos ter sido um grande desafio que foi se complicando cada vez mais com o estabelecimento da pandemia da covid-19. Porém, por meio do diálogo com os membros da Batalha do Vale, as perspectivas da pesquisa foram ficando mais claras. Assim, os resultados de nossa orientação metodológica nos surpreenderam, visto que ocorreu total envolvimento e entendimento dos processos de pesquisa por parte da Batalha do Vale, tornando-se realmente uma prática coletiva, que percorreu ações de todos os membros.

Não podemos deixar de apontar também algumas questões de nossa metodologia que podem ser superadas, que se apresentam como problemas não resolvidos e mesmo como limites deste livro. Devido ao fato de as principais ações da pesquisa serem debatidas e realizadas em grupo, algumas questões formais do trabalho perderam um pouco em eficiência, como por exemplo as entrevistas, que acabaram por ser muito longas e com diversos assuntos que fugiam de nossos objetivos, dificultando as transcrições e análises. Também os prazos da pesquisa, que são estabelecidos pelo Programa de Pós-graduação, acabaram ficando apertados, pois o andamento dos debates coletivos não acompanha, necessariamente, a agenda estabelecida nos compromissos acadêmicos com os prazos – algumas vezes extrapolados.

Além disso, a constante prática de pesquisa e de militância pode tomar o lugar de teorizações importantes para a investigação, parecendo, em algumas situações, que os trabalhos de luta com o movimento pareçam mais importantes que os trabalhos de pesquisa e reflexão teórica, exigindo sempre uma recontextualização de toda a proposta adotada. Todas essas situações destacadas podem ser tidas como aprendizados para o pesquisador e para os membros do

Coletivo, na construção de futuros trabalhos e ações que envolverão investigações e teorizações.

Com base nas entrevistas de nossos colaboradores, podemos afirmar que os jovens, ao aderir às culturas juvenis, em especial ao hip hop, são estimulados a refletir a respeito de seu contexto social e espacial, acionando processos educativos por meio de experiências em espaços informais e não formais de educação, como eventos culturais, rodas de conversa e de rimas, pistas de skate ou conversas com amigos, entre outras atividades cotidianas, em que o encontro, a sociabilidade, a festa e a conversa séria não se separam.

A reflexão proporcionada pelo hip hop coloca os jovens a par das dinâmicas desiguais da sociedade. A partir da chegada de uma nova consciência de si e de sua posição, esses jovens situam-se na cidade e passam a agir, movimentando suas vidas como estratégia de luta e de superação, reorientando trajetórias de vida e de cidade. Por isso, o encontro das trajetórias de vidas de jovens negros e moradores de periferias empobrecidas com a cultura hip hop implica profundas mudanças em suas práticas espaciais, sociais e políticas.

Ficou evidente, ao longo do trabalho, que uma das principais estratégias utilizadas pelas juventudes periféricas para conquistar a superação da sua condição inicial e inserir-se em trajetórias de ascensão social foram os estudos. Analisamos as vidas escolares dos nossos colaboradores e percebemos que esses jovens foram tratados como “maus alunos” na escola. Ao contar-nos suas trajetórias, os jovens não atribuíram, em nenhum momento de suas vidas, conquistas pessoais e coletivas às experiências “educacionais” que viveram na escola. Porém, hoje em dia, todos os jovens que colaboraram com esta pesquisa acessaram a universidade e são educadores que atuam diretamente nas escolas. Isso se tornou possível somente após a aderência aos conhecimentos que circulam na cultura hip hop e sua assimilação.

Pelas vivências proporcionadas ao se envolverem nas culturas juvenis, os jovens voltam para os estudos com uma nova posição diante do conhecimento escolar, com o objetivo de formular e realizar projetos pessoais, enxergando a possibilidade de acessar a

universidade, cientes das barreiras e dificuldades que enfrentarão, porém, fortalecidos e mais preparados para isso. Assim, podemos afirmar, de acordo com o discutido na pesquisa, que não foi no ambiente escolar que esses jovens negros e periféricos acessaram o direito de estudar, de sonhar com profissões que apontam uma formação universitária, mas sim nas ruas, por meio dos processos educativos que permeiam as culturas juvenis, disputando a cidade e, de certa forma, conquistando um direito à cidade como forma de acessar outros direitos.

Nossos colaboradores envolvidos com a Batalha do Vale desde o seu início entenderam as suas participações no movimento como fortalecedoras ao longo de sua jornada na universidade, desde a motivação para prestar o vestibular até a conclusão do curso. Tendo consciência dessa importância, os membros da Batalha do Vale procuram diminuir a distância entre o movimento cultural e as escolas, buscando atingir as juventudes escolares por meio das artes e dos conhecimentos que agora circulam das instituições de ensino para a rua e da rua para as instituições de ensino.

As ações da Batalha do Vale nas escolas revelam uma possibilidade de aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula da realidade dos estudantes. A abordagem adotada em rodas de conversa e oficinas que o Coletivo Batalha do Vale realiza em escolas estaduais usa a linguagem com a qual os jovens estudantes têm contato em seus bairros, em suas experiências cotidianas, mas também é repleta de estímulos à reflexão a respeito das desigualdades socioespaciais, responsáveis de forma direta pelos problemas que os jovens escolares enfrentam em suas vidas, sendo que o conteúdo das artes do hip hop é inspirado nas vivências periféricas com as quais os jovens do Coletivo têm contato diariamente.

Toda essa atmosfera promove a reflexão sobre saberes que circulam fora da escola, mas que podem contribuir com o debate e a apreensão de conteúdos escolares que, por outros formatos e caminhos, também tocam nos mesmos temas, como é o caso da geografia escolar.

Então, os membros da Batalha do Vale realizam investidas nas escolas com a expectativa de atingir a trajetória de vida dos

adolescentes por meio da reflexão e do conhecimento, justamente o incentivo que não receberam em seus tempos de escola, num movimento que é também de valorização da própria escola e do conhecimento escolar.

Ao longo do processo de pesquisa, a Praça do Vale mostrou ser o território concreto da Batalha do Vale, instituído pela resistente presença dos jovens periféricos naquele espaço, implementando ali referências que o ressignificaram, afirmando suas identidades culturais. A organização desse território é baseada nas diretrizes políticas e estéticas do hip hop e é estruturado sob uma lógica comunitária, circulando saberes sobre as próprias intenções do movimento na articulação das ações territoriais em todos os níveis de envolvimento, resultando na materialização de um território educativo que se contrapõe às territorialidades impostas pelas dinâmicas desiguais da produção da cidade.

A constituição desse território da cultura hip hop em Presidente Prudente, sob uma lógica de materialização que não é pautada na competição e exploração, faz emergir situações que, justamente, fazem os jovens envolvidos refletir e se conscientizar dos outros campos de força e territorialidades que estruturam a sociedade. Portanto, consideramos que essa organização territorial pode estar nos indicando a formação de territórios de emancipação, nos quais direitos como cultura, educação e à própria cidade são acessados a partir da luta espacial e da instituição de políticas horizontais num espaço previamente produzido sob outras lógicas de organização, como é o caso do Parque do Povo e da Praça do Vale.

Também se notou, ao longo de nossa investigação, que a afirmação do território da Batalha do Vale fez com que as relações de poder fossem tensionadas em uma escala maior. A existência de um território juvenil, dotado de referências periféricas, em um espaço excludente como o Parque do Povo, fez com que houvesse motivação a instituir outras territorialidades em outros espaços para além da Praça do Vale. Ao longo dos anos em que a BDV atua no Parque surgiram diversos outros coletivos juvenis a partir dela, que se territorializaram em suas imediações, ampliando e fortalecendo a

presença das juventudes periféricas nesse espaço público. Assim, da mesma forma que afirmamos que o Parque do Povo foi um marco na organização do espaço urbano de Presidente Prudente, podemos afirmar que a Batalha do Vale é um marco na organização do espaço público do Parque do Povo, pelo menos sob a perspectiva das juventudes periféricas que nele se territorializam.

Ao final de nossa pesquisa, percebemos que nossos principais objetivos foram atingidos. Mostramos neste livro e por todas as vivências com o Coletivo que a Batalha do Vale é um movimento educativo, que carrega o debate e a reflexão em sua essência. Ao envolver-se com a BDV, os jovens passam a experimentar a instituição de territorialidades e composição de territórios, convivendo com situações que os fazem se reposicionar na sociedade, experiências que, como mostramos, incentivam as juventudes envolvidas a elaborar estratégias para ser protagonistas de suas vidas individuais e coletivas. Com isso, afirmamos que a Batalha do Vale transformou jovens que não viam sentido na escola em jovens informados que atuam nas instituições de ensino como educadores.

Como fechamento, gostaríamos de apontar que muitas reflexões não foram concluídas ao final do trabalho, ao passo que muitas demandas e novos questionamentos emergiram de nossa relação com a Batalha do Vale. O nosso envolvimento com esse coletivo juvenil mostrou-nos que na cidade são instituídas diferentes redes de sociabilidade e territorialidades juvenis, muitas ligadas ao hip hop e à BDV, podendo nos indicar a formação de territórios conectados e articulados como um território-rede, compondo uma cena de hip hop bem mais ampla do que aquela que tomamos como foco de ação e pesquisa no início de nossos trabalhos.

Questões como essa podem, agora, ser debatidas com o Coletivo Batalha do Vale para a construção de uma nova frente de trabalho investigativo, pois, paralelamente a questionamentos teóricos, vão surgindo novas demandas da Batalha do Vale que está sempre em movimento. O alinhamento de objetivos de pesquisa que possibilitem nos aprofundarmos nas territorialidades do hip hop, com os objetivos de atuação de coletivos juvenis como a Batalha do Vale,

pode ser o início do desenvolvimento de uma tese de doutorado que analisará como a cidade é produzida a partir da lógica dos múltiplos territórios do hip hop, mas cuja prática de pesquisa se faria mais importante do que o próprio texto da tese, assim como nos mostrou a pesquisa que se encerra aqui.



REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. A apatia da juventude é um mito. *Revista Juventude*, São Paulo, v.1, n.1, 1998.
- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.5-6, p.25-36, 1997.
- ABREU, D. S. Esboço histórico da fundação de Presidente Prudente. In: SPOSITO, M. E. B. (org.) *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: PPGG/FCT/Unesp/GAsPERR, 2001.
- ALVES, A. Cartografias culturais na periferia de Caruaru: hip hop, construindo campos de luta pela cidadania. Recife, 2005. Dissertação (Mestrado em Antropolgia) – Universidade Federal de Pernambuco.
- ANDRAUS, G. Gênese, história e importância das publicações independentes do Brasil e do mundo: os fanzines e as revistas alternativas. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1., 2003, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003-1>.
- BARRETO NETO, A. Centralidade do lazer em Presidente Prudente: fluxos, tensões e territorialidades no Parque do Povo. Presidente Prudente, 2016. 90f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.
- BARTHOLL, T. *Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta*. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- BERMAN, M. Nova Iorque chamando. *Artcultura*, Uberlândia, v.11, n.18, p.125-35, jan./jun. 2009.

- BERNARDELLI, M. L. F. H. Programa Cura III em Presidente Prudente: uma porta para a cidade? In: SPOSITO, M. E. B. (org.) *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: PPGG/FCT/UNESP/GAsPERR, 2001.
- BERNET, J. T. Ciudades educadoras: bases conceptuales. In: ZAINKO, M. A. S. (org.) *Ciudades educadoras*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997.
- BRANDÃO, L.; MACHADO, G. M. C. Uma cultura corporal anárquica: a influência do punk na prática do skate. *Cadernos de História*, v.22, n.37, p.89-108, 30 nov. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- BRITTO JÚNIOR, A. F.; FERES JÚNIOR, N. A utilização de entrevistas em trabalhos científicos. *Evidência*, Araxá, v.7, n.7, p.237-50, 2011.
- CABRERA, J. Í. A. A cerâmica do sítio arqueológico Mandaguari, distrito de Floresta do Sul, município de Presidente Prudente, SP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, [s. l.], n.30, p.42-54, 2018. DOI: 10.11606/issn.2448-1750.revmae.2018.139511. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/139511>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000. p.83-133.
- CALIXTO, M. J. M. S. O papel exercido pelo poder público local no processo de produção seletiva de um novo padrão ocupacional. In: SPOSITO, M. E. B. (org.) *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: PPGG/FCT/UNESP/GAsPERR, 2001.
- CARMO, P. S. do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- CARRANO, P. C. R. Jovens na cidade. *Trabalho e Sociedade*, v.1, n.1, p.15-22, 2001.
- CARRANO, P. C. R. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- CARRANO, P. C. R. Jovens, territórios e práticas educativas. *Revista Teias*, v.12, n.26, p.7-22. set./dez. 2011.
- CARRANO, P. C. R.; DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: quem é este jovem que chega à escola. In: CARRANO, P.; DAYRELL, J.; MAIA, C.L. (org.). *Juventude e ensino médio*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p.101-34.
- CASSAB, C. O lugar da juventude: espaço-temporalidades da noção de juventude. In: XXVI CONGRESSO DE LA ASOCIACIÓN LATINO-

- AMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 26, 2007. *Anais...* Guadalajara: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2007.p.1-66.
- CAVALCANTI, L. de S. Os jovens, a escola e suas práticas espaciais: jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. S.; PIRES, L. M. (org.) *A cidade e seus jovens*. Goiânia: Editora PUC Goiás, 2015. p.12-29.
- CAZÉ, C. M. J. O.; OLIVEIRA, A. S. Hip hop: cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea. IV ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4., 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA – Faculdade de Comunicação, 2008. p.1-13.
- COELHO, C. D. *A produção da subjetividade através das manifestações culturais da periferia: movimento punk*. Santos, 2019. 69 f. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Bacharelado em Psicologia) – Instituto de Saúde e Sociedade (ISS), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).
- CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2004.
- D'ANDREA, T. P. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. (org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. p.136-61.
- DAYRELL, J. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DAYRELL, J. A escola” faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, v.28, p.1105-1128, 2007.
- FAZZANO, A. S. S. *Do outro lado do mundo, do outro lado da escola: trajetória de vida e tentativas de superação da marginalização*. São Paulo: Clíper Editora, 2001.
- FEIXA, C. De jóvenes, bandas e tribus. Barcelona: Ariel, 1999.
- FELICIANO, C. A. Violência, desmatamento e luta pela retomada das de terras griladas no pontal do Paranapanema: da destruição dos territórios indígenas à construção de uma região em disputa de classes. *Pegada – A Revista da Geografia do Trabalho*, [S. l.], v.19, n.3, p.4-75, 2019.
- FELIX, A. C. M.; BATISTA, E.; SALVI, R. F. Análise de conteúdo: construção de unidades de registro e contexto em pesquisas de Matemática e Geografia. Docência, pesquisa, ensino e aprendizagem: reflexões de um grupo de pesquisa. *Columbia*, v.1, p.121-33, 2019.

- FERREIRA GOMES, A. Batalhas de MCs de hip hop na cidade de São Paulo: uma compreensão antropológica. *Revista Extraprensa*, v.12, p.838-60, 17 out. 2019.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. p.77-86.
- FRANCO, F. P. *Geografia e ensino: elaboração de fanzines como possibilidade na construção do conhecimento*. Porto Alegre, 2014. 271f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- GHON, M. da G. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GOMES, C. C. *O uso do território paulistano pelo hip hop*. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- GUIMARÃES, M. E. A. *Do samba ao rap: música negra no Brasil*. Campinas: [s.n.], 1998.
- HAESBAERT, R. Território, cultura e desterritorialização. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p.115-44.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano IX, n.17, p.19-45, jul. 2007.
- HAMMOU, K. Uma história do rap na França. *Revista Inter-Legere*, v.1, n.6, p.352-9, 11 abr. 2016.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- JOVINO, D. S. Ione. “Rapensando” os PCN’S. In: ANDRADE, E. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo. Editora: Summus, 1999. p.161-166
- LEAL, S. J. de M. *Acorda hip-hop! – despertando um movimento em transformação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- LIMA, P. O. de D.; SILVA, A. M. Para além do hip hop: juventude, cidadania e movimento social. *Motrivivência*, Florianópolis, n.23, p.61-82, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2023>. Acesso em: 18 out. 2021.

- MARQUES, A. C. dos S. *As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura hip hop em Londrina (PR)*. Presidente Prudente, 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.
- MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano 6, n.12, p.7-23, 2004.
- MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v.13, n.30, p.169-83, set./dez. 2012.
- MESSIAS, I. dos S. Hip hop, educação e poder. In: *Hip hop, educação e poder: o RAP como instrumento de educação*. Bahia: Edufba, 2015.
- MIRANDA, J. H. de A. Relação de mercado e trabalho social no hip hop. *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades*, [S.l.], n.223, p.32-41, jun. 2006. Disponível em: <https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/165>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência e Educação*, v.12, n.1, p.117-28, 2006.
- MOTTA, A.; BALBINO, J. *Hip-hop, a cultura marginal: do povo para o mundo*. São João da Boa Vista: UniFAE, 2006.
- NEVES, L. A. D. Rap na sala de aula. In: ANDRADE, E. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Editora: Summus, 1999. p. 153-160.
- NUNES ALVES, C. Território usado e cultura urbana: o circuito hip hop na metrópole de Havana (1979-2015). *Geousp*, v.25, n.2, e-181649, 2021.
- PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PIMENTEL, S. *O livro vermelho do hip hop*. São Paulo, 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- QUEIROZ, A. de. *Geo-grapho volátil ou um palimpsesto líquido? Arte de rua em Presidente Prudente- SP*. Presidente Prudente, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista.
- RAMOS, E. C. M. *Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade*. Presidente Prudente, 2017. 477p. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.
- RAPPAPORT, J. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. *Revista Colombiana de Antropología*, Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Bogotá, v.43, p.197-229, jan./dez. 2007.

- ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In: HERSCHMANN, M. (org.). *Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.192-212.
- SALVI, B. F. *A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da Batalha do Vale para a educação dos jovens de Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 2019. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.
- SIMÕES, J. A. de V. Redes, internet e hip hop: redefinindo o espaço dos fluxos. In: CONGRESSO PORTUGUES DE SOCIOLOGIA: mundos sociais, saberes e práticas, 6., 308, 2008, Lisboa. *Anais....* Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2008. p.1-13.
- SIMÕES, S. Para uma história e teoria crítica do rap em Portugal: fixar os paradoxos, os caminhos percorridos e as resistências das primeiras mulheres. In: GUERRA, P.; SITO, T. (org.). *Reinventar o discurso e o palco*. O rap, entre saberes locais e saberes globais. Porto: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de Porto, 2019. p.190-201.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e tempo*. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SITO, T. Diálogos ausentes? O rap de protesto, a censura, a criminalização dos músicos e dos protestos sociais em Moçambique pós-colonial. In: GUERRA, P.; SITO, T. (org.). *Reinventar o discurso e o palco*. O rap, entre saberes locais e saberes globais. Porto: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de Porto, 2019. p.48-62.
- SOBARZO, O. *Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente*. Presidente Prudente, 2004. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.
- SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p.77-116.
- SPOSITO, M. E. B. *O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana*. Presidente Prudente, 1983. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/202451>.
- SPOSITO, M. E.; GÓES, E. M. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo, Editora Unesp, 2013.
- TEPERMAN, R. *Tem que ter suíngue: batalhas de freestyle no metrô Santa Cruz*. São Paulo, 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)

- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- TURRA NETO, N. *Enterrado, mas ainda vivo!* – identidade punk e território em Londrina. [s.l], 2001. 179f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89832>.
- TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. [s.l], 2008. 526f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- TURRA NETO, N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. In: RA'EGA, Departamento de Geografia, UFPR, Curitiba, p.340-75, 2011.
- TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Orgs.). *A cidade e seus jovens*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p.119-136.
- TURRA NETO, N.; ALVES, M. C. P. Slam quilombo de Dandara de Presidente Prudente – SP: um território insurgente e suas práticas educativas. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v.13, n.1, p.195-222, 2022.
- WELLER, W. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*, v.13, n.1, p.107-26, jan./abr. 2005.
- ZIBECHI, R. *Territórios em resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas*. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.
- ZIBECHI, R. *Territórios em rebeldia*. São Paulo: Elefante, 2022.
- ZUSMAN, P. La tradición del trabajo de campo en Geografía. *Geograficando*, La Plata, año 7, n.7, p.15-32, 2011. Disponível em: www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.5089/pr.5089.pdf.
- ZUSMAN, P. La descripción en geografía: un método, una trama. *Boletín de Estudios Geográficos*, Universidad de Buenos Aires, n.102, p.135-49, 2014.